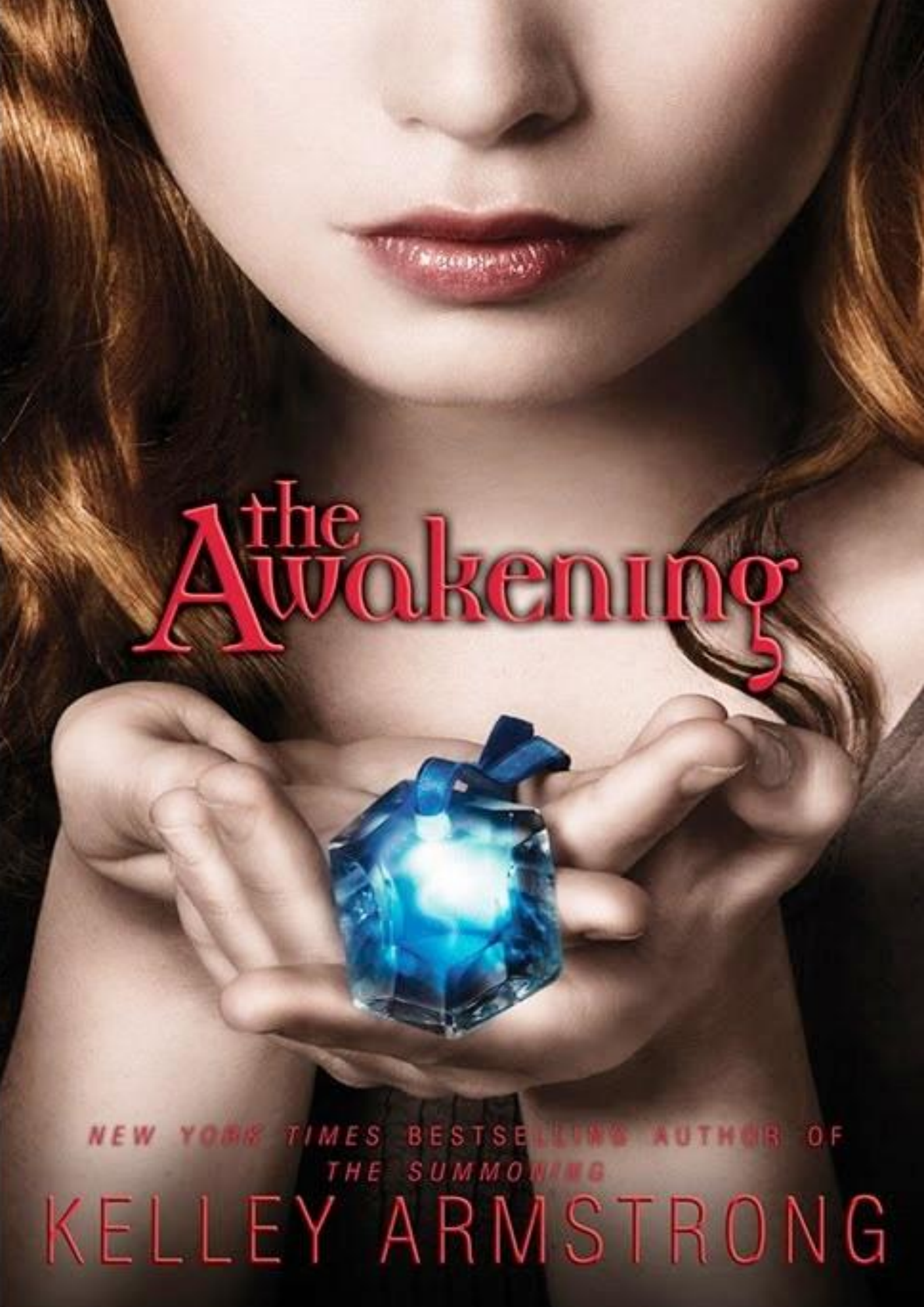




The Awakening

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR OF
THE SUMMONING

KELLEY ARMSTRONG

The Awakening

Darkest Powers — Livro 2

KELLEY ARMSTRONG

Este e-book é um trabalho feito de fãs para fãs, proporcionando assim o benefício da leitura para aqueles que não compreendem outras línguas.

A venda ou troca desses livros é expressamente proibida e condenável em qualquer circunstancia.

Gostou do livro? Então por favor, considere seriamente a possibilidade de comprá-lo quando ou se for lançado no Brasil. Assim os autores continuam a escrever e Editoras a publicar.

Sinopse:

SE VOCÊ TIVESSE ME CONHECIDO HÁ ALGUMAS semanas, você provavelmente teria me descrito como uma adolescente comum – alguém normal. Agora a minha vida mudou para sempre e eu estou o mais distante de normal possível. Uma experiência científica viva – não só eu consigo ver fantasmas, como fui geneticamente alterada por uma organização científica chamada Grupo Edison. O que isso quer dizer?

Para começar, eu sou uma necromante adolescente cujos poderes estão fora de controle; eu convoco os mortos sem nem tentar. Confie em mim, esse não é um poder que você quer ter. Nunca. Agora estou fugindo pela minha vida com três dos meus amigos sobrenaturais – um feiticeiro charmoso, um lobisomem cínico, e uma bruxa irritada – e temos que achar alguém que possa nos ajudar antes que o Grupo Edison nos ache primeiro. Ou morrer tentando.

Agradecimentos

EU ESQUECI DISSO NO ultimo livro, então tenho um bando de pessoas pra agradecer. Primeiro, Sarah Heller, minha agente e fada madrinha dessa série, que pegou meu desejo de querer escrever para jovens adultos e fez acontecer. Para Rosemary Brosnan, da HarperCollins, que trabalhou comigo pela primeira vez em *The Summoning*. Trabalhar com um editor novo pode levar alguns ajustes, mas ela tornou isso uma tranquilidade desde o primeiro dia.

Também um grande agradecimento para Maria Gómez da Harper Collins por apresentar meus livros à Rosemary. Obrigada, também, as editoras Anne Collins, da Random House Canadá, e Antonia Hodgson, da Little Brown UK, que estiveram comigo desde o começo e sempre estão dispostas a me deixar tentar algo novo. E obrigada a Kristin Cochrane, da Doubleday Canadá, por seu apoio e trabalho duro nos bastidores.

Nesse livro em particular, eu tive meu primeiro grupo de beta readers de *Darkest Powers*. Obrigada a Sharon B, Terri Giesbrecht, Stephanie Scranton-Drum, Matt Sievers, e Nicole Tom, que leram uma cópia avançada e me ajudaram a encontrar erros que escaparam a todos os outros (aparentemente o tubarão de Do Fundo do Mar era um tubarão-mako, não um tubarão branco – opa!).

Sobre a Autora



KELLEY ARMSTRONG é a autora da série Women of the Otherworld e do primeiro livro da série Darkest Powers, THE SUMMONING, ambas bestsellers do New York Times. Sobre The Summoning, Kirkus Reviews disse numa resenha repleta de estrelas: “Fantasmas aterrorizantes, sangue coagulado limitado, e diversas vozes adolescentes irão estimular jovens a pegar o próximo da série”.

Kelley tem contado histórias desde antes de poder escrever. Seus esforços mais cedo de escrita foram desastrosos. Se pedida para escrever uma história sobre garotas e bonecas, as suas invariavelmente conteriam garotas morta-vivas e bonecas malignas, para o desalento de seus professores. Todos os seus esforços em produzir histórias “normais” falharam. Hoje, ela continua a dar uma interpretação original em contos de fantasmas e demônios e lobisomens, enquanto seguramente escreve presa em seu porão-calabouço.

Para saber mais sobre a série Darkest Powers, visite:

www.chloesaunders.com

Para Julia

1



QUANDO A PORTA DA MINHA CELA SE ABRIU, O PRIMEIRO pensamento que esvoaçou pelo meu cérebro dopado foi que Liz tinha mudado de ideia e tinha voltado. Mas fantasmas não abrem portas. Eles sim, ocasionalmente, me pedem para abrir uma, para que eu possa levantar e interrogar os zumbis de sobrenaturais matados por um cientista louco, mas eles nunca precisaram que abrissem uma para eles mesmos.

Eu me sentei na cama e esfreguei meus olhos inchados, afastando a névoa prolongada de sedativos ao piscar.

Por um momento, ficou aberta só uma fenda da porta. Eu deslizei da cama, fui na ponta dos pés pelo carpete espesso do meu quarto de hotel falso, rezando para que a pessoa do outro lado tivesse sido chamado e eu pudesse escapar antes que essas pessoas comessem quaisquer experimentos pelos quais tinham me trazido aqui—

“Olá, Chloe.” O Dr. Davidoff emitiu seu melhor sorriso de velho bondoso enquanto empurrava a porta. Ele não era tão velho – talvez cinquenta – mas em um filme, eu o escalaria como o cientista distraído e debilitado. Era uma atuação que eu tinha certeza que ele tinha trabalhado até que tivesse conseguido acertar.

A mulher atrás dele tinha um cabelo loiro chique e um terno de Nova York. Eu a escalaria como a mãe da menina mais malvada da sala. O que era trapaça, porque essa era exatamente quem ela era. Mãe da Victoria – Tori – Enright, a única colega de casa que tínhamos deixado de fora dos nossos planos quando escapamos da Casa Lyle, e por uma boa razão, considerando que ela era uma das razões pelas quais eu precisava escapar.

A mãe de Tori carregava uma sacola da Macy¹, como se ela tivesse acabado de ir fazer compras e tinha aparecido para conduzir alguns experimentos horrendos antes de ir almoçar.

¹ A Macy's é uma rede de lojas de departamentos sediada na cidade norte-americana de Nova Iorque. Foi fundada em 1851.

“Eu sei que você tem muitas perguntas, Chloe,” o Dr. Davidoff disse enquanto eu sentava na beirada da cama. “Estamos aqui para respondê-las para você. Só precisamos de uma ajudinha sua, primeiro.”

“Simon e Derek,” a Sra. Enright disse. “Onde estão?”

Eu olhei dela para o Dr. Davidoff, que sorriu e assentiu encorajadoramente, como se ele esperasse completamente que eu entregasse meus amigos.

Eu nunca fui uma criança agressiva. Eu nunca tinha fugido de casa. Nunca tinha batido meu pé e gritado que a vida era injusta e que eu desejava nunca ter nascido. Sempre que meu pai me dizia que íamos nos mudar novamente e que eu precisava me transferir de escola, eu engolia um lamuriante “mas eu acabei de fazer novos amigos,” assentia, e lhe dizia que entendia.

Aceite seu destino. Agradeça pelo que tem. Seja uma garota crescida. Agora, olhando para trás para uma vida de fazer o que me mandavam, eu percebi que tinha me envolvido no jogo.

Quando os adultos me davam tapinhas na cabeça e me diziam que eu era tão crescida, o que eles realmente queriam dizer era que estavam felizes por eu ainda não ser crescida o bastante para questionar, para lutar.

Olhando para o Dr. Davidoff e para a Sra. Enright, eu pensei no que eles tinham feito comigo – mentido para mim, me trancado – e eu *queria* bater meu pé. Queria gritar. Mas eu não lhes daria essa satisfação.

Eu arregalei meus olhos enquanto encontrava o olhar da Sra. Enright.

“Quer dizer que ainda não os achou?”

Eu acho que ela teria me estapeado se o Dr. Davidoff não tivesse levantado sua mão.

“Não, Chloe, não achamos os garotos,” ele disse. “Estamos muito preocupados com a segurança do Simon.”

“Porque acham que o Derek possa machucá-lo?”

“Não intencionalmente, é claro. Eu sei que o Derek é chegado ao Simon.”

Chegado? Que palavra estranha de se usar. Derek e Simon eram irmãos adotivos, mais unidos do que quaisquer irmãos de sangue que eu conhecia. Claro,

Derek era um lobisomem, mas aquela parte lobo dele era o que iria impedi-lo de machucar o Simon. Ele o protegeria a qualquer custo – eu já tinha visto isso.

Meu ceticismo deve ter se mostrado no meu rosto, porque o Dr. Davidoff balançou sua cabeça, como se desapontado comigo.

“Tudo bem, Chloe. Se não tem qualquer preocupação pela segurança do Simon, talvez tenha pela saúde dele.”

“O q-que te-em–” Meu gaguejo cortava mais quando eu estava nervosa, e eu não podia deixá-los saber que tinham atingido um ponto sensível. Então eu tentei novamente, mais devagar agora. “O que tem a saúde dele?”

“A condição dele.”

Aparentemente eu não era a única que tinha assistido filmes demais. Agora eles iriam me dizer que Simon tinha alguma condição médica rara e se ele não conseguisse seu medicamento dentro de doze horas, ele iria entrar em combustão espontânea.

“Que condição?”

“Ele tem diabetes,” o Dr. Davidoff disse. “Os níveis de glicose do sangue dele precisam ser monitorados e regulados.”

“Com um daqueles negócios de testar sangue?” eu disse lentamente, pensando no passado. Simon sempre desaparecera no banheiro antes das refeições. Eu achava que ele simplesmente gostava de se lavar. Eu tinha dado um encontrão nele uma vez saindo enquanto ele estivera enfiando um estojo preto em seu bolso.

“Isso mesmo,” o Dr. Davidoff disse. “Com cuidado apropriado, diabetes é facilmente gerenciada. Você não estava ciente disso porque não precisava estar. Simon tem uma vida normal.”

“Exceto por uma coisa,” a mãe da Tori disse.

Ela esticou a mão para sua sacola da Macy e tirou uma mochila. Parecia com a do Simon, mas eu não ia cair nessa – eles provavelmente tinham comprado uma igual.

Claro, ela tinha puxado um moletom com capuz que eu reconhecia como sendo do Simon, mas ele tinha deixado para trás um guarda-roupa inteiro na Casa Lyle. Fácil o bastante pegar coisas de lá.

Em seguida veio um bloco de papel e um estojo de lápis coloridos. O quarto do Simon estava cheio de seus rabiscos de histórias em quadrinhos.

Novamente, fácil o bastante—

A Sra. Enright folheou rapidamente o bloco de desenho, segurando as páginas para cima. O trabalho em progresso do Simon.

Ele nunca teria deixado isso para trás.

Por fim, ela deitou uma lanterna na mesa. A lanterna da Casa Lyle – aquela que eu observei ele colocar em sua mochila.

“Simon escorregou ao passar pela cerca,” ela disse. “Ele estava com sua mochila sobre um ombro. Ela caiu. Os nossos estavam logo atrás dele então ele teve que deixá-la. Há algo aqui que Simon precisa muito mais do que roupas e suprimentos de arte.”

Ela abriu um estojo de náilon azul-marinho. Dentro havia dois frascos parecidos com canetas, um cheio com um líquido turvo, o outro limpo.

“A insulina para repor a que o corpo do Simon não consegue produzir. Ele se injeta com isso três vezes ao dia.”

“O que acontece se ele não fizer isso?”

O Dr. Davidoff tomou o controle.

“Não vamos te assustar e dizer que se o Simon pular uma única aplicação, ele morrerá. Ele já esqueceu da sua de manhã, e tenho certeza que ele só se sente um tiquinho adoentado. Mas até amanhã, ele estará vomitando. Em cerca de três dias, ele irá deslizar para um coma diabético.” Ele tomou o estojo da mãe de Tori e o colocou na minha frente. “Nós precisamos dar isso ao Simon. Para fazer isso, você precisa nos dizer onde ele está.”

Eu concordei em tentar.

2



EM UM BOM DRAMA A PROTAGONISTA NUNCA SEGUE uma linha reta até chegar ao prêmio. Ela deve estabelecer uma meta, atingir um obstáculo, desviar ao redor dele, atingir outro, pegar outro desvio, outro obstáculo, outro desvio... Apenas quando ela consegue fortalecer seu caráter, para *merecer* o prêmio, é que ela finalmente tem êxito.

Minha história já estava se encaixando no padrão tempo e honra. Se enquadrando, acho eu, para ser um filme amador. Ou devo dizer, o filme de uma ex-pretendente a diretor. Chloe Saunders, quinze anos de idade e uma pretensa Steven Spielberg, seus sonhos de escrever e dirigir grandes produções de Hollywood destruídos no dia em que teve sua primeira regra e começou a viver o tipo de vida, que um dia ela imaginou poder colocar nas telas.

Foi quando comecei a ver fantasmas. Depois de enlouquecer na escola, fui levada para longe por homens de jalecos brancos, e enviada para um lar para adolescentes mentalmente perturbados.

O problema é, eu *realmente* vejo fantasmas. E não era a única criança na Casa Lyle que possuía poderes sobrenaturais.

Simon podia fazer feitiços. Rae conseguia queimar pessoas com seus dedos. Derek possui força e sentidos sobre humanos e aparentemente logo será capaz de se transformar em um lobo. Tori... Bem, eu não sei o que a Tori é – talvez ela seja só uma criança problemática, colocada na Casa Lyle por que a mãe ajuda na diretoria.

Simon, Derek, Rae e eu percebemos que não era coincidência estarmos no mesmo lugar e escapamos. Rae e eu nos separamos dos rapazes e, depois de fugirmos até a casa da minha tia Lauren – a pessoa que mais confiei no mundo – acabei aqui, em algum tipo de laboratório, dirigido pelas mesmas pessoas que possuem a Casa Lyle.

Agora eles esperam que eu os ajude a trazer o Simon e o Derek?

Bem, era hora de eu mesma introduzir alguns obstáculos. Então no espírito de uma boa contadora de histórias, contei para o Dr. Davidoff onde encontrar o Simon e o Derek.

Primeiro passo: estabelecer o objetivo.

“Rae e eu deveríamos nos esconder enquanto os rapazes ficavam para trás, para distraí-los com a mágica do Simon.” eu contei para o Dr. Davidoff. “Rae correu na frente por isso não escutou, mas no último segundo Simon me segurou e falou que se nos separássemos, deveríamos nos encontrar no esconderijo.”

Segundo passo: introduzir os obstáculos.

“Onde era o ponto de encontro? Esse era o problema. Eu não sei onde fica. Nós conversamos sobre precisarmos de um, mas tudo ficou tão maluco naquele dia. Nós simplesmente decidimos escapar, e então o Derek estava falando que precisava ser a noite. Os rapazes devem ter escolhido um local, e esqueceram que nunca haviam me contado onde era.”

Terceiro passo: mapear o percurso.

“Mas eu tenho algumas ideias – lugares que comentamos. Um deles deve ser o ponto de encontro. Eu posso ajudar a encontrar. Eles estarão procurando por mim, então vocês devem ficar escondidos até que eles me vejam.”

Ao invés de escapar desse lugar, vou deixar que eles me levem para fora, me usando como isca. Fiz uma lista de lugares que nunca comentei com o Simon e o Derek, e não havia chances deles serem presos. Um plano brilhante.

A resposta?

“Nós vamos manter isso em mente Chloe. Mas por agora, apenas nos diga as locações. Nós temos maneiras de encontrar os garotos depois de chegarmos lá.”

Obstáculo. Uma parte essencial do processo de contar histórias. Mas na vida real? Isso é uma droga.

Depois que o Dr. Davidoff e a mãe da Tori anotaram minha lista de lugares falsos, eles partiram, sem me dar nada em retorno – nada de respostas, pistas sobre o por que de eu estar aqui, ou sobre o que acontecerá comigo.

Sentei com minhas pernas cruzadas sobre a cama, olhando para o colar em minhas mãos, como se ele fosse uma bola de cristal que poderia me proporcionar todas as respostas. Minha mãe o havia me dado quando eu ainda via o 'bicho papão' - fantasmas, como agora eu sei. Ela falou que o colar iria impedi-los de aparecer, e

funcionou. Eu sempre pensei, como papai fala, que isso era apenas psicológico. Eu acreditava nele, então ele funcionava. Agora, eu não tinha tanta certeza.

Minha mãe sabia que eu era uma Necromante? Ela deveria saber, se o sangue corre na família dela. O calar supostamente deve espantar os fantasmas? Se for isso, seu poder deve ter desvanecido. Ele até mesmo parece desbotado – eu juro que a joia vermelho vivo, se tornou arroxeadada. Uma coisa que ele não fez, entretanto, foi responder minhas perguntas. E isso eu teria que fazer sozinha.

Coloquei o colar de volta. Seja o que for que o Dr. Davidoff e os outros querem de mim, não era bom. Você não prende garotos que você quer ajudar.

Eu com certeza não iria contar para eles como encontrar o Simon. Se ele precisar de insulina, Derek, vai conseguir, mesmo que isso signifique arrombar uma farmácia.

Eu tinha que me concentrar em tirar Rae e eu desse lugar. Mas isso não era a Casa Lyle, onde a única coisa que ficava entre nós e a liberdade era um sistema de alarme. Esse quarto podia parecer fazer parte de um bom hotel – com uma cama grande, um carpete no chão, poltronas, mesa, e um banheiro privativo – mas não havia janelas nem maçaneta do lado de dentro da porta.

Espero conseguir a ajuda da Liz para escapar. Minha colega de quarto da Casa Lyle, Liz não conseguiu sair com vida, então logo que cheguei aqui, invoquei seu fantasma, na esperança que ela me ajudasse a encontrar uma saída. O único problema? Liz não sabe que está morta. O mais gentilmente que pude, dei a notícia. Ela foi embora, me acusando de mentir, e desapareceu.

Talvez ela tenha tido tempo o suficiente para esfriar a cabeça. Eu duvido, mas não posso esperar. Tenho que tentar invocá-la novamente.

3



EU ME PREPAREI PARA UMA SESSÃO ESPÍRITA. EM SE tratando de peças de cenário, essas eram tão podres que eu nunca colocaria num filme. Nada de velas cuspinhando e lançando sombras lúgubres nas paredes, nada de crânios mofados formando um círculo ritualístico, nada de cálices enchidos com o que a audiência suporia ser vinho tinto, mas secretamente esperaria que fosse sangue.

Necromantes experientes usavam coisas como velas e incenso? Do pouco que eu tinha aprendido sobre o mundo sobrenatural, eu sabia que um pouco do que víamos nos filmes era verdade. Talvez, bem lá no passado, as pessoas sabiam sobre os necromantes e bruxas e lobisomens, e essas histórias são baseadas, mesmo que muito livremente, em velhas verdades.

O meu método – se eu puder chamá-lo de método, já que só o usei duas vezes – vinha de erro e acerto e algumas dicas de má vontade do Derek. Como um cara que cursa matérias do nível da faculdade aos dezesseis, estar confiante em seus fatos é importante para o Derek. Se ele não tiver certeza, ele prefere ficar de bico calado. Mas quando eu o pressionei, ele me disse que ouviu dizer que necromantes convocam fantasmas ou estando em um cemitério ou usando um pertence pessoal, como o moletom com capuz da Liz, então eu estava sentada de pernas cruzadas no carpete, agarrando-o.

Eu pensei na Liz e me imaginei puxando-a de volta de seu limbo. De primeiro, eu não tentei muito arduamente.

Na última vez que eu tinha focado todo o meu poder em convocar um fantasma, eu tinha convocado dois diretamente em seus corpos enterrados. Eu não estava perto de um cemitério dessa vez, mas isso não significava que não havia corpos enterrados por aqui. Então eu mantive a voltagem baixa no começo, gradualmente aumentando-a, focando-me cada vez mais arduamente até que...

“Que...? Ei, quem é você?”

Meus olhos se abriram. Ali estava um garoto de cabelos escuros, mais ou menos da minha idade com a estrutura, aparência e inclinação arrogante do queixo de um

quarterback² estelar. Achar o fantasma de outro adolescente nesse lugar não era uma coincidência. Um nome apareceu na minha cabeça – o do outro residente da Casa Lyle que fora levado antes de eu chegar, supostamente transportado para um hospício, como a Liz.

“Brady?” eu disse em tentativa.

“É, mas não te conheço. Ou esse lugar.”

Ele girou no eixo, escaneando a sala, então roçou sua nuca. Eu me parei antes de perguntar se ele estava bem. É claro que ele não estava. Ele estava morto. Como a Liz. Eu engoli em seco.

“O que aconteceu com você?” eu perguntei suavemente.

Ele pulou, como se assustado pela minha voz.

“Tem mais alguém aqui?” eu perguntei, esperando que ele tivesse sentido a Liz, além do território onde eu não conseguia vê-la.

“Eu pensei ter ouvido...” Ele me estudou, franzindo a testa. “Você me trouxe aqui?”

“Eu – eu não quis. Mas... já que você está aqui, pode me dizer...?”

“Nada. Não posso te dizer nada.” Ele enquadrou seus ombros. “O que quer que queira falar, não estou interessado.”

Ele desviou o olhar, *determinado* a não ficar interessado. Quando ele começou a se dissipar, eu estava pronta para deixá-lo ir. Descansar em paz. Então eu pensei na Rae e no Simon e no Derek. Se eu não conseguisse algumas respostas, podíamos todos nos juntar ao Brady na pós-vida.

“Meu nome é Chloe,” eu disse rapidamente. “Eu sou amiga da Rae. Da Casa Lyle. Eu estava lá com ela, após você...”

Ele continuou se dissipando.

“Espera!” eu disse. “Eu p-posso provar. Lá na Casa Lyle. Você tentou brigar com o Derek, e o Simon te empurrou. Só que ele não tocou em você. Ele usou magia.”

² Quarterback (QB) é uma posição do futebol americano. Jogadores de tal posição são membros da equipe ofensiva do time (do qual são líderes) e alinham-se solo atrás da linha central, no meio da linha ofensiva.

“Magia?”

“Era um feitiço que faz as pessoas recuarem. Simon é um feiticeiro. Todos na Casa Lyle...”

“Eu sabia. Eu *sabia*.” Ele xingou baixinho enquanto rematerializava. “Todo aquele tempo, eles ficavam tentando enfiar seus diagnósticos goela abaixo, e eu disse a eles onde é que eles podiam enfiá-los, mas eu não conseguia provar nada.”

“Você contou às enfermeiras o que aconteceu com o Simon, não foi?”

“Enfermeiras?” Ele bufou. “Seguranças glorificadas. Eu queria falar com o verdadeiro chefe: Davidoff. Elas me levaram para vê-lo nesse outro lugar, parecia com um depósito.”

Eu descrevi o que tinha visto desse prédio quando chegamos.

“É, é isso. Elas me levaram para dentro e...” Seu rosto contorceu-se pensando. “Uma mulher veio falar comigo. Uma loira. Disse que era médica. Bellows? Fellows?”

Tia Lauren. Meu coração martelou nas minhas costelas.

“Então essa mulher, a Dra. Fellows...”

“Ela queria que eu dissesse que o Derek começou a briga. Que ele tinha me ameaçado, socado, empurrado, o que fosse. Eu considerei. Um pagamentozinho por tudo que eu tive que aturar daquele otário. Eu só estava zoando com ele quando o Simon veio me encarar e me golpeou com aquele feitiço.”

Na versão que eu ouvi, Brady foi quem encarou Derek. Simon tinha uma boa razão para interferir também – da última vez que Derek bateu em alguém, ele tinha quebrado as costas de um garoto.

“Então a Dra. Fellows queria que você dissesse que o Derek começou a briga...”

“Eu não disse. Eu teria que lidar com o resultado quando eu voltasse para a Casa Lyle e eu não precisava desse pesar. Foi quando o Davidoff se intrometeu. Ele a puxou para fora da sala, mas eu ainda conseguia ouvi-lo repreendendo-a com severidade no corredor. Ela ficava dizendo que o Derek era uma ameaça e que a única razão para Davidoff mantê-lo era porque não conseguia admitir que tinha cometido um erro ao incluir o tipo do Derek.”

“Tipo?”

“No experimento.”

Um arrepio se instalou no meu estômago.

“Ex-experimento?”

Brady deu de ombros.

“Foi tudo que ela disse. Davidoff falou para ela se mandar. Ele disse que cometera um erro com os outros, mas Derek era diferente.”

Outros? Ele queria dizer outros lobisomens? Ou outros sujeitos nesse experimento? Eu era um sujeito nesse experimento?

“Eles disseram mais...?” eu comecei.

Sua cabeça girou para o lado, como se vendo algo de canto de olho.

“O que foi?” eu perguntei.

“Não está escutando?”

Eu escutei.

“O que é?”

“Sussurros.”

“Pode ser a Liz. Ela...”

Brady ficou rígido. Seus olhos giraram. Então sua cabeça caiu para trás, os tendões de seu pescoço saltando, ossos estralando. Sua garganta teve uma convulsão e gorgoleou. Instintivamente eu estiquei minha mão para ajudar. Minhas mãos passaram por ele, mas eu conseguia sentir o calor de seu corpo, um calor escaldante que me fez cair de surpresa.

Enquanto eu me recuperava, Brady ficou imóvel novamente. Seu queixo abaixou-se e ele girou seus ombros, como se tirando as câimbras. Então ele olhou para mim. Seus olhos escuros eram agora um brilhante laranja amarelado. O frio na minha barriga escapou pela minha espinha.

“Assustada, criança?” A voz saindo da boca do Brady era de uma mulher, tão alta e leve que era quase infantil.

“Seus instintos são excelentes, mas você não tem nada que me temer.”

“O-onde está o Brady?”

Ela olhou para o corpo que estava possuindo.

“Você gosta dele? Ele é lindo, não é? Todas as criações do querido Dr. Lyle são muito lindas. Bolas perfeitas de perfeita energia, esperando para explodir.”

Em um piscar de olhos, “Brady” estava na minha frente, seu rosto descendo até o meu, banhando-me com o hálito quente escaldante que cheirava estranhamente doce.

Aqueles olhos laranjas se encontraram com os meus, as pupilas com fendas como de um gato.

“O garoto não pode te ajudar, criança. Mas eu posso. Você só precisa...” Seus olhos giraram de volta, escurecendo até o castanho de Brady, então de volta para laranja enquanto ela rangia. “Eles estão puxando-me para o outro lado. Me chame, criança. Rapidamente.”

“C-chamar...”

“Me chame para fora. Eu posso...”

Seus olhos giraram novamente, seu ranger aprofundando-se para algo inumano, um som que fazia o frio nas minhas veias endurecer até gelar.

Eu recuei e bati na parede.

“Me chame adiante,” ela disse, a voz ficando áspera, aprofundando-se na do Brady. “Eu posso responder todas as suas perguntas. Me chame...”

A imagem de Brady vacilou, então estalou, como a tela de uma televisão após o cabo de alimentação ser puxado. Um relampejar de luz branca e ele tinha ido embora. Eu pensei ter ouvido uma batida na porta, mas não consegui me mexer, simplesmente encarei o ponto onde Brady estivera.

A porta se abriu, e o Dr. Davidoff entrou para me encontrar emplastrada na parede.

“Chloe?”

Eu cambaleei para frente, esfregando meus braços.

“Chloe?”

“A-aranha,” eu disse, apontando para a cama. “C-correu ali para baixo.”

O Dr. Davidoff lutou contra um sorriso.

“Não se preocupe. Farei com que alguém cuide disso, enquanto estamos longe. Vamos dar uma caminhada. É hora de você ter uma excursão apropriada e uma explicação apropriada.”

4



ENQUANTO SEGUIA O DR. DAVIDOFF PELO CORREDOR, tentei espantar os pensamentos sobre a coisa que havia estado em meu quarto. Eu era uma necromante: fantasmas era minha primeira e única especialidade. Então tinha que ser um fantasma, não importava que meus instintos insistissem que não era. Tudo o que eu sabia com certeza, era que eu não tinha pressa em voltar lá.

“Agora, Chloe...” Dr. Davidoff parou, notando que eu esfregava meus braços arrepiados. “Com frio? Vou pedir que aumente o aquecimento do teu quarto. O seu conforto é importante para nós.”

Começamos a caminhar novamente.

“Mas conforto não é somente físico, não é?” ele continuou. “Igualmente importante, talvez até mesmo mais, é o conforto mental. Um senso de segurança. Sei que você está chateada e confusa, e não ajuda quando nos recusamos em responder as tuas perguntas. Estamos ansiosos em começar a procurar naqueles lugares que você listou.”

Ele não havia estado fora tempo o suficiente para ter visitado lugares à milhas de distância. Eu sabia o que ele estava checando: se Rae confirmava minha história. Ela iria. Ela não sabia o verdadeiro local de encontro, apenas que falei que os rapazes iriam se encontrar conosco.

O Dr. Davidoff abriu uma porta no final do corredor. Era uma estação de segurança, a parede estava repleta de monitores flat-screen. Dentro, um jovem se virou na cadeira, como se tivesse sido pego surfando em sites pornográficos.

“Por que você não vai tomar um café, Rob.” Dr. Davidoff falou. “Nós vamos assumir.”

Ele se virou para mim quando o guarda saiu.

“Mais tarde você verá outras partes do prédio. Por agora.” ele acenou para as telas “Considere isso como um tour de uma parada.”

Ele achava que eu era estúpida? Eu sabia o que ele estava fazendo: mostrando-me como bem guardado o lugar era no caso de estar planejando outra fuga. Mas ele também estava me dando a chance de estudar o que eu estava lutando contra.

“Como você pode ver, não há câmeras em seu quarto.” Ele falou. “Nem em qualquer um dos quartos, apenas nos corredores.”

Duas câmeras por corredor. Eu olhei para os outros monitores. Alguns alternavam entre câmeras, fornecendo múltiplos ângulos de corredores e entradas. Dois mostravam laboratórios, ambos vazios, as luzes fracas provavelmente por ser domingo.

Um monitor mais antigo estava sobre a mesa, os cabos estavam espalhados, como se tivessem sido colocados às pressas. A pequena imagem, na tela preto e branco, mostrava o que parecia um depósito, todas as caixas estavam empilhadas ao longo das paredes. E eu podia ver as costas de uma garota sentada em uma cadeira beanbag³.

Ela estava atirada, seus tênis esticados um de cada lado de um console de game, seus longos cachos caídos sobre o beanbag, o controle preso em suas mãos. Eu olhei para a Rae. Ou talvez fosse uma impostora para me convencer de que ela estava bem, jogando, sem olhar para cima, sem gritar...

A garota na cadeira se esticou para pegar o 7UP⁴ dietético e vi seu rosto. Rae.

“Sim, e a Rae nos informou que aquele console de jogo é terrivelmente desatualizado. Mas quando prometemos substituí-lo por um modelo moderno, ela se resignou em jogar com aquele.”

Enquanto ele falava seus olhos nunca deixaram a tela. A expressão no rosto dele... Era de carinho.

Estranhamente a mesma palavra que ele havia usado mais cedo para o Derek, parecia se encaixar aqui.

Quando ele se virou para mim sua expressão mudou, como se para dizer, *eu gosto de você o suficiente, Chloe, mas você não é a Rachelle*. E eu me senti... Perplexa. Talvez até mesmo um pouco ferida, como se houvesse uma parte em mim que ainda queria agradar.

³ Beanbag é um saco selado contendo grãos de plástico, com várias aplicações: <http://tinyurl.com/66mevay>

⁴ O 7 Up ou Seven Up é uma marca de refrigerante pertencente à PepsiCo e a “Dr Pepper/Seven Up, Inc”.

Ele acenou para a tela.

“Como você pode ver, nós não estávamos preparados para termos vocês crianças aqui conosco, mas estamos nos ajustando. Apesar de não ser tão aconchegante quanto a casa Lyle, vocês cinco estarão confortáveis aqui, talvez ainda mais, com todas essas más interpretações corrigidas.”

Nós cinco? Isso deve significar que ele não pretende colocar o Derek ‘para dormir como um cão raivoso’, como a tia Lauren quer. Deixei escapar o ar suavemente em alívio.

“Não vou me desculpar, Chloe.” Dr. Davidoff continuou. “Talvez eu devesse, mas nós achávamos que a casa Lyle era a melhor maneira de lidar com a situação.”

Ele me indicou uma cadeira. Havia duas, a que o guarda havia deixado e uma segunda, encostada contra a parede. Enquanto eu caminhava em direção à segunda, ela rolou das sombras e parou bem na minha frente.

“Não, isso não é um fantasma.” Dr. Davidoff falou. “Eles não podem mover objetos em nosso mundo – a menos que sejam de um tipo muito específico, chamado de fantasma Agito.”

“Um o que?”

“Agito. Em uma tradução rústica do latim significa ‘colocar em movimento’. Existem meio demônios, como você vai descobrir. O poder de um Agito, como o nome sugere, é a telecinese.”

“Mover objetos com a mente.”

“Muito bem. E foi um Agito que moveu aquela cadeira, mas um bem vivo.”

“Você?”

Ele sorriu e, por um segundo a máscara de velho bobo se rachou e tive um vislumbre do homem real sob ela. O que vi foi orgulho e arrogância, como um colega mostrando sua prova com a nota A+, e o desafiasse a fazer melhor.

“Sim, eu sou um sobrenatural, como a maioria dos que trabalham aqui. Eu sei o que você deve ter pensado – que éramos humanos que descobrimos seus poderes e desejávamos destruir o que não entendemos, como naquelas revistas em quadrinhos.”

“Os *X-Men*.”

Eu não sabia o que era mais chocante, que o Dr. Davidoff e seus colegas eram sobrenaturais, ou a imagem desse homem estúpido e estranho lendo *X-Men*. Será que ele havia se curvado sobre elas quando menino, se imaginando na escola para jovens superdotados do professor Xavier? Isso significava que a tia Lauren era uma necromante? Ela também podia ver fantasmas? Ele continuou antes que eu pudesse perguntar alguma coisa.

“O grupo Edison foi fundado por sobrenaturais há oitenta anos atrás, dedicado a melhorar a vida de nossa espécie.”

“Grupo Edison?”

“Nomeado em homenagem á Thomas Edison.”

“O cara que inventou a lâmpada?”

“É disso que ele é mais conhecido. Ele também inventou o projetor de filmes, ao qual tenho certeza você é muito grata. Mas você Chloe, conseguiu algo com o qual ele sonhava, mas nunca obteve sucesso em conseguir.” Ele fez uma pausa dramática. “Contatar os mortos.”

“Thomas Edison queria falar com os mortos?”

“Ele acreditava no pós-vida e queria se comunicar com ele, mas não através de médiuns e espiritualistas, mas através da ciência. Quando ele morreu, acreditasse que estava trabalhando em um aparelho – um telefone para se falar com o pós-vida. Nenhum plano sobre isso foi encontrado.” Dr. Davidoff sorriu conspiradoramente. “Ou pelo menos, não oficialmente. Nós adotamos o nome, por que como Edison, nós usamos a ciência para lidar com o paranormal.”

Melhorar a vida dos sobrenaturais através da ciência. Onde eu escutei algo assim? Levou um momento para que eu lembrasse, e quando consegui, estremei.

Os fantasmas que acordei no porão da casa Lyle haviam sido cobaias dos experimentos de um feiticeiro chamado Samuel Lyle. Cobaias voluntárias no início, como eles falaram, por terem lhes prometido uma vida melhor. Ao invés disso, eles acabaram como ratos de laboratório, sendo sacrificados pela visão de um homem maluco, como um dos fantasmas falou. E aquela coisa em meu quarto havia chamado o Brady – e acho que a mim também – de ‘criações’ de Samuel Lyle.

“Chloe?”

“S-Sinto muito. Eu apenas...”

“Cansada, eu imagino, depois de ficar acordada durante toda a noite. Você gostaria de descansar?”

“Não, eu-eu estou bem. Apenas – então, onde nós entramos? E a casa Lyle? É parte do experimento, não é?”

O queixo dele se ergueu, não muito, apenas o suficiente para me dizer que o peguei desprevenido e ele não gostou daquilo. Um sorriso agradável apagou a expressão e ele se reclinou na cadeira.

“É um experimento, Chloe. Eu sei como isso deve soar, mas eu te garanto, é um estudo não invasivo, usando apenas terapia psicológica benigna.”

Benigna? Não havia nada de benigno sobre o que havia acontecido com a Liz e o Brady.

“Tudo bem, então somos parte desse experimento...” Eu falei.

“Ser um sobrenatural é tanto uma benção e uma maldição. A adolescência é o período mais difícil para nós, quando nossos poderes começam a se manifestar. Uma das teorias do grupo Edison é que deve ser mais fácil, se nossas crianças não souberem de seus futuros.”

“Não saberem que são sobrenaturais?”

“Sim, ao invés disso permitir que cresçam como humanos, se assimilando com a sociedade humana sem ansiedade durante a breve transição. Você e os outros são parte desse estudo. Para a maioria funcionou. Mas para outros, como você, os teus poderes apareceram rápido demais. Nós precisamos levá-la até a verdade, e nos assegurarmos que você não se machuque ou a qualquer outra pessoa enquanto isso.”

Então eles nos colocam em um lar para grupos e nos dizem que somos malucos? Drogam-nos? Isso não fazia sentido. E quanto ao Simon e o Derek, que já sabem o que são? Como eles poderiam fazer parte desse estudo? Mas Derek claramente era, se o que o Brady falou estiver correto. E quanto àquela coisa nos chamar de criação do Dr. Lyle? E quanto à remoção permanente do Brady e Liz desse *estudo*? Assassinados. Você não mata uma cobaia quando ele não responde bem á sua ‘terapia psicológica benigna.’

Eles estavam mentindo o tempo todo – eu realmente iria achar que eles estavam se confessando agora? Se eu quisesse a verdade, eu precisava continuar a fazer o que eu estava fazendo. Procurando por minhas próprias respostas.

Então deixei o Dr. Davidoff tagarelar, me contando sobre seus estudos, sobre os outros garotos, sobre como nós seríamos ‘concertados’ e sairíamos daqui a tempo. E eu sorri, assenti, e comecei a fazer meus próprios planos.

5



QUANDO O DR. DAVIDOFF TINHA ACABADO COM SUA propaganda, ele me levou para ver a Rae, que ainda estava na sala de jogos improvisada jogando Zelda. Ele abriu a porta e acenou para que eu entrasse, então a fechou, deixando-nos a sós.

“Acabou a hora do jogo?” Rae disse, virando-se lentamente. “Só me deixa terminar...” Me vendo, ela pulou, o controle batendo no chão. Ela me abraçou, então recuou.

“Seu braço,” ela disse. “Eu machuquei...?”

“Não, foi colocado bandagens. Eu precisava de alguns pontos.”

“Ai.” Rae deu uma longa olhada em mim. “Você precisa dormir um pouco, garota. Você parece com a morte.”

“São só os genes de necromante entrando em operação.”

Ela riu e me deu outro abraço antes de cair de volta em seu pufe.

Apesar da nossa longa noite fugindo, Rae parecia bem. Mas também, Rae era uma dessas garotas que sempre parecem bem – pele cobre perfeitamente brilhante; olhos de cobre; e longos cachos que, se capturassem a luz certa, brilhavam cobre, também.

“Puxe uma caixa. Eu ofereceria uma cadeira, mas os decoradores esses dias?” Ela girou seus olhos. “Tão lentos. Quando as renovações estiverem prontas, contudo, não reconhecerá o lugar. Sistema de som, tocador de DVD, computador... cadeiras. E, a partir de amanhã, vamos ganhar um Wii.”

“Sério?”

“Aham. Eu disse: ‘Gente, se vou ajudar vocês com esse seu estudo, eu preciso de um pouco de amor em troca. E um GameCube⁵ não vai dar’.”

“Pedi uma TV maior também?”

“Devia. Depois de toda aquela lambança da Casa Lyle, eles estão fazendo de tudo para nos deixar feliz. Vamos ser tão mimadas aqui. É claro, nós merecemos.”

“Merecemos.”

Ela sorriu, seu rosto brilhando.

“Ficou sabendo? Sou uma meio-demônio. Uma Exhaust – Exustio. Esse é o tipo mais alto de demônio de fogo que se pode ser. Legal, hein?”

Ser uma meio-demônio *era* legal. Ser uma rata de laboratório meio-demônio, oscilando à beira da exterminação? Definitivamente não é legal. Por mais que eu ansiasse contar-lhe a verdade, contudo, eu não podia.

Ainda não.

Na noite passada, Rae estivera deitada em sua cama na Casa Lyle, tentando acender um fósforo com seus próprios dedos, desesperada para provar que tinha uma habilidade sobrenatural. Agora ela descobrira que era um tipo especial de meio-demônio. Isso era importante para Rae de um jeito que eu não conseguia entender – de um jeito que eu tinha simplesmente que aceitar até que tivesse mais provas de que essa não é a melhor coisa que já aconteceu com ela.

“E sabe do que mais?” ela disse. “Me mostraram fotos da minha mãe. Minha mãe *verdadeira*. Nenhuma do meu pai, é claro, ele sendo um demônio. Meio bizarro quando penso nisso. Demônios não são exatamente...” Pela primeira vez, preocupação nublou seus olhos. Ela pestanejou seus olhos.

“Mas o Dr. D. diz que isso não me faz maligna nem nada. De qualquer jeito, a minha mãe? Seu nome era Jacinda. Não é bonito?”

Eu abri minha boca para concordar, mas ela continuou tagarelando animadamente.

⁵ Nintendo GameCube (apelidado "Cube", abreviado NGC) é um console de vídeo game produzido pela empresa japonesa Nintendo, lançado no mercado americano e japonês em novembro de 2001. É o sucessor do Nintendo 64, e seu codinome durante a produção era Dolphin.

“Ela costumava trabalhar aqui, como o pai de Simon. Eles têm fotos dela. Ela era linda. Como uma modelo. E o Dr. D. disse que podem até saber onde encontrá-la, e vão tentar. Só por mim.”

“E quanto aos seus pais adotivos?”

As nuvens abaixaram-se novamente, pairando por mais tempo, e eu me senti mal, sendo aquela que a entristeceria. Primeiro dizendo a Liz que ela estava morta, então fazendo Brady reviver sua noite final, agora relembrando Rae de seus pais... Eu estava tentando conseguir respostas para ajudar a todos nós. Mas parecia cruel.

Após um momento, Rae disse:

“Eles não são sobrenaturais.”

“Ah?”

“Nadica, simplesmente humanos.” Ela deu à palavra uma retorcida feia. “Eles disseram que quando a minha mãe me deixou aqui, ela cortou todos os laços com o grupo. De algum jeito fui posta para adoção. O Dr. D. diz que deve ter havido um engano. Jacinda me amava. Ela nunca teria me abandonado. Ele diz que aquela história que meus pais adotivos me contaram, sobre ela não ser capaz de me manter, era mentira e que se o Grupo Edison tivesse sabido da adoção, eles teriam encontrado pais como nós para mim. Quando conseguiram me localizar, contudo, era tarde demais, então tudo que puderam fazer foi me monitorar. Quando descobriram que eu estava tendo problemas, eles contataram meus pais adotivos e me ofereceram uma estadia de graça na Casa Lyle. Aposto que passarão semanas até que meus velhos notem que não estou mais lá, e então eles simplesmente darão um grande suspiro de alívio.”

“Não consigo ver...”

“Eu fiquei na Casa Lyle por quase um mês. Você sabe quantas vezes meus pais vieram me visitar? Ligaram?” Ela levantou seu dedão e indicador formando um O.

“Talvez eles não tivessem permissão de visitar. Talvez eles tenham deixado mensagens que você nunca recebeu.”

Seu nariz amassou-se.

“Por que eu não as receberia?”

“Porque seus pais adotivos não são sobrenaturais. Tê-los interferindo complicaria as coisas.”

Seus olhos ficaram distantes enquanto ela considerava isso. Uma faísca relampejou por eles – esperança de que ela estivesse enganada, que os únicos pais que havia conhecido não a haviam abandonado.

Ela chacoalhou impetuosamente sua cabeça.

“Não, eu era encrenca, e a mãe ficou feliz de se livrar de mim.”

Suas mãos agarraram o pufe apertadamente, então o soltou e deu tapinhas nas dobras.

“É melhor desse jeito. Estou *melhor* desse jeito.”

Melhor uma meio-demônio especial embarcando numa vida nova do que uma garota comum mandada de volta para sua vida comum com seus pais comuns. Eu estiquei o braço e tomei seu controle do jogo.

“Até onde chegou?” eu perguntei.

“Está pronta para me bater, garota?”

“Absolutamente.”

Eu almocei com a Rae. Pizza. Ao contrário da Casa Lyle, aqui eles pareciam mais preocupados em nos manter felizes do que nos manter saudáveis.

Talvez porque não estivessem planejando nos manter vivas?

Falando com a Rae, ouvindo sua animação, eu me distanciei o bastante da dor e da traição para encarar uma possibilidade muito real e muito perturbadora.

E se eu estivesse errada? Sobre tudo?

Eu não tinha evidência alguma de que as pessoas aqui tinham mesmo matado Liz e Brady. Liz tinha ‘sonhado’ estar em algum tipo de quarto de hospital, amarrada. Pelo que eu sabia, ela morreu num acidente de carro quando a trouxeram para cá. Ou ela cometeu suicídio naquela noite. Ou, tentando controlá-la, eles tinham acidentalmente matado-a.

Liz e Brady por acaso morreram acidentalmente depois de deixar a Casa Lyle?

Está bem, isso era improvável.

A mãe de nascença da Rae e o pai do Simon tinham tido uma briga com o Grupo Edison e tinham fugido, levando suas crianças, sujeitas de um estudo, com eles?

Não, havia definitivamente algo errado aqui. Eu precisava de respostas e não ia encontrá-las presas na minha cela. Tampouco estava ansiosa a encontrar aquela coisa no meu quarto novamente.

Bem enquanto pensava isso, o Dr. Davidoff chegou para me levar de volta. Enquanto eu o seguia corredor abaixo, eu lutei por uma desculpa para ir a algum outro lugar no prédio, qualquer lugar para acrescentar detalhes ao meu mapa mental do local.

Eu considerei pedir para falar com a tia Lauren. Eu teria que fingir que tinha perdoado-a por mentir para mim minha vida toda, por me trair, e por me jogar à mercê do Grupo Edison. Eu não era uma atriz tão boa. E a tia Lauren não era tão estúpida. Havia uma razão para ela não ter tentado me ver. Ela estava aguardando seu tempo, esperando até que eu ficasse com saudade de um rosto familiar, desesperada por desculpas. Até então, ela ficaria afastada.

Havia uma outra pessoa com a qual podia pedir para falar...

O pensamento fez a minha pele arrepiar-se quase tanto quanto o pensamento de ver a tia Lauren.

Mas eu precisava de respostas.

“Dr. Davidoff?” eu disse enquanto nos aproximávamos da minha porta.

“Sim, Chloe.”

“A Tori está aqui?”

“Ela está.”

“Eu estava pensando... eu gostaria de vê-la, ter certeza de que ela está bem.”

6



O DR. DAVIDOFF DECLAROU QUE ERA UMA ‘excelente ideia’, o que significava que ele não sabia que eu havia descoberto que foi a Tori que os avisou de nossa escapada. Olhando o lugar com mais atenção – aquele plano não havia funcionado tão bem. Ela acabou em uma cela a algumas portas da minha.

O médico me deixou entrar e fechou a porta. Quando a fechadura deslizou para seu lugar, dei um passo para trás, pronta para gritar ao primeiro sinal de problemas. Em meu último encontro com Victoria Enright ela me acertou com um tijolo, me amarrou, e me deixou sozinha em um espaço fechado dentro do porão. Então eu poderia ser desculpada se aquela porta fechada me deixava nervosa.

A única luz no quarto vinha do relógio na cabeceira da cama.

“Tori?”

Uma sombra se levantou do colchão, seu cabelo curto era um alo de espinhos.

“Huh. Se os sermões não funcionam, eles sempre podem tentar a tortura. Diga à eles que me rendo, contanto que levem você para longe. Por favor.”

“Eu vim para...”

“Se vingar.”

Caminhei na direção dela.

“Claro, para debochar de você. Dar uma boa risada às tuas custas, presa em uma cela, assim como a minha no final do corredor.”

“Se você falar ‘nós estamos nisso juntas’ vou vomitar.”

“Hei, nós não estaríamos nessa situação se você não tivesse nos entregado para as enfermeiras. Só que você não contava em acabar presa também. Isso é que chamo de ironia dramática.”

Ouve um momento de silêncio, e então ela deu uma gargalhada áspera.

“Você acha que entreguei vocês? Se eu soubesse que você estava fugindo teria feito as suas malas.”

“Não se eu estivesse fugindo com o Simon.”

Ela deslizou as pernas pela beirada da cama.

“Então em uma onda de ciúmes violento, eu entreguei os teus planos, fazendo com que você e o cara que me rejeitou fossem mandados para um hospital para doentes mentais? De qual filme você tirou isso?”

“Do mesmo em que uma líder de torcida acerta a garota nova com um tijolo e a deixa presa no porão.”

“Não sou uma líder de torcida.” Ela cuspiu a palavra com tanto veneno, que você poderia achar que a chamei de vadia. “Eu ia deixar você sair depois do jantar, mas o príncipe nem-tão-charmoso te tirou de lá primeiro.” Ela deslizou para fora da cama.

“Eu gosto do Simon, mas nenhum cara vale tanto a ponto de me humilhar. Se você quer culpar alguém? Se olhe no espelho. Foi você que começou tudo. Você e os teus fantasmas. Você fez com que mandassem a Liz embora, colocou o Derek em problemas, e a mim também.”

“Você se colocou em problemas. Eu não fiz nada.”

“É claro que você não fez.”

Ela se aproximou. Sua pele parecendo amarelada, e havia manchas vermelhas sob os olhos dela.

“Eu tenho uma irmã igualzinha a você, Chloe. Ela é a líder de torcida, a loira bonita, ela bate suas pestanas e todos correm para ela. Assim como você na Casa Lyle, com o Simon tropeçando ao redor para ajudar você. Até mesmo o Derek correu para te salvar...”

“Eu não...”

“Fez nada. Esse é o ponto. Você não pode fazer nada. Você é realmente muito tola, Barbie inútil, assim como a minha irmã. Eu sou mais esperta, forte e popular. Mas isso importa? Não.” Ela esticou sua cabeça acima da minha, e olhou para baixo.

“Tudo o que as pessoas se preocupam é com a loira indefesa. Mas ser indefesa só funciona quando tem alguém por perto para te socorrer.”

Ela levantou as mãos. Fagulhas saiam de seus dedos. Quando caí para trás, ela riu.

“Por que você não chama o Derek para te ajudar Chloe? Ou os teus fantasmas amiguinhos?” Tori avançou, as fagulhas formavam uma bola de luz azul entre suas mãos erguidas. Ela abaixou as mãos e eu mergulhei. A bola de energia passou sobre meu ombro atingindo a parede e explodindo em uma chuva de faíscas que queimaram minha bochecha.

Levantei, seguindo de volta para a porta. Tori levantou as mãos e voltou a abaixá-las e a força invisível voltou a me atingir. O quarto balançou, todos os móveis balançavam e vibravam. Até mesmo a Tori parecia surpresa.

“V-você é uma bruxa.” Eu falei.

“Eu sou?” ela olhou para mim. “Que bom que alguém me contou. Minha mãe insiste que é tudo coisa da minha cabeça. Ela me despachou para a Casa Lyle, onde me diagnosticaram como bipolar, e me deram um punhado de remédios. E eu os engoli por que não queria desapontá-la.”

Ela jogou as mãos para baixo. Raios voaram da ponta de seus dedos, seguindo diretamente em minha direção.

Os olhos da Tori se arregalaram com o susto, seus lábios se abriram em um silencioso *não!*

Tentei rastejar para fora do caminho, mas não fui rápida o bastante. Enquanto os raios de energia vinham em minha direção, uma figura se materializou – uma garota de pijamas. Liz. Ela empurrou a penteadeira que deslizou da parede até o caminho do raio. A madeira se quebrou. O espelho quebrou e seus estilhaços caíram sobre minha cabeça abaixada.

Quando levantei a cabeça, o quarto estava em silêncio e Liz havia desaparecido. A penteadeira estava caída de lado, com um buraco fumegante que a atravessava e tudo o que pude pensar era: *isso poderia ter acontecido comigo.*

Tori estava sentada encolhida no chão, seu rosto estava escondido contra os joelhos enquanto ela se balançava.

“Eu não tive a intenção. Fiquei com tanta raiva, *tanta* raiva. E isso simplesmente aconteceu.”

Como a Liz fazendo as coisas voarem quando ficava zangada. Como a Rae, queimando a mãe em uma briga. Como o Derek jogando o garoto que quebrou as costas. O que aconteceria se eu ficasse com tanta raiva assim?

Poderes fora de controle. Isso não poderia ser normal para seres sobrenaturais. Não poderia ser.

Dei um passo lento na direção da Tori.

“Tori, eu...”

A porta se abriu, e a mãe da Tori entrou. Ela parou imediatamente quando viu a destruição.

“Victoria Enright!” o nome saiu como um rosnado digno de um lobo. “O que você fez?”

“Eu... não foi ela.” Falei. “Fui eu. Nós discutimos e eu-eu...”

Olhei para o buraco aberto na penteadeira e não pude terminar minha sentença.

“Eu sei muito bem quem é a responsável por isso, senhorita Chloe.” A mãe da Tori virou aquele rosnado na minha direção. “Apesar de não duvidar que você fez a sua parte. Você é uma instigadorazinha, não é?”

“Diane isso já é o suficiente.” O Dr. Davidoff falou da porta. “Ajude sua filha a limpar essa bagunça. Chloe, você vem comigo.”

Instigadora? Eu? Duas semanas atrás eu teria rido da idéia. Mas agora... Tori falou que tudo começou comigo, com os rapazes querendo ajudar a garotinha indefesa. Eu odiava a idéia. Ainda assim ela tinha um ponto.

Derek queria que o Simon deixasse a Casa Lyle e encontrasse o pai deles. Simon não queria deixar o Derek, que se recusava a ir junto por estar com medo de voltar a ferir alguém. Quando Derek descobriu que sou uma necromante, ele encontrou sua arma para derrubar as defesas de Simon.

Uma donzela em perigo para ser socorrida.

Eu fui a pobre garota que não sabia nada sobre ser uma necromante, que

continuava a cometer erros, ficando cada vez mais próxima de ser enviada para um hospital para loucos. *Está vendo ela, Simon? Ela está em perigo. Ela precisa da sua ajuda. Leve ela com você, encontre o papai e ele vai concertar tudo.*

Eu fiquei furiosa com o Derek, e o encarei por isso. Mas não me recusei a seguir com seus planos. Nós precisamos do pai do Simon – todos nós precisávamos. Até mesmo o Derek, que eventualmente se juntou a nós quando a fuga foi descoberta e ele não teve outra escolha.

Se eu soubesse o que iria acontecer, teria parado de procurar por respostas na Casa Lyle? Eu teria aceitado o diagnóstico, tomado meus remédios, calado minha boca e ser solta?

Não. A dura verdade era melhor do que mentiras suaves. Tinha que ser.

O Dr. Davidoff me levou de volta ao meu quarto e tentei me convencer que estava tudo bem com aquilo. Eu precisava ficar sozinha para tentar fazer contado com a Liz novamente, agora que eu sabia que ela ainda estava por perto. Comecei lentamente, gradualmente aumentando meu esforço, até que escutei uma voz tão suave que poderia ter sido somente o chiado da ventilação. Olhei ao redor, esperando ver Liz em sua camisola da Minnie e meias de girafas. Mas eu estava sozinha.

“Liz?”

Escutei um baixo e hesitante:

“Sim?”

“Sinto muito.” Falei levantando. “Sei que você está irritada comigo, mas não parecia certo não te contar.”

Ela não respondeu.

“Eu vou encontrar quem te matou. Eu prometo.”

As palavras saíam dos meus lábios como se eu estivesse lendo um script, mas pelo menos tive o senso de fechar a boca antes de prometer vingança pela morte dela. Isso era uma das coisas que fazia sentido na tela, mas na vida real você pensa, *ótimo... E agora como exatamente vou fazer isso?* Liz continuou em silêncio, como se estivesse esperando por algo mais.

“Posso te ver?” eu perguntei. “Por favor?”

“Eu não... não posso passar. Você precisar tentar com mais força.”

Voltei a sentar no chão com minhas mãos entrelaçadas no casaco dela e me concentrei.

“Mais forte.” Ela sussurrou.

Apertei meus olhos fechados, e me imaginei puxando Liz até mim. Apenas um grande puxão e...

Uma risada familiar tilintou fazendo com que eu pulasse de pé. Um ar quente deslizou pelo meu braço sem a bandagem.

Puxei minha manga para baixo.

“Você. Eu não chamei você.”

“Você não precisa, criança. Quando você invoca os espíritos precisam obedecer. Você chamou pela sua amiga e as sombras de milhares de mortos responderam, encontrando o caminho de volta para suas carcaças podres.” A respiração dela fazia cócegas na minha orelha. “Carcaças enterradas em um cemitério a três quilômetros daqui. Milhares de corpos prontos para se tornarem milhares de zumbis. Um grande exército de mortos para você controlar.”

“E- eu não...”

“Não, você não o fez. Ainda não. Os teus poderes precisam de tempo para amadurecer. E então?” Sua risada encheu o quarto. “O querido Dr. Lyle deve estar dançado no inferno hoje, suas agonias esquecidas diante de seu triunfo. O querido, desesperado, dificilmente lamentado, e profundamente demente, Dr. Samuel Lyle. Criador da mais doce e bonita abominação que já encontrei.”

“O- o que?”

“Um pouquinho disso, uma pitada daquilo. Uma mexida aqui e ali. E olhe o que temos.”

Apertei meus olhos fechados contra a urgência de perguntar sobre o que ela estava falando. Seja o que for que essa coisa era eu não poderia confiar nela, não mais do que poderia confiar no Dr. Davidoff e o grupo Edison.

“O que você quer?” perguntei.

“A mesma coisa que você. Libertar-me desse lugar.”

Sentei na cama. Mas por mais que eu olhasse, não conseguia ver nenhum sinal dela. Havia somente a voz e a brisa quente.

“Você está presa aqui?” perguntei.

“Como uma fada sob um jarro encantado, metaforicamente falando. Fadas são produtos da imaginação humana. Pessoas minúsculas voando com suas pequenas asas? Que bizarro. Mais correto seria dizer que estou presa como um vagalume em uma garrafa. Por uma energia mágica, nada se compara com um semi-demônio com capacidade de prender almas. Exceto, é claro, um demônio por completo, mas invocar um e tentar controlar seus poderes seria suicídio. Assim como o Samuel Lyle.”

“Ele morreu invocando um demônio?”

“A invocação é normalmente uma ofensa perdoável. Quando se tenta prender suas almas, é que os demônios ficam irritados. Lyle deveria ter se contentado comigo, mas os humanos nunca estão satisfeitos, não é? Arrogante demais para pensar na possibilidade de uma falha, ele se recusou a passar seus segredos ao seu verdadeiro sucessor: eu.”

“Você carrega esse lugar com sua magia. E eles nem ao menos percebem isso?”

“Lyle guardou seus segredos até o tumulto e além, apesar dele não ter intenções de levá-los para o pós vida. Tenho certeza que pretendia contar á eles sobre mim... se não morresse antes disso. Mesmo uma necromante poderosa como você, teria dificuldade em contatar um espírito na dimensão do inferno, então agora estou presa aqui, meus poderes reforça a mágica usada nesse lugar. Os outros – esse tal de Grupo Edison – acham que o prédio foi construído sobre a junção de linhas Ley⁶ ou alguma outra tolice dessas.”

“Então se eu libertar você...?”

“O prédio iria desabar em uma pilha de escombros, e as almas más seriam sugadas para o inferno para serem torturadas por demônios pela eternidade.” Ela riu. “Um pensamento agradável, mas não, minha liberdade iria apenas dificultar a vida

⁶ As linhas ley são alegados alinhamentos de locais antigos ou sagrados como os círculos de pedra, igrejas, etc. O interesse nestas linhas nasceu com a publicação em 1922 de *Early British Trackways* por Alfred Watkins (1855-1935), um arqueólogo e antiquário amador autodidata.

deles. Apesar de que seria um problema bem significativo, que colocaria um final em seus projetos mais ambiciosos.”

Libertar um demônio sob a promessa de em retribuição ter meus inimigos destruídos? Hmm, onde vi isso antes? Oh sim. Em todos os filmes de terror envolvendo demônios já filmados. E a parte do terror começava logo depois da parte em que o demônio era libertado.

“Eu acho que não.” Falei.

“Ah sim. Se você me libertar poderei me vingar do mundo. Começar guerras, fome, jogar raios, levantar os mortos de suas tumbas... talvez você pudesse me ajudar com isso?”

A voz deslizou para meu ouvido novamente.

“Você ainda é uma criança, não é? Acreditando no bicho papão. Com todas as guerras e massacres do último século, os demônios são responsáveis por talvez um décimo delas; e isso, alguns diriam que seria nos dar muito crédito. Ao contrário dos humanos, nós somos sábios o suficiente para saber que destruir o mundo que nos sustenta dificilmente faria algum bem para nós. Liberte-me e sim, eu vou ter minha diversão, mas não sou mais perigosa lá fora do que sou aqui.”

Considerarei aquilo... E imaginei a audiência gritando: “Sua garota estúpida! É um *demônio*!”

“Acho que não.”

Seu suspiro fez minha camiseta balançar.

“Não há nada mais triste do que um meio demônio desesperado. Depois de décadas sozinha nesse lugar, batendo nas barras de minha jaula, gritando sem que ninguém ouça, estou reduzida a implorar pela ajuda de uma criança. Faça suas perguntas e devo brincar de professora, as respondendo a qualquer custo. Já fui professora antes, você sabe, uma bruxa tola me invocou e me convidou para possuí-la, o que nunca é uma boa idéia, mesmo se você estiver tentando destruir o terrível vilarejo puritano onde te acusam de ser...”

“Eu não tenho perguntas.”

“Nenhuma?”

“Nenhuma.”

A voz dela serpenteou ao meu redor.

“Falando em bruxas, eu poderia te contar um segredo sobre a garota de cabelo escuro que você visitou. A mãe dela – muito ambiciosa – ouviu falar de outra bruxa que carregava o filho de um feiticeiro, então ela teve que fazer o mesmo. Agora ela está pagando o preço. Uma mestiça que pode conjurar feitiços é sempre perigosa.”

“O pai da Tori é um feiticeiro?” Falei apesar de tudo.

“O homem que ela chama de pai? Não. Seu verdadeiro pai? Sim.”

“Então é por isso...” Eu parei. “Não, eu não quero saber.”

“É claro que você quer. E quanto ao garoto lobo? Escutei enquanto eles falavam dele para você. Eu lembro dos filhotes. Eles viveram aqui, você sabia?”

“Eles?”

“Quatro filhotes, lindos como só eles podem ser. Perfeitos predadorezinhos, mostrando suas presas e garras mesmo antes de poderem mudar de forma – todos menos o maior da ninhada. O lobo solitário. O lobo esperto. Quando seus irmãos da matilha mostraram suas presas e garras por tempo demais, aqueles que se opunham a inclusão das bestas os levaram embora.”

“O que aconteceu?”

“O que acontece com filhotes que mordem a mão do próprio dono? Eles foram mortos é claro. Todos menos o mais esperto que não entrava no jogo dos lobos. Ele foi levado embora para se tornar um menino de verdade.” A voz dela fez cócegas na minha orelha mais uma vez. “O que mais posso te contar...?”

“Nada. Quero que você vá embora.”

Ela riu.

“É por isso que você está bebendo cada palavra como se fosse hidro mel”

Lutando contra minha curiosidade encontrei meu iPod, coloquei os fones e aumentei o volume.

7



MAIS TARDE, NAQUELE DIA, O DR. DAVIDOFF BATEU na minha porta novamente. Hora de uma aula de história, aparentemente. Ele me levou para seu escritório e digitou o código em um cofre do tamanho de um closet forrado de estantes de livros.

“Temos mais livros de referência do que isso, naturalmente. O restante está na biblioteca, que você visitará em breve. No entanto, isso,” ele acenou para o closet “é o que uma biblioteca pública chamaria de sua coleção especial, contendo os volumes mais raros e valorizados.” Ele deslizou um com capa de couro vermelha para fora da prateleira. Letras de prata soletravam *Nekromantia*.

“O início da história da raça necromante. Essa é uma reprodução do século XVIII. Existem apenas três cópias conhecidas, incluindo essa.” Ele abaixou-a nas minhas mãos com toda a cerimônia da passagem de joias da coroa. Eu não queria ficar impressionada, mas quando senti o couro desgastado, cheirei o mofo do tempo, uma emoção propagou-se por mim.

Eu era cada grande herói de fantasia criado em ignomínia, para então me entregarem um livro mágico e dizerem “isso é o que você realmente é.” Eu não podia evitar cair nessa – a história estava embutida no meu cérebro.

O Dr. Davidoff abriu uma segunda porta. Dentro havia uma surpreendentemente agradável sala de estar com poltronas de couro, um emaranhado de plantas, e uma clarabóia.

“Meu esconderijo secreto”, ele disse. “Você pode ler o seu livro aqui enquanto eu trabalho no meu escritório.”

Depois que ele saiu, eu chequei a clarabóia estreita, mas mesmo que eu pudesse escalar seis metros para chegar até ela, eu nunca iria caber. Então me acomodei na cadeira com o livro.

Eu tinha acabado de abri-lo quando ele voltou.

“Chloe? Eu preciso sair. Tudo bem?”

Deixar-me sozinha em seu escritório? Eu tentei não assentir muito entusiasmadamente.

“Se você precisar de alguma coisa, disque nove para falar com a recepção da frente”, ele disse. “Essa porta ficará trancada.”

É claro...

Eu esperei até ouvir a porta externa fechar. Eu tinha certeza que ele tinha trancado a minha porta, como prometido, mas eu tive que verificar. Era uma tranca de menina rica, Rae diria – do tipo que só afasta crianças que nunca tiveram que dividir um banheiro e, ocasionalmente, arrombar para pegar uma escova de cabelo enquanto sua irmã se apossa do chuveiro. A mesa lateral continha uma pilha de livros de capa mole. Eu achei um com uma capa robusta o suficiente para fazer o trabalho, depois copieei a Rae ao contorcê-lo na fenda da porta até que a tranca fizesse um clique.

Voilà, minha primeira entrada forçada. Ou *fuga* forçada.

Pisei no escritório do Dr. Davidoff. O que eu precisava era de um armário de arquivo, recheado de registros sobre o estudo, mas tudo que eu podia ver era um computador de mesa.

Pelo menos era um Mac – eu estava mais familiarizada com esses do que com PCs. Eu balancei o mouse e o computador saiu do modo de dormir. A tela de login do usuário apareceu. Havia apenas uma conta de usuário – Davidoff, com uma bola oito de imagem. Eu cliquei e consegui a caixa de senha. Ignorando-a, eu cliquei em ‘*Esqueci minha senha*’. A dica apareceu: *a habitual*. Em outras palavras, sua senha habitual, eu supus. Isso ajudava muito.

Na caixa da senha, digitei *Davidoff*. Então *Marcel*.

Hãn, você realmente achou que poderia ser assim tão fácil?

Tentei todas as variações de Casa Lyle e Grupo Edison, então, no que considerei num lampejo genial: Agito, com várias grafias possíveis. Depois do meu terceiro palpite errado, ele voltou a me mostrar a dica: *a habitual*. Algumas tentativas a mais e me pediu para digitar a senha mestre para que eu pudesse redefinir a senha da conta de usuário. Ótimo. Se eu soubesse qual era a senha mestre...

Lembrei-me de ler que a maioria das pessoas guarda sua senha escrita perto de seu computador. Eu verifiquei sob o teclado, sob o mouse pad, sob o monitor. Enquanto eu olhava debaixo da mesa, uma voz sussurrou:

“É Jacinda.”

Eu pulei tão rápido que bati minha cabeça.

Uma risada reticente.

“Cuidado, criança.” Era a semi-demônio. Novamente.

“A senha é Jacinda?” Eu disse enquanto recuava de debaixo da mesa. “Esse é o nome da mãe da Rae. Por que ele...?” eu me parei.

“Que ligação o Dr. Davidoff tem com a Rae e a mãe dela? Outro segredo delicioso. Todos esses cientistas, tão orgulhosos e altivos, fingindo que estão acima de meras fragilidades humanas. Tolice. Eles são presas delas todas – ganância, ambição, orgulho, luxúria. Eu sou particularmente apreciadora da luxúria. Muito divertida.”

Enquanto ela tagarelava, eu digitei *Jacinda*. A caixa da senha desapareceu e o desktop do Dr. Davidoff começou a carregar. Abri uma janela de Busca e procurei meu nome. A janela começou a encher com resultados.

Eu tentei clicar em uma pasta chamada ‘Cobaías do Gênesis II’, mas calculei mal e ao invés abri um arquivo chamado simplesmente de ‘Gênesis II’ na pasta raiz do mesmo nome. O primeiro parágrafo parecia tirado das revistas médicas da tia Lauren – o resumo de uma experiência. Eu li:

A bênção de poderes sobrenaturais é temperada por duas sérias desvantagens: efeitos colaterais perigosos ou desagradáveis e pela luta constante para se assimilar na sociedade humana. Esse estudo tenta reduzir ou eliminar essas desvantagens através de modificações genéticas.

Modificações genéticas? Os cabelos do meu couro cabeludo pinicaram.

O DNA das cinco cobaías, de cinco das principais raças, foi modificado in vitro. Essa modificação foi projetada principalmente para reduzir os efeitos colaterais de poderes sobrenaturais. Era esperado que reduzindo esses efeitos ajudaria na assimilação, mas isso foi testado mais ainda ao criar vinte das crianças ignorantes de sua

herança. As cinco restantes serviram de grupo de controle e foram criadas como sobrenaturais. Durante os anos intervenientes, o estudo experimentou algum atrito de cobaias (Anexo A), embora o contato tenha sido restabelecido com a maioria.

Atrito? Eles devem querer dizer as crianças das quais perderam contato – como Rae, Simon, e Derek. Isso significava que havia outros como nós lá fora, outros que eles não tinham encontrado?

Enquanto as demais cobaias procediam pela puberdade, os efeitos colaterais foram drasticamente reduzidos em nove (Anexo B). No entanto, nas cobaias que não melhoraram, a própria modificação genética teve efeitos colaterais graves e inesperados (Anexo C).

Com os dedos tremendo, eu digitei ‘Anexo C’ na caixa de Localizar. O documento rolou para baixo.

Um problema anotado nas nove cobaias de sucesso foi uma redução geral dos poderes, o que pode ser uma consequência inevitável ao reduzir os efeitos colaterais negativos. Parece, no entanto, que com as cobaias malsucedidas, o inverso ocorreu. Seus poderes foram aumentados, assim como os efeitos colaterais negativos, particularmente o início súbito desses poderes e, mais gravemente, sua natureza incontrolável, aparentemente com base na emoção.

Poderes incontroláveis. Com base na emoção.

Lembrei-me de Tori soluçando que não conseguia evitar, que quando ficava brava, as coisas simplesmente aconteciam. Como a Liz. Como o Derek. Como a Rae. Como eu?

Folhee a próxima página. Ela detalhava como eles lidavam com essas cobaias ‘malsucedidas’ – colocavam-nos em uma casa de apoio, tentavam medicar seus poderes e convencê-los de que eram doentes mentais. Quando isso falhava...

Os poderes dos sobrenaturais aumentam na puberdade, ou seja, os poderes dessas cobaias que falharam continuarão a aumentar. Pode se supor razoavelmente que seus poderes se tornarão mais voláteis e incontroláveis, ameaçando a vida das cobaias; as vidas de inocentes ao redor deles; e,

talvez mais importante, representam um imenso risco de exposição a todo o mundo sobrenatural.

Realizamos essa experiência na esperança de melhorar a vida de todos os sobrenaturais. Não podemos, através das nossas ações, colocar em risco esse mesmo mundo. Como cientistas responsáveis, temos de aceitar a responsabilidade por nossas falhas e lidar com elas decisivamente para minimizar os danos. Embora a decisão não tenha sido unânime, foi acordado que se o processo de reabilitação pré-estabelecida falhar, a cobaia deve, com profundo pesar, ser exterminada de forma rápida e humanamente.

No fim havia uma lista de nomes. Ao lado de cada um estava sua situação atual.

Peter Ricci — reabilitado

Mila Andrews — reabilitada

Amber Long — exterminada

Brady Hirsch — exterminado

Elizabeth Delany — exterminada

Rachelle Rogers — reabilitação em progresso

Victoria Enright — reabilitação em progresso

E finalmente, no fim, dois nomes.

Derek Souza — ??

Chloe Saunders — ??

Eu não sei por quanto tempo encarei aquela lista — e aqueles pontos de interrogação — antes de algo bater no meu crânio. Eu girei enquanto um grampeador saltava no tapete.

“Café mocha,” disse o Dr. Davidoff, logo do lado de fora da porta. “Descafeinado, sem gordura.”

Enquanto eu fazia logoff, meu olhar virou-se entre a porta da sala de leitura e o local para os joelhos sob a mesa. O local para os joelhos era mais perto, mas então eu ficaria presa. Um surto de coragem me enviou correndo para a porta. Eu cheguei – na porta, não na sala de leitura – enquanto a porta do corredor se abria com um clique. Eu rodei e me apertei contra a parede, ao lado de uma alta estante de livros. Eu estava fora de vista, mas por pouco.

Estendi a mão para a maçaneta da sala de leitura. Se eu a abrisse o suficiente para passar, porém, ele notaria.

Vá para a mesa, eu implorei. Verifique o seu e-mail. Verifique suas mensagens de voz. Só por favor, por favor, por favor, não venha me verificar.

Seus passos se dirigiram diretamente para mim. Eu me coleí à parede e segurei a minha respiração.

Seu braço apareceu. Então seu joelho. Então...

Ele parou. O braço e o joelho voltaram-se para a mesa. Ele se inclinou e pegou o grampeador.

Ah, Deus. Ele sabia. Eu tinha que confessar. Inventar uma história e entregar-me antes que fosse pega. Eu dei passo à frente. Uma tremedeira quebrou o silêncio. Meus dentes? Não, o porta-caneta em sua mesa estava tremendo, canetas e lápis chacoalhando.

O Dr. Davidoff encarou-o, sua cabeça inclinando como se dissesse, *‘Estou fazendo isso?’* Ele pegou o porta-caneta. Ele parou de tremer. Enquanto ele puxava sua mão, o mouse rolou pelo mouse pad.

“Bem?” uma voz disse na minha orelha. “Você vai simplesmente ficar aí?”

Liz estava parada no meu ombro. Ela apontou seu dedo para a porta.

“Vá!”

Eu me certifiquei que o Dr. Davidoff estava de costas para mim, então passei pela porta.

“Tranque-a!” ela sussurrou.

Estiquei minha mão e virei a tranca. As canetas chacoalharam novamente, cobrindo o clique do trinco da porta.

Liz passou pela parede e me acenou para que fosse para a cadeira como se estivesse espantando um gato. Eu mal tinha me sentado com o livro quando a porta se abriu.

O Dr. Davidoff deu uma olhada vagarosa ao redor da sala. Segui seu olhar, franzindo a testa, como se estivesse me perguntando o que ele estava procurando.

Obriguei-me a olhar para longe de Liz empoleirada na mesa lateral.

“Dr. Davidoff?”

Ele não disse nada, apenas olhou ao redor.

“Você se esqueceu de alguma coisa?” eu perguntei.

Ele murmurou sobre verificar o jantar, então foi embora depois de fazer uma pausa na porta para uma última e vagarosa olhada ao redor.

“Obrigada,” eu disse a Liz após o Dr. Davidoff ter me trancado novamente. “Eu sei que você está brava comigo, por dizer que você está morta...”

“Porque eu obviamente não estou morta, eu estou? Você disse que a razão pela qual eu não podia tocar ou mover as coisas era porque eu era um fantasma.” Ela sorriu pretensiosamente, puxando seus joelhos para cima e abraçando-os. “Então eu trabalhei muito duro para mover as coisas. Se eu me concentrar, eu consigo. Isso significa que eu devo ser uma xamã.”

Antes eu tentei explicar por que não tinha lhe dito mais cedo que ela era um fantasma. Eu disse que eu achava que ela poderia ser uma xamã, porque Derek disse que eles podiam fazer uma projeção astral – aparecer sem seus corpos.

“Eles me drogaram,” ela continuou. “É por isso que eu fico toda confusa. Eu não consigo acordar, então meu espírito está se movendo por aí, ao invés.”

Ela balançava suas pernas novamente e fazia desenhos do número oito com seus pés, observando as girafas em suas meias dançarem. Ela não acreditava no que estava dizendo. Ela sabia que estava morta. Mas ela não estava preparada para enfrentar isso.

Quanto a ser capaz de mover objetos, o Dr. Davidoff dissera que um tipo de fantasma era capaz: um meio-demônio telecinésico. Quando Liz ficava brava, objetos

atacavam quem quer que ela estivesse zangada. Agora, como fantasma, ela finalmente aprendeu a controlar seu poder.

Em vida, Liz pensou que tinha um poltergeist. Na morte, ela era uma. Ela simplesmente não podia aceitar isso ainda. E eu não iria forçá-la.

8



TIVEMOS ESPAGUETE E ALMÔNDEGAS NO JANTAR. A comida favorita da Rae. Não consegui comer, apenas dava pequenos goles da minha Coca normal, mas ela não notou minha falta de apetite. Ela parecia uma criança em seu primeiro dia de volta do acampamento, com tanta coisa para contar que as palavras borbulhavam como um córrego sem fim.

Ela teve uma sessão de treinamento, uma palestra sobre demonologia e uma longa conversa com o Dr. Davidoff, que contou tudo sobre a mãe dela e a esperança que tinham de conseguir entrar em contato com ela. E enquanto ela falava, tudo o que eu conseguia pensar era: *nós fomos modificados geneticamente. Somos monstros Frankensteins – monstros Frankensteins que deram errado.* E eu não tinha ideia em como dar a notícia.

“Eu vi o Brady hoje.” Eu finalmente desabafei.

Rae parou com seu garfo no ar, e os fios de espaguete balançando.

“Brady? Sério? Ele está aqui? Oh meu Deus, isso é tão legal.” O sorriso dela brilhou. “E você sabe quais as primeiras palavras que vão sair da boca daquele garoto? ‘Eu te avisei’. Ele continuava a falar que não tinha nada de errado com ele, que tinha uma coisa estranha acontecendo...”

“Ele está morto Rae. Entrei em contato com o fantasma dele.”

Ela piscou. Piscou lentamente, e então era como se alguém houvesse paralisado todos os músculos do seu rosto e ela ficou completamente parada, seus olhos vazios, sem expressão.

“E- Eu sinto muito. Eu não pretendia dar a notícia desse jeito...”

“Por que você está inventando uma...” ela pareceu mastigar as palavras, procurando pela melhor, antes de cuspir “... Uma mentira tão vil.”

“Mentira? Não! Eu nunca...”

“Por que você está fazendo isso, Chloe?”

“Porque estamos em perigo. Nós fomos modificados geneticamente e isso acabou dando errado. O Grupo Edison matou a Liz e o Brady e...”

“E é só uma questão de tempo antes que eles nos matem. *Uah, há, há!* Você realmente vê muitos filmes, não é? E agora aqueles garotos te fizeram uma lavagem cerebral, com toda aquela merda de teoria conspiratória.”

“Teoria conspiratória?”

“Toda aquela conversa sobre a Casa Lyle e as pessoas más para quem o pai do Simon trabalhava. Esses caras fizeram uma lavagem cerebral em você, e precisam transformar o Grupo Edison no vilão. Então não venha contar histórias sobre a Liz e o Brady estarem mortos.”

Minha voz ficou tão fria quanto à dela.

“Você não acredita em mim? Ótimo. Vou invocar a Liz e você pode fazer a pergunta que somente ela pode responder.”

“Não se incomode.”

Eu levantei.

“Não, sério. Eu insisto. Vai levar somente um segundo.”

Quando fechei meus olhos a cadeira dela rangeu. Dedos se fecharam contra meu antebraço. Abri meus braços para ver seu rosto a centímetros do meu.

“Não jogue comigo, Chloe. Tenho certeza que você consegue me fazer pensar que a Liz está aqui.”

Olhei nos olhos dela e vi uma ponta de medo. Rae não iria me deixar invocar a Liz por que tinha medo de saber a verdade.

“Apenas me deixe...” eu comecei.

“Não.”

Ela apertou ainda mais o meu braço, seus dedos escaldantes. Eu arfei e puxei meu braço. Ela me largou rapidamente e um olhar ferido apareceu em seu rosto. Ela

começou a se desculpar, então parou, marchou pela sala, ligou para a recepção e informou que havíamos acabado de jantar.

Na verdade eu estava feliz por voltar para minha cela. Eu tinha que encontrar uma maneira de convencer a Rae que precisávamos escapar... E o que eu faria se não conseguisse.

Eu tinha que sair. Aqueles pontos de interrogação ao lado do nome do Derek significavam que eles ainda não haviam decidido o que fazer com ele, eu já sabia disso. Agora eu vi as mesmas marcas ao lado do meu nome.

Eu tinha que bolar um plano de fuga rapidamente. Mas no momento que me estiquei na cama e comecei a pensar, descobri que minha Coca Cola no jantar não tinha sido um refrigerante normal. Eu havia sido drogada.

Caí em um sono sem sonhos, e não acordei até alguém tocar meu ombro. Abri meus olhos para ver Sue, a mulher de cabelos grisalhos que havia nos perseguido no pátio da fábrica. Ela estava parada lá, sorrindo para mim como uma enfermeira gentil. Meu estômago se retorceu e tive que olhar para longe.

“Hora de levantar, querida.” Ela falou. “Dr. Davidoff deixou você dormir até mais tarde hoje, mas nós teremos uma tarde cheia de lições que eu tenho certeza que você não vai querer perder.”

“T-Tarde?” falei sentando. “Que horas são?”

“Quase onze e trinta. Rachelle e Victoria estão terminando suas lições da manhã e irão encontrar com você no refeitório para o almoço.”

9



O ALMOÇO FOI BURRITO VEGETARIANO, SALADA, E ÁGUA engarrafada. A escolha da Tori aparentemente. Rae disse um ‘oi’ educado para mim, então nem mais outra palavra. Pelo menos ela tinha feito contato visual, que foi mais do que eu poderia dizer pela Tori.

Estávamos terminando quando o Dr. Davidoff entrou.

“Peço desculpas pela interrupção, meninas,” disse ele, “mas eu preciso falar com a Chloe.”

Levantei.

“Claro. Onde...?”

“Aqui está bom.”

Ele demorou para se sentar em uma cadeira. Suor escorria pela minha nuca, como uma criança escolhida na frente da classe.

“Agradecemos a ajuda que você nos deu para tentar encontrar Simon, Chloe. Nós estamos muito preocupados, como vocês meninas sabem.”

“Claro,” disse Rae. “Ele precisa daquele medicamento. Se eu fizesse alguma ideia de onde encontrá-lo, eu diria.”

Ela parou e olhou para mim. Tori fez o mesmo, e eu entendi porque eu não estava recebendo esse sermão em particular.

“Eu lhe dei aquela lista de lugares,” eu disse rapidamente. “Isso é tudo que eu tenho.”

“Eles não estavam lá, Chloe,” disse o Dr. Davidoff. “Então nós reconsideramos sua oferta. Gostaríamos de levá-la conosco na nossa busca, esta tarde.”

Aquela batida que eu ouvi? A colisão de clichês.

Um: cavalo dado não se olha os dentes.

Dois: se soa bom demais para ser verdade, provavelmente é. Mentiram e me enganaram tantas vezes nos últimos dias que eu não estava simplesmente questionando a saúde bucal desse cavalo – eu estava examinando-o do nariz à cauda.

“Você quer que eu vá com você...”

“Sim, e com sorte, os meninos vão vê-la e sair. Há apenas um problema.”

Ah, eu tinha certeza que havia *muitos* problemas com essa hipótese.

“Os lugares que você nos forneceu não parecem certos,” disse ele. “Os meninos são espertos, e o pai deles lhes ensinou bem. Eles ou escolheriam um local privado ou um muito público, e as possibilidades que você forneceu não são nenhum dos dois. Nós achamos que deve haver um que você esqueceu de mencionar.” Ele fez uma pausa, encontrando o meu olhar. “Se não houver, então não vemos o porquê de levá-la junto.”

Essa segunda batida? O som de outra bomba caindo. Dr. Davidoff sabia por que eu queria ir com eles, e ele decidiu jogar o meu jogo. Eu ousaria jogar junto?

“Vamos, Chloe,” Rae sussurrou.

“É melhor você não achar que está protegendo-os ao manter sua boca fechada,” disse Tori. “Simon está doente, Chloe. Se ele morrer, espero que ele te assombre até...”

“Chega, Tori,” o Dr. Davidoff disse.

“Eu... talvez tenha outra ideia,” eu disse. Ai Deus, era *melhor* eu ter outra ideia. Por mais que eu pensasse, porém, eu precisava de tempo para bolar algo bom e eu não ia conseguir aquele tempo. Então eu contei, aos trancos e barrancos, uma história podre sobre Derek e eu correndo pela fábrica, até encontrarmos um esconderijo. Talvez seja esse que ele tenha querido dizer que era o nosso local de encontro. Só que tinha estado escuro, e nós tínhamos corrido por tantos prédios que eu não tinha certeza exatamente em qual tínhamos nos escondido, mas eu reconheceria quando o visse.

O Dr. Davidoff sorriu, e me preparei para que ele me pegasse na mentira, mas ele apenas disse:

“Então é uma coisa boa você estar vindo, não é?”

“E eu,” Tori disse. “Eu mal saí do meu quarto desde que chegamos aqui, e eu não fui para fora desde que a Chloe chegou à Casa Lyle. Eu quero ir também.”

“Não é uma excursão,” Rae resmungou.

“A sua ajuda embora apreciada, não será necessária,” disse o Dr. Davidoff.

“Você acha que eu quero *ajudar*? Claro, darei uma olhada em volta, pelo bem do Simon. Mas eu preciso ir às compras.”

“Compras?” o Dr. Davidoff encarou-a como se ele tivesse ouvido mal. Todos nós fizemos o mesmo.

“Você sabe quanto tempo faz desde que eu comprei coisas novas? É primavera, e tudo que eu tenho é do ano passado.”

“Que *tragédia*. Alguém chame a Anistia Internacional.” Rae olhou para Tori. “Você vai sobreviver. Tenho certeza de que tudo ainda lhe serve.”

“Que é mais do que podemos dizer pelo seu guarda-roupa. Quer outro agasalho, Rachelle? Você só teve dois até agora.”

Rae ergueu a mão, os dedos espalmados para Tori.

“Gosta de queimaduras de terceiro grau, Rainha Victoria? Você só teve de primeiro grau até agora.”

“Meninas, basta. Victoria...”

“E quando a minha mãe me trancafiou na Casa Lyle, ela fez um acordo. Se eu melhorasse, ela me compraria um novo laptop. O melhor do mercado.”

“Por quê?” Rae disse. “Para que você possa mandar mensagens para os seus amigos mais rapidamente?”

“Não, para que eu possa trabalhar no meu pacote de entrada para o acampamento de design de software do MIT.”

Rae riu, e Tori olhou feio. Ela estava falando sério. Tori, a nerd de computador? Eu tentei imaginar isso, mas mesmo a minha imaginação não era tão boa assim.

Tori virou-se para o Dr. Davidoff.

“Obviamente, eu não posso melhorar, e minha mãe sabia disso quando fez essa promessa. Então ela me deve um laptop.”

O Dr. Davidoff franziu a testa, como se estivesse tentando seguir sua lógica. Então ele sacudiu sua cabeça.

“Tudo bem, Victoria. Vamos pedir para você...”

“Eu sei do que preciso e pego eu mesma.”

O Dr. Davidoff ficou parado.

“Como desejar. Amanhã iremos...”

“Hoje. E eu quero um guarda-roupa de primavera, também.”

“Ótimo. Eu vou pedir a alguém para levá-la...”

“Você acha que eu vou deixar alguma estúpida de meia-idade me ajudar a escolher roupas? Eu vou hoje para que Chloe possa me dar uma segunda opinião.”

“Você quer que a Chloe a ajude nas compras?” disse Rae.

“Bem, certamente não quero você, skatista. Chloe pode ser uma perdedora, mas é uma perdedora com dinheiro, e alguém lhe ensinou um tico de senso fashion.”

“Não, Victoria,” disse o Dr. Davidoff. “Você não vai...”

Ela andou até ele, levantou-se nas pontas dos pés, e sussurrou em seu ouvido. Um olhar passou pelo seu rosto, um terço choque, dois terços de puro terror.

“Vejo,” disse ele. “Sim, agora que penso nisso, talvez você possa nos ajudar a encontrar os meninos.”

“Eu pensei que sim.”

Ela vagueou de volta para sua cadeira. Chantagem? Duas semanas atrás, eu teria ficado horrorizada.

Hoje, fiquei impressionada.

É um momento clássico do cinema. Nosso herói, preso em uma prisão na selva, planeja e esquematiza até finalmente se libertar... Para encontrar-se há quilômetros da civilização, sem idéia de como chegar em casa. Da mesma forma, o meu truque de ‘ajudar’ a encontrar Simon e Derek tinha dado certo, e tinha apenas uma noção fraca de como aproveitar a oportunidade.

E o Dr. Davidoff não me deu tempo para planejar minha próxima jogada. Ele chamou a Sue e disse aos outros para nos encontrar na porta da frente. Eu pedi para uma parada no meu quarto para pegar algo mais quente, mas ele disse que faria isso por mim. Eu tive a perspicácia de especificar que moletom eu queria – o Gap verde de capuz da Liz.

Enquanto Tori e eu esperávamos na frente com a Sue, senti uma onda quente, agora familiar, formigar pela minha nuca.

“Indo embora sem dizer adeus?” a voz da semi-demonio sussurrou no meu ouvido. “E me deixando presa aqui, depois de tudo que fiz por você?”

Não havia nenhuma ameaça em sua voz, apenas uma cadência provocadora.

“Sinto muito,” eu disse automaticamente.

“Um pedido de desculpas? Meu Deus, que criança educada. Não precisa se desculpar. Eu não esperava que você me libertasse agora. Você vai voltar quando estiver pronta, e quando estiver, estarei esperando.”

“Garotas?” o Dr. Davidoff disse, caminhando em nossa direção. “Nosso carro está aqui.”

Enquanto o seguíamos para fora, a brisa quente bagunçou meu cabelo.

“Adeus, criança. E fique atenta, você e seu pequeno grupo de mágicos e monstros. Mantenha esses seus poderes adoráveis prontos. Eu odiaria que o apocalipse começasse sem mim.”

10



NÓS RODAMOS EM UMA MINIVAN COM O DR. DAVIDOFF, a mãe da Tori e um motorista que não reconheci – um segurança loiro. Atrás de nós, em outro carro, estava Sue, um motorista careca, e um homem de cabelos escuros que segurava a arma na noite em que escapamos da Casa Lyle.

Havia uma quarta pessoa no carro: a tia Lauren. Eu não a havia visto – eu sabia somente por que o Dr. Davidoff falou que ela estaria lá. Quando ele o fez, entrei na van o mais rápido que pude, para não vê-la saindo.

Como eu iria encarar a tia Lauren? Só de pensar sobre isso já fazia meu estômago doer. Eu havia passado as últimas vinte e quatro horas tentando não pensar nela, e sobre o que ela havia feito. Minha mãe morreu quando eu tinha cinco anos. Tia Lauren era sua irmã mais nova. Em todos os anos em que estive me mudando de um lado para outro com o papai, que estava sempre trabalhando, me deixando com uma sucessão de babás e empregadas, a tia Lauren havia sido a única coisa estável em minha vida. A pessoa com quem eu sempre poderia contar. Então depois que escapei, quando estava ferida e Rae e eu estávamos separadas dos rapazes, nós fomos pedir ajuda para ela.

E a tia Lauren me levou de volta para o Dr. Davidoff. Se ela achasse que estava levando sua sobrinha maluca de volta para as pessoas boas que podem ajudá-la, então por mais furiosa e magoada que eu estivesse, teria entendido. Mas tia Lauren não foi enganada por essas pessoas. Ela é um deles.

Ela me colocou – ou mais provavelmente minha mãe – no experimento deles. Ela permitiu que eles matassem o Brady, a Liz, e outra garota, talvez até mesmo os tenha ajudado a matá-los. E agora, sabendo de tudo isso, tenho que olhar para ela e fingir que está tudo bem.

A minivan possuía um assento no meio que podia ser virado e foi nele que a mãe da Tori se sentou. Na primeira parte da viagem, ela leu seu *Wall Street Journal*⁷, seu olhar se levantando de vez em quando para se certificar que não havíamos

⁷ O *The Wall Street Journal* é um jornal publicado na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos. É o jornal de maior circulação nos Estados Unidos, segundo dados de março de 2010.

desaparecido. Tori e eu ficamos olhando por nossas respectivas janelas, como se elas não fossem tão fortemente pintadas para vermos mais do que sombras do lado de fora.

Não houve oportunidade para pegar minha mochila. Nem mesmo foi permitido que Tori carregasse sua bolsa, por mais que ela tenha discutido. Pelo menos eu tenho dinheiro. Cheguei a Casa Lyle com minhas notas de vinte e o cartão de crédito escondido em meus sapatos e eles ainda estavam lá. Eu estava usando jeans, uma camiseta de mangas compridas e tênis. Uma muda de roupas de baixo e meias limpas teria sido muito bom, mas no momento, minha maior preocupação era o quão fina minha camiseta era.

“Dr. Davidoff?” me inclinei o máximo que meu cinto de segurança permitiu. “O senhor pegou o casaco para mim?”

“Oh sim. E você vai precisar. Está frio lá fora. Diane? Você poderia alcançar isso para a Chloe?”

Quando vi o casaco verde sendo passado sobre os assentos, deixei escapar um suspiro de alívio.

“Esse não é o casaco da Liz?” Tori perguntou.

“Eu acho que não.”

“Não?” Ela o tirou de mim e leu a etiqueta. “Desde quando você usa tamanho médio? Aposto que você ainda nem saiu das roupas do departamento infantil.”

“Muito engraçado. Sim, normalmente uso um tamanho menor...”

“Extra-pequeno.”

“Mas gosto dos meus moletoms grandes, certo?”

“Você acha que sou estúpida? Esse é o mesmo moletom que peguei emprestado com a Liz – o que você veio em meu quarto pedir outro dia desses.”

A mãe da Tori abaixou o jornal.

“Eu – eu achei que a Liz fosse querer ele de volta. A Rae mencionou que você ainda estava com ele então...”

“Então você se elegeu a guardiã das coisas da *minha* amiga?”

A mãe da Tori dobrou o jornal sobre o colo, suas longas unhas vermelhas apertavam as dobras.

“Esse é o moletom da Liz, Chloe?”

“T- talvez. Quando saímos da Casa Lyle, peguei as roupas no escuro. Eu tenho um parecido com este. Eu iria usá-lo hoje, então o entregaria para você, para entregar para a Liz.”

“É melhor.” Tori começou a entregá-lo de volta para mim.

A mãe dela o puxou de suas mãos e o dobrou sobre o colo.

“Vou me certificar que a Liz o receba.”

“P-posso usá-lo hoje? Dr. Davidoff falou que está f-frio...”

“Você vai ficar bem.”

Tori revirou os olhos.

“Não é nada de mais, mamãe. Apenas devolva para ela.”

“Eu falei que não. Que parte disso não ficou clara, Victoria?”

Tori resmungou baixo e voltou a olhar pela janela.

A mãe dela olhou para mim, sua expressão indescritível.

“Tenho certeza de que você ficará bem sem isso.”

Quando o motorista nos deixou na rua atrás do complexo da fábrica, meus dentes estavam batendo e não apenas por causa do frio. A mãe da Tori sabia por que eu estava com aquele moletom – e que eu havia descoberto que a Liz estava morta. E por qual outro motivo uma necromante faria questão de carregar um objeto pessoal dela?

Primeiro o Dr. Davidoff, agora a mãe da Tori. Algum deles não viu através dos meus planos?

Talvez uma pessoa. A única que talvez ainda me visse como a doce e pequena Chloe. A única que acha que eu realmente não tinha a intenção de fugir da Casa Lyle, mas apenas fui pega no meio do plano dos garotos.

“Tia Lauren?”

Caminhei na direção quando ela saiu do carro com a Sue. Parecia que eu estava olhando para uma estranha que havia tomado a forma da minha tia.

“Você está congelando.” Ela esfregou meus braços, tomando cuidado com o ferimento. “Onde está o seu casaco?”

Vi a mãe da Tori observando. Se eu contasse para a tia Lauren, ela iria contar por que eu queria o casaco da Liz.

“Eu esqueci. Estava quente na semana passada.”

Ela olhou ao redor.

“Alguém tem um casaco extra...?”

O homem de cabelos escuros desceu do carro e estendeu um casaco de nylon.

“Obrigada, Mike.” Tia Lauren falou e me ajudou a colocá-lo.

As mangas pendiam á alguns centímetros além de meus dedos. As enrolei, esperando que as dobras ajudassem a me manter aquecida, mas a jaqueta era tão fina que não parecia capaz de impedir o vento.

“Você está com a insulina?” perguntei.

“Eu estou, querida. Não se preocupe.”

Enquanto o grupo se preparava para a procura, permaneci próximo a tia Lauren. Ela gostou disso, e manteve seus braços ao meu redor, massageando meus ombros, como se para me manter aquecida. Cerrei meus dentes e permiti que ela continuasse.

“Agora, Chloe.” Dr. Davidoff falou quando todos estavam prontos. “Diga-nos onde procurar.” O verdadeiro lugar de encontro, era um armazém próximo à fábrica. Então a intenção é mantê-los o mais longe de lá quanto for possível, caso os rapazes decidam que é uma boa hora para checarem o esconderijo.

“Nós começamos no armazém onde vocês nos rastrearam e eu fiz isso...”
Levantei meu braço ferido.

“Pulando por uma janela.” O Dr. Davidoff falou.

Eu assenti.

“Eu não sabia que havia me ferido, então nós corremos. Derek queria nos levar o mais longe do armazém possível. Nós parecíamos estar correndo sem parar, seguindo ao redor desses prédios, tentando encontrar um bom esconderijo. Eu... Eu não estava prestando muita atenção. Estava escuro e eu não conseguia ver. Derek conseguia, então o segui.”

“A visão noturna do Lobisomem é aprimorada.” O Dr. Davidoff murmurou.

“Finalmente encontramos um lugar que o Derek falou que daria um bom esconderijo e deveríamos ficar lá até que vocês fossem embora. Mas então ele farejou sangue...”

As mãos da tia Lauren apertaram meus ombros, como se estivesse me imaginando a segundos de ser devorada.

“Então ele me ajudou.” Continuei. “Ele fez um curativo, mas falou que estava ruim e eu precisaria de pontos. Então ele farejou o Simon. Foi por isso que continuamos – por causa do meu braço e do Simon – mas antes de sairmos, ele falou que o lugar daria um bom esconderijo, que deveríamos lembrar disso.”

“E você não lembrou.” Tori falou. “Muito bem.”

“Estava escuro e eu estava confusa. Imaginei que ele deveria se lembrar...”

“Nós entendemos, Chloe.” Dr. Davidoff falou. “E você está certa. Isso certamente soa mais promissor do que suas outras sugestões. Porém somente se você reconhecer o lugar no momento que o ver.”

“Nós tivemos que rasgar minha camiseta para fazer a bandagem. O restante dela ainda deve estar lá.”

“Tudo bem então, Chloe, você vai com a Sra. Enright...”

As mãos da tia Lauren se apertaram em meu ombro.

“Eu vou levar a Chloe.”

“Não, você vai com a Victoria.”

“Mas...”

A mãe da Tori a interrompeu.

“Você possui feitiços ofuscantes, Lauren?”

“Não, mas...”

“Você possui algum poder?”

O aperto da tia Lauren em meus ombros aumentou.

“Sim, Diane. Eu possuo o poder da medicina, e é por esse motivo que devo ser a primeira no momento em que encontrarmos o Simon...”

“Você estará nas proximidades.” Dr. Davidoff falou. “Eu preciso que a Chloe tenha uma escolta, mas não podemos deixar que os garotos vejam a acompanhante. Diane tomará conta disso.”

11



UM FEITIÇO OFUSCANTE ACABOU SENDO UMA DAQUELAS coisas que se vê nos filmes de ficção científica, quando o vilão simplesmente desaparece, camuflado por trás de um campo de força. Usando efeitos é fácil de fazer. E aparentemente também é fácil na vida real, se você for uma bruxa.

A mãe da Tori caminhou bem ao meu lado, quase invisível. Com nenhuma chance de escapar tive que interpretar meu papel, procurando pelo local de encontro, o que me deu uma desculpa para esperar por uma oportunidade de fugir. Talvez um buraco na parede, pequeno demais para a mãe da Tori me seguir, algumas caixas precariamente empilhadas que eu poderia jogar sobre a cabeça dela, ou um martelo esquecido que poderia ser usado para bater contra o cérebro dela.

Eu nunca “marteleï” ninguém em minha vida, mas com a mãe da Tori, eu estava disposta a tentar.

Da rua, o lugar parecia com uma fábrica normal, com alguns prédios adjacentes. Mas quando se entrava nela, havia prédios por todos os lados, muitos deles nem mesmo sendo usados. Um verdadeiro achado imobiliário. Ou seria... Sem as fábricas poluidoras para acabar com o bairro.

As pilhas espalhadas pelo local eram o único sinal de que a fábrica ainda estava em funcionamento. Provavelmente trabalhando muito abaixo da capacidade, mal se aguentando, como muitas das indústrias em Buffalo. Eu não fazia ideia do que eles fabricavam. Aparentemente alguma coisa usando metal, pelo estoque nos armazéns. Certa vez, quando estávamos correndo entre os prédios, tivemos que nos esconder atrás de alguns tambores enquanto um caminhão passava pelo pátio, mas aquele havia sido o único empregado que vimos.

O terceiro prédio que averiguamos estava aberto, então a mãe da Tori não precisou usar um feitiço para destrancá-lo. Quando entramos, pensei, *esse parece promissor*. Os últimos dois haviam estado cheios de equipamentos e rolos de metais. Esse parecia estar abandonado e repleto de caixas. Elas haviam sido empilhadas precariamente, mas havia muitos armazéns para procurar.

Enquanto nos movíamos mais para o fundo, vi o que parecia uma coluna de caixas desequilibrada. Próximo a ela havia uma pilha de canos de metal, do tamanho perfeito para bater em alguém.

Segui na direção dos canos, meus olhos focados no chão, enquanto procurava pela minha camiseta rasgada.

“Acho que podemos acabar com essa charada agora, Chloe.” A mãe da Tori falou.

Virei lentamente, levando um momento para usar minha melhor expressão de olhos arregalados.

“Não há camiseta aqui.” Ela falou. “Ou ponto de encontro. Talvez haja algum em outro lugar nessa fábrica, mas não aqui.”

“Vamos tentar no próximo...”

Ela segurou meu braço quando passei por ela.

“Todos sabemos que você está tentando escapar novamente. Marcel só espera que o verdadeiro ponto de encontro seja perto, e que você está deixando uma trilha, uma que irá motivar o Derek a investigar o local assim que ele pensar que fomos embora.”

Deixando uma trilha? Oh não. Por que não pensei nisso? Eu não preciso estar aqui para chamar a atenção do Derek. Se ele farejar que estive próximo á fabrica...

“Não estou tentando escapar. Quero ajudar o Simon. Precisamos encontrá-lo...”

“Os garotos não me interessam. Você sim.”

“Eu?”

O aperto em meu braço se intensificou.

“Todas aquelas crianças estavam na Casa Lyle por meses, se comportando, trabalhando duro para ficar melhor. Então você chegou e repentinamente, tivemos um motim em grande escala em nossas mãos. No espaço de uma semana quatro residentes escaparam. Você é bem instigadora, não é?”

Eu havia sido o catalisador, não o instigador. Mas corrija-la não me daria mais pontos.

Ela continuou.

“Você agiu, enquanto o restante engolia nossas mentiras e rezavam para serem resgatados. Minha filha nem ao menos teve a coragem de se juntar a você.”

Umm, porque você destruiu qualquer luta restante dentro dela? Porque você a fez acreditar que tinha que ser a paciente perfeita para agradar você?

“O destino nos preparou uma reviravolta desagradável, Chloe Saunders. Ele prendeu você a sua querida tia Lauren, sempre assustada e retorcendo as mãos. Uma combinação perfeita para minha filha sem coragem. Mas quando o destino erra conosco, o livre arbítrio pode consertar as coisas. Acredito que você e eu podemos chegar a um acordo que irá beneficiar a nós duas.” Ela largou meu braço. “Dra. Gill me falou que você contatou os espíritos dos antigos experimentos na casa Lyle.”

Não falei nada, meu olhar permaneceu firme.

“Eu sei que ela confrontou você.” A mãe da Tori continuou. “Um pouco fanática nossa Dra. Gill, tenho certeza que você notou. Ela é obcecada com os segredos do Lyle. Ambição é saudável. Obsessão não.” Ela olhou para mim. “Então o que aqueles espíritos te contaram?”

“Nada. Acidentalmente os ergui da morte, então eles não estavam muito interessados em conversar comigo.”

Ela riu.

“Suponho que não. Mas para você, nessa idade, erguer os mortos...” Os olhos dela brilharam. “Notável.”

Certo, aquilo havia sido idiota. Eu acabara de confirmar que acordara os mortos. Uma lição em manter aquilo sob controle.

“Você pode entrar em contato com eles novamente?” ela perguntou.

“Posso tentar.”

“Inventiva e razoável. Essa é uma combinação que vai levar você longe. Então é isso o que faremos. Vou falar para o Dr. Davidoff que encontramos o local aqui. A camiseta se foi, provavelmente levada pelos garotos. Mas eles deixaram isso.” Ela retirou uma página do bolso. Era do bloco de desenho do Simon, que havia sido cuidadosamente retirado. De um lado havia parte de um desenho, claramente o trabalho do Simon. Do outro, ela havia escrito em letras de forma: BSC CAFÉ 14 HORAS.

“Encontre-nos da Cafeteria Buffalo State às duas horas.” Falei. “Porém essa página está muito limpa. Eles vão saber que não foi deixada aqui.”

A peguei e caminhei até os canos de metal esfregando a nota pelo chão sujo. Então parei ainda abaixada e olhei para ela.

“E quanto à insulina?”

“Tenho certeza que os garotos já encontraram alguma.”

“Podemos deixá-la aqui, apenas para o caso?”

Ela hesitou. Ela não queria se incomodar, mas se fosse ganhar minha confiança...

“Vou pegar os frascos com a Lauren mais tarde e trazê-los até aqui.” Ela falou. “Mas agora, precisamos entregar o recado.”

Ela se virou para sair. Passei meus dedos ao redor de um dos canos, então levantei, batendo na parte de trás da cabeça dela.

Ela girou, seus dedos se movendo rapidamente. Pulei para trás de uma pilha de caixas, o cano voou das minhas mãos e rolou pelo chão. Corri para pegá-lo, mas ela foi mais rápida, o pegando e o brandindo.

A boca dela se abriu, mas antes que pudesse falar uma palavra, uma das caixas da pilha sobre minha cabeça saiu voando. Ela desviou e a caixa passou zumbindo. Mais atrás estava a Liz.

Corri na direção da pilha de canos, mas a senhora Enright me atingiu com outro feitiço. Meus pés não atenderam, minhas mãos esticadas atingiram o chão e a dor explodiu em meu braço ferido. Quando olhei ao redor, tive um vislumbre da camisola da Liz atrás de uma das pilhas.

“Elizabeth Delaney, eu presumo.” A senhora Enright se moveu contra uma parede, seu olhar pulando de um lado para outro, pronta para o próximo objeto voador. “Então, parece que na morte você finalmente controlou seus poderes. Se pelo menos isso tivesse acontecido mais cedo. Grande perda.”

Liz congelou entre as pilhas, seu rosto ferido com a confirmação de sua morte pela Senhora Enright. Então ela ergueu os ombros e fixou seus olhos na pilha de caixas.

“Até mesmo na morte você pode ser útil, Elizabeth.” A Senhora Enright falou.

“Um poltergeist é um raro achado, um que irá ajudar o Dr. Davidoff superar seu desapontamento por ter perdido os queridos Simon e Derek.”

As caixas estremeciam e estalavam enquanto Liz as empurrava, seus tendões se retesando pelo esforço. Eu sinalizei freneticamente para ela se concentrar apenas na caixa do topo. Ela assentiu e a empurrou... Mas a Senhora Enright simplesmente deu um passo para fora do alcance.

“Já chega disso, Elizabeth.” Ela falou calmamente enquanto as caixas caíam atrás dela.

Liz agarrou uma tábua solta e a arremessou.

“Eu falei, que *chega*.”

Ela me atingiu com outro feitiço, este um choque elétrico que me deixou no chão, arfando e tremendo. Liz se agachou ao meu lado. Eu sussurrei que estava bem e levantei até ficar sentada. Todo meu corpo latejava.

A senhora Enright olhou ao redor, incapaz de ver a Liz a menos que ela movesse algo.

“Não posso ferir você, Elizabeth, mas posso acertar a Chloe. Se uma farpa de madeira voar, vou acertá-la com outro raio de energia. Está claro?”

Lutei até ficar em pé e corri para a porta. Corri cerca de um metro e meio antes de congelar. Literalmente.

“É chamado de feitiço de amarração.” A senhora Enright falou. “Muito útil. Agora, Elizabeth, você vai se comportar enquanto a Chloe e eu...”

O feitiço se quebrou. Tropecei para frente, girando para recuperar o equilíbrio, olhei para cima e a vi congelada. Uma figura escura saiu das sombras.

“Um feitiço de amarração?” Tori caminhou para frente. “É assim que você chama isso, mamãe? Você está certa. É muito útil.”

Ela caminhou na frente da forma congelada da mãe.

“Então eu sou um desapontamento, não é? Chloe é a filha que você gostaria de ter? Você sabe, eu realmente ficaria magoada com isso... se você realmente a conhecesse. Ou a mim.” Ela chegou mais perto. “Fazendo compras, mamãe? Eu estava presa em uma cela, minha vida está desmoronando, e você realmente acredita que quero

fazer compras? Você não me conhece melhor do que ela.” Ela acenou para mim. “Você...”

Tori tropeçou para trás arfando quando sua mãe se libertou e a acertou com um feitiço.

“Você tem muito que aprender, Victoria, se acha que pode me ferir.”

Tori retribuiu o olhar da mãe.

“Você acha que vim aqui por vingança? Isso se chama uma fuga.”

“Fuga? Então você vai fugir e morar nas ruas? A princesinha do papai dormindo nos becos?”

Os olhos da Tori brilharam, mas ela apenas falou calmamente.

“Vou ficar bem.”

“Com o que? Você trouxe dinheiro? Um cartão de banco?”

“E como eu teria algum se você me manteve trancada?”

“Eu aposto que a Chloe possui algum dinheiro. Aposto que ela nunca deixou o quarto sem ele, só em caso de precisar.”

Ambas olharam para mim. Não falei uma palavra, mas a resposta deve ter aparecido em meu rosto. A senhora Enright gargalhou.

“Oh, eu vou conseguir dinheiro mamãe.” Tori falou. “Vou pegar de você.”

Ela jogou os braços para baixo e uma onda de energia bateu contra a mãe dela e eu, nos jogando para trás. Tori abanou as mãos sobre a cabeça. Fagulhas voaram, levadas por uma rajada de vento que nos envolveu em um redemoinho de sujeira e ferragem. Fechei meus olhos e cobri meu nariz e boca.

“Você chama isso de magia poderosa, Victoria?” A mãe dela gritou acima do vento. “É uma crise temperamental. Você não mudou em nada. Só que agora você chama as forças da natureza para gritar e chamar a atenção.”

“Você acha que isso é tudo o que posso fazer? Apenas observe...”

Tori congelou em um feitiço de amarração. O vento parou. A poeira e as fagulhas flutuaram até o chão.

“Estou observando.” A senhora Enright falou. “E tudo o que vejo é uma peste mimada, com um novo carro caro, brincando por aí, sem se importar se alguém vai sair machucado. Tão egoísta e sem consideração como sempre.”

Os olhos da Tori brilharam com lágrimas. Enquanto a mãe caminhava na direção dela, voltei para a pilha de canos de metal.

“Agora, Victoria, se já acabou com suas crises, vou ligar para a Lauren vir buscar você e com alguma sorte ela vai conseguir *cuidar* de você dessa vez.”

Liz estava circulando na direção da Senhora Enright, seu olhar fixo em outra pilha de caixas. Eu balancei a cabeça. O ângulo estava errado e ela veria a pilha caindo. Abaixei-me e segurei um dos canos.

“Lauren Fellows não será a única pessoa a ser repreendida por essa pequena escapada.” A senhora Enright continuou. “Você acabou de ganhar uma semana em seu quarto, sozinha, sem aulas, visitas, ou MP3 player. Apenas um monte de tempo para pensar sobre...”

Eu balancei o cano. Atingindo a parte de trás da cabeça dela com um som desagradável. A arma voou das minhas mãos. Ela balançou e achei que não a atingi com força o suficiente. Tropecei em meus pés para pegar o cano, que agora rolava para longe.

Então ela caiu.

Tori quebrou o feitiço e correu na direção da mãe dela, caindo ao seu lado. Eu fiz o mesmo e chequei sua pulsação.

“Acho que ela está bem.” Falei.

Tori só ficou ajoelhada lá, olhando para a mãe.

Toquei o braço dela.

“Se você quer vir, nós temos...”

Ela me empurrou. Levantei pronta para deixá-la. Então percebi o que ela estava fazendo – ela estava checando os bolsos da mãe.

“Nada.” Ela falou entre dentes. “Nem mesmo um cartão de crédito.”

“Eu tenho dinheiro. Vamos.”

Com um último olhar na direção de sua mãe, ela me seguiu.

12



TORI E EU NOS ABAIXAMOS SOB UMA LONA COBRINDO a estrutura de um caminhão. Ele não possuía cabine, então não havia perigo de nosso esconderijo rodar para longe. Eu achei que aquele daria um bom esconderijo. A Tori discordou.

“Somos alvos fáceis aqui.” Ela rosnou, abaixada. “Tudo o que eles precisam fazer é levantar a lona e nos ver.”

“Se eles se aproximarem, nós corremos.”

“E como vamos saber disso? Não podemos ver nada.”

“Liz está observando.” Descruzei minhas pernas. “Sobre a Liz...”

“Ela está morta.” A voz dela estava áspera e dura. “Eu escutei minha mãe. Ela matou a Liz, não é? Ela e aquelas pessoas.”

“Eu-eu explicarei mais tarde. Precisamos ficar caladas. Alguém pode escutar...”

“Não há ninguém por perto, lembra? Por que a Liz – minha *amiga* Liz – é um fantasma e está observando. Aparentemente ela vem ajudando você, por Deus sabe quanto tempo e você nem se quer se incomodou de me dizer que ela estava morta, que eles a *mataram*.”

“Eu falei para a Rae...”

“É claro. Rachelle. Como aquilo funcionou para você?” Tori me olhou nos olhos. “Se você quer saber quem traiu vocês, olhe na direção dela.”

“Rae? Não. Ela nunca...”

“Bem, *alguém* contou. Se não foi eu, você, ou os rapazes, quem restou?”

“N-nós deveríamos ficar em silêncio. O som pode viajar.”

“Sério? Uau. Agora você vai me dar uma aula de ciência também. O Derek te ensinou isso?”

“Tori?”

“O que?”

“Cala a boca.”

Ela calou, por cerca de cinco segundos, então falou:

“A Liz já não deveria ter aparecido? Como você sabe que ela ainda está lá fora?”

“Ela vem e vai. É por isso que preciso daquele moletom para...”

Liz pulou para baixo da lona e parou sobre nós.

“Diga para ela *shhh!*”

“Eu já fiz isso.” Sussurrei. “Repetidamente.”

“Bem, eles escutaram e estão a caminho. É a sua tia e um cara com uma arma.”

Relatei aquilo para a Tori em um sussurro.

“O que? Então por que estamos sentadas aqui?” ela se jogou para o lado.

Segurei o braço dela.

“Hei!” ela falou alto o suficiente para a Liz gemer.

“De que lado eles estão vindo?” perguntei para a Liz.

Ela apontou para a esquerda. Engatinhei para o lado direito e levantei a lona.

Liz correu para fora.

“Não os estou vendo agora.”

Semicerrei os olhos contra o sol. Havia um prédio a cerca de uns seis metros,

mas eu não conseguia ver a porta. Inclinei-me para fora, para poder ver melhor. A minha esquerda havia uma pilha de latões enferrujados. Nós poderíamos nos esconder entre eles...

“Chloe!” Liz gritou. “Ele está bem...”

Uma batida em cima da carreta cortou a frase dela.

“Volte!” Liz falou. “Volte!”

“O que está acontecendo?” Tori sussurrou. “Ande!”

Quando tentei voltar, Tori me empurrou e voei para fora de nosso esconderijo, aterrissando de cara na terra.

“Bem, isso deixa as coisas mais fácies.” Uma voz soou.

Girei de costas. Lá, sobre o caminhão, estava o Mike – o homem que havia atirado contra nós no sábado à noite.

“Lauren?” ele falou. “É melhor me dar essa arma. Eu cuidarei disso.”

Com o olhar ainda fixo em mim, ele pulou para o chão. Ele estendeu a mão e a Tia Lauren deu a volta na carreta com um rifle nas mãos.

“Eu sinto muito, Chloe.” Ela falou.

Ela apontou a arma para mim e eu me arrastei para trás.

“N-não. E-eu não vou lutar. Eu...”

Ela virou a arma e atirou no Mike. O dardo o atingiu no braço. Ele olhou para aquilo. Então seus joelhos cederam.

A tia Lauren correu na minha direção e me ajudou a levantar.

“Tori, saia daí. Ele informou os outros quando escutamos vocês.”

Afastei-me, meu olhar na tia Lauren enquanto eu acenava para a Tori ficar pronta para correr. Tia Lauren agarrou meu braço; mas quando o puxei de volta, ela me soltou e deu um passo para trás.

“Por que você acha que atirei nele?” ela falou. “Por que deixei a Tori fugir de mim tão facilmente? Estou tentando ajudar. Vamos encontrar os garotos, então vamos procurar o Kit – o pai do Simon.”

Um toque estranho soou em meus ouvidos. Achei que poderia ser meu coração gritando de alegria. Tia Lauren realizou que estava errada. Ela ainda me ama. Ela iria me recompensar, concertando meus problemas como sempre e faria com que tudo ficasse bem.

Eu poderia imaginar algo mais perfeito?

Não, e foi por isso que lentamente dei outro passo para trás, com os dedos na lateral do meu corpo, abanando para que Tori ficasse pronta para fugir. Eu havia sido enganada muitas vezes para cair em um final ‘conto de fadas’ agora.

“Chloe, por favor.” Tia Lauren estendeu o estojo da insulina. Quando tentei pegá-lo ela segurou minha mão. “Eu cometi um erro, Chloe. Um grande erro. Mas vou concertá-lo.” Ela me entregou o estojo. “Agora siga por aquele caminho.” Ela apontou para a fábrica. “Fique nas sombras. Preciso escondê-lo sob o caminhão.”

Tia Lauren cuidou de tudo e nós circulamos os armazéns, seguindo na direção do portão da frente.

Ela jurou que ninguém do Grupo Edison estava cobrindo o portão da frente. Apesar de não termos visto empregados caminhando do lado de fora, o grupo não arriscaria se aproximar demais da fábrica.

E se ela estivesse mentindo e nos levando para uma armadilha? Eu esperava que o feitiço da Tori nos ajudasse a passar.

No lado mais distante do pátio paramos ao lado de um armazém para recuperar o fôlego.

“Tudo bem, garotas.” A tia Lauren falou. “Há um portão para entregas por ali. Está fechado, mas vocês duas devem ser capazes de se espremerem por ele. Sigam por duas quadras, então pela rua até o final. Vocês verão uma Seven-Eleven.”

Eu assenti.

“Eu sei onde fica.”

“Bom. Vão para os fundos da loja e esperem. Vou encontrar vocês lá.”

Tori saiu correndo, mas eu fiquei lá, olhando para a tia Lauren.

“Chloe?”

“A Tori não nos entregou, não é?”

“Não. Agora...”

“Foi a Rae, certo?”

A tia Lauren parou e vi a resposta nos olhos dela.

“Não sou a única que erroneamente achou que estava fazendo a coisa certa, Chloe.”

Comecei a me virar. Ela pegou o meu braço e estendeu um envelope dobrado.

“Uma explicação e algum dinheiro.” Quando não o peguei, ela se inclinou e o colocou em meu bolso de trás. “Se você decidir continuar fugindo, eu não culparei você. Mas, por favor, me dê uma chance. Uma última chance.”

Eu assenti. Ela me puxou para um abraço, beijou minha bochecha e me soltou. Tori já havia passado pela esquina do prédio, desaparecendo da vista quando a Liz gritou atrás de mim.

“Chloe!”

Virei tão rápido que perdi o equilíbrio. A tia Lauren acenou para que eu continuasse, mas vi somente a figura atrás dela. A mãe da Tori.

Gritei a alertando, mas a mão da senhora Enright se levantou. Um raio voou de seus dedos. Atingindo a tia Lauren com um terrível som de estouro, a tirando do chão. Sangue jorrou de seus lábios, manchando o concreto, quando ela caiu.

13



COMECEI A CORRER PARA A TIA LAUREN. PERCORRI ALGUNS metros antes da mãe da Tori me prender em um feitiço de amarração. Escutei ela falar algo, mas não consegui entender o que era. Meus ouvidos estavam cheios com meus próprios gritos silenciosos enquanto eu olhava para a tia Lauren, caída no chão sem se mover. Finalmente a voz da Senhora Enright chegou até mim.

“Eu provavelmente deveria perguntar onde minha querida filha está.”

“Bem aqui.” Falou a voz vinda de trás de mim.

A cabeça da senhora Enright se ergueu. Suas sobrancelhas se enrugaram. Seus lábios se separaram. Então ela voou para trás, atingida por um feitiço da Tori. Meu feitiço se quebrou. Pulei na direção da tia Lauren, mas a Tori agarrou meu braço.

“Nós temos que ir.” Ela falou.

“Não. Eu...”

A senhora Enright se recuperou, suas mãos voavam enquanto ela lançava um feitiço. Tori me puxou para fora do caminho e o feitiço atingiu a parede, abrindo um buraco enegrecido.

“Você pode lutar contra ela.” Falei. “Faça com que ela pare e eu vou pegar a arma...”

“Não posso.”

Tori soltou meu braço. Eu me afastei. Ela resmungou:

“Ótimo”, então saiu correndo e desapareceu na esquina.

A mãe da Tori levantou as mãos novamente. Então uma voz gritou a distraíndo:

“Eles estão aqui!”

Dei uma última olhada para a tia Lauren e corri.

Não havia como chegarmos até a área de entrega agora. Logo percebi por que a tia Lauren havia nos enviado na frente – para que ela pudesse nos dar cobertura, por que estaríamos expostas a qualquer empregado entrando no pátio lateral, e não podíamos nos dar ao luxo de disparar nenhum alarme.

Espiamos na esquina do próximo prédio, observando o espaço vazio, e escutando as vozes se aproximarem e soubemos que nunca conseguiríamos.

“E agora?” Tori falou.

Eu não respondi.

“Vamos!” ela sussurrou. “Qual é o plano?”

Eu queria agarrá-la e sacudi-la e falar que não havia plano algum. Eu nem ao menos conseguia prender minha mente nesse conceito. Minha tia poderia estar morta. *Morta*. Isso era tudo com o que eu conseguia pensar.

“Chloe!” ela sussurrou. “Rápido! O que vamos fazer?”

Eu queria dizer para que ela me deixasse em paz. Que criasse seu próprio plano. Então vi seus olhos, iluminados com medo que rapidamente estava se transformando em pânico e as palavras morreram em minha garganta.

Ela acabara de descobrir que a Liz estava morta. Ela viu minha tia possivelmente ser morta pela mãe. Nenhuma de nós duas estávamos em condições de pensar, mas uma de nós tinha que fazê-lo.

“A sua tia falou que o Grupo Edison não iria se aproximar da parte da frente.” Ela falou. “Se nós correremos naquela direção...”

“Eles farão uma exceção. Ou achar uma maneira de nos neutralizar. Mas...” olhei ao redor. Meu olhar parou na gigantesca construção que dominava o pátio. “A fábrica.”

“O que?”

“Fique perto.”

Eu conhecia duas portas – a saída de emergência que usamos em nossa fuga no sábado à noite e a entrada principal que o Derek havia arrombado. A porta principal estava trancada. Enquanto corríamos para elas, eu sussurrei para a Liz, pedindo que ela corresse na frente e observasse o caminho. Se alguém estivesse vindo ela deveria assobiar.

A porta ficava em uma alcova. Pulei para dentro e me encostei contra a parede, enquanto a Liz passava pela porta. Ela retornou em segundos.

“Há um guarda bem em frente.” Ela falou. “Vou distraí-lo. Você abre uma fresta na porta e escuta por algum tempo. Vocês conhecem um lugar para se esconder, certo?”

Eu assenti. Quando estávamos aqui no sábado, Derek nos fez abrir todas as portas, procurando por uma saída e lembro-me de um depósito que seria perfeito.

Quando Liz sinalizou que tudo estava limpo, lentamente abri a porta. Tori dançava impaciente ao meu lado, apesar de eu ter pedido que ela ficasse observando caso alguém se aproximasse.

Dentro, Liz estava junto a uma porta fechada, a uns seis metros de nós. O guarda estava ao lado dela, olhando fixamente para a maçaneta enquanto ela lentamente girava de um lado para outro.

Nós passamos silenciosamente. Eu conseguia escutar o distante raspar e resmungar das máquinas e as risadas e gritos dos trabalhadores. Essa seção, entretanto, estava silenciosa.

Chegamos ao corredor interno facilmente, enquanto o guarda permanecia fixado pela misteriosa maçaneta giratória.

Liz correu atrás de nós.

“Para onde?”

Gesticulei para o corredor adjunto. Ela correu na frente, virando no corredor e assobiou que estava tudo limpo. Nossa sorte durou e chegamos em segurança até o depósito. Quando as portas se fecharam, as vozes dos guardas ecoaram nos corredores vazios.

“Hei, Pete, venha aqui! Você tem que ver isso. A maçaneta está girando sozinha. Estou dizendo, desde que o Dan mergulhou de cabeça nas cerras, esse lugar tem sido assombrado.”

Ele estava certo. Sábado à noite eu vi o fantasma de um homem pular nas cerras. Então ele reapareceu e fez aquilo novamente. Seria algum tipo de penitência? Tia Lauren havia feito coisas ruins, talvez até mesmo cometido assassinatos. Se ela estiver morta, será que ela vai para o inferno? Ela estaria...?

Engoli com força.

“E agora?” Tori sussurrou.

Olhei ao redor. O aposento era do tamanho de uma sala de aula e cheio de caixas.

“Encontre um lugar nos fundos.” Eu falei. “Há muita poeira, o que significa que eles não vêm muito aqui. Vamos nos esconder...”

Liz correu pela porta.

“Eles estão vindo!”

“O que...?”

“Dr. Davidoff e a Sue. Ela te viu junto às portas.”

Graças a Tori, que manteve uma boa observação...

“Eles estão aqui dentro?” perguntei.

“Ainda não.”

“Quem está no prédio?” Tori perguntou quando a Liz saiu. “O que está acontecendo? O que ela falou?”

Eu falei para ela, então abri uma fresta na porta.

“O que eles estão fazendo?” ela falou puxando minha manga. “Você está maluca? Feche isso!”

Fale para ela se calar e ela fala mais alto. Diga para ela ficar para trás, e ela me empurra para a linha de fogo. Diga para que ela fique de olho em nossos perseguidores, e ela fica sobre meu ombro. Abra a porta para escutar e ela quer me puxar de volta para dentro.

Ah. O início de uma bela amizade.

Amizade? Teremos sorte se sobrevivermos a uma parceria temporária.

Falei para ela que estava tentando escutar. Quando ela começou a discutir apenas olhei para ela com intensidade. E pela primeira vez em minha vida funcionou. A boca dela se fechou e ela voltou para a sala, emburrada e fazendo caretas, mas em silêncio.

“Posso ajudá-los?” a voz do guarda ecoou pelo corredor.

“Sim, estamos procurando por duas adolescentes.” O Dr. Davidoff respondeu. “Acreditamos que elas estão aqui. Elas são fugitivas de um lar para jovens daqui de perto. Elas têm quinze anos. Uma com cerca de um e setenta, de cabelos curtos. A outra tem um metro e meio cabelos louros avermelhados.”

“Com mechas vermelhas.” Sue completou. “Mechas pintadas de vermelho.”

O guarda riu.

“Parece com a minha filha, só que o dela é azul. Na semana passada era roxo.”

“Adolescentes.” O Dr. Davidoff falou com uma risada falsa. “Essas nossas duas estão sempre fugindo. Você sabe como são as garotas. Fugindo para ver os namorados e comprar um novo batom. Elas não querem fazer mal algum, mas nos preocupamos com elas.”

“Claro. Se eu as ver aviso vocês. Você tem um cartão?”

“Nós temos certeza de que elas estão aqui.”

“Não. Essa é a única porta que dá acesso a rua e tenho estado em meu posto durante todo o turno.”

“Eu entendo. Mas se talvez nós pudéssemos dar uma olhada...”

A cadeira gemeu e observei um homem grande levantar.

“Isso é uma fábrica, amigos. Vocês têm alguma idéia de quantas leis de segurança estarei quebrando se deixar que vocês fiquem caminhando por aí?”

“Nós usaremos capacetes e óculos de segurança.”

“Isso não é um prédio público. Vocês não podem vir aqui sem uma hora marcada e alguém para acompanhar.”

“Então podemos falar com o gerente?”

“Ele está fora. Em uma reunião. O dia todo. Já falei, ninguém passou por mim. As garotas não estão aqui. Mas se vocês querem mesmo averiguar, então tudo bem. Chame a polícia e deixo vocês entrarem.”

“Nós preferimos não envolver a polícia.”

“Bem vocês terão, por que é a única maneira de vocês passarem por mim.”

Depois que o guarda os acompanhou até a rua, nós nos encolhemos e esperamos pela escuridão. Achamos lugares separados, distantes o suficiente para termos uma desculpa para não conversar. Aquilo estava ótimo para mim a princípio. Como se a Tori e eu pudéssemos ter algo sobre o que conversar. Mas depois de algum tempo, até mesmo nossas discussões teriam sido melhores do que aquele silêncio, esperando com nada para se fazer a não ser pensar. E chorar. Eu fiz muito disso, o mais silenciosamente que pude. Peguei o envelope tantas vezes que ele estava coberto com marcas das minhas lágrimas. Eu queria abri-lo, mas eu estava aterrorizada em pensar que o que havia dentro dele não seria explicação suficiente, que não seria bom o bastante e eu desesperadamente precisava que fosse.

Finalmente não consegui adiar mais. Rasguei o envelope. Dentro havia dinheiro, mas o coloquei em meu bolso sem contar, então abri a carta.

A tia Lauren começou explicando como a necromancia funcionava. Nas famílias de necromantes nem todos conseguem ver fantasmas. A maioria não os vê. A tia Lauren não conseguia. Nem minha mãe e seus pais.

Mas meu tio conseguia. O irmão gêmeo da minha mãe, Ben – eu nem ao menos sabia que ela teve um gêmeo. Tia Lauren escreveu.

Ben morreu muito antes de você nascer. A sua mãe teria te mostrado fotos, mas você era muito nova para entender. Depois que ela se foi... Parecia não haver motivos para trazer isso à tona. Ele começou a ver fantasmas quando era um pouco mais velho do que você agora. Ele foi para a faculdade junto com a sua mãe, mas aquilo foi demais para ele. Ele veio para casa. A sua mãe queria desistir e voltar também para cuidar dele. Ele insistiu que ela ficasse na escola. Falei que cuidaria dele, mas eu realmente não entendia pelo o que ele estava passando. Quando ele tinha dezenove

anos, morreu em uma queda. Se ele pulou ou se estava fugindo de um fantasma nós nunca saberemos.

Isso importa? De qualquer maneira seus poderes o mataram. Eu continuava a dizer que os fantasmas não podiam me machucar, mas em minhas entranhas eu sabia que estava errada, e ali estava a prova. Só por que você não pode estender a mão e empurrar alguém de um telhado, não significa que você não pode matá-lo.

A sua mãe vinha procurando por ajuda para o Ben antes de ele morrer. Nossa família possuía algumas conexões no mundo dos necromantes e eventualmente alguém deu à ela o nome do Grupo Edison. Só que o Ben caiu do telhado um mês antes dela receber a mensagem.

Mais tarde, quando comecei na faculdade de medicina entrei em contato com eles. Se eram cientistas podiam precisar de médicos; e se eu pudesse ajudar pessoas como o Ben, era isso o que queria fazer. A sua mãe não estava envolvida. Não naquela época. Isso não aconteceu até o momento de ela querer ter um filho.

Ela planejava ter filhos mesmo depois do que aconteceu com o irmão?

Como se para responder minha pergunta a tia Lauren escreveu:

Você precisa entender, Chloe, isso é como qualquer outro problema genético. É um risco que temos que aceitar. Se temos um filho e ele possui o poder, então é algo com o que temos que lidar. A sua mãe não queria correr esse risco. Não depois do Ben. Ela queria adotar, mas com o seu pai isso não era uma opção. Havia... Algumas coisas no passado dele. As agências não o consideravam um pai apropriado. A sua mãe ficou infeliz. Ela queria muito uma criança. Ela procurou por outras alternativas, mas todas custavam dinheiro e naquele tempo os seus pais estavam morando em um buraco

infestado de ratos no centro da cidade. Cada centavo que eles ganhavam ia para o novo negócio do teu pai. Então falei para ela sobre a descoberta do Grupo Edison. Um time havia isolado os genes responsáveis pelos poderes dos necromantes. Ao testar o gene responsável por carregar o código em ambos os pais, nós podíamos determinar as chances de uma criança vinda daquela união ser um. Jenny estava tão feliz. Eu fiz os testes nela e em seu pai... E estava quase certo de que qualquer criança que eles tivessem fosse um necromante.

Tentei persuadi-la em tentar outras opções, talvez inseminação artificial com outro pai biológico. Mas ela estava tão cansada e abalada que não teve energias para considerar as alternativas. E ela suspeitava que eu estava tentando interferir entre ela e o seu pai, por que eu havia deixado claro que achava que ele não era a pessoa certa para ela. Nós não conversamos por quase um ano. Então, liguei para ela com a notícia mais incrível. Uma descoberta aqui no laboratório. Nós não poderíamos lhe dar uma criança que não fosse um necromante, mas poderíamos eliminar os perigos que mataram nosso irmão. Ela poderia ter uma criança que falaria com os mortos em seus próprios termos.

Mas não funcionou dessa forma, pela minha experiência. Quando comecei a ver fantasmas tão abruptamente, tia Lauren falou que não havia nada de errado. Eu não era um dos casos falhos – eu apenas precisava de tempo para me ajustar aos novos poderes. O Grupo Edison insistiu que eu fosse para a Casa Lyle e ela concordou, ainda esperando que eles descobrissem que eu estava bem e então eu poderia saber a verdade.

Ela continuou a acreditar naquilo até que soube que criei zumbis na Casa Lyle. Ainda assim, ela disse a si mesma que estava tudo bem – nós iríamos lidar com aquilo. O grupo havia prometido que, não importando o que acontecesse, eu não seria morta. Uma necromante não era perigosa, eles falaram para ela, então não havia razão para me exterminar.

Ainda preocupada, ela começou a procurar por respostas, assim como eu e achou as mesmas coisas – que eles estavam mentindo. Aparentemente, eles mentiram sobre muitas coisas, ela falou, apesar de não ter entrado em detalhes.

Foi isso que mudou tudo para mim, Chloe. Eu sei que é horrível admitir que apenas percebi meus erros quando a vida da minha sobrinha estava em perigo. Até aí eu fiz o que achei certo – o bem maior e essas coisas. Mas, fazendo isso, esqueci minha missão como médica em nunca causar mal. Eu fiz mal e tenho certeza que pagarei pelo preço, mas não deixarei que você pague comigo. É por isso que tenho que libertar você.

Três parágrafos finais. A princípio ela falava que se eu estivesse lendo aquela carta, então ela não havia fugido comigo. Se eu a deixasse para trás, ela iria entender. Se ela fosse morta, aquele era o preço que pagava. E se tivesse sido pega pelo Grupo Edison, eu não deveria voltar por ela. Eu deveria continuar e encontrar o Simon e seu pai Kit. Ela não fazia idéia o que havia acontecido com ele. Ela procurou nos arquivos do Grupo Edison, e estava convencida de que eles não estavam envolvidos em seu desaparecimento, mas isso era tudo.

Ela também me pediu que sempre usasse meu colar – sempre. Eu me lembrei da forma rápida que ela o levou de volta para mim quando fui para a Casa Lyle sem ele. Na carta, ela não falou muito sobre isso, apenas que ele deve me proteger dos fantasmas. Mas ele não o fazia. Ou talvez estivesse funcionando e se eu o perder começarei a ver mais fantasmas, com meus poderes funcionando sem controle.

A outra parte era sobre meu pai. Ele não sabia de nada, nem sobre eu ser uma necromante. Então se eu escapar e ela não, eu preciso ficar longe dele.

Então veio o parágrafo final. Mais três sentenças.

Chloe, ela queria tanto uma criança. E você era tão maravilhosa quanto ela imaginou. Você foi o centro do mundo dela.

Lágrimas queimavam meus olhos, aquela velha dor que nunca se vai, voltava a queimar. Respirei fundo tremendo, dobrei a carta e a coloquei em meu bolso.

Nós estávamos lá por mais de uma hora quando Liz chegou correndo com a novidade.

“Ela não está morta. A sua tia. Ela está bem.”

Pelo excitamento no rosto da Liz, você iria achar que ela havia acabado de descobrir que sua própria tia havia sobrevivido. Não importava que a tia Lauren fizesse parte do grupo que a matou. Tudo o que ela se importava era que a notícia iria me agradar. Olhando para seu rosto feliz, percebi que por mais bondosa que eu tentasse ser, nunca seria tão altruísta quanto a Liz.

Meu alívio foi cortado por uma nova preocupação. O que eles irão fazer contra a tia Lauren agora que ela me ajudou a fugir? Agora que ela os traiu. Pensar nisso me lembrou de outra traição. A de Rae.

Eu confiava nela. Eu dei meu aval sobre ela para os rapazes, os persuadindo a deixar que ela se juntasse a nós e ela nos entregou.

Foi Rae que insistiu que os rapazes não iriam voltar. Foi ela que sugeriu que fôssemos até a tia Lauren, e me convenceu quando hesitei.

Lembrei da noite em que partimos, deitadas em nossas camas tentando dormir. Ela havia estado tão excitada com seus poderes e nem um pouco preocupada com o que nos esperava no futuro. Agora sei por que ela não estava preocupada.

Tia Lauren falou que a Rae honestamente achava estar ajudando. Traiu-nos por amor, me forçando a seguir por aquele caminho, tomando as decisões por mim, achando que estava certa e eu era apenas muito teimosa para ver aquilo.

Agora ambas, ela e minha tia estavam presas com o Grupo Edison. Assim que o brilho de sua nova vida se extinguir, ela vai ser capaz de ver as rachaduras e olhar por elas até ver a verdade. Eu espero que ela não o faça. Eu rezo para que ambas se prendam firmemente a qualquer coisa que o grupo Edison quiser, até eu voltar. E eu *irei* voltar.

Finalmente Liz entrou para avisar que o Dr. Davidoff e seu pessoal haviam desistido, presumindo que Tori e eu havíamos escapado pelo portão frontal e há muito partido. Eles deixaram um guarda para trás, para ficar procurando por algum esconderijo, no caso do Derek aparecer seguindo meu rastro.

Às cinco, a sirene soou, o dia de trabalho havia terminado. Às cinco e trinta, o prédio estava vazio. Ainda assim nós esperamos. Passando às seis, às sete...

“Já deve estar escuro agora.” Tori sussurrou, rastejando até o meu lado.

“Anoitecendo, mas ainda não está escuro. Vamos esperar outra hora.”

Às oito horas, nós partimos.

14



PASSAMOS PELO GUARDA NOTURNO QUE ESTAVA ocupado lendo uma *Playboy* no refeitório.

Liz ficou com ele para se certificar de que não nos escutasse. Ele não escutou.

Por coincidência Tori e eu tivemos a boa sorte de termos nos vestido com roupas escuras naquela manhã – Tori em moletom marinho da American Eagle⁸ e uma jaqueta de couro, eu em um jeans e camiseta verde. Eu desejava apenas ter algo mais do que essa fina jaqueta. Sem o sol, o ar estava congelando, deixando pior o vento frio que atravessava o rio vindo direto do Canadá.

Uma vez dentro do depósito, nós não teríamos que nos preocupar com o vento. Entretanto chegar lá estava levando uma eternidade. Liz estava tendo problemas em encontrar o guarda do Grupo Edison, então tivemos que seguir pelo caminho mais longo, correndo de esconderijo á esconderijo, para chegarmos até o verdadeiro ponto de encontro – o armazém onde Rae e eu havíamos esperado pelo Derek e pelo Simon.

Como havia estado na outra noite a porta do armazém estava fechada, mas não trancada. A menos que você conheça um mercado negro para caixas de papelão, embalagens e paletes de madeira, não havia nada ali dentro para se roubar. Toda aquela porcaria sem valor fazia do armazém um lugar perfeito para nos escondermos... E também significava que havia milhares de lugares onde os rapazes poderiam deixar um recado.

Depois de alguns minutos esbarrando ao redor no escuro, eu desisti.

“Temos que esperar até amanhecer.” Falei.

Sem resposta. Procurei pela Tori.

“Essa é a minha parada.” Ela falou em algum lugar á minha esquerda.

⁸ É uma loja de roupas e acessórios com sua loja principal na cidade de Pittsburgh, na Pennsylvania.

“Hmm?”

“É aqui que eu vou embora.” Sua voz estava estranhamente morna, como se estivesse muito cansada para colar algum sarcasmo em suas palavras. “Minha aventura, por mais divertida que tenha sido, acaba aqui.”

“Apenas espere até amanhecer. Se não houver algum recado, vamos descobrir o que fazer.”

“E se houver algum recado? Eu queria me juntar a sua fuga, Chloe, não a sua cruzada para encontrar o pai do Simon.”

“M-mas e-ele...”

“Vai salvar o dia?” ela conseguiu usar uma cadência sarcástica. “Nos salvar dos cientistas malucos, nos curar e nos levar para a terra dos pirulitos e unicórneos?”

Minha voz endureceu.

“Encontrá-lo poderá não resolver nossos problemas, mas no momento estamos com poucas opções. O que você vai fazer então? Voltar para o Grupo Edison e dizer que sente muito, que foi tudo um engano?”

“Vou fazer o que já tinha planejado. Nós precisávamos uma da outra para a fuga. Mas isso era tudo o que eu queria de você. Eu te ajudaria a encontrar o recado, mas não ficarei até o amanhecer para fazer isso. Estou indo para casa, para o meu pai.”

Aquilo me calou, somente por que eu estava com medo de falar algo que fosse me arrepender, como perguntar se ela queria dizer seu pai ou seu pai biológico. Será que ela sabia que havia uma diferença? Eu duvido.

“Então o seu pai... ele é humano?”

“É claro. Ele não sabe de nada sobre isso. Mas vou contar para ele.”

“Você acha que isso é uma boa idéia?”

“Ele é meu *pai*.” Ela largou. “Quando ele souber o que a minha mãe fez...? Tudo vai ficar bem. Meu pai e eu nos damos muito bem. Melhor do que ele e minha mãe. Eles raramente conversam. Tenho certeza de que ficam juntos apenas por causa dos filhos.”

“Talvez você devesse esperar por um dia ou dois. Ver o que acontece.”

Ela riu.

“E me juntar ao seu bando de super-heróis? Sinto muito, mas sou alérgica a elastano⁹.”

Os tênis dela rangeram no concreto quando ela se virou.

“Diga adeus para Liz por mim.”

“Espere!” Eu tirei meus tênis. “Pegue algum dinheiro.”

“Guarde isso. Não planejo ter a oportunidade de pagar você.”

“Está tudo bem. Apenas pegue...”

“Mantenha seu dinheiro, Chloe. Você vai precisar mais dele do que eu.” Ela deu alguns passos, então parou. Por um momento ela ficou parada, então falou baixo: “Você pode vir comigo.”

“Preciso entregar a insulina para o Simon.”

“Certo. Tudo bem então.”

Esperei por um adeus, mas escutei somente a batida de seus tênis, e então o rangido da porta quando ela saiu.

Quando Liz voltou de sua patrulha, falou que viu Tori partindo. Eu expliquei, e então esperei por sua reação. Por que deixei que ela fosse embora? Por que não fui atrás dela? Mas tudo o que a Liz falou foi:

“Acho que ela não quer ficar por perto.” E isso foi tudo.

Ambas ficamos caladas por um momento, então Liz falou:

“Sinto não ter acreditado em você. Sobre eu estar morta.”

“Eu não lidei bem com aquilo. Eu deveria ter facilitado as coisas para você.”

⁹ Elastano é um filamento sintético conhecido por sua excepcional elasticidade. É a lycra essencialmente pura, sem adição de poliamida, e que é denominada de Lycra comercial ou Industrial.

“Não acredito que haja uma maneira de facilitar esse tipo de coisa.”

Sentamos lado a lado no escuro em um pedaço de papelão que eu havia arrastado até ali. Minhas costas estavam apoiadas contra uma caixa. Eu empilhei mais delas ao meu redor, como brincar de forte. Um pequeno, escuro e frio forte.

“Por que eles me mataram?” Liz perguntou.

Contei para ela sobre a experiência da manipulação genética e sobre o que a ficha falava sobre eles nos exterminarem se não conseguissem nos reabilitar.

“Mas eu *poderia* ter sido reabilitada.” Ela falou. “Se eles tivessem me *contado* o que estava acontecendo, eu não estaria enlouquecendo por causa dos poltergeists. Eu teria feito aulas, tomado remédios, qualquer coisa que eles quisessem.”

“Eu sei.”

“Então por quê? *Por quê?*”

A única resposta que eu tinha era que nós não importávamos para eles. Nós éramos partes de um experimento. Eles tentaram reabilitação por que não éramos animais, mas a Casa Lyle havia sido apenas um fraco esforço para provar para eles mesmo que haviam feito uma tentativa de nos salvar.

Eles falaram que nos matavam por que éramos perigosos. Eu não acredito nisso. Eu não era perigosa. Brady não era perigoso. Talvez a Liz e o Derek, mas eles não eram monstros.

Derek havia estado disposto a permanecer na Casa Lyle para que não machucasse mais ninguém.

Eles brincaram de Deus e falharam, e acho que eles não estão realmente com medo que matemos outras pessoas, mas que outros seres sobrenaturais descubram o que eles fizeram. Então eles matam suas falhas, deixando apenas os bem sucedidos.

Era isso o que eu achava.

“Eu não sei.” Foi o que falei, e nós sentamos caladas por mais algum tempo.

Dessa vez fui eu que quebrei o silêncio.

“Obrigada. Por tudo. Sem você Tori e eu nunca teríamos fugido. Quero te ajudar em retribuição – te ajudar na passagem.”

“Passagem?”

“Para o outro lado. Para onde os fantasmas devem ir. O pós-vida.”

“Oh.”

“Eu não tenho certeza do por que de você não ter ido. Você... viu alguma coisa? Uma luz talvez?”

Ela sorriu.

“Acho que isso só acontece nos filmes, Chloe.”

“Mas você some algumas vezes. Para onde você vai?”

“Não tenho certeza. Eu ainda vejo tudo aqui, mas você não pode me ver. É como estar do outro lado de um campo de força, onde eu posso ver – bem, eu acho que eles são outros fantasmas, mas eles parecem estar somente de passagem.”

“De onde eles vinham?”

Ela deu de ombros.

“Eu não falo com eles. Eu achava que talvez eles fossem outros espíritos xamãs, mas eu...” seu olhar caiu. “Eu não queria perguntar. No caso de não serem.”

“Você pode perguntar para eles agora? Descobrir para onde você deve ir?”

“Estou bem.”

“Mas...”

“Ainda não. Tudo bem?”

“Tudo bem.”

“Quando você achar o Simon e o Derek, vou sumir por algum tempo. Quero visitar minha nana, ver como ela está e meu irmão, talvez meus amigos, escola. Eu sei que eles não podem me ver. Eu apenas gostaria de vê-los.”

Eu assenti.

Liz queria que eu dormisse. Fechei meus olhos para fazer com que ela se sentisse melhor, mas não havia chances de eu dormir. Eu estava com muito frio e muita fome.

Quando ela saiu para patrulhar, me espichei e mudei de posição. O frio do piso de concreto passava direto por meu colchão de papelão. Eu estava engatinhando para pegar mais caixas quando a Liz reapareceu.

“Que bom que você está acordada.”

“O que há de errado? Alguém está vindo?”

“Não, é a Tori. Ela esta na frente dos armazéns e está só sentada lá.”

Encontrei Tori abaixada entre um dos depósitos e uma lixeira, olhando para uma lata enferrujada, sem nem ao menos piscar.

“Tori?” Tive que tocar seu ombro para que ela olhasse para mim. “Vamos entrar.”

Ela me seguiu sem nenhuma palavra. Mostrei para ela o lugar que havia preparado, e ela se ajoelhou, abaixada daquela forma estranha.

“O que aconteceu?” Perguntei.

Levou um momento para ela responder.

“Eu liguei para o meu pai. Conteí tudo para ele. Ele falou para que eu ficasse onde estava e ele viria me pegar.”

“E você mudou de idéia. Está tudo bem. Nós vamos...”

“Eu atravessei a rua para esperar.” Ela falou, como se eu não tivesse dito nada. “Eu estava no beco, para que ninguém me visse antes dele chegar. O carro parou e comecei a caminhar... e parei. Continuei dizendo que eu estava sendo estúpida, que havia estado na sua companhia por muito tempo, ficando paranóica, mas eu precisava vê-lo antes, para ter certeza. Era o carro dele – do meu pai. Ele parou bem onde falei que estaria. Ele ficou lá, com todos os vidros fechados, escuros demais para se ver através. Então uma porta se abriu e...” a voz dela caiu. “Era a minha mãe.”

“Ela deve ter interceptado a ligação.” Falei. “Talvez eles tenham trocado de carros. Ou ela chegou ao carro dele antes, sabendo que você o estaria esperando. Ele provavelmente está a caminho, usando o carro *dela* e...”

“Eu fugi e liguei para casa novamente. Meu pai respondeu, e eu desliguei.”

“Sinto muito.”

Mais silêncio. Então:

“Você não vai falar, ‘eu te avisei’?”

“É claro que não.”

Ela balançou a cabeça.

“Você é boazinha demais, Chloe. E não falo isso como um elogio. Há pessoas boas, e pessoas boazinhas *demais*. De qualquer forma, estou de volta.” Ela colocou a mão no bolso e retirou algo. “Com comida.”

Ela me entregou uma barra de chocolate.

“Obrigada. Achei que você não tinha nenhum dinheiro.”

“Eu não tenho. Desconto dos cinco dedos.” Os tênis dela gemiam contra o concreto enquanto ela se movia mais para cima do papelão. “Eu observei meus amigos fazerem isso muitas vezes. Mas nunca havia feito. Sabe por quê?” Ela não esperou por uma resposta. “Porque eu tinha medo de ser pega. Não pelas lojas ou policiais. Eu não ligava para eles. Tudo o que fazem é te dar um sermão, e fazer você pagar por tudo. Eu tinha medo que minha mãe descobrisse. Medo que ela ficasse desapontada.”

Houve um ruído quando ela abriu sua barra de chocolate, então quebrou um pedaço.

“Isso não é mais um problema, não é?” E colocou o pedaço na boca.

15



UMA VEZ QUE HAVIA ALGO EM MEU ESTÔMAGO – mesmo sendo uma barra de chocolate – a exaustão tomou conta.

Eu não dormi por muito tempo antes dos sonhos aparecerem – pesadelos sobre nunca encontrar os rapazes, da Senhora Enright matando a tia Lauren, na Tori me amarrando e deixando para o Grupo Edison encontrar...

Acordei ao som de vozes. Pulei com a respiração presa na garganta, procurando na escuridão pelos homens com armas.

Ao meu lado a Tori roncava.

“Liz?” eu sussurrei.

Não houve resposta. Ela deveria ter saído para patrulhar.

Depois de um momento, decidi que havia sonhando com as vozes. Então o som apareceu novamente – um *psst - psst - psst*, muito fraco para formar palavras. Levantei para tentar escutar, mas somente consegui pegar o leve sussurrar. Pisquei com força. A escuridão se tornou uma paisagem de infindáveis rochas irregulares e escuras – caixas e embalagens. Apenas a luz pálida da lua passava pela espessa sujeira que manchava as janelas.

Senti um leve aroma de algo almiscarado, como o de um animal. Ratos? Eu estremei.

O som veio novamente. Um fraco sussurro, como o vento através das folhas secas. Talvez fosse somente isso mesmo.

Folhas secas em abril? Quando a árvore mais próxima está a uns noventa metros de distância?

Não, aquilo soava como um fantasma. Como as versões assustadoras do cinema, quando tudo o que você consegue escutar são os sussurros ininteligíveis, que faz a sua coluna se retesar e te diz que há algo rastejando logo atrás –

Eu me sacudi, então levantei e estiquei as pernas. Arrastei meus tênis contra o colchão de papelão um pouco mais que o necessário, esperando acordar a Tori. Mas ela não se mexeu.

Eu suspirei, minhas bochechas inflando. Eu estava indo bem até agora, enfrentando meus medos e agindo. Esse não era o momento de enterrar minha cabeça e tapar os ouvidos. Se meus poderes são anormalmente fortes...

Incontroláveis...

Não, não incontroláveis. Papai diria que qualquer coisa pode ser controlada se você tiver a força e a vontade de vencer.

Os sussurros pareciam vir da sala ao lado. Segui por entre o labirinto das caixas e caixotes. Por mais cuidadosa que fosse, continuava batendo meus joelhos contra elas, e em todas às vezes eu gemia.

A cada passo que eu dava, os sussurros pareciam se distanciar. Eu claramente já havia atravessado o armazém antes de perceber que o som *estava* se distanciando. Um fantasma estava me enganando.

Parei prontamente, meu escalpo formigando enquanto eu espiava através da escuridão, caixas apareciam em todas as direções. O sussurro passou por mim. Virei e bati contra uma pilha de caixas. Uma farpa espetou minha mão.

Respirei fundo e perguntei.

“Você quer c-conversar comigo?”

O sussurrar parou. Eu esperei.

“Não? Ótimo, então vou voltar...”

Uma gargalhada explodiu atrás de mim. Eu virei, batendo na pilha novamente, poeira voou em meu nariz, boca e olhos. Enquanto eu gaguejava a risada se transformou em risinhos.

Eu podia ver o suficiente para saber que nenhum ser vivo estava ligado àquela risada.

Segui de volta para o lugar de onde vim.

Os sussurros me seguiram, agora bem próximo ao meu ouvido, se elevando para um gemer gutural que fez os pêlos dos meus braços se arrepiarem.

Lembrei do que o fantasma necromante da Casa Lyle falou – que havia me seguido desde o hospital, onde ele estava lidando com fantasmas que incomodavam os pacientes mentais. Eu acho que se você for um idiota sádico, que está preso no limbo por anos, assombrar pacientes mentais – ou jovens necromantes – poderia parecer uma maneira divertida de passar o tempo.

O gemido se transformou em um estranho lamento, como o choro das almas atormentadas. Virei na direção do ruído.

“Você está se divertindo? Bem, adivinhe? Se você continuar com isso, vai descobrir que sou mais poderosa do que acha. Vou arrancar você daí, querendo aparecer ou não.”

Meu recado foi perfeito – forte e estável – mas o fantasma apenas deu um risinho de escárnio, então continuou com o lamento.

Senti meu caminho por entre as caixas, espanando a poeira do topo e me sentando.

“Última chance, ou vou invocar você.”

Dois segundos de silêncio. Então ele gemeu novamente, bem em meu ouvido. Quase cai da caixa. O fantasma riu. Fechei meus olhos e o invoquei, cuidadosamente mantendo meu poder fraco, só para o caso do corpo dele estar por perto. Eu poderia sentir um pouco de satisfação em jogá-lo de volta ao seu corpo putrefato, mas iria me arrepender disso mais tarde.

O gemido parou. Um grunhido de surpresa, sorri e liberei mais força, apenas um pouquinho mais.

A figura começou a se materializar – um homem, baixo e rechonchudo com idade suficiente para ser meu avô. Ele se virava e contorcia como se preso por uma camisa de força. Puxei com mais força...

Uma batida abafada me fez pular.

“Liz?” eu chamei. “Tori?”

O fantasma sorriu.

“Me solte, sua pequena...”

Outra batida abafou o terrível nome que ele me chamou – ou a maior parte dele. Então veio um estranho som de algo se arrastando.

“Me deixe ir ou...”

Fechei meus olhos e dei um grande empurrão mental no fantasma. Ele arfou e voou para trás através da parede, como se tivesse sido jogado pela porta de uma espaçonave. Esperei para ver se ele voltava. Ele não apareceu. Eu o havia jogado para o outro lado, para onde for que os fantasmas moram. Bom.

Outra batida. Remexi meus pés, esquecendo o fantasma. Passei por uma pilha de caixas e escutei. Silêncio.

“Tori?” eu sussurrei. “Liz?”

Um, se não era elas, então talvez chamar seus nomes não fosse uma boa idéia.

Segui por entre as caixas, até chegar á uma lacuna. Através dela vi o pálido retângulo de uma janela. A sujeira estava borrada, como se alguém a tivesse esfregado. O som de raspar veio novamente. Então o cheiro me atingiu, como o odor almiscarado da outra sala, só que dessa vez ainda pior. O raspar soou novamente – como pequenas garras contra o concreto.

Ratos.

Me afastei, a janela escurecendo. Então uma batida. Olhei para cima tarde demais para ver o que era. Alguém estaria jogando coisas contra a janela? Talvez os rapazes, tentando chamar minha atenção.

Corri para frente, esquecendo os ratos, até ver uma mancha escura se movendo lentamente no chão, como se estivesse arrastando algo. Deveria ser aquilo que eu havia cheirado – um animal morto que um rato estava arrastando de volta para a toca.

Quando algo raspou o topo da minha cabeça, dei um gritinho, fechando minha boca com as mãos.

Uma sombra passou voando e atingiu a janela, com aquela batida familiar. Quando caiu, notei asas de couro finas. Um morcego.

A pequena forma bateu suas asas contra o concreto, fazendo o farfalhante som de algo raspando.

Morcegos não deveriam se guiar por eco localização? Ele não deveria atingir uma janela enquanto tentava fugir. A menos que estivesse com raiva.

O morcego finalmente levantou vôo novamente. Ele seguiu para longe, tremendo e sacudindo como se ainda estivesse tonto. Ele seguiu para o teto, então virou e veio diretamente na minha direção.

Eu tropecei para trás, meus pés escorregando e cai com força suficiente para fazer meus ossos rangerem e fazer meu braço ferido queimar. Tentei levantar, mas a coisa em que pisei havia ficado presa em meu tênis, me fazendo escorregar novamente.

A coisa no meu tênis era lisa e fria. A retirei e a levantei contra a luz da lua. Presa entre meus dedos havia uma asa apodrecida. O morcego que vi ainda possuía ambas as asas, então deveria haver outro por aqui, morto.

Joguei a asa através da sala e limpei freneticamente a mão nos jeans. O morcego mergulhou novamente. Desviei, mas meu pé escorregou e cai. Quando atingi o chão, um cheiro terrível me cercou, tão forte que tossi. Então vi o morcego, a menos de um metro de mim, seus dentes a mostra, presas longas e brancas contra a escuridão.

A nuvem se moveu, e a luz da lua brilhou para dentro da sala e percebi que não estava olhando para presas, mas para pedaços nus da caveira. O morcego estava se decompondo, um olho murcho, o outro um poço negro. A maior parte da sua carne havia sumido; apenas pedaços pendurados haviam restado. O morcego não possuía orelhas ou nariz, apenas os ossos. A boca se abriu. Fileiras de minúsculos dentes irregulares brilharam, e ele começou a gritar, um rangido horrível.

Meu grito se juntou ao dele quando tropecei para trás. A coisa se arrastava com uma asa quebrada. Definitivamente era um morcego – e eu o ergui dos mortos.

Com meus olhos fixos no morcego se arrastando em minha direção, esqueci do outro até que ele voou em meu rosto. Eu o vi chegando – então vi seus olhos fundos, tocos sangrentos no lugar de orelhas, e ossos aparecendo através da pele em alguns lugares. Outro morcego zumbi.

Bati contra as caixas. Minhas mãos se elevaram para afastar o morcego, mas foi tarde demais. Ele atingiu meu rosto. Então eu gritei, realmente gritei enquanto as asas apodrecidas batiam contra mim. O corpo frio atingiu minha bochecha. Pequenas garras se prenderam ao meu cabelo.

Tentei atirá-lo para longe. Ele caiu. Quando levei a mão até a boca, senti algo preso em minha camiseta. Olhei para baixo e vi o morcego preso a ela.

Sua pele não estava falhada. O que eu havia confundido com partes dos ossos aparecendo, eram larvas se contorcendo.

Pressionei uma mão contra a boca, abafando meus gritos. Com minha mão livre, dei tapas na coisa, mas ele se prendeu lá, fileiras de dentes se abrindo e fechando, sua cabeça balançava como se estivesse tentando me ver.

“Chloe? Chloe!” Liz correu no corredor de fora. Ela parou repentinamente, olhos se arregalando. “Oh meu Deus. Oh meu Deus!”

“T-tire isso. P-por favor.”

Me virei, ainda batendo no morcego. Então escutei um gemido doentio quando pisei no outro. Quando girei o outro subindo em mim caiu. Quando ele atingiu o chão, Liz empurrou o topo de uma pilha de caixas, e elas caíram sobre o morcego, o estouro abafou o terrível som de ossos quebrando.

“Eu- eu - eu.”

“Está tudo bem.” Ela falou, caminhando na minha direção. “Está morto.”

“N-n-não. Está...”

Liz parou. Ela olhou para o morcego em que eu pisei. Ele levantou uma das asas fracamente, então a deixou cair. A asa se retorceu, as garras arranhando no chão.

Liz correu para as caixas.

“Vou acabar com o sofrimento dele.”

“Não.” Levantei minha mão. “Isso não vai funcionar. Ele já está morto.”

“Não, não está. Está...” Ela se dobrou para olhar melhor, finalmente vendo o corpo em decomposição. Ela cambaleou para trás. “Oh. Oh está – está...”

“Morto. Eu o levantei dos mortos.”

Ela olhou para mim. E sua expressão... Ela tentou esconder, mas nunca esquecerei aquele olhar – de surpresa, horror, e nojo.

“Você...” ela começou. “Você pode...?”

“Foi um acidente. Havia um fantasma me incomodando. Eu... eu o invoquei e devo ter acidentalmente os acordado.”

A asa do morcego se moveu novamente. Me abaixei ao lado dele. Tentando não olhar, mas é claro que não podia evitar de ver o pequeno corpo esmagado contra o concreto, com os ossos espetando para fora. E ainda assim ele se movia, lutando para levantar, as garras arrastando contra o concreto, sua cabeça esmagada bufando...

Fechei meus olhos e concentrei em libertar o espírito. Depois de alguns minutos, o raspar parou. Abri meus olhos. O morcego estava parado.

“Então o que era isso? Um Zumbi?” Liz tentou soar calma, mas sua voz estava falhada.

“Algo do tipo.”

“Você... você pode ressuscitar os mortos?”

Olhei para o morcego esmagado.

“Eu não chamaria isso de ressurreição.”

“E quanto às pessoas? Você pode...?” Ela engoliu. “Fazer isso?”

Eu assenti.

“Então era sobre isso que a mãe da Tori estava falando. Você criou zumbis na casa Lyle.”

“Acidentalmente.”

Poderes incontroláveis...

Liz continuou.

“Então é... como nos filmes? Eles são apenas carcaças vazias, re-re – qual é a palavra?”

“Reanimadas.” Eu não estava disposta a contar a verdade para ela, que necromante não reanimavam corpos sem almas. Nós pegamos um fantasma como a Liz e o jogamos de volta no corpo putrefato.

Lembrei sobre o que o semi-demônio falou, sobre eu quase ter retornado as almas de milhares de mortos á suas carcaças enterradas. Eu não havia acreditado nela. Agora...

Bile encheu minha boca. Me virei, engasgando e cuspi.

“Está tudo bem.” A Liz falou, ficando ao meu lado. “Não é culpa sua.”

Olhei para a caixa que ela moveu sobre o outro morcego, respirei fundo, e caminhei na direção dela.

Quando estendi a mão para movê-la, ela falou:

“Está morto. Tem que estar...” Ela parou e falou com uma voz fina e tremida. “Não é?”

“Preciso ter certeza.”

E levantei a caixa.

16



O MORCEGO NÃO ESTAVA MORTO. ESTAVA – bem eu não quero lembrar disso.

Mas naquele ponto eu estava tão estressada que não pude me concentrar e libertar o espírito do morcego levou... Algum tempo. Mas consegui. E fiquei feliz em ter checado. Agora eu poderia relaxar... Ou era o que eu achava.

“Você deveria dormir.” Liz falou depois que deitei com meus olhos abertos por quase uma hora. Olhei para a Tori, mas ela ainda estava roncando – nem ao menos havia se mexido desde que voltei.

“Não estou cansada.” Falei.

“Você precisa descansar. Posso ajudar. Eu sempre ajudava minha nana dormir quando ela não conseguia.”

Liz nunca falou sobre os pais, apenas da avó e percebi que sabia pouco sobre ela.

“Você morava com a sua avó?”

Ela assentiu.

“A mãe da minha mãe. Eu não conheci meu pai. Nana falou que ele não ficou muito tempo.”

Considerando ele ser um demônio, acho que é assim que as coisas funcionam.

Liz ficou em silêncio um momento, então falou baixo.

“Acho que ela foi estuprada.”

“A sua mãe?”

“Eu escutei algumas coisas. Coisas que não deveria escutar, a vovó falando para a irmã, amigas, e depois as assistentes sociais. Ela falava que a mamãe havia sido muito selvagem quando jovem. Não *realmente* selvagem, só fumando, bebendo e matando aula. Então ela ficou grávida e isso a fez ficar diferente. Ela envelheceu. Ficou irritada. Coisas que escutei – acho que ela foi estuprada.”

“Isso é horrível.”

Ela colocou os joelhos para cima e os abraçou.

“Eu nunca contei isso para ninguém. Não é o tipo de coisa que você compartilha. As crianças podem olhar para você de forma estranha, você sabe?”

“Eu nunca...”

“Eu sei. É por isso que te contei. De qualquer maneira, durante alguns anos tudo estava bem. Nós morávamos com a Nana, e ela cuidava de mim enquanto a mamãe trabalhava. Mas então a mamãe teve um acidente.”

Minhas entranhas se congelaram quando pensei em minha mãe, morta em um atropelamento e fuga.

“Que tipo de acidente?”

“Os policiais falaram que ela estava em uma festa, se embebedou e caiu das escadas. Ela bateu a cabeça com muita força e quando saiu do hospital era como se fosse uma pessoa completamente diferente. Ela não podia trabalhar, então a Nana trabalhava, e a mamãe ficava em casa comigo, mas as vezes ela se esquecia de me dar almoço, ou ficava muito irritada e me batia dizendo que tudo aquilo era culpa minha. Ela me culpava por não ser feliz, eu acho.”

“Tenho certeza de que ela não...”

“Ela não tinha intenção. Depois ela chorava e me dizia que sentia muito e me comprava um doce. Então ela teve meu irmãozinho e começou a usar drogas e a ser presa por roubar coisas. Só que ela nunca era mandada para a prisão. A corte sempre a mandava para um hospital psiquiátrico. Por isso eu estava com tanto medo na Casa Lyle...”

“De ser mandada para uma. Eu deveria ter ajudado. Eu...”

“Você tentou. Mas não iria importar. Eles já haviam tomado a decisão.” Ela ficou calada por um momento. “A mamãe tentou me avisar. Algumas vezes ela

aparecia na escola, completamente drogada, falando sobre experimentos, poderes mágicos e que eu tinha que me esconder antes deles me encontrarem.” Ela fez outra pausa. “Acho que no final das contas ela não era louca, não é?”

“Não, ela não era. Ela estava tentando proteger você.”

Ela assentiu.

“Tudo bem, já chega disso. Você precisa descansar para poder procurar pelos rapazes. Nana sempre me disse que sou boa em fazer as pessoas dormirem. Melhor do que remédios. Você sabe por quê?”

“Por quê?”

Ela sorriu.

“Porque posso falar sem parar. Agora, vejamos o que posso falar que vai te entediar até dormir? Oh, eu sei. Garotos. Garotos bonitos. Veja, eu tenho uma lista. Os dez caras mais gostosos de todos os tempos. Na verdade são duas listas, com dez caras cada uma, por que preciso uma para os caras reais – caras que eu realmente conheço – e uma dos inventados, cara que aparecem em filmes e tocam em bandas. Não que eles não sejam reais, porque é claro que eles são reais...”

Eu finalmente apaguei e não acordei até que o ronco de um caminhão me fez pular acordada, com minhas pernas amortecidas.

Luz entrava pelas janelas. Chequei meu relógio. Oito e meia. E nenhum sinal da Liz. Ela estaria patrulhando a fábrica? Ou ela já havia partido?

Tori ainda estava dormindo, roncando baixo.

Balancei seus ombros.

“Já é manhã. Precisamos procurar por algum recado.”

Tori abriu os olhos, resmungando que provavelmente não havia nenhum recado, os rapazes há muito teriam partido e nós estávamos ferradas. Nossa Victoria, um verdadeiro raio de sol.

Mas depois que suas reclamações não fizeram aparecer hálitos de menta, uma escova para cabelos e o café da manhã, ela levantou e me ajudou.

Nós já estávamos procurando por uma meia hora quando Tori falou, alto o suficiente para quem passasse pela janela pudesse escutar:

“Os pichadores dessa cidade realmente possuem muito tempo de sobra.”

Corri para fazê-la calar.

“Pichadores?”

Ela acenou para as pilhas de caixas que nos cercavam, e vi sobre o que ela estava falando. Uma caixa em cada uma das pilhas havia sido marcada com grafite.

“A loja do meu pai é atacada todos os meses, mas ele nunca teve um tão legal.”

Ela apontou para uma figura quase escondida nas sombras. Onde os outros eram simples marcas – apelidos e símbolos – este era o desenho feito com marcador preto, era um adolescente com uma tatuagem em forma de pata na bochecha e brandido garras como as do Wolverine.

Eu sorri.

“Simon.” Quando Tori me deu um *huh*? Olhei e falei: “É do Simon.”

“Uh, não. É um cara com uma tatuagem no rosto.”

“É o *trabalho* do Simon. Esse é um de seus personagens de história em quadrinhos.”

“Eu sabia disso.”

“Ajude-me a levantar a caixa.”

Ela não se moveu.

“Por quê?”

“Porque o recado.” – eu retirei a caixa do topo sozinha – “Vai estar sob a caixa.”

“Por que ele colocaria...?”

E é claro que sob a caixa estava um pedaço de papel dobrado. Ambas tentamos pegá-lo. Eu venci.

Simon havia desenhado três quadros. Na parte superior esquerda, como uma saudação, havia um fantasma. O do meio era um grande desenho do Arnold Schwarzenegger como *O exterminador*. E terceiro como uma assinatura havia um raio cercado por neblina. Ao lado do desenho alguém havia rabiscado em letras grandes *10 A.M.*

Tori arrancou o papel das minhas mãos e a deixei pegar.

“Então qual é a mensagem?”

“Bem ali.” Eu apontei de figura em figura. “Diz: Chloe, eu voltarei, Simon.”

“Tudo bem, isso é muito estranho. E o que isso significa?” ela apontou para o horário.

“Isso deve ser o Derek se certificando que eu soubesse quando eles voltariam.”

“Apenas uma vez no dia?”

“Todas as vezes que eles entram na fábrica estão correndo um grande risco. De qualquer forma, o tempo não é realmente importante. Se eu pegar a mensagem o Derek vai sentir meu cheiro. E ele vai poder seguir meu rastro.”

O nariz dela se enrugou.

“Como um cachorro?”

“Legal, né?”

“Uh, não.” Ela fez uma careta. “Então eles não estavam brincando sobre o Derek ser mesmo um lobisomem. Isso explica muita coisa, você não acha?”

Eu dei de ombros e olhei meu relógio.

“Temos menos de uma hora para esperar, então...” eu amaldiçoei baixo, fazendo com que a Tori erguesse as sobrancelhas em uma surpresa fingida.

“Não podemos deixar os rapazes voltarem aqui.” Falei. “Não com o Grupo Edison patrulhando o local.”

Não havia um guarda do grupo Edison patrulhando. Havia dois. Mandeí Liz

verificar todos os possíveis pontos de entrada. Ela voltou, descrevendo quatro: o portão principal, o portão de entregas na frente, o portão de entregas dos fundos e toda a cerca ao redor da fábrica.

Eu duvidava que o Derek fosse escalar a cerca novamente. Ele ficaria exposto onde qualquer pessoa poderia vê-lo. Se eu fosse ele, escolheria o mesmo ponto de entrada que o Grupo Edison havia escolhido ontem – o portão traseiro.

Mas eu também conhecia o Derek bem o suficiente para admitir que não o conhecia tão bem assim, para poder adivinhar sua estratégia com algum tipo de certeza. Então nós teríamos que nos dividir e cobrir todas as três entradas. Eu precisava ficar próxima a Liz, para que ela pudesse se comunicar comigo. Isso significava que a Tori ficaria com os fundos. Eu podia somente rezar para que ela se lembrasse de vigiar.

Às nove e meia já estávamos posicionadas. O pátio da firma ficava nas vizinhanças de uma área residencial – uma vizinhança com casas antigas, que incluía a uma quadra de distância a Casa Lyle. Derek e eu havíamos seguido por esse caminho sábado à noite quando escapamos, e eu ainda lembrava o layout geral.

As estradas seguiam na direção norte - sul, com a fábrica no final ao extremo sul.

Meu esconderijo era do outro lado da rua em frente a fábrica, atrás de uma das últimas casas. Não havia ninguém em casa – a entrada estava vazia e as janelas escuras.

Abaixei atrás da casa observando o portão da frente, pronta para assobiar ao primeiro sinal dos rapazes. Às 09h45min uma SUV passou em frente à fábrica, se movendo lentamente: era o mesmo veículo do grupo Edison que Derek e eu havíamos fugido no sábado à noite.

Enquanto ela passava vi Mike no banco do motorista. Ao lado dele estava a mãe da Tori, olhando pela janela lateral. A SUV continuou até a esquina e então dobrou a direita, seguindo na direção do pátio dos fundos.

Esperei até que estivessem fora de vista e me levantei. Enquanto me movia uma sombra surgiu sobre mim.

Meus punhos se ergueram, mas antes que eu pudesse me virar, mãos me seguraram, uma se fechando sobre minha boca e outra ao redor da minha cintura, me puxando de volta para trás da casa.

“Sou eu.” Uma voz profunda trovejou.

As mãos me soltaram e virei. Ali estava o Derek, todos os um metro e oitenta dele. Talvez fosse só alegria em vê-lo, mas ele parecia melhor do que me lembrava. Seu cabelo preto ainda era liso e seu rosto ainda estava marcado com as acnes. Mas ele parecia... Melhor.

“Estou tão feliz em te ver.” Falei sorrindo para ele.

Seu bufar me disse que o sentimento não era necessariamente mútuo. Talvez eu devesse ter ficado um pouco desapontada, mas eu estava muito aliviada para me importar. Naquele momento, o bufar que era a marca registrada do Derek, era melhor do que qualquer sorriso.

“Estou tão feliz...”

“Eu entendi.” Ele falou. “Pare de se mexer antes que eles te vejam.”

“Eu entendi. É por isso...” Olhei para trás dele e meu sorriso desapareceu. “Onde está o Simon? E-ele está bem, não é?” Me atrapalhei ao pegar a bolsa com a insulina. “Eu sei que ele precisa disso. Isso é...”

“Essa é a reserva. Ele tinha outra no bolso.”

“Oh. Certo. Um, bom. Então onde...?”

“Do outro lado. Eu senti o cheiro da Tori, então achei que era uma armadilha e...”

“Tori! A mãe dela – o carro – nós temos que avisá-la.”

“O que?”

Virei sinalizando para que ele me seguisse. Cruzei o pátio, correndo de um esconderijo para outro, enquanto seguia para a rua que a SUV havia entrado. Derek tentou me acompanhar, seus sussurros irritados de “*Chloe, volte aqui!*” se misturaram com fortes palavrões quando deslizei para um esconderijo em que ele não cabia.

Finalmente, quando segui ao longo de uma cerca viva, ele me segurou pelo colarinho da jaqueta e me levantou do chão, me deixando pendurada como se fosse uma boneca.

“Eu conheço uma rota melhor. Estou aqui á dois dias, olhando tudo enquanto

espero por você.” Ele me colocou no chão, mas manteve as mãos em meu colarinho para que eu não pudesse fugir. “Agora o que é isso sobre a Tori e a mãe dela?”

“Não há tempo. Apenas... Liz. Precisamos da Liz.”

“Liz está viva?”

Eu hesitei, me lembrando do quanto ele havia perdido.

“Não. Eu queria dizer... seu fantasma. Eu estava certa sobre ela estar morta. Ela tem me ajudado, e precisamos que ela cuide o caminho.” Me soltei de suas mãos e entrei por uma falha na cerca viva. Deslizei junto à cerca e espiei para fora. Liz estava no meio da rua a duas quadras. Dei um assobio que achei estar bom, mas o Derek suspirou, colocou dois dedos na boca e assobiou alto o suficiente para fazer meus ouvidos badalarem. Eu não pude ver se aquilo chamou a atenção da Liz – por que ele me fez ficar abaixada enquanto ele escutava, no caso do assobio ter chamado a atenção de mais alguém. Depois de um momento, ele me deixou espiar pela cerca.

“Ela está vindo.” Falei.

Derek assentiu. Ele olhou para o terreno a nossa volta, se certificando de que tudo estava limpo.

“Você quer liderar.” Eu falei. “Então lidere. Ela nos alcançará.”

Ele não se moveu. Quando tentei me afastar ele segurou minha manga.

“Eu tenho que saber no que estou me metendo.”

“Dois guardas do grupo Edison discretamente patrulhando a fábrica...”

“Grupo Edison?”

“E a mãe da Tori, mais o cara que atirou em você sábado à noite. Mas de todos eles, a mãe da Tori é que temos que tomar cuidado.”

“A mãe da Tori? Grupo Edison? O que...?”

“Derek?”

“O que?”

Eu olhei para cima, encontrando seus olhos.

“Você confia em mim?”

Eu honestamente não fazia idéia qual seria a resposta, mas ele não hesitou apenas resmungou um:

“Claro.”

“Então, sim, eu sei que você quer detalhes. Mas nós não temos tempo. Não com o Simon lá atrás e a mãe da Tori seguindo naquela direção. Ela é uma bruxa e não tem medo de usar seus feitiços. É o suficiente?”

Ele olhou para o outro lado do pátio. Talvez ele confiasse em mim, mas para o Derek, não ter todos os fatos era como se eu estivesse amarrando uma venda em seus olhos e pedindo para que ele me seguisse.

“Fique atrás de mim.” Ele falou, e nós saímos.

17



LIZ ABRIU CAMINHO, CORRENDO NA FRENTE E ASSOBIANDO sempre que podíamos nos mover. A boca do Derek estava fechada de uma maneira que me deixava saber que ele não estava feliz... O que era praticamente sua expressão normal, então o ignorei.

A SUV havia seguido por uma estrada de serviço ao lado da fábrica. Ao longo da rua havia pequenos prédios industriais, com mais construções nos fundos, foi onde nós entramos com o Grupo Edison ontem e onde Tori agora nos esperava. E era também para onde a SUV havia seguido.

Nós ainda estávamos nas quadras residenciais ao norte do pátio da fábrica, agora escondidos atrás de uma minivan perto do limite da vizinhança. Quando espiávamos ao redor, nós podíamos ver a SUV parada atrás de outro veículo. A mãe da Tori, Mike e o motorista careca estavam ao lado dela conversando.

“Onde está o Simon?” eu sussurrei.

“Do outro lado de onde eles estão. A Tori?”

“Eu a deixei lá...” apontei. “Ela seguiu para os fundos para observar aquela entrada. Com sorte, ela esta escondida e quieta.”

“Se fosse você sim. Mas a Tori?” Ele bufou em escárnio. Eu teria aceitado o elogio melhor se não soubesse que o Derek considerava a Tori apenas levemente mais esperta que um plâncton.

“Nós podemos seguir por essa estrada, e cortar caminho através do próximo terreno.” Eu falei. “Então podemos circular...”

Derek pegou meu braço novamente quando comecei a me mover – nesse ritmo, ele logo estaria tão dolorido quanto o braço ferido.

“Cachorro.” Ele falou, virando o queixo na direção do terreno cercado. “Ele estava dentro de casa mais cedo.”

Esperando ver um Doberman destruindo a cerca, segui seu olhar até um pequeno pompom de pelos brancos, o tipo de cachorro que as mulheres carregam nas bolsas. Nem ao menos estava latindo, apenas nos olhando, dançando no lugar.

“Oh meu Deus! É um Pomerânia assassino.” Olhei para o Derek. “É uma luta difícil, mas acho que você consegue vencê-lo.”

Ele me olhou.

“Não é...”

O vento mudou e o cachorro ficou rígido. Derek amaldiçoou e me puxou para trás. O cachorro deu um ganido longo e estridente. E então ficou maluco, pulando se retorcendo e latindo, mas continuou a chorar e ganir, a cerca de arame vibrava a cada investida.

“Ele sentiu meu cheiro.” O Derek falou. “A parte lobisomem.”

“Eles sempre fazem isso?”

Ele balançou a cabeça.

“Eu costumava apenas deixá-los nervosos. Eles ficavam em alerta, talvez latindo um pouco. Mas agora?” ele acenou na direção da cerca. “Eu faço isso. Nós precisamos calá-lo.”

“Eu vou... espere. Liz!”

Ela já estava correndo na nossa direção.

“Você poderia distrair o cachorro?” perguntei a ela. “Acho que ele quer brincar de pegar.”

As sobrancelhas dela se enrugaram. Então ela sorriu.

“Certo. Eu posso fazer isso.”

“*Brincar de pegar?*” Derek sussurrou enquanto ela saía. “O que...?”

O empurrei até o final da van e apontei. E lá estava, do outro lado da cerca, uma vareta levitando e então balançando. Liz a estava segurando, mas o Derek podia ver somente a vareta. O cachorro a observou voar, então se voltou para a cerca e começou

a latir e pular novamente. Liz recuperou a vareta e bateu nas costas do cachorro. Quando ela conseguiu a atenção dele, ela a jogou. Dessa vez, ele a perseguiu.

Olhei para o Derek, que estava olhando para o cachorro.

“Você lembra que a Liz achava ter um poltergeist? Mas ela é que era o Poltergeist. Ela é parte demônio com poderes tele-cinéticos.”

“Huh.” Ele se virou e olhou novamente, lentamente balançando a cabeça, como se estivesse se perguntando por que não havia pensado naquilo antes. Provavelmente por que ele não sabia que parte demônios podiam ser tele-cinéticos, mas para o Derek, aquilo não era uma desculpa.

“A costa está limpa!” Liz gritou. “E o cachorro está ficando entediado!”

Derek e eu atravessamos a rua. Seguimos até a estrada de serviço do outro lado que levava até os prédios industriais que cercavam a fábrica. Então Derek parou.

“Tori.” Ele falou.

Espiei para além dele.

“Onde? Eu não a vejo...” notei que o seu rosto se elevou na direção da brisa. “Você não a viu, mas sentiu o cheiro, certo?”

Ele assentiu e me girou até onde ela estava escondida atrás de uma parede, espiando do outro lado.

“Somos nós.” Eu sussurrei.

Ela viu o Derek e sem ao menos um olá, ela se inclinou para olhar atrás dele.

“Onde está o Simon?”

“Ele...”

“Ele está bem? Por que ele não está aqui?” Ela olhou para o Derek. “Onde você o deixou?”

“Desmaiado em um beco.” Derek fez uma careta como se pensando. “Não tenho bem certeza de onde, mas...”

“Ele está brincando.” Falei quando Tori arfou.

“Nós precisamos ir andando.” Derek apontou um dedo para a Tori enquanto olhava para mim. “Ela é sua responsabilidade.”

“Com licença?” Tori falou.

Derek nem ao menos olhou para ela.

“Certifique-se que ela nos acompanhe. E fique de boca fechada.”

Enquanto saíamos, Liz retornou para avisar que o grupo Edison estava no pátio da fábrica, depois de entrarem pelo portão traseiro mais uma vez. Encontramos o local onde Derek havia deixado o Simon, atrás de um dos prédios com um sinal de á venda desbotado em uma das janelas fechadas.

“Bem, onde ele está?” Tori exigiu.

“Huh. Deve ter quebrado a corrente.”

“Ele quer dizer que o Simon já é um garoto grande e é livre para caminhar por aí.” Virei para o Derek. “Você pode segui-lo?”

“Sim.”

Ele se agachou. Foi um longo caminho até chegar ao chão para farejá-lo, mas ainda assim Tori o encarou.

“Por favor, me diga que ele não está fazendo o que acho que ele está fazendo.” Ela falou.

Derek fez uma careta – não para a Tori, mas para mim.

“É bom que haja uma boa explicação para isso.” Ele falou com um olhar acusador na direção dela.

“Na verdade não.” Eu murmurei.

Ele respirou fundo e voltou a levantar.

“Fiquem aqui.”

Tori esperou até ele se afastar, e então estremeceu.

“Tudo bem, o Derek sempre me assustou, mas essa história de homem lobo é muito estranha. Cai bem para ele, eu acho. Um poder estranho, para um cara estranho.”

“Eu acho que ele parece melhor.”

Ela olhou para mim.

“O que? Ele parece. Provavelmente por que começou a sua mudança para lobo e não está mais estressado em ficar na Casa Lyle. Isso deve ajudar.”

“Você sabe o que realmente ajudaria? Xampu. Desodorante...”

Levantei minha mão para fazê-la parar.

“Ele cheira muito bem, então nem comece. Tenho certeza de que ele está usando desodorante e – pela primeira vez – está funcionando. E quanto aos banhos, eles são difíceis de conseguir nas ruas e logo também não vamos parecer muito melhor.”

“Só estou falando...”

“Você acha que ele não sabe do que você está falando? Novidades – ele não é estúpido.”

Derek estava muito ciente da impressão que causava. Na Casa Lyle ele tomava dois banhos por dia e ainda assim não conseguia controlar a explosão da puberdade.

Ela seguiu de volta para procurar pelo Simon. Eu fiquei onde estava, a três metros, bem escondida, enquanto mantinha os olhos nela e na esquina, esperando por...

Um suave bater em meus ombros me fez pular.

“Nervosa como sempre, pelo que vejo.”

Virei e vi o Simon, o Derek estava um pouco mais atrás dele.

Simon sorriu, algo tão familiar quanto a carranca do Derek.

“Soube que você achou meu recado.” Ele falou.

Puxei o papel e o abanei.

Ele o puxou dos meus dedos e o colocou no bolso da minha jaqueta. Então pegou minha mão, seus dedos acariciando minhas juntas e minha garganta queimou com o alívio em vê-lo, em finalmente ver os dois depois de todas as preocupações e pesadelos...

Se eu tivesse coragem iria abraçá-lo. Ao invés, apenas falei:

“Estou feliz por terem nos encontrado” minha voz falou.

Simon apertou minha mão. Seus lábios se aproximaram do meu ouvido, sussurrando.

“Eu...”

Ele ficou parado e levantou a cabeça.

“Olá, Simon.” Tori falou atrás de mim.

“O que ela está fazendo aqui?”

Derek apontou o dedo para mim.

“Pergunta para ela. Eu não consegui nenhuma resposta.”

“É uma longa história.” Falei.

“Então ela terá que esperar.” O Derek falou. “Nós precisamos sair daqui.”

Simon sussurrou para mim.

“Mas está tudo bem?”

“Não.” Tori falou. “Eu a seqüestrei e a forcei a fugir comigo. A tenho usado como escudo humano contra aqueles caras com armas, e estava prestes a estrangulá-la e deixar o corpo aqui para despistá-los. Mas então você apareceu e estragou meu plano maligno. Sorte sua porém. Você conseguiu resgatar a pobre da Chloe novamente e conquistar sua gratidão eterna.”

“Gratidão eterna?” Simon olhou para mim. “Legal. Isso vem com servidão eterna? Se for, eu gosto dos meus ovos mal passados.”

Eu sorri.

“Vou lembrar disso.”

“Chega de conversa.” Derek falou. “Vamos embora.”

18



NA VERSÃO CINEMATOGRAFICA DE NOSSA FUGA, nós correríamos direto para uma armadilha. Todos teriam sido capturados... Exceto eu, sendo a heroína. Eu seria esperta o suficiente para evitar ser pega, então poderia bolar um arriscado plano para libertar meus amigos. Mas não seria fácil. Ou silencioso. Tori e Simon iriam explodir todo um quarteirão da cidade com suas mágicas. Derek iria arremessar alguns caminhões em nossos perseguidores. E eu recrutaria um exército de zumbis de um cemitério convenientemente perto.

Mas por mais legal que isso possa parecer na telona, eu estava mais inclinada para uma fuga rápida. E foi exatamente isso que fizemos. O grupo Edison nunca deixou o pátio da fábrica.

Nós caminhamos por pelo menos cinco quilômetros. Quando estávamos longe o suficiente da fábrica para pararmos de nos esconder, Derek nos levou até uma área comercial do outro lado do bairro, onde quatro adolescentes não pareceriam tão deslocados em um dia de escola.

“Eu sei que vocês adoram essa coisa de capa e espada.” Tori falou finalmente. “Mas não podemos simplesmente pegar um táxi?”

Derek balançou a cabeça.

Eu limpei minha garganta.

“Um táxi seria arriscado, mas se houver um atalho para onde estamos indo, meus pés agradeceriam.”

Derek parou imediatamente. Esbarrei contra suas costas – não pela primeira vez, já que ele insistia em caminhar na minha frente. Eu vinha tropeçando em seus calcanhares e resmungando desculpas o caminho todo. Quando eu diminuía e o deixava seguir na frente, ele me mandava acompanhá-lo.

“Nós estamos quase lá.” Simon falou.

Ele estava ao meu lado – junto ao meio fio, caminhando tão perto quanto o Derek. Enquanto que normalmente eu não iria reclamar pelo Simon estar tão perto, eu tinha a estranha sensação de estar sendo bloqueada.

Quando começamos a caminhar novamente, tentei ficar para trás com a Tori, mas o Simon prendeu seus dedos em meu cotovelo e me fez voltar para meu lugar.

“Tudo bem.” Falei. “O que está acontecendo. Qual o motivo do bloqueio?”

“Eles estão te protegendo.” Tori falou. “Te salvando do grande e malvado mundo.”

Nenhum dos dois rapazes falou. Seja o que for eles não iriam me contar. Ainda não.

Nosso destino era um tipo de prédio industrial, em uma vizinhança tão degradada que mesmo as gangues e sem tetos pareciam evitar.

Quando estávamos prestes a entrar, Liz me chamou. Ela estava junto ao que restava da porta, como se não pudesse cruzar o umbral. Perguntei se havia algum tipo de mágica que a impedia de entrar, mas ela falou que não, que apenas precisava falar comigo. Então acenei para que o Derek e o Simon entrassem, dizendo que eu tinha que falar com a Liz.

Ela vinha estando calada desde que encontrei com os outros, ficando fora de vista. Agora ela se abaixou no caminho de terra ao lado do prédio, para mexer em uma das meias laranja e roxo.

“Você sabe, eu realmente adorava essas meias, mas se tiver que olhar mais um dia para elas, passarei o resto da eternidade de pés descalços.” Ela tentou sorrir, mas depois de um momento desistiu e se levantou. “Vou embora agora. Você não precisa mais de mim.”

“Não, eu... quero dizer, se você quiser pode ir, mas...”

“Isso soou errado. Eu só...” ela levantou o pé, ajustando a meia novamente. “Eu devo ir. Mas vou voltar.”

“Eu não tenho a sua blusa. Nós vamos ter que marcar um local para nos encontrarmos.”

Ela riu, quase genuinamente agora.

“Não precisamos de pontos de encontros. Eu encontro você. Sempre encontro. Eu só... posso levar algum tempo. Tenho coisas para fazer. E você...” Ela apontou na direção do prédio e a melancolia em seus olhos fez meu peito doer. “Você tem coisas a fazer. Você e os outros.”

“Liz, eu...”

“Está tudo bem. Você faz o que tem que fazer e eu te encontro.”

“Vou sentir sua falta.”

Ela estendeu a mão e posso jurar que senti seus dedos roçarem os meus.

“Você é muito querida, Chloe. Não se preocupe comigo. Eu voltarei.” Então ela desapareceu.

Os outros estavam esperando junto à porta. Abrimos caminho pelos destroços, caminhando em fila na semiescuridão atrás do Derek.

Enquanto nos movíamos, os cabelos da minha nuca se arrepiaram, e um fraco latejar começou na parte de trás do meu crânio. Eu diminuí o passo. Agora foi a vez da Tori bater em mim.

“Vamos, mova-se.” Ela falou. “Oh, certo. A Chloe tem medo do escuro. Simon, é melhor você segurar a mão dela ou...”

“Pare com isso.” Simon passou pela Tori e veio para o meu lado. “Você está bem?”

“Há... algo aqui. Posso sentir.”

“Fantasmas?”

“Eu acho que não. Foi como o que senti no porão da Casa Lyle.”

Derek amaldiçoou.

Virei para olhar ele na escuridão.

“O quê?”

“Tem um corpo.”

“O quê?” Simon perguntou, com a Tori o ecoando estridente.

“Tem um cadáver em algum lugar por aqui. Eu o farejei ontem, depois que nos ajeitamos.”

“E você não se incomodou em me falar?” Simon falou.

“É um corpo. Morto há muito tempo. Algum sem teto. Apesar disso esse é um bom lugar.”

“*Apesar disso?* Um esconderijo às escuras, cheio de lixo, cadáveres, ratos. Você sabe como escolher, mano.”

“R-ratos?” Falei, pensando nos morcegos.

“Ótimo.” A Tori resmungou. “Ela também tem medo de ratos.”

“Enquanto eu estiver aqui, eles vão ficar longe.” Derek falou.

Não eram com os ratos vivos que eu estava preocupada.

Ele continuou.

“Mas eu não pensei sobre o corpo. Chloe? Isso é um problema?”

E era. Eu deveria contar sobre os morcegos, como eu acidentalmente os acordei enquanto lidava com aquele fantasma. Mas olhei para todos, e o quão cansados todos pareciam, impacientes para encontrar um lugar para descansar e conversar, descobrir o que eu sabia. Eu podia lidar com isso. Contanto que eu não tentasse invocar a Liz, eu não iria acordar outro corpo.

Então foi isso que eu falei.

“Mas incomoda você ficar perto dele.” Simon falou. “Nós deveríamos...”

“Tenho certeza de que não é fácil encontrar lugares seguros.” Eu forcei um sorriso.

“Vai ser uma boa experiência. Eu preciso aprender a reconhecer a sensação.”

“Oh, claro.” Tori falou. “A Chloe vai *aprender* com isso. Você nunca desiste? Você parece com aqueles coelhos das pilhas...”

Simon se virou para falar algo para ela, mas Derek acenou para nós. Nós entramos em um aposento no meio do prédio, sem janelas. Derek acendeu uma lanterna. Ela lançava luz o suficiente para se ver ao redor. Mais cedo, os rapazes haviam arrumado caixas para podermos sentar, e colocado jornais sobre o chão sujo. Duas mochilas novas estavam escondidas atrás das caixas, junto com uma pilha de cobertores baratos, mas limpos. Não exatamente o Hilton – ou mesmo a Casa Lyle – mas muito melhor do que onde dormimos na noite passada.

Enquanto sentávamos, Derek pegou um punhado de barras energéticas do bolso, e me deu uma.

“Oh, certo. Você deve estar faminta.” Simon procurou nos bolsos. “Posso oferecer uma maçã velha e uma banana passada. Lojas de conveniência não são os melhores lugares para se comprar frutas, como eu vivo falando para alguém.”

“Melhor do que isso. Pelo menos para você, Simon.” Derek passou uma barra para Tori.

“Por que você não deve comer isso, não é?” Eu falei. “O que me lembra...” Eu peguei a insulina. “O Derek falou que é a sua reserva.”

“Então meu segredo obscuro foi revelado.”

“Eu não sabia que era um segredo.”

“Na verdade não. É só uma coisa que não gosto de espalhar.”

Em outras palavras, se as crianças soubessem que ele tinha uma doença crônica, poderiam tratá-lo de uma forma diferente. Ele tinha tudo sob controle, então não havia razão para saberem sobre isso.

“Reserva?” Tori falou. “Quer dizer que ele não precisa disso?”

“Aparentemente não.” Eu murmurei.

Simon olhou dela para mim, confuso, então entendeu.

“Vocês acharam...”

“Que se você não usasse o remédio em vinte e quatro horas estaria morto?” Eu falei. “Não exatamente, mas perto. Você sabe, a velha história da ‘tia com uma doença fatal que precisa do medicamento’. Aparentemente ainda funciona.”

“É um pouco decepcionante, então huh?”

“Nem brinca. Aqui estamos nós, esperando te encontrar á minutos da morte. E olhe para você, não está nem mesmo arfando.”

“Tudo bem então. Emergência médica, cena dois.”

Ele ficou em pé tremendo, então caiu e levantou a cabeça fracamente.

“Chloe? É você?” Ele tossiu. “Você tem a minha insulina?”

Eu a coloquei em suas mãos estendidas.

“Você salvou a minha vida.” Ele falou. “Como posso te recompensar?”

“Servidão eterna parece bom. Eu gosto dos meus ovos mexidos.”

Ele estendeu um pedaço de fruta.

“Você se contentaria com uma maçã velha?”

Eu ri.

“Vocês são estranhos.” Tori falou.

Simon sentou na caixa ao meu lado.

“Isso mesmo. Somos totalmente estranhos e completamente chatos. A sua popularidade está caindo apenas por você estar perto de nós. Então por que você não...”

“Chloe?” Derek interrompeu. “Como está o seu braço?”

“Ela...?” Simon amaldiçoou baixo. “Que maneira de aparecer. Primeiro a comida. Agora o braço.” Ele se virou para mim. “Como ele está?”

“Bem. Todo costurado e enfaixado.”

“Nós deveríamos dar uma olhada.” Derek falou.

Simon me ajudou a tirar a jaqueta.

“Isso é tudo o que você está usando?” Derek falou. “Onde está o moletom?”

“Eles não nos deram a chance para pegar nossas coisas. Eu tenho dinheiro. Vou comprar um.”

“Dois.” Simon falou. “Está congelando depois que anoitece. Você deve ter virado um picolé na noite passada.”

Eu dei de ombros.

“Eu tinha outras coisas em mente.”

“A tia dela e a Rae.” Tori falou.

“B-bem, nós vamos chegar a isso.” Falei enquanto o Simon olhava para mim. “Há muita coisa para colocar em dia. Vocês começam.”

19



“VOLTAMOS AO PRINCIPIO, ENTÃO.” DEREK FALOU, SENTANDO em sua caixa. “A última vez que te vimos, você estava correndo para o depósito com a Rae. Nossa distração funcionou e nós fugimos, mas não conseguimos voltar por algum tempo, no caso de estarem nos procurando. Quando chegamos lá, vocês tinham ido embora.”

“Rae me convenceu a ir embora.” Ela falou que enquanto estava sozinha com o Simon ele nem mencionou meu nome – apenas preocupado com seu irmão. Agora eu sabia que não era verdade – ela sabia que isso me deixaria mal, talvez mal o suficiente para partir com ela, e agora eu estava envergonhada por aquilo ter funcionado. “Ela... ela falou algumas coisas. Ela me convenceu a ir até a minha tia Lauren para dar uma olhada no meu braço, e então...”

Falei sobre os últimos dois dias, passo a passo, revelação por revelação. Quando terminei, todos estavam em silêncio, até mesmo a Tori.

“Então, Brady e Liz estão mortos.” Simon falou lentamente. “E, acho que aquela outra garota... aquela que foi mandada embora cedo.”

“Amber.” Tori falou. “O nome dela era Amber.”

Eu assenti.

“Ela estava na lista. Todos os três.”

Outro momento de silêncio.

“A Rae e a tia Lauren ainda estão lá.” Falei finalmente. “Eu sei que a Rae nos traiu, e minha tia era um deles, mas eu – eu preciso tirá-las de lá. Eu não espero nenhuma ajuda com isso...”

“Não, você está certa.” O Simon falou. “A Rae errou, mas ela não merece morrer por isso.”

“Eu sei que não podemos resgatá-las sozinhos.” Eu olhei para o Derek. Quando ele assentiu, senti uma fisgada de desapontamento, como se eu esperasse que ele dissesse que poderíamos dar conta disso. Ele estava certo, é claro. Nós não poderíamos.

“Assim que encontrarmos o pai de vocês, quero voltar.” Falei. “Acho que agora sabemos por que ele fugiu com vocês.”

“Por que ele decidiu que brincar com a genética do próprio filho não foi uma idéia tão brilhando afinal de contas?” Havia uma amargura na voz do Simon que me surpreendeu. Durante todo esse tempo eu não havia pensado nisso – eu estava muito focada sobre o pai do Simon ser o ‘cara bom’. Mas ele havia colocado o próprio filho em um experimento, como todos os outros pais.

“Eles estavam tentando fazer a coisa certa.” Falei, lembrando da carta da minha tia. “Eles achavam que isso faria nossas vidas mais fáceis. O Grupo Edison os vendeu esse sonho, e quando as coisas começaram a dar errado o seu pai saiu. A tia Lauren também tentou.” Toquei a carta em meu bolso. “Só que era tarde demais.”

“Então há aqueles entre nós cujos pais nunca se arrependeram do que fizeram.” Tori falou. “Que a mãe se revelou uma vadia do mal. Mas, hei, agora ninguém pode dizer que não tenho a quem puxar.” Ela rasgou o último pedaço de papel da sua barra energética. “Eu não acredito nessa idiotice de que somos falhas. Eles queriam seres sobrenaturais mais fortes. É isso o que somos. Eles só precisam nos ensinar a como controlar os poderes.”

“Você pode voltar e falar isso para eles.” Simon falou.

“E quanto a você?” Tori acenou para o Simon. “Os seus poderes funcionam muito bem. Você nem ao menos precisou de aconselhamento na Casa Lyle.”

“Simon não estava na lista. Eles o consideravam um sucesso.”

“Seja lá o que isso significa.” Simon se remexeu em sua caixa. “O experimento chamado de bem sucedido parece ter enfraquecido os poderes, mas talvez eles ainda não tenham ganhado força. Quando ganharem, poderemos ter o mesmo problema.”

Tori assentiu.

“Bombas relógio.”

Exatamente o que o semi-demônio havia falado...

Eu não havia mencionado o demônio. Uma complicação desnecessária, e um motivo para o Derek me falar que eu fora estúpida em sequer tê-la escutado. E o que ela havia falado, sobre voltar e libertá-la? Não era algo que eu queria considerar no momento. Se nós voltarmos, nós teremos o pai do Simon e vamos achar uma maneira de parar o Grupo Edison *sem* precisar libertar nenhum demônio.

“Meu pai vai preencher os espaços em branco.” Simon falou.

“Ótimo.” Tori falou. “Nós vamos poder salvar a tia da Chloe e ter todas nossas perguntas respondidas... assim que você encontrar o seu pai desaparecido. E como vão indo as buscas?” Ela olhou ao nosso redor. “Não muito bem pelo que vejo.”

Raiva queimou nos olhos do Simon, mas ele a afastou.

“Nós estamos trabalhando nisso.”

“Como?”

“Mais tarde.” Derek falou. “Agora precisamos comprar roupas quentes para a Chloe...”

“Chloe, Chloe, Chloe. Parem de se preocupar com a pobre pequena Chloe. Ela ainda não congelou. E quanto ao pai de vocês? Alguma pista? Ou dica?”

“Ainda não.” Simon falou.

“Então o que vocês estiveram fazendo nos últimos dois dias?”

A raiva dele explodiu, e dessa vez ele não a impediu, se virando tão rápido que ela se encolheu.

“Nós passamos cada minuto deles fazendo três coisas: Sobrevivendo, tentando encontrar a Chloe e nosso pai. E o que *you* estava fazendo?”

“Eu estava presa.”

“E daí? Isso não impediu a Chloe. O que você tem a acrescentar, Tori? Você encontrou alguma coisa? Ou apenas aproveitou a fuga da Chloe?”

“A Tori me ajudou.” Falei. “Sem ela...”

Ela se virou para olhar para mim.

“Não me defenda, Chloe Saunders.”

Silêncio. Então o Derek falou.

“Onde podemos levar você, Tori? Avós? Amigos? Você está livre agora e em segurança, então tenho certeza que há algum lugar que você prefira estar.”

“Não.”

Abri minha boca para contar o que aconteceu com o pai dela, mas seu olhar me fez calar.

“Ela não tem nenhum lugar para ir.” Falei. “Assim como eu.”

“Deve haver alguém” Derek falou. “Talvez não em Buffalo, mas podemos comprar uma passagem de ônibus.”

“De preferência um que saia na próxima hora?” Ela falou. “Eu não vou a lugar algum. Estou me juntando a sua gangue de crianças heróis na busca do super pai.”

Simon e Derek se olharam.

“Não.” Derek falou.

“Não? Com licença, mas foi a *Rae* que traiu vocês. Não eu. Eu ajudei a Chloe.”

“E foi a Rae que atormentou ela na Casa Lyle?”

“Atormentou?” Ela bufou. “Eu não...”

“Você fez tudo o possível para que ela fosse expulsa.” Simon falou. “E quando nada funcionou, você tentou matá-la.”

“Matá-la?” A boca da Tori ficou tensa. “Eu não sou minha mãe. Não se atreva a me acusar...”

“Você a atraiu até o porão.” Derek falou. “A atingiu na cabeça com um tijolo, a amarrou, amordaçou e trancou a porta. Você pelo menos checkou para saber se ela estava bem? Para saber se você não havia quebrado o crânio dela?”

Tori gaguejou um protesto, mas pelo terror em seus olhos, eu soube que essa possibilidade nunca havia ocorrido para ela.

“Derek.” Eu falei. “Eu penso...”

“Não, *ela* não pensou. Ela poderia ter te matado com aquele tijolo, sufocado você com a mordaca, um ataque do coração por causa do medo, sem mencionar do que poderia ter acontecido se você não tivesse conseguido se livrar das amarras. Só é preciso um par de dias para se morrer de desidratação.”

“Eu *nunca* deixaria a Chloe morrer. Você não pode me acusar disso.”

“Não.” Derek falou. “Você só a queria presa em um hospital para doentes mentais. E por quê? Porque você não gosta dela. Porque ela conversou com o cara que *você* gosta. Talvez você não seja a sua mãe, Tori, mas você é...” Ele a olhou com um olhar congelante. “Eu não quero isso por perto.”

A expressão no rosto dela... Eu senti pela Tori, ela aceitando minha simpatia ou não.

“Nós não confiamos em você.” Simon falou, seu tom um pouco mais suave do que o irmão. “Não podemos ter alguém conosco que não confiamos.”

“E se eu estiver de acordo com que ela fique.” Eu cortei. “E se eu me sentir segura com ela...”

“Você não se sente.” Derek falou. “Mas você não a jogaria na sarjeta, por que você não é esse tipo de pessoa.” Ele encontrou o olhar da Tori. “Mas é o tipo de pessoa que eu sou. A Chloe não vai te forçar a partir, por que ela se sentiria péssima se algo te acontecesse. Eu? Eu não ligo. Você trouxe isso para si.”

Agora aquilo era demais. Simon se contorceu abrindo a boca.

Eu o venci na resposta.

“E para onde ela vai? Ela não tem nenhum dinheiro. Qualquer um que ela for pedir ajuda vai chamar os pais dela.”

“Eu não ligo.”

“Nós não podemos fazer isso.” Simon falou. “Não é certo.”

Eu sabia que o Derek não era vazio de empatia – ele não conseguia esquecer o que fez com aquele garoto que atacou o Simon. Mas era como se ele segurasse uma estranha lista de atos e valores, e se você parar do lado errado dela, como a Tori, ele

não tinha nenhum problema em ‘chutar você para a sarjeta’, para encarar qualquer destino que o espera.

“Não.” Eu falei.

“Não está aberto a negociações. Ela não vem.”

“Tudo bem.” Eu levantei e limpei meus jeans. “Vamos, Tori.”

Quando o Simon se levantou, achei que ele iria me impedir. Ao invés, ele me seguiu até a porta. Tori nos acompanhou e caminhamos até a próxima sala antes do Derek nos alcançar, me segurar pelo braço e me levantar.

Eu gemi e tentei retirar seus dedos.

“Braço errado.”

Ele largou meu braço rapidamente, percebendo que havia pegado meu braço ferido. Um longo minuto se passou em silêncio, e então:

“Ótimo.” Ele se virou para a Tori. “Três condições. Um, seja qual for o teu problema com a Chloe, supere. Faça algo contra ela novamente e você vai embora.”

“Entendido.” Tori falou.

“Dois, esqueça o Simon. Ele não está interessado.”

Ela ruborizou e rebateu.

“Eu acho que já entendi isso. E quanto ao número três?”

“Mude sua atitude.”

20



ASSIM QUE AQUELA PARTE FEIA ESTAVA SUPERADA, EU ESTAVA – pela primeira vez em minha vida – animada em ir fazer compras. Eu mal podia esperar para me livrar daquele lugar escuro, úmido e frio que me lembrava muito os porões que tanto odeio. Ficar longe do cadáver, as vibrações dele mantinha meus nervos no limite. Comprar roupas quentes, comida de verdade, e ir a um banheiro *de verdade*, com sabonete, água corrente e um toalete. Não perguntem o que eu vinha fazendo com minhas ‘necessidades fisiológicas’ até agora – é melhor deixar isso sem resposta.

“Se nos afastarmos o suficiente daqui para estarmos em segurança, eu gostaria de tentar usar o meu cartão do banco.” Falei.

“Minha conta provavelmente está bloqueada, mas vale à pena tentar. Sempre podemos usar mais dinheiro.”

“Nós temos algum.” Derek falou.

“Tudo bem. Se você acha que não é seguro que eu tente.”

“Você não vai sair, Chloe. Nós vamos. Você vai ficar aqui.”

“Onde você estará em segurança.” Tori falou. “Nós não queremos que você quebre uma unha usando o cartão.”

“Tori...” Derek falou se virando. “Você foi avisada. Deixe-a em paz.”

“Aquela piada foi para você, garoto lobo.”

A voz dele baixou outro oitavo, quase como um rosnado.

“Não me chame assim.”

“Por favor. Podemos parar com a implicância?” Caminhei entre eles. “Se eu ainda não consegui provar que sou cuidadosa, e que posso tomar conta de mim...”

“Você provou isso.” Simon falou. “*Esse é o problema.*” Ele me entregou um recorte de jornal. Li a manchete, então lentamente sentei sobre a caixa, com o olhar fixo no artigo.

Meu pai estava oferecendo meio milhão de dólares como recompensa pela informação que ajude a minha volta em segurança. Havia uma foto minha – foto da escola do ano passado. E havia uma dele, no que parecia uma conferência com a imprensa.

Na noite posterior a minha crise na escola, meu pai veio me ver no hospital. Ele voltara de Berlin, e estava terrível – exausto, sem se barbear e preocupado. Ele parecia ainda pior no artigo do jornal, círculos escuros sob os olhos, linhas marcando seu rosto. Eu não fazia idéia sobre o que o grupo Edison havia planejado falar para meu pai sobre meu desaparecimento. Eles devem ter contado alguma história, talvez que eu tenha sido transferida e ele ainda não poderia me visitar. Eles queriam cobrir meu desaparecimento, mas haviam sido lentos demais.

Porém eles estavam tentando cobrir seus rastros. De acordo com as enfermeiras e minha colega de quarto, Rachelle Rogers – entrevistada para a história – eu escapei.

Será que meu pai acreditou nisso? Acho que sim. O artigo citou que ele acha que lidou com a minha situação de maneira errada – que lidou com muitas coisas ao meu respeito de maneira errada – e que ele desesperadamente quer uma chance de recomeçar. Quando li aquilo, lágrimas caíram sobre o jornal. Eu as sequei.

“Meio milhão?” Tori leu sobre meu ombro. “O grupo Edison deve estar ajudando a pagar a conta para nos ter de volta.”

Simon apontou para a data. Na manhã anterior, quando nós ainda estávamos sob a custódia deles.

“Tudo bem.” Tori falou. “Eles falaram para o pai fazer esse escândalo sobre o desaparecimento dela, para que ninguém faça perguntas. Ele ofereceu dinheiro que nunca vai precisar pagar, porque ele sabe onde ela está.”

Balancei minha cabeça.

“Minha tia falou que ele não sabe nada sobre o Grupo Edison.” Eu olhei para o artigo, então dobrei o jornal rapidamente. “Eu tenho que avisá-lo.”

Derek parou na minha frente.

“Você não pode fazer isso, Chloe.”

“Se ele está fazendo isso” Eu balancei o jornal “Ele está se colocando em perigo sem saber. Tenho que alertá-lo...”

“Ele não está em perigo. Se eles o tivessem impedido de ir à mídia, talvez. Mas agora, se alguma coisa acontecer com ele, irá apenas atrair mais atenção. Ele obviamente não está questionando a história deles sobre a sua fuga, então vão deixá-lo em paz... Contanto que ele não saiba da verdade.”

“Mas eu tenho que avisá-lo que estou bem. Ele está preocupado.”

“E ele vai ter que se preocupar por mais algum tempo.”

“Nós sabemos com certeza que ele não está envolvido?” Tori falou. “O que a sua tia disse? Ela enganou a sua mãe para fazer parte da modificação genética? Ou a sua mãe estava envolvida?”

Eu peguei a carta e passei meus dedos sobre ela. Então contei para eles o que estava escrito – as partes que iriam importar para eles.

“Nada sobre o seu pai?” Derek perguntou.

Eu hesitei e então assenti.

“O que ela falou?”

“Que ele não estava envolvido, como eu disse.”

“O que significa que deve ser seguro para a Chloe entrar em contato com ele, certo?” Simon falou.

Derek olhou meu rosto. Então falou, com uma voz baixa:

“Chloe...”

“Ela falou... minha tia falou para que eu ficasse longe dele.”

Acho que o Derek confia em mim para não correr para o telefone público mais próximo e ligar para o meu pai, porque os três foram fazer compras depois daquilo.

Tanto a minha tia quanto o Derek achavam que eu deveria ficar longe do meu pai. Derek falou que eu iria colocá-lo em perigo; tia Lauren provavelmente achava que isso me colocaria em perigo.

Amo meu pai. Talvez ele trabalhe demais, não fique em casa o suficiente, normalmente não sabe o que fazer comigo, mas ele faz o melhor que pode. Ele falou que ficaria por perto enquanto eu estivesse na Casa Lyle, mas quando uma emergência de negócios o chamou, eu não fiquei com raiva por ele ter partido. Ele fez planos para tirar um mês de folga depois que eu fosse liberada, e isso era o mais importante para mim. Ele achou que eu estava em segurança na Casa Lyle, sob os cuidados da minha tia. Ele deve pensar que eu estava tão magoada e com raiva que fugi. Agora sua filha esquizofrênica está vagando pelas ruas de Buffalo. Eu queria acalmá-lo, apenas dizer, ‘estou bem’. Mas o Derek e a tia Lauren estavam certos. Se eu fizer isso, as coisas podem não acabar bem... Para nós dois.

Para me distrair dos pensamentos com meu pai, decidi dar uma olhada no cadáver. Depois do que aconteceu com os morcegos, se havia uma maneira de controlar meu radar para corpos, eu precisava começar a treinar agora, para poder saber sobre cadáveres nas redondezas *antes* de acidentalmente jogar as almas de volta neles.

Aquilo parecia funcionar como um radar. Quanto mais perto eu chegava, mais forte era a sensação. O que faz parecer fácil ter encontrado o corpo, mas não foi. O ‘sentimento’ era apenas um vago senso de inquietude, um formigar na parte de trás do meu pescoço e uma fraca dor de cabeça; e quando isso pareceu aumentar, era impossível saber se eu estava detectando um corpo, se eram meus nervos, ou uma projeção.

Eu não sabia que tipo de negócio havia funcionado naquele lugar. Buffalo estava cheio de prédios e casas abandonadas. Se dirigir pela I-90¹⁰ você os verá – prédios velhos, janelas fechadas, pátios vazios. Esse não era maior que uma casa, com aposentos como de uma residência, apesar da fachada não se parecer com uma. O interior estava repleto de lixo – papelões mofados, pedaços de madeira, móveis quebrados, pilhas de lixo.

Tenho certeza de que poderia ter achado o corpo sem a ajuda do meu poder – havia apenas oito salas. Mas o usei de qualquer maneira para praticar. E finalmente o encontrei em um dos cantos.

Olhando da porta parecia apenas uma pilha de trapos. Quando me aproximei, vi algo branco aparecendo por entre os trapos – uma mão, a carne praticamente havia desaparecido, deixando somente os ossos. Quanto mais perto eu chegava, mais conseguia ver – uma perna, então o crânio, o corpo era agora praticamente um

¹⁰ I90 – a mais longa interestadual dos Estados Unidos, com 4,987 Km.

esqueleto. Seja qual for o cheiro que ele emanava, meu nariz humano não era bom o bastante para detectar. Os trapos, percebi, eram na verdade roupas e não estavam em tão más condições, apenas se empilhavam ao redor dos restos do corpo. O cadáver usava botas, luvas, jeans, e uma camiseta com um logotipo desbotado. Algumas mechas de cabelo grisalho pendiam sob o chapéu e as roupas e não identificavam se eram de um homem ou mulher, mas instintivamente pensei em um ‘ele’.

Em algum momento no inverno passado, essa pessoa se arrastou até aqui para fugir do frio, se encolheu nesse canto e nunca se levantou. Nós não poderíamos ter sido os primeiros a encontrá-lo. Será que todos os outros somente o ignoraram como estamos fazendo? Sem pensar em informar as autoridades, para que seja identificado e enterrado?

Será que ele estava na lista de pessoas desaparecidas? Estaria alguém esperando ele ir para casa? Eles teriam oferecido uma recompensa como meu pai?

Não com um valor tão alto, tenho certeza. *Meio milhão de dólares*. Isso atrairia todos os canalhas em Buffalo. No que o papai estava pensando?

Ele não estava. Ele apenas me quer em casa em segurança.

Pisquei para espantar as lágrimas. Ótimo. Até mesmo examinando um cadáver, eu não conseguia parar de me preocupar com o papai.

E quanto a esse cara? Alguém deve estar preocupado com ele. Se eu conseguisse contatar seu fantasma, talvez eu pudesse transmitir uma mensagem. Mas eu não poderia arriscar acidentalmente invocá-lo para dentro do corpo, como fiz com os morcegos.

Um toque em meu ombro me fez girar.

“Desculpe.” Simon falou. “Achei que você tinha me escutado. Vejo que encontrou nosso colega de quarto. Tentando se comunicar?”

“Tentando *não* me comunicar.”

“Parece que ele está aqui já há algum tempo.” Ele se abaixou ao lado do corpo. “Nós podemos brincar de CSI, e descobrir por quanto tempo ele está morto. Eu não vejo nenhum inseto.”

“Época errada do ano.”

Ele gemeu.

“Dã, certo. Ainda está muito frio aqui. Ele definitivamente morreu há alguns meses, o que significa que não há insetos. Eu deveria saber disso. Derek fez um experimento para a feira de ciências há uns dois anos, com insetos em decomposição.” Ele viu a minha expressão. “Sim, nojento. Mas um pouco interessante também, mas eu não perguntaria ao Derek sobre isso. Ele fica furioso. Ficou apenas em segundo lugar na feira da cidade.”

“Desleixado.” Me afastei e levantei. “Acabei aqui, então é melhor me afastar. Os cadáveres e eu não nos misturamos.” Considerei contar para ele sobre os morcegos. Eu queria contar para alguém, falar sobre aquilo, ouvir algum conselho, mas... “Eu só estava vendo se eu conseguia usar meus poderes para encontrá-lo.”

“Acho que a resposta é sim.”

Eu assenti e deixamos a sala.

“Nós podemos encontrar outro lugar para ficar.” Ele falou. “O Derek concorda com isso. Verdade.”

“Está tudo bem. Falando no Derek, onde ele está?”

“Ainda fazendo compras. Ele me mandou de volta para ficar com você.” Ele se inclinou próximo ao meu ouvido. “Acho que ele só quer passar mais tempo com a Tori.”

Eu ri.

“Você quer apostar em qual deles vai chegar aqui com vida?”

“Derek. Sem dúvida. Da última vez que o vi, ele a estava mandando ir comprar mais cobertores. Por agora ele provavelmente está voltando, a deixando encontrar o caminho sozinha na esperança dela se perder.”

“O quão bravo ele está? Sobre ela ficar conosco?”

“Bravo? Eu classificaria isso em um cinco. Incomodado? Em um sete. Ele vai superar. Todos temos. Pelo menos até ela se entediar e lembrar de alguma tia á muito esquecida em Peoria.”

Quando voltamos para nosso esconderijo, Simon sentou e espalhou a melhor comida que uma loja de conveniência tinha para oferecer – sucos, leite, iogurte, maçãs, bolachas e fatias de queijo.

“Todos os grupos alimentares... exceto um.” Ele me entregou uma barra de chocolate. “Sobremesa.”

“Obrigada.”

“Agora se você me der licença, vou polpá-la da visão de sangue e agulhas antes do jantar.”

“Está tudo bem. Isso não me incomoda.”

Mesmo assim ele se virou para testar o sangue, então aplicou uma injeção.

“E eu que achava que vacinas anuais contra a gripe eram ruins.” Falei. “Você tem que fazer isso todos os dias?”

“Três vezes para a agulha. Mais para os testes.”

“Três injeções?”

Ele colocou a frásqueira para longe.

“Estou acostumado com isso. Fui diagnosticado quando tinha três anos, então nem se quer me lembro de quando não tinha que fazer.”

“E você sempre teve que fazer isso?”

“Há uma bomba que posso usar. Ela é presa na minha perna e monitora o açúcar no sangue e injeta a insulina. Eu coloquei uma quando fiz treze anos. Mas...” Ele deu de ombros. “Eu tinha um trato com o meu pai, que eu só poderia ter uma, se não a usasse como licença para comer o que quisesse. Muita insulina não faz bem. E eu estraguei tudo.”

“Muitos desses?” Balancei a barra de chocolate.

“Não. Muitos carboidratos em geral. Eu saía para comer pizza com o time e não queria comer só dois pedaços quando todos estavam comendo seis. Você é incomodado sobre sempre estar de dieta, e ser como uma garota...”

“Agora isso é um insulto.”

“Hei, eu tinha treze anos. Eu sei que é estúpido, mas quando se é sempre o garoto novo na escola, você só quer fazer parte. Acho que você sabe como é isso. Provavelmente já estive em mais escolas do que nós.”

“Dez... não, onze.”

“É bem próximo. Legal.” Ele deu uma mordida na maçã. “Agora que estou me aproximando da matura idade de dezesseis, já superei isso. Papai e eu estávamos negociando para que eu recolocasse a bomba quando ele desapareceu.”

“Simon?” A voz da Tori ecoou pelo prédio.

“Acabou nossa paz e tranquilidade.” Ele resmungou, então chamou. “Estamos aqui atrás.”

21



DEREK VOLTOU TRAZENDO SACOLAS COM COMPRAS e dinheiro. O entreguei meu cartão e senha, e ele achou um caixa eletrônico sem câmeras. Meu cartão ainda funcionou. Ele retirou meu limite diário de quatrocentos dólares. Nós não poderíamos fazer isso novamente – todas as vezes que usarmos o cartão, o banco saberá que ainda estou em Buffalo e Derek estava com medo do Grupo Edison conseguir estas informações.

Ele me entregou o dinheiro com o recibo discretamente dobrado. Tori o pegou da minha mão e abriu.

“Meu Deus, essa é a sua conta bancária ou o fundo para a faculdade?”

Eu o peguei de volta.

“Meu pai deposita a minha mesada. Depois de quinze anos, o dinheiro acumulou.”

“E ele simplesmente deixa você acessar a conta?”

“Por que ele não deixaria?”

“Hmm, porque você poderia gastar. Não espere. Deixe-me adivinhar. Você é responsável demais para isso.”

“Ela é esperta.” O Simon falou.

“É assim que você chama isso? Eu seria mais...” ela bocejou.

Minhas bochechas ficaram quentes.

“Já chega.” Derek rosnou.

“É, não esqueça quem forneceu o dinheiro para você comprar isso.” Simon cutucou a sacola de compras.

A mandíbula da Tori se torceu.

“Foram vinte dólares para comida e cobertores, e estou anotando. Vou pagá-la. Também sou responsável. Só não.” Ela balançou o recibo “Enjoativamente responsável.”

Peguei minha sacola com o Derek.

“Então, o que eu ganhei?” E olhei para dentro. “Uma mochila. Dois moletons. Obrigada...”

Os suéteres se abriram, e Tori se engasgou com a boca cheia de refrigerante, rindo.

Virei, lenta e calmamente para ela.

“Você escolheu?”

Ela levantou as mãos.

“Uh não, eu me ofereci para escolher, mas o Derek insistiu.” Ela se virou para ele. “Não me surpreende você ter sumido por tanto tempo. Deve ter sido difícil achar suéteres tão feios.”

Ele me comprou dois moletons cinza idênticos, feitos com um poliéster ruim encontrado apenas nas mais baratas lojas de desconto, do tipo que brilha como plástico e gruda na sua pele.

“O que?” Derek falou.

“Eles são ótimos. Obrigada.”

Tori estendeu a mão e pegou a etiqueta, então riu.

“O que eu pensei. Eles são *para garotos*. Tamanho doze, masculino.”

“E daí? Os para mulheres custam mais. Achei que eles não fariam diferença para a Chloe.”

Tori olhou para mim. Então olhou para o meu peito e começou a gargalhar.

“O que?” Derek perguntou.

“Nada.” Simon falou. “Cale a boca. Chloe, vamos comprar outra coisa para você amanhã.”

“Não, Derek está certo. Esses vão servir. Obrigada.” Minhas bochechas queimavam, e resmunguei algo sobre experimentar a roupa e saí da sala.

Quando começou a anoitecer, nós nos ajeitamos para a noite. Era apenas oito horas e a Tori reclamou sem parar. Derek falou que ela era livre para ficar acordada, contanto que não usasse as lanternas e ainda fosse capaz de acordar ao amanhecer. Nós não vivíamos mais no mundo dos interruptores de luz. Nós tínhamos que usar o sol enquanto podíamos e dormir quando não podíamos.

Isso estava ótimo para mim. Eu não estava com animo para uma festa do pijama. O Simon havia tentado me animar, mas isso me fez ficar mais para baixo. Eu não queria *precisar* ser alegrada. Eu queria desviar dos golpes, e voltar sorrindo.

Não consegui parar de pensar na tia Lauren. Pensei na Rae também e meu pai, mas a maior parte do tempo na tia Lauren. Eu sabia que o papai e a Rae estavam em segurança por agora. O grupo Edison não iria incomodar o meu pai enquanto ele não soubesse nada sobre eles. E a Rae estava a caminho de sua ‘reabilitação’, de acordo com a ficha. Todas as vezes que eu abria meus olhos, esperava ver seu fantasma flutuando na minha frente.

Mesmo quando eu me forçava para não me preocupar, as únicas alternativas eram mais preocupações mundanas e um sentimento geral de decepção.

Encontrei os rapazes. Entreguei a insulina para o Simon. Sozinha, consegui descobrir o segredo do Grupo Edison. Minha recompensa? Agüentar as piadas da Tori a cada chance que ela encontra, tentando me deixar mal na frente do Simon.

Se há algum momento em minha vida em que deveria ser qualquer coisa além de chata e entediante, é agora. Eu posso falar com os mortos. Posso *ressuscitá-los*. Na última semana, confabulei e planejei o suficiente para ganhar um lugar no programa *Survivor*¹¹.

Ainda assim tudo o que eu conseguia ver era a Tori bocejando.

¹¹ Survivor é um reality show competitivo popular nos Estados Unidos e produzido em vários outros países. No programa, participantes são isolados em um local remoto onde competem por um prêmio em dinheiro e outros prêmios.

Era bom ter o Simon me defendendo, mas não era mais do que ele faria por uma irmãzinha. Continuei pensando sobre isso – na maneira como ele veio em minha defesa, em como ele apertou minha mão, quando se inclinou e sussurrou para mim – e eu queria ler mais nesses gestos. Mas eu não conseguia.

E daí? Com tudo o que estava acontecendo, eu realmente estava sentindo pena de mim, por que um cara bonito não estava interessado ‘daquela maneira’? Isso me fazia pior do que entediante. Isso me fazia a menininha boba que o Derek acha que sou.

Falando no Derek... E eu realmente preferiria não falar... Será que esqueci como ele pode ser? Não, eu apenas havia esquecido em como era estar no outro lado. Entre ele e a Tori, pelo menos saírei disso como uma pele mais resistente. Ou perderei cada grama de autoconfiança que possuo.

Uma noite me retorcendo e chutando, perdida em pesadelos com a tia Lauren, meu pai e Rae. Eu ficava acordando, arfando e suada enquanto todos ao meu redor pareciam estar dormindo. Inspirei o ar frio e me acalmei o suficiente para me juntar a eles, apenas para meus pesadelos retornarem.

Finalmente meu cérebro adormecido encontrou uma distração no mesmo lugar em que encontra enquanto está acordado: pensamentos sobre o cadáver na outra sala. Mas dessa vez não foi nenhuma análise objetiva e simpática com sua situação. Sonhei em arrastar aquela pobre alma de volta a sua concha, enquanto gritava e me amaldiçoava.

Então o sonho mudou, e eu estava novamente no porão. O fedor horrível de mofo e morte me cercava. Senti o Derek atrás de mim, o calor de seu corpo radiando, enquanto ele sussurrava: “*Chloe, vamos.*”

Ir aonde? Eu estava presa no porão, com aqueles horrores rastejando na minha direção, dedos frios e esqueléticos me tocando, o fedor fazendo meu estômago queimar.

Derek me sacudiu, e tentei empurrá-lo para longe, falar que ele não estava ajudando...

“Chloe!”

Eu pulei acordada, o sonho se evaporando. Acima de mim, olhos verdes brilhavam na escuridão.

“Derek? O que...?”

Ele fechou sua mão sobre minha boca. Seus lábios se moveram junto ao meu ouvido.

“Você está acordada agora? Preciso que você faça algo para mim.”

A urgência em sua voz afastou qualquer sono restante em minha cabeça. Tentei olhar para ele na escuridão. Os olhos deles estavam febris? Ou aquilo era só o estranho brilho natural deles, como olhos de gato no escuro?

Puxei a mão dele da minha boca.

“Você está se transformando novamente?”

“O que? Não. Estou bem. Só me escute, tudo bem? Você lembra do corpo na outra sala?” Ele falou lentamente, com cuidado.

Eu assenti.

“Você vai pensar naquele corpo para mim, ok? Sobre o espírito que está nele. Você precisa libertar o...”

“Libertar? Eu... eu não o invoquei...”

“Shhh. Apenas concentre-se em libertá-lo sem acordar os outros. Você pode fazer isso?”

Eu assenti. Então tentei me sentar. Mas algo pesado prendia minhas pernas no chão. Ergui-me nos cotovelos. Derek se moveu tão rápido que tudo o que vi foi sua forma escura vindo em minha direção, suas mãos em meus ombros me empurrando para o chão e me segurando.

Eu entrei em pânico. Não parei para pensar no que ele estava fazendo. Meu cérebro registrou um cara em cima de mim no meio da noite e o instinto entrou em ação. Eu lutei, meus braços e pernas se debatendo. Minhas unhas marcaram a bochecha dele e ele caiu para trás grunhido de dor.

Levantei-me, minhas pernas ainda pensadas... E então vi o porquê. Um cadáver estava subindo pelo meu corpo.

Era o cadáver da sala ao lado, pouco mais que um esqueleto, coberto com tiras de roupas e pele. Chumaços de cabelo oleoso se prendiam em partes de seu crânio.

Seus olhos eram poços vazios. Seus lábios a muito desapareceram, deixando um sorriso permanente de dentes podres na caveira.

Quando deixei um gemido escapar, a coisa parou e tentou levantar a cabeça, o crânio balançou de um lado para outro, seu globo ocular vazio procurava cegamente, sua mandíbula se abriu emitindo um som gutural.

Deixei escapar um belo grito, que ecoou pela sala.

Eu chutei e lutei, tentando sair de baixo daquela coisa. Derek me pegou pelos braços e me puxou. Ele fechou a mão sobre minha boca, mas ainda conseguia escutar meus gritos, ecoando ao meu redor. Ele rosnou para que eu calasse a boca e enquanto tentava obedecer, percebi que não era eu que gritava agora.

“O que é isso?” Tori gritou. “O que é isso?”

O clarão de uma lanterna. A luz brilhou em nossos olhos. E então ela *realmente* gritou, alto o suficiente para fazer meus ouvidos ressoarem. O cadáver se levantou, abrindo a boca e gritando em resposta, um lamento alto e agudo.

Simon também acordou. Quando viu o corpo ele deixou escapar uma sequência de palavras.

“Faça ela se calar!” Derek rosnou para o Simon, apontando um dedo para a Tori. “Chloe! Acalme-se. Você precisa se acalmar.”

Eu assenti, com os olhos fixos na coisa. Eu tentei me lembrar que não era uma “coisa”, mas uma pessoa, ainda assim tudo o que conseguia ver era um esqueleto mantido por pedaços de carne, cuja cabeça sem olhos balançava e os dentes batiam...

Eu respirei, para dentro e para fora, rápido.

“Acalme-se, Chloe. Apenas acalme-se.”

Não havia nada calmo no tom de voz dele, apenas impaciência, me dizendo para parar de gritar e começar a trabalhar. Afastei-me dos braços dele.

“Você precisa...” Ele começou.

“Eu sei o que preciso fazer.” Respondi.

“O que é essa coisa?” A Tori choramingou. “Por que está se movendo?”

“Tire ela daqui.” Derek falou.

Enquanto Simon puxava a Tori da sala tentei relaxar, mas meu coração estava batendo rápidos demais para que eu conseguisse me focar. Fechei os olhos, apenas para sentir algo no meu pé. Meus olhos se abriram para ver dedos tocando minha perna.

Pulei para trás. Um braço coberto com trapos imundos estava estendido, os dedos ossudos raspavam no jornal do chão como se estivesse tentando se propelir para frente, mas quebrado demais para se levantar. Como aquela coisa conseguia se mover? Mas ela conseguia. Igual aos morcegos, centímetro por centímetro, vindo em minha direção...

“Você o chamou.” Derek falou. “Ele está tentando...”

“Eu não chamei nada.”

“De alguma forma você o invocou, e agora ele esta tentando encontrar você.”

Me concentrei, mas no primeiro toque em minha perna pulei para o lado. A coisa pausou, o crânio balançando, então as órbitas vazias olharam para mim enquanto ele se movia em minha direção.

“Você precisa libertá-lo.” Derek falou.

“Estou *tentando*.”

“Tente com mais força.”

Fechei meus olhos com força e formei uma imagem mental do cadáver. Imaginei o fantasma preso no corpo e visualizei sendo libertado...

“Concentre-se” Derek sussurrou.

“Eu estou. Se você calar a boca...”

O cadáver parou, como se pudesse me escutar. Então se moveu, cegamente me procurando. Ele encontrou minhas pernas e seus dedos começaram a sentir o caminho até meu joelho. Resisti a urgência de me afastar. Ele precisava me encontrar, então deixei que o fizesse. Ignorei aquilo e me concentrei...

“O que você fez da última vez?” Derek perguntou.

Olhei para ele com raiva.

“Estou tentando ajudar.” Ele falou.

“Você vai ajudar muito mais se ficar calado...”

O olhar dele se igualou ao meu.

“Você precisa libertá-lo, Chloe. Com todos esses gritos provavelmente alguém nos escutou, e você tem cerca de cinco minutos antes deles entrarem por aquela porta e ver o cadáver se arrastando...”

“E isso deve me ajudar?”

“Eu não quis...”

“Fora.”

“Eu só...”

“*Fora!*”

Ele se afastou. Fechei meus olhos e visualizei o esqueleto, o espírito aprisionado...

Um dedo ossudo tocou a minha pele nua onde a camiseta havia se afastado do jeans e eu pulei, meus olhos se abriram para vê-lo bem ali, a caveira a alguns centímetros do meu rosto, balançando de um lado para outro.

Os cabelos gordurosos raspavam na minha garganta e eu choraminguei. Fiquei parada. Então a caveira se moveu para ainda mais perto. Agora eu podia sentir seu cheiro, o leve fedor da morte que não havia notado antes, fez meu estômago queimar, a idéia de alguém preso naquele corpo apodrecido...

Ele se moveu para mais perto.

“Pare. P-por favor, pare.”

Ele ficou parado. Nós ficamos lá, olhos nas orbitas enquanto eu respirava rapidamente, me acalmando sem inalar o fedor muito profundamente.

Esperei por seu próximo movimento, mas ele não fez nenhum.

Falei para ele parar e ele obedeceu.

Lembrei das horríveis fotos antigas que vi na internet, em que necromantes lideravam exércitos de mortos. Lembrei do livro que o Dr. Davidoff me deu que falava sobre os poderes dos necromantes.

O poder de se comunicar com os mortos. O poder de ressuscitar os mortos. O poder de controlar os mortos.

“Afastese.” Falei. “P-por favor.”

Ele o fez, lentamente, com os dentes batendo. Um som gutural se elevou de seu peito. Um rosnado.

Eu me ajoelhei.

“Deite-se, por favor.”

Enquanto ele o fazia, levantou seu rosto para o meu, a caveira se movia de um lado para outro como uma cobra, ele emitiu um chiado áspero. Escutei aquele chiado e olhei para as órbitas vazias e senti ódio. Ondas de raiva saiam do cadáver. Ele não estava me obedecendo por que queria, mas por que era obrigado. Era um espírito escravizado, invocado por um necromante, jogado de volta em um corpo que era quase um esqueleto, forçado a fazê-lo se mover para obedecer ao seu mestre.

Engoli com força.

“S-Sinto muito. Não tive a intenção de chamar você de volta. Eu não estava tentando.”

Ele rosnou, a cabeça ainda movendo, como se ele gostaria de me mostrar o que a morte era.

“Eu sinto muito...”

Engoli as palavras. O fantasma preso ali não queria desculpas. Ele queria liberdade. Então fechei meus olhos e me concentrei em fazer aquilo acontecer, o que era muito mais fácil sem ter que me preocupar com o cadáver subindo pelas minhas pernas.

Enquanto eu visualizava o espírito indo embora, o barulho parou tão rápido que abri os olhos, achando que acidentalmente o havia mandado ficar em silêncio. Mas o

esqueleto havia caído em uma pilha imóvel junto aos meus pés. O fantasma havia ido embora.

22



RESPIREI PROFUNDAMENTE, AINDA TREMENDO, ESFREGUEI meu rosto e levantei os olhos para ver o Derek preenchendo o vão da porta.

“Se você acha que alguém pode ter escutado, devemos pegar nossas coisas e partir.” Falei, minha voz incrivelmente estável. “Vamos deixá-lo onde está, para que seja encontrado e enterrado.”

Enquanto eu falava, tive a insana ideia de que o Derek poderia realmente estar impressionado pela maneira como lidei com tudo. Mas ele só ficou parado lá, massageando os arranhões na bochecha.

“Sinto muito sobre isso.” Falei. “Entrei em pânico quando você...”

“Mais cedo lhe dei a opção de ir embora. Falei que se isso” Ele gesticulou para o corpo “Fosse um problema, encontraríamos outro lugar.”

“E achei que não haveria problemas contanto que eu não invocasse nenhum fantasma.”

“Mas você o invocou.”

“Eu estava *dormindo*, Derek.”

“O que você estava sonhando?”

Lembrei e petrifiquei.

“Você sonhou o estar invocando, não é?”

“Eu – não tive a intenção...” Massageei meu rosto. “Pessoas normais não conseguem controlar seus sonhos, Derek. Se você consegue, então acho que você é muito mais esperto que nós.”

“É claro que não posso. Mas você perto de um cadáver é uma situação delicada. Você deveria saber depois do que aconteceu no porão.”

Eu sabia daquilo, especialmente depois do incidente com os morcegos. Minhas entranhas me diziam para partir, mas não tive coragem para admitir meus medos. Eu estava com medo de ser fraca. Ser zombada pela Tori, em irritar o Derek e decepcionar o Simon. Tentei ser forte e fui estúpida.

Eu queria admitir meu erro e contar para o Derek sobre os morcegos. Mas quando vi a expressão dele – a intolerância arrogante que dizia que ele estava certo e eu era uma estúpida – não consegui admitir nada.

“Está tudo bem?” Simon parou atrás do Derek, tentando ver alguma coisa.

“Está. Ele já se foi.” Falei. “O fantasma.”

“Bom, por que acho que escutei alguém vindo.”

“E quando você iria nos avisar?” Derek rebateu.

“Eu não iria entrar aqui e interromper a Chloe.” Ele se virou para mim. “Você está bem?”

“É claro que ela está bem.” A Tori veio de trás do Simon. “Foi *ela* que invocou aquela coisa. Ela é que deveria estar perguntando se estamos bem, depois de sermos acordados no meio da noite e traumatizados.”

“Você não estava traumatizada o suficiente para pegar a sua escova de cabelos.” O Simon falou.

“Para usar como arma, tudo bem? Eu...”

Parei entre os dois.

“Alguém mencionou que estamos correndo perigo de sermos descobertos? Vamos pegar nossas coisas e sair daqui.”

“Você está dando as ordens agora, Chloe?” Tori falou.

“Não. Estou dando sugestões. Se você escolher ignorá-las então tudo bem. Fique para trás e explique o cadáver para quem aparecer.”

“Sim.” Falou uma voz atrás de mim. “Talvez você possa explicar isso, garotinha.”

Uma figura estava parada do outro lado do aposento, somente sua silueta era visível no escuro. Voltei a olhar para os outros, mas ninguém havia se movido. Todos estavam apenas olhando para *mim*.

“Chloe?” Simon falou.

O homem saiu das sombras. Seu longo cabelo tinha apenas alguns poucos fios brancos, mas seu rosto possuía tantas rugas que ele parecia ter oitenta anos. Meu olhar caiu até sua camiseta com o emblema do Buffalo Bruins. Então olhei para o esqueleto no chão, virado o suficiente para que eu visse o mesmo emblema, quase completamente apagado na camiseta em tiras.

“Chloe?” Ele falou. “É esse o seu nome, pirralha?”

“Eu-eu sinto muito.” Falei. “Não queria invocar você.”

Simon pulou na minha frente.

“Olhe, fantasma, sei que você pode me escutar. Foi um acidente.”

O homem se jogou através do Simon. Pulei com um grito. Simon se virou, mas Derek o puxou para o lado.

“Com quem a Chloe está conversando?” Tori perguntou.

“O fantasma que ela invocou.” Simon falou.

“Peguem suas mochilas.” Derek falou. “Precisamos sair daqui.”

Enquanto Simon e a Tori saíam, Derek seguiu meu olhar, tentando saber onde o fantasma estaria.

“Ela não teve a intenção de acordar você. Ela se desculpou, e estamos saindo, então isso não vai acontecer novamente. Volte para o seu pós-vida.”

O fantasma se moveu para olhar o Derek.

“Você vai me obrigar?”

“Ele não pode.” Falei. “E também não pode escutar você. Sinto muito. Muito...”

Ele se virou para mim. Me encolhi novamente, mas Derek colocou sua mão nas minhas costas, me impedindo de retroceder.

“Ele não pode ferir você.” Derek sussurrou. “Fique firme e diga para ele ir embora.”

“Eu sinto muito.” Me endireitei e segui em frente. “Eu não tive a intenção de invocar você. Foi um acidente...”

“Acidente! Isso não foi acidente. Você e seus amigos baderneiros acharam que seria engraçado me arrastarem de volta para aquela... aquela coisa.” Ele apontou para o corpo. “Você acha que já não lidei com garotos como vocês antes? Me tirando dos locais que eu dormia a base de chutes. Roubando minhas botas. Agora vocês vem aqui, conduzindo seus rituais satânicos...”

“Satânico? Não. Nós...”

“Você escutou isso?” Falou uma voz distante. “Tem alguém lá dentro.”

Derek praguejou, então me empurrou na direção dos fundos do prédio. Simon e Tori entraram correndo.

“Dois homens.” Simon falou. “Policiais, eu acho. Vindo pela frente...”

“Porta dos fundos.” Derek falou. “Andem.”

A porta da frente foi aberta com um estrondo. Simon se virou e seguiu para os fundos. Nós o seguimos.

“Hei!” O fantasma gritou. “Onde acham que vão?”

Um empurrão do Derek me manteve em movimento.

“Oh não, você não, garotinha.” O fantasma falou. “Eu ainda não terminei com você. Você vai pagar por aquela brincadeira...”

Ele continuou a gritar ameaças enquanto saíamos pela porta dos fundos.

23



“ELE FOI EMBORA?” TORI PERGUNTOU ENQUANTO eu me aproximava.

Assenti e suspirei. O ar frio da noite queimava meus pulmões. Mas eu não sentia o frio – eu estava usando minha camiseta, um dos novos molettons com capuz e a jaqueta grande. Suor escorria pelo meu rosto enquanto eu lutava para recuperar o fôlego. Me separei dos outros a algumas quadras, achando que sem um grupo, eu poderia despistá-lo mais facilmente. E estava certa.

Nós não sabíamos quem havia aparecido para investigar os ruídos. Talvez policiais como o Simon pensou, talvez pedestres – não ficamos tempo o suficiente para descobrirmos.

Agora nós estávamos em um estacionamento, entre uma minivan e uma pick-up. Música soava de um clube próximo. Isso havia me surpreendido – um estacionamento cheio e um bar movimentado em pleno dia da semana. Então chequei meu relógio e descobri que ainda não era meia noite.

“Você não deveria ter se afastado daquele jeito.” Derek falou.

“Falei o que estava fazendo. Funcionou, não é?”

“Você não pode...”

“Acalme-se.” Simon murmurou. “Precisamos encontrar outro lugar para dormir.”

“Graças a um certo alguém.” Tori falou.

“Não é culpa da Chloe.”

“Claro que é. Até mesmo o Derek falou isso.”

“Ele não quis...”

Levantei minhas mãos.

“Eu aceito toda a culpa. Podemos, por favor, parar com as briguinhas? Sei que todos estão no limite, mas se vamos passar por isso...”

“Se você começar com o discurso em como todos temos que superar nossas diferenças e trabalhar juntos, vou vomitar.” Tori falou.

“Bem, eu iria, mas tenho medo desse ser sobrenatural geneticamente modificado, ser comido por um tubarão geneticamente modificado.”

Simon caiu na gargalhada.

“*Do fundo do mar.*”¹² Ele olhou para o Derek. “Você não assistiu. Samuel L. Jackson estavam fazendo um discurso para um grupo de sobreviventes, sobre como eles tinham que parar de brigar e trabalhar juntos. No meio disso, o tubarão apareceu por trás dele e o comeu. A melhor cena de morte de todos os tempos.”

“É uma perfeita para qualquer um que fizer aquele discurso, é por isso que não vou fazer um.”

“Mas você está certa.” Simon falou. “É hora de fazer uma moratória nas implicações.”

“Moratória?” Tori falou. “Oooh, palavra grande. Se aparecendo, Simon?”

Todos nos viramos para olhar para ela.

“O que?” ela falou.

“Não implicar significa sem piadas, insultos, sarcasmo e armadilhas.” O Derek falou. “O que quer dizer que provavelmente não iremos escutar a sua voz por dias.”

“E quanto à essa situação.” Falei. “Eu assumo a culpa, então o problema está resolvido. Fiquem aqui e vou encontrar um lugar...”

Derek segurou as costas da minha jaqueta.

¹² *Do Fundo do Mar* (Deep Blue Sea) é um filme estadunidense, lançado em 1999 e estrelado por Samuel L. Jackson e Thomas Jane.

“Você ainda tem um fantasma irritado procurando por você, e uma enorme recompensa por sua cabeça. Fique aqui com a Tori. Simon e eu vamos achar outro lugar.”

Antes de eles saírem, Derek se virou para mim.

“Eu falei sério, fique bem aqui.”

“Até mesmo se os donos desses.” Tori bateu nos veículos em ambos os lados – “Aparecerem?”

Derek a ignorou.

“Ela é responsabilidade sua, Chloe.”

Quando eles saíram Tori se virou para mim.

“Por que você o deixou sair depois disso? Ele trata você como uma criancinha.”

Não falei nada, apenas comecei me afastar do local onde o Derek me falou para ficar.

Ela sorriu.

“Isso é melhor.”

A guiei até um corredor de cascalho entre dois prédios. Então me abaixei até o chão.

“Aqui é mais seguro, mas ainda perto o suficiente.”

Ela olhou para mim.

“Você está brincando, certo?”

Puxei as mangas da jaqueta sobre minhas mãos para mantê-las aquecidas.

“Você vai mesmo escutá-lo?”

“Apenas quando ele tem razão.”

Ela ficou na minha frente.

“Você vai deixar um cara mandar em você desse jeito? Fazer com que as garotas fiquem sentadas sobre seus traseiros enquanto os homens vão procurar por uma caverna onde dormir, talvez arrastando alguma comida para comermos?”

“Sim.”

“Bem, eu não. Vou mostrar para aqueles caras que uma garota pode fazer isso tão bem quanto eles.”

Inclinei-me contra a parede e fechei os olhos. Ela começou a caminhar. Abri meus olhos e observei ela se afastar.

Derek falou para ficarmos paradas. E ele falou para tomar conta dela. No momento esses eram pedidos conflitantes. Sei que ele me diria para esquecer a Tori e cuidar de mim mesma. Mas eu não posso fazer isso.

“Espere.” Falei enquanto corria atrás dela.

“Se você vai choramingar para mim que vou deixar o Frankenstein irritado, é melhor parar.”

“Não estou aqui para te dar sermão. Vou ajudar você a encontrar um lugar. Contanto que não formos longe, o Derek pode nos rastrear.” Enquanto ela seguia para a calçada, me certifiquei de que meu capuz estava no lugar, então corri e a segurei pela manga.

“Nós podemos seguir por ruas mais calmas, mas preciso evitar as pessoas o máximo que puder.”

“Eu não. Não sou eu que tenho um fantasma me perseguindo e meio milhão pela minha cabeça.”

“Sim, mas se o Grupo Edison nos quer de volta, eles podem ter ido a público para nos encontrar. E nós duas precisamos ter cuidado.”

Nós chegamos ao final da rua. Quando ela começou a virar para a esquerda, a impedi novamente.

“Por aqui.” Acenei para a escuridão do final da rua. “Vamos procurar por um bom lugar no beco. O vento vem do norte, então precisamos de uma barreira nessa direção. Uma esquina, beco ou um recesso de uma porta de entrega seria ainda melhor, então poderemos ver se alguém se aproximar. Quanto pior a iluminação, melhor. Nós queremos escuridão e solidão.”

“Você é tão mandona quanto o Derek, sabia disso? A única diferença é que você dá suas ordens de maneira mais gentil.”

Mas, aparentemente dar ordens de maneira gentil era uma estratégia que funcionava, por que ela não fez nenhuma tentativa de ir embora ou tomar o controle, apenas veio comigo enquanto checávamos local por local.

Atrás de um grupo de lojas encontramos um beco longo e estreito com uma parede de um lado, e uma sólida cerca de um e oitenta de altura do outro.

“Isso parece promissor.” Falei.

“Uh, é. Se você for o Oscar the Grouch¹³.” Ela acenou para uma fileira de latas de lixo.

Levantei uma das tampas e apontei para os papéis picados dentro.

“Reciclagem. Não tem nenhum restaurante aqui por perto, então o lixo não vai feder.”

Continuei pelo beco. E ele acabou em uma parede.

“Isso é ótimo.” Falei. “Paredes nos três lados, e as latas de lixo podem bloquear a entrada. Nós podemos arrumar algumas caixas ao redor e jornais para podermos nos sentar.”

“E talvez se tivermos sorte, vamos achar uma caixa de papelão grande o suficiente para nos arrastarmos para dentro e fingir que somos sem teto.”

“No momento, Tori, nós *somos* sem teto.”

Isso a calou. Parei próximo ao final do beco e deixei escapar uma risada.

“Venha até aqui.”

Ela suspirou.

“Agora?”

¹³ Oscar the Grouch (conhecido no Brasil tanto como Oscar quanto como Gugu) é um personagem do programa infantil Sesame Street, bem como de sua versão brasileira intitulada Vila Sésamo. Oscar é um monstro verde e peludo que vive dentro de sua lata de lixo. Ele adora lixo e dias de chuva.

Acenei para que ela se aproximasse.

“Oh.” Ela estendeu as mãos para aquecê-las no ar quente que soprava da ventilação.

Eu sorri.

“Temos até mesmo aquecimento. O quão perfeito é isso?”

“Perfeito demais.” Uma garota falou. “É por isso que esse lugar já foi ocupado.”

Três garotas caminhavam na nossa direção no beco. Todas perto da nossa idade. Uma era loira vestida com roupas grandes demais para ela. Outra com dreadlocks. A terceira garota usava uma jaqueta de couro marrom surrada, e quando ela passou por uma parte iluminada pela luz da lua, vi uma grossa cicatriz que corria de seu olho até o queixo.

“Vê isso?” A garota com dreadlocks apontou para um sinal na cerca. “Essa é a nossa marca. O que significa que esse local é nosso.”

“Nós n-não vimos. Sinto muito. Vamos embora.” Comecei a ir embora, mas a Tori me puxou de volta.

“Não, nós não vamos. Você não pode *reservar* um beco, com marca ou sem marca. Chegamos primeiros, e temos o direito. Você quer ficar aqui? Amanhã chegue mais cedo.”

“*Como é?*”

A garota com a cicatriz puxou um canivete do bolso. Ele se abriu com um movimento. Tori olhou para a faca, mas não se moveu, seu olhar estava preso nas meninas.

“Olhem só isso.” A garota com a cicatriz falou para as amigas. “Essa garota vai nos desafiar pelo lugar. Há quanto tempo você está nas ruas, garota?” Ela olhou a Tori de cima a baixo. “Desde as nove dessa manhã, eu acho. O que aconteceu? Mamãe e papai falaram que você não iria poder ver o namorado em um dia de escola?”

As garotas riram. Tori flexionou os dedos, se preparando para um encantamento. Prendi seu pulso. Ela tentou se livrar. Eu queria que ela notasse que as outras duas garotas agora tinham duas facas iguais a da primeira, mas seu olhar retornou para a garota com a cicatriz, e toda sua raiva das últimas vinte e quatro horas se acumulou. As caixas próximas às garotas tremiam e se arrastavam. Papéis voavam atrás delas.

As garotas não se viraram, achando que era apenas o vento.

Segurei o pulso da Tori com mais força e sussurrei:

“São muitas.”

Para minha surpresa a mão dela relaxou. Esperando algum truque continuei a segurar, mas ela se libertou falando:

“Ótimo. Nós já vamos.”

“Boa idéia.” A garota da cicatriz falou. “Da próxima vez garotas, se vocês virem isso.” Ela apontou para o sinal – “Fiquem longe. Pelo menos até terem condições para lutar.”

Nós começamos a passar, mas a garota com a cicatriz levantou a mão acertando o peito da Tori e a fazendo parar.

“A vida aqui fora não é o que vocês garotas pensam que é. Vocês têm muitas lições para aprender.”

“Obrigada.” Tori resmungou e tentou continuar a caminhar, mas a garota a impediu novamente.

“A coisa sobre as lições? Para elas serem aprendidas precisam vir com consequências. Então vou ajudar a você se lembrar dessa. Me dê a sua jaqueta.”

Ela estendeu a mão. Tori olhou para ela.

“A minha está ficando velha.” A garota falou. “Gosto mais da sua.”

Tori bufou e tentou passar novamente.

A garota parou na frente dela, com a faca erguida.

“Falei que quero a sua jaqueta.”

“E os tênis dela.” A garota de dreadlocks apontou para mim.

“Ótimo, a jaqueta e os tênis.” A garota falou. “Podem tirá-los garotas.”

A garota com as roupas grandes deu um passo para frente.

“Eu quero o jeans da garota menor. Nunca tive um seven.” Ela sorriu, mostrando um dente com joias. “Vai me fazer sentir como uma estrela de cinema.”

“É, se você conseguir colocá-los.” A garota com os dreadlocks falou.

“Esqueça o jeans.” A garota com a cicatriz falou. “A jaqueta e os tênis. Agora.”

Tori precisava da jaqueta, e eu definitivamente precisava dos tênis. Inclinei-me para desamarrar um dos tênis, fingindo ter problemas com meu equilíbrio, então pedi para que a Tori me ajudasse. Para meu alívio ela se aproximou. Recostei-me contra ela, mexendo em meus tênis e sussurrei:

“Atordoe.”

Tori fez uma careta.

Estalei meus dedos.

“Atordoe. Um, dois, três.” Olhei para cada uma das garotas ao nosso redor. Tori balançou a cabeça. “Um de amarração.”

“São muitas. As atordoe.”

“Vamos, garotas.” A garota da cicatriz falou.

Tori suspirou irritada e se inclinou, como que para me ajudar a desamarrar os tênis. Então ela se levantou, erguendo as mãos, atingindo a garota da cicatriz com um...

A garota congelou. Nenhum uso para o meu conselho.

A princípio as outras duas não notaram. Elas apenas olharam para a líder com impaciência, esperando que ela nos apressasse novamente.

“Conte comigo.” Tori sussurrou. “Um, dois...”

“Hei, o que...?” A garota com as roupas largas começou.

As mãos da Tori se elevaram, mas a garota continuou caminhando. E a menina da cicatriz se moveu, quebrando o feitiço. Ela veio em nossa direção, brandindo a faca. Suas amigas se posicionaram ao lado dela. Tori tentou novamente, mas aparentemente ela já havia usado toda sua força por que nada estava acontecendo.

“Seja qual for seu truque.” A garota da cicatriz falou. “É realmente muito idiota. Você tem três segundos para tirarem tudo. As duas.”

“Eu acho que não.” A Tori falou. “Agora, afastem-se.”

Tori moveu os dedos. Mas a garota nem ao menos balançou.

“EU falei *afaste-se!*”

Ela estalou os dedos novamente. A garota continuou vindo em nossa direção. Me virei, apenas para descobrir o problemas com os becos sem saídas – se a entrada estiver bloqueada, você fica preso. Quando a garota de roupas largas voou na minha direção, corri com a Tori ao meu lado.

No final desviei rápido, na esperança de pegar minhas perseguidoras de surpresa e conseguir passar por elas. Isso funcionou com a garota com as roupas largas. Mas a dos dreadlocked viu meu movimento e me bloqueou.

Segurei sua faca, mas ela me chutou na parte de trás do joelho. Minha perna se dobrou e cai. Arrastei-me para fora do caminho. E consegui achar a Tori, suas mãos erguidas como se estivesse se rendendo. Então uma das mãos se moveu, segurando a mão da garota que segurava a faca. A lâmina brilhou e abriu um rasgo na manga da jaqueta de couro da Tori.

Tori deixou escapar um grito sufocado de indignação, como se a lamina tivesse cortado seu braço ao invés da jaqueta. Suas mãos voaram para cima. A garota da cicatriz pulou tentando evitar ser atingida por um soco, mas as mãos da Tori passaram pela cabeça da menina e voltaram a cair.

Uma onda invisível me atingiu, e quando me dei conta já estava caída de costas no chão.

Tênis bateram no concreto e olhei para cima, para ver a Tori correndo em minha direção.

“Você está bem?” Vendo que eu estava consciente, ela não esperou por uma resposta. “Levante-se!”

Levantei de maneira instável, minha perna ainda latejava pelo chute da garota com os dreadlocks. Olhei rapidamente ao redor. Ela estava caída á alguns metros dali.

Tori me puxou até eu ficar totalmente de pé. A garota com as roupas grandes

estava caída junto à parede. Ela deixou escapar um gemido baixo. A garota da cicatriz estava de quatro, consciente, mas atordoada.

Vendo a faca da garota de dreadlocks caída no chão, a peguei e corri para a garota com as roupas grandes, falando para a Tori pegar a faca da com a cicatriz, enquanto eu pegava a outra. Ela havia caído á alguns metros. A peguei. Tori já estava correndo pelo beco. Ignorei a dor em meu joelho e corri para alcançá-la.

“Você pegou a faca dela?” Perguntei.

“Por quê? Você já tem duas.”

“Não é por isso...”

“Hei!” Alguém gritou atrás de nós. “Hei!”

Olhei por sobre o ombro e vi a garota da cicatriz correndo atrás de nós, com a faca na mão. Era *por isso* que eu queria todas as três.

24



COLOQUEI UMA DAS FACAS NA MÃO DA TORI E FALEI PARA ela correr. Ela o fez, seguindo em frente, suas pernas longas logo me deixaram para trás, o que *não* era minha intenção. Mas nós tínhamos bastante vantagem. E só precisávamos chegar...

Olhei para trás procurando nossa perseguidora e não vi o meio fio. Tropecei e tentei me recuperar, mas meu joelho machucado cedeu e cai em uma área de grama. Apoiei nas mãos, pronta para levantar, mas a garota aterrisou nas minhas costas e o ar foi expulso dos meus pulmões.

Nós lutamos – se você pode chamar meus tapas e chutes frenéticos, de luta. Logo ela havia me prendido de costas e com a faca em meu pescoço. Aquilo me deteve.

“Eu-eu-eu.” Engoli. “Sinto muito. Você quer minha jaqueta? Meus tênis?”

Ela apertou meu corpo contra o chão e arrancou um punhado do meu cabelo. Gemi e contive um grito.

“Mechas vermelhas?” Ela riu sem humor. “Você acha que isso vai te fazer parecer durona? Ou legal?”

“N-não. Se você quiser meus tênis...”

“Eles nunca serviriam em mim. Eu queria a jaqueta da sua amiga, mas ela já se foi. Boa amiga que você tem. Ela nem ao menos olhou para trás.” A garota diminuiu a pressão com a faca ainda na minha garganta. “Foi um taser,¹⁴ não foi?”

“O que?”

¹⁴ Arma de eletrochoque é uma arma capaz de liberar uma descarga elétrica a fim de imobilizar uma pessoa momentaneamente, constituindo-se assim como uma arma não-letal.

“O que ela fez comigo lá no beco. Ela atirou em mim e nas minhas garotas com um taser. Aposto que vocês acharam que seria engraçado.”

“N-não. Eu...”

“Falei que iria te ensinar uma lição, e já que você não tem nada que eu quero...”

Ela levantou a faca até a ponta ficar a centímetros do meu olho. A vi se aproximando e perdi o controle me debatendo para me libertar, mas ela estava me segurando firme, com seu braço em meu pescoço cortando o ar e tudo o que pude fazer foi observar aquela ponta vindo direto para meu olho. Um gemido surgiu em meu peito. Ela riu e tocou a lâmina contra minha bochecha.

A ponta cortou a pele. Senti uma pontada de dor, então sangue quente escorreu por minha bochecha.

“Isso não é vida para garotinhas bonitas, loirinha. Uma coisinha bonitinha como você? Dou uma semana para algum cara colocar as mãos em você. Eu? Eu tenho sorte. Não tenho que me preocupar com isso.” Ela inclinou a cabeça, mostrando a feia cicatriz em seu rosto. “Vou fazer esse favor por você.”

A faca foi pressionada, cortando ainda mais fundo. Fechei meus olhos contra a dor, então senti a garota se afastar de mim com um grunhido de raiva.

Levantei minha cabeça, percebendo que não era *ela* que estava rosnando. E ela não havia se afastado de mim – ela estava balançando, seus olhos arregalados, e a faca caiu no chão, quando o Derek a tirou do chão. Ele a levou na direção da parede.

Gritei.

“Não!” E pensei ser tarde demais, mas no último momento ele se conteve de forma tão abrupta que tropeçou. A menina se debateu e chutou. O pé dela o acertou. Mas o Derek pareceu não notar. Ele olhou em volta, viu a cerca e com um grunhido a ergueu. Ela caiu do outro lado.

Eu já estava quase em pé, instável e tremendo. Ele agarrou meu colar e me puxando para cima.

“Mova-se!”

Encontrei a faca caída e a peguei. Ele me empurrou para frente com tanta força que sai tropeçando. Então comecei a correr. Ele foi em frente, liderando. Seguimos por

pelo menos um quarto de milha até ele se virar, me olhando com uma expressão que me fez encolher. Ele agarrou meu antebraço e me manteve no lugar.

“Eu não falei para você ficar parada?”

“Sim, mas...”

“Eu falei para você ficar parada!” Ele rosnou.

Olhei ao redor, com medo de sermos ouvidos, mas estávamos atrás de uma fileira de prédios e todas as janelas estavam escuras.

“Sim.” Mantive minha voz baixa e estável. “Você falou. Mas também disse que eu deveria ficar de olho na Tori, e ela saiu caminhando.”

“Eu não ligo para a Tori. Se ela sair caminhando, deixe que ela vá. Se ela pular na frente de um ônibus não faça nada.”

Quando olhei para os olhos dele, vi o terror por trás da raiva e soube com quem é que ele realmente estava furioso – com ele mesmo, por quase ter jogado aquela garota contra a parede, como fez com o garoto em Albany.

Sem falar nada, retirei seus dedos do meu braço. Ele se afastou, abrindo e fechando as mãos.

“Se ela fugir, deixe que ela vá.” Ele falou mais calmo agora. “Não me importo com o que aconteça com ela.”

“Mas eu sim.”

Ele deu um passo para trás, distraidamente massageando o braço. Quando me viu observando ele parou.

“É uma coceira.” Ele falou. “Uma coceira normal.”

“Você está com mais algum sintoma? Febre, ou...”

“Não.” Ele respondeu de forma abrupta. “Não mude de assunto. Você precisa ser mais cuidadosa, Chloe. Como mais cedo com aquele cadáver. Você precisa pensar no que pode acontecer.”

Ele estava certo. Mas vê-lo se coçando me lembrou que não sou a única a ser descuidada, e que ignorou um perigo em potencial.

“E quanto a você?” Apontei para ele coçando os braços novamente. “O lobisomem que ainda não passou por sua primeira transformação, mas sabe que está amadurecendo rápido. Ainda assim quando começou a ficar inquieto, febril, com coceiras, nunca te ocorreu que você poderia estar passando por sua transformação mais cedo? Você deixou isso correr... Até piorar na noite em que deveríamos fugir.”

“Eu não ia com vocês...”

“Mas se eu não tivesse ficado para te encontrar, o Simon não teria aceitado ir embora. Você poderia ter estragado nossa escapada, porque não sabia o que estava acontecendo.”

“Eu não sabia.”

“Como eu não sabia que podia ressuscitar os mortos enquanto dormia. Mas eu falei algo para você? Mencionei o quão perto chegamos de ser pegos por que fiquei para te ajudar?”

Ele olhou para o lado, sua mandíbula trabalhando, então falou:

“Também tentei ajudar você. E consegui isso.” Ele apontou para o arranhão na bochecha.

“Porque acordei com um cara me prendendo contra o chão! Sei que você estava tentando evitar que eu visse o zumbi subindo pela minha perna. Um bom plano mal executado. Então você simplesmente perdeu a paciência e começou a gritar ordens.”

“Eu estava tentando ajudar.”

“E se eu tivesse feito isso com você? Gritando para você terminar a transformação de uma vez antes de sermos pegos?”

Ele olhou para o lado novamente.

“Eu... sobre aquela noite. Eu não falei...” Ele levantou os ombros. “Nós precisamos voltar. Simon vai ficar preocupado com você.”

Caminhamos por cerca de vinte passos em silêncio, enquanto eu o seguia. Quando seus ombros caíram novamente, eu soube que ele estava pensando sobre aquilo, e rezei para que simplesmente deixasse passar. Por favor, apenas esqueça...

Ele se virou para mim.

“Da próxima vez que eu falar para você ficar, você fica.”

“Não sou um cachorro, Derek.”

Mantive minha voz firme, mas a mandíbula dele se tencionou, e seus olhos verdes brilharam.

“Talvez não, mas é obvio que alguém tem que ficar de olho em você e estou cansado de fazer isso.”

“Não.”

“Não o que?”

“Nós não havíamos concordado que iríamos parar com as brigas?”

O rosto dele ficou mais sombrio.

“Isso não é...”

“E você está com raiva de si mesmo e está descontando em mim.”

Eu queria ser razoável, mas ele explodiu, vindo em minha direção tão rapidamente que caminhei para trás e atingi uma cerca de ferro.

“Estou furioso com você, Chloe. Você foi embora. Se meteu em problemas. E tive que socorrer você.”

Ele continuou vindo em minha direção. Me pressionei contra a cerca, os elos ringiram em protesto.

“E pare de fazer isso.” Ele falou. “Se afastando e me olhando desse jeito.”

“Como se você estivesse me assustando? Porque talvez você esteja.”

Ele se afastou tão rápido que balançou, então se equilibrou e uma expressão diferente surgiu em seu rosto – ela desapareceu em um segundo e sua carranca retornou.

“Eu nunca te machucaria, Chloe. Você deveria saber...” ele parou. Então se virou e começou a caminhar. “Da próxima vez? Cuide da situação sozinha. Eu não vou mais tomar conta de você.”

Eu queria correr atrás dele, gritar que não pedi para que ele cuidasse de mim, que não precisava e nem queria a ajuda dele. Não se esse fosse o preço – sua raiva, culpa e desprezo.

Lágrimas surgiram. As pisquei para longe e esperei até ele estar longe o suficiente para não voltar a falar comigo. Então o segui até o Simon.

Tori já estava lá. Ela não falou nenhuma palavra, como se mencionando o que aconteceu, iria significar alguma explicação do por que de ter me deixado para trás.

Ninguém falou muito. Estávamos todos muito cansados e com frio. Nosso novo esconderijo era uma área de carga e descarga. Seguro, mas o vento norte soprava livre pelo local. Nos encolhemos contra as paredes com nosso cobertores enroscados ao redor do corpo, tentando dormir.

25



ACORDEI COM O CHEIRO DE SALSICHAS E OVOS, E APERTEI meus olhos fechados para saborear o sonho, sabendo que quando os abrisse, eu teria sorte de ter uma fruta passada e uma barra energética para o café da manhã.

“Acorde e brilhe.” Uma voz sussurrou.

Uma sacola de papel foi aberta. O cheiro de salsichas atingiu meu rosto. Abri meus olhos para ver o Simon segurando uma conhecida embalagem na minha frente.

“McDonald’s?”

“Shhh.”

Simon apontou para a Tori que ainda roncava ao meu lado, então rapidamente saiu da área de entregas e sinalizou que o seguisse.

Ele me guiou até um beco, onde a escada de incêndio estava pendurada e me ajudou a subir nela. Escalamos até o telhado do prédio de três andares.

Caminhei até a beirada e olhei para baixo. Havia um parque á leste, que brilhava com o orvalho e o sol que ainda estava nascendo tingia o céu de rosa.

“Legal, certo?” Simon falou. “O parque não estava tão calmo na noite passada, por isso não dormimos lá.” Ele ajeitou a sacola e as bebidas no telhado. “Então aqui em cima é um bom lugar para o café da manhã?”

Olhei para a vista novamente. Depois da noite passada, aquilo era melhor do que o café da manhã do restaurante mais chique. Deve ser a coisa mais bonita que alguém já fez por mim.

“É perfeito.” Falei. “Obrigada.”

“Bom. Se não fosse, eu colocaria a culpa no Derek.”

“Derek?”

“Ele sugeriu que viéssemos aqui em cima, e me ajudou a puxar a escada. O café da manhã foi idéia minha. Nós vimos o restaurante na noite passada e pensei que você poderia gostar de um bom café da manhã.”

O Derek que escolheu o lugar? Será que ele estava esperando que o sol da manhã me cegasse fazendo com que eu caísse do prédio?

“Panquecas ou salsicha McMuffin?” Simon perguntou enquanto eu sentava.

“O que você quer?”

“Eu já tenho o meu.” Ele levantou um sanduíche embrulhado. “Pensei em comprar os dois e o que você não quiser pode deixar que o Derek come. Nada vai para o lixo com ele por perto.”

Peguei o McMuffin.

Ele levantou dois copos.

“Suco de laranja ou milk-shake de morango?”

“Não sabia que se conseguia milk-shake pela manhã?”

Ele sorriu.

“Eu consigo.”

Quando peguei o milk-shake o sorriso dele se ampliou.

“Achei que você fosse gostar.”

“Obrigada. Isso...” Acenei para a comida e o lugar – “É muito legal.”

“Tudo muito bem merecido depois de uma noite cruel. Por falar nisso, você tem um corte na bochecha. Nós devemos dar uma olhada nisso. Sei que o Derek deu uma bronca em você a noite passada – mais de uma vez.”

“Está tudo bem.”

“Não, não está. Ir atrás de você por ter acordado aquele zumbi? Aquilo foi demais, até mesmo para o Derek. Ele tem estado...”

“Mais rabugento do que o usual?”

“É. Acho que é por causa da transformação – ou pela falta dela – mas isso não é desculpa para atacar você, não depois do que você fez por ele.”

Dei de ombros e bebi um grande gole do meu milk-shake.

“Sobre o que você fez naquela noite, ficando com o Derek enquanto ele tentava se transformar...” Simon balançou a cabeça. “Não sei como você conseguiu ficar calma. O encontrando daquele jeito quando nem ao menos sabia que ele era um lobisomem.”

“Acabei descobrindo.”

Simon deu uma mordida no sanduíche e mastigou, olhando para o céu antes de falar.

“Eu queria te contar. Especialmente depois que ele te forçou a admitir que conseguia ver fantasmas. Nós discutimos; ele ganhou, como sempre. Mas se soubéssemos que você poderia encontrá-lo daquele jeito, teríamos te avisado. Mesmo sabendo o que ele é, duvido que eu tivesse conseguido ficar por perto, muito menos ajudá-lo. É preciso estômago.” Ele olhou para mim. “Realmente é preciso muito estômago.”

Tenho certeza que fiquei vermelha. Olhei para o lado e mordi o sanduíche.

“Aprecio o que você fez por ele, Chloe. O Derek também, apesar de não falar isso.”

Engoli o sanduíche e mudei de assunto.

“E sobre o pai de vocês... Vocês nunca me contaram como ele desapareceu.”

Ele riu.

“Já chega de falar sobre o Derek, não é? Infelizmente é com o Derek que tudo começou. Foi depois que ele quebrou as costas daquele garoto. Quando a notícia saiu no jornal de Albany o papai decidiu que estava na hora de nos mudarmos. Ele deveria saber que o Grupo Edison estava tentando nos encontrar. Nós devíamos ter partido na mesma hora. Mas...”

Simon retirou um pedaço queimado de seu muffin.

“Isso acontecia muito. Ao primeiro sinal de problema, nós fazíamos as malas e nos mudávamos. Derek e eu não entendíamos o porquê, então reclamávamos.” Ele fez uma pausa. “Não, *eu* reclamava. Depois de crescer naquele laboratório, Derek estava feliz contanto que ficássemos juntos. Eu odiava me mudar. Parecia que sempre que estava fazendo novos amigos, entrando no time ou conhecendo uma garota...”

“Eu sei como é. Bem, exceto pela parte de conhecer garotas.”

“É, mas aposto que você nunca reclamou. Você é como o Derek. Acha o melhor em tudo. Eu brigava e choramingava, então o papai sempre tentava facilitar as coisas para mim. Naquele dia, tive um jogo de basquete, então o papai viu o artigo depois que saímos para a escola, ele ligou para o Derek. Falou para não mencionar nada para mim, mas que iria nos encontrar depois da escola e nós iríamos embora. Mas ele nunca apareceu.”

“E você não o viu desde aquele dia?”

Simon balançou a cabeça.

“Nós chegamos em casa, encontramos o carro estacionado e as chaves na cozinha. Ele levou a carteira ou a tinha no bolso quando... tudo aconteceu.”

“Você acha que alguém o seqüestrou?”

“Eu não sei. O Derek não conseguiu sentir nenhum cheiro estranho na casa. É como se o papai simplesmente tivesse saído caminhando, o que ele nunca fez antes. O Derek queria ir embora. E de novo eu estraguei tudo. Achei que deveria haver alguma explicação lógica – talvez o Derek não tenha entendido direito o recado do papai. Na manhã eu desisti e partimos, mas era tarde demais. Eles nos pegaram no dia seguinte.”

“O Grupo Edison?”

“Eles falaram que era do serviço de proteção à criança. Nós acreditamos. Eles nos levaram de volta para casa, para ver se o nosso pai havia retornado, e como ele não estava lá, falaram que teríamos que ficar em uma casa para jovens até descobrirem o que fazer. Já que éramos de Buffalo, foi onde nos colocaram. O que deveria ter parecido estranho, mas nós não sabíamos na época. Então foi assim que acabamos na Casa Lyle.”

Simon continuou, explicando que desde que escapamos, ele vem invocando uma espécie de feitiço de busca que aprendeu com o pai, mas sem conseguir encontrá-lo. Usando computadores em bibliotecas Derek tem feito pesquisas com o nome do pai e de alguns de seus amigos, mas também não encontrou nada.

“E agora, com tudo isso sobre o Grupo Edison, a Liz, o Brady e a Amber assassinados...” Ele olhou para o estacionamento. “Estou começando a achar que isso pode ser uma perda de tempo. Que ele não está por aí. Que eles o mataram.”

“Mas a tia Lauren tinha certeza que o Grupo Edison não estava envolvido no desaparecimento do pai de vocês. E ela parecia estar certa de que ele estava vivo. Você não sabe de algum outro lugar onde ele poderia estar? Ou de alguém que poderia saber de algo?”

“Pensei em voltar para Albany, talvez conversar com seus colegas de trabalho, nossos vizinhos, alguém que poderia tê-lo visto naquele dia...”

“Nós poderíamos fazer isso. Temos dinheiro suficiente.”

“O Derek não quer.”

“Ele quer ficar aqui?” Isso não soava como o Derek.

“Não, ele só não vê nenhuma razão em voltar – e acha que provavelmente é perigoso. Mas há alguém que podemos procurar. Um amigo do meu pai, Andrew Carson. Ele vive nas imediações de Nova York. O papai falava que se estivéssemos com problemas e ele não estivesse por perto, nós deveríamos ir até o Andrew.”

“Você ligou para ele? Talvez ele saiba algo sobre o pai de vocês.”

“Aí que está o problema. O papai colocou o número dele em nossos telefones, mas eles o pegaram quando nos jogaram na Casa Lyle. Nós sabemos o nome dele e onde mora – já estivemos lá muitas vezes. Mas quando tentamos encontrá-lo no computador, não achamos nada.”

“O nome dele não deve estar em nenhuma lista telefônica. Ou ele está usando um nome falso.”

“Ou ele não está mais lá. Já faz alguns anos desde a última vez que o vimos. Ele o papai tiveram uma briga.”

“Então talvez você não devesse entrar em contato com ele.”

Simon amassou o papel de seu sanduíche.

“Eu não deveria falar ‘uma briga’. Um desentendimento. Papai e o Andrew se mantinham em contato; nós só não íamos mais visitá-lo. Mas ele ainda é nosso contato para emergências. Então nós devemos ir até ele, como o Derek fala. Estou apenas...”

ainda não estou pronto para desistir de procurar o papai. Mas com você e a Tori aqui, e a sua foto por todos os lugares, o Derek está pronto para comprar as passagens de ônibus.”

“E quanto a outras soluções? Eu preciso sair de Buffalo; você precisa falar com esse cara. E se a Tori e eu formos falar com esse Andrew enquanto você e o Derek procuram...”

“Não. Eu não confio na Tori com você, especialmente depois da noite passada. O Derek também não aceitaria isso.”

Eu não estava tão certa. Ele poderia aproveitar a chance para se livrar de mim.

Simon continuou.

“Mesmo quando a Tori não está na função homicida, ela é descuidada e perigosa. Pior do que eu, o que já é muita coisa. Vamos encontrar outra forma.”

26



PELA MAIOR PARTE DO DIA, TANTO O DEREK QUANTO A TORI me evitaram, como se eu tivesse algum vírus que eles não queriam contrair. Também não vi muito o Simon. Ele foi até a biblioteca com o Derek, ainda tentando achar o pai deles, ou o amigo Andrew. Tori seguiu com eles. Eu fiquei em um adorável beco úmido que o Derek escolheu para mim. Simon me deixou com uma revista sobre filmes, lanches, uma escova de cabelos e sabão, e prometeu que me levaria até um banheiro depois que escurecesse.

Pelo meio da tarde, quando escutei passos seguindo pelo beco, me levantei para encontrar o Simon. Derek podia ser grande, mas era o Simon que fazia mais barulho. Derek só fazia barulho quando...

Derek virou a esquina com uma carranca.

...Quando ele estava furioso.

Ele tinha um jornal enrolado nas mãos e olhava para mim como se eu fosse um filhotinho que fez xixi no carpete.

“Chloe malvada.” Eu resmunguei.

“O que?”

Esqueci de sua audição biônica.

“Chloe malvada.” Apontei para o jornal enrolado e levantei minha mão. “Termine de uma vez com isso.”

“Você acha que isso é engraçado?”

“Não. Acho cansativo.”

Ele abriu o jornal. No fim da primeira página estava o título, ‘*Garota desaparecida foi vista*’, com uma foto minha. Olhei o curto parágrafo, então li o restante na página de dentro.

Aconteceu na noite passada, quando o Derek estava gritando comigo depois de termos fugido das garotas de rua. As janelas ao nosso redor poderiam estar escuras, mas uma mulher esteve observando de seu apartamento sobre uma das lojas, alertada pela voz do Derek. Ela viu ‘uma garota com cabelos claros e mexas vermelhas’ e um ‘grande homem de cabelos escuros’ brigando com ela. Então agora a polícia estuda a possibilidade que posso não ser uma fugitiva, mas sim vítima de seqüestro.

“Bem?” Derek falou.

Dobrei o jornal com cuidado, meu olhar ainda baixo.

“Acho que você não deveria ter gritado comigo em público.”

“O que?”

“Foi isso que chamou a atenção dela. Você me dando bronca.”

“Não, o que chamou a atenção dela foi o teu cabelo. Se você tivesse mantido o teu capuz no lugar como falei...”

“É claro. Tudo minha culpa. Depois de quase ter meu rosto bordado, como pude esquecer que a garota que me atacou arrancou meu capuz. Chloe malvada.”

“Então isso é uma piada?”

Olhei para ele.

“Não, não é uma piada. É um problema sério. Isso é a piada.” Apontei para ele e para mim. “Você tem resmungado o dia todo, mal humorado...”

“Mal humorado?”

“Só esperando para que eu faça algo para poder gritar comigo novamente, o que é o teu passatempo favorito. Você não poderia simplesmente voltar e falar calmamente que temos um problema que precisamos discutir. Onde estaria à graça nisso?”

“Você acha que eu aprecio...”

“Eu não faço idéia do que você aprecia, se é que aprecia algo. Mas eu sei do que você gostaria. Eu, indo embora.”

“O que?”

“Eu já servi ao meu propósito. Tirei o Simon da Casa Lyle. Claro, você estava disposto a fazer algum esforço para me encontrar, para não ficar mal com o Simon..”

“Algum esforço?”

“Você apareceu horas mais tarde. Deixou um recado escondido. Aparecia uma vez por dia. Sim, um esforço fraco.”

“Não. Pergunte para o Simon. Eu estava preocupado...”

“Tenho certeza que você fingia muito bem. Mas, infelizmente, encontrei vocês e pior, apareci com a Tori a reboque e um preço por minha cabeça. Então está na hora de ativar seu plano reserva. Me fazendo tão infeliz e indesejada que acabo indo embora.”

“Eu nunca...”

“Não você não faria.” Encontrei seu olhar. “Porque não vou ir embora, Derek. Se eu for um inconveniente muito grande para se ter por perto, então pelo menos tenha a coragem de dizer para que eu vá embora.”

Passei por ele e sai do beco.

Não fui muito longe. Esbarrei no Simon e na Tori, e o Derek nos alcançou. E então seguiu caminhando. Sem conseguir me mandar embora – ele ainda precisava aceitar aquilo. Mas os novos acontecimentos deram a ele toda a munição necessária para persuadir o Simon que estava na hora de irem até a casa do amigo do pai deles. O ônibus saía às quatro. Mas primeiro, a fugitiva de meio milhão de dólares precisava de um disfarce.

Derek me levou ao banheiro de um restaurante no parque que vi do telhado. O prédio estava fechado para a temporada, mas ele facilmente quebrou as fechaduras e me deixou entrar. Ele se certificou de que a água estava aberta, então colocou uma caixa de tinta para cabelos sobre o balcão.

“Livre-se disso.” Ele falou apontando para meu cabelo.

“Eu posso simplesmente manter o capuz...”

“Já tentamos isso.”

Ele saiu.

Tentei ver através dos fracos raios de sol que passavam pelas fileiras de pequenas janelas sujas. Foi difícil de ler as instruções, mas elas pareciam similares aos da tinta vermelha que já usei, então a apliquei da mesma forma. Eu não consegui distinguir qual era a cor que o Derek havia escolhido. Parecia preto, mas o vermelho também, então isso não significava muito. Não pensei muito sobre aquilo até que lavei o cabelo e olhei no espelho e...

Meu cabelo estava preto.

Corri até a porta e a puxei para ter um pouco mais de luz. Então voltei para o espelho.

Preto. Não um bonito preto lustroso como o da Tori, mas um preto sem vida e brilho.

Antes eu não estava muito satisfeita com meu último corte de cabelo. Tive meu cabelo longo cortado na altura dos ombros em um estilo de camadas que havia ficado um pouco desajeitado. Mas ainda assim, o pior que poderia acontecer é me acharem ‘bonitinha’, uma coisa que uma garota de quinze anos não quer ser chamada. Mas em preto, não estava nada bonitinho. Parecia que eu havia picado meu cabelo com tesouras de cozinha.

Nunca pinteí meu cabelo de preto antes, por que ele drena toda a cor de minha pele já pálida. Agora eu sabia que havia uma coisa que me deixava ainda pior do que uma camiseta preta.

Eu parecia uma gótica. Uma gótica *doente*, pálida e de olhos fundos.

Eu parecia morta.

Parecia como uma necromante. Como aquelas horríveis fotos da internet.

Lágrimas surgiram em meus olhos. As segurei, peguei um lenço e de maneira desengonçada comecei a espalhar o restante da tinta preta em minhas sobrancelhas pálidas, rezando para que aquilo fizesse alguma diferença.

Através do espelho vi a Tori entrar no banheiro. Ela parou.

“Oh. Meu. Deus.”

Teria sido melhor se ela risse. Seu olhar de horror, então algo como simpatia, significava que havia ficado tão ruim quando pensei.

“Falei para o Derek deixar que eu escolhesse a cor.” Ela falou. “Falei para ele.”

“Hei.” Simon chamou. “Vocês estão decentes?”

Ele empurrou a porta, me viu e começou a piscar.

“É culpa do Derek.” Tori falou. “Ele...”

“Não, por favor.” Falei. “Chega de brigas.”

Simon ainda olhou feio por sobre o ombro quando o Derek passou pela porta.

“O que?” Derek falou. Ele olhou para mim. “Huh.”

Tori me empurrou na direção da porta, passando pelos rapazes e sussurrando “*cretino*” para o Derek.

“Pelo menos agora você sabe que nunca mais deve tentar cores escuras.” Ela falou enquanto caminhávamos. “Há alguns anos, deixei uma amiga pintar o meu de loiro. Ficou quase tão ruim quanto o seu. Meu cabelo parecia palha e...”

E assim Tori e eu nos unimos contando histórias de horror sobre cabelos. Colocamos nossas diferenças de lado e quando estávamos no ônibus, estávamos pintando as unhas uma da outra.

Ou não.

Tori realmente tentou me alegrar. Para ela essa situação parecia garantir mais simpatia do que um cara morto escalando por minha perna. Mas o quanto mais perto nós chegávamos da estação do ônibus, mais o humor dela sumia, coincidindo com uma crescente discussão sobre finanças – quanto temos, qual o valor das passagens, devo tentar usar meu cartão do banco novamente...

Acabei usando um caixa eletrônico pelo qual passamos. Derek achou que ficaria tudo bem – se eles acharem que ainda estamos em Buffalo, isso era uma coisa boa, considerando o fato de estarmos partindo. Mas ele não esperava que meu cartão fosse funcionar. Mas funcionou. Acho que isso faz sentido. O banco ou a polícia podem ter dito para o meu pai bloquear a conta, mas ele não cortaria minha única fonte de dinheiro, mesmo se achasse que isso pudesse me fazer voltar para casa.

Isso, é claro, me fez pensar sobre ele e o quanto deve estar preocupado, e no que está passando. Eu queria tanto entrar em contato com ele, mas sabia que não podia. Então tudo o que pude fazer é pensar nele, e sobre a tia Lauren e me sentir terrível sobre tudo.

Para parar de pensar em minha família, me concentrei em meus acompanhantes. Eu sabia que não ter dinheiro incomodava a Tori. Então tentei dar a ela duzentos dólares. O que foi um erro. Ela se voltou contra mim, e quando chegamos à estação não estávamos mais nos falando.

Simon e Tori compraram as passagens. Me perguntei se eles teriam problemas – adolescentes desacompanhados comprando passagens só de ida para Nova York – mas ninguém comentou nada. Acho que simplesmente podemos viajar sozinhos. Somos velhos o suficiente para isso.

Não que eu já tenha viajado sozinha. Nem ao menos em um ônibus municipal. Isso me fez pensar com quem eu normalmente viajo – tia Lauren e o papai. Quando tento parar de me preocupar com eles, só consigo pensar em mais alguém que estou deixando para trás: Liz.

Liz disse que consegue me encontrar, mas tenho certeza que ela queria dizer “em Buffalo”. Por quanto tempo ela vai procurar por mim? Será que posso chamá-la sem seu casaco verde... Há centenas de quilômetros de distância? Eu terei que tentar com muita força e não é seguro.

Talvez ela passe para o pós-vida. Isso provavelmente é uma coisa boa. Mas só de pensar em nunca mais vê-la, meu humor caiu ainda mais fundo do que o da Tori, e na hora que o ônibus chegou, estava tão negro quando meu novo cabelo.

Simon havia saído para comprar refrigerantes para a viagem. Tori já estava do lado de fora da estação. Enquanto eu lutava para colocar minha mochila, Derek a pegou e jogou por sobre seu ombro, o que teria sido legal, se não fosse só por ele querer que eu andasse mais rápido.

“Pare com a birra.” Ele falou enquanto caminhava ao meu lado. “É só cabelo.”

“Não é isso...” Calei a boca. Por que me importar?

Simon correu para se juntar a nós na fila de passageiros. Ele me entregou um Dr. Pepper¹⁵.

¹⁵ Dr Pepper é um refrigerante gaseificado, com corante de caramelo, comercializado nos EUA pela Cadbury Schweppes Americas Beverages, uma empresa da Cadbury Schweppes.

“Você está bem?”

“Só estou pensando sobre o papai e a Liz. Gostaria de poder contar para eles que estamos partindo.”

Derek se inclinou perto do meu ouvido.

“Sorria, certo?” Ele sussurrou. “Você parece que está sendo seqüestrada, e as pessoas estão olhando.”

Olhei ao redor. Ninguém estava prestando atenção em nós. Simon passou empurrando o irmão e sussurrou “*dá um tempo.*” Ele apontou para o primeiro banco vago.

“Esse está bom?”

Assenti e sentei.

“Há mais bancos vagos no fundo do ônibus.” Derek falou. “Podemos sentar juntos lá.”

“Não, não podemos.” Simon sentou ao meu lado.

27



OLHEI PELA JANELA DO ÔNIBUS ENQUANTO SAÍAMOS DA CIDADE.

“Vamos voltar para buscá-los.” Simon falou.

“Eu sei. Só estou... um pouco estranha hoje.”

“Não posso te culpar. Você teve uma noite terrível. E um dia ruim antes disso. E uma semana também.”

Sorri.

“Pelo menos é consistente.”

“E eu sei que isso.” Ele apontou para o meu cabelo. “Não está deixando você se sentir nem um pouco melhor, mas se você lavar o cabelo várias vezes depois que chegarmos à casa do Andrew, a tinta vai sair.”

“Você tem alguma experiência com isso?”

“Eu? *Huh*. Nunca. Sou um cara. Um garoto, um homem. Caras não pintam os cabelos. Nós nem ao menos usamos condicionador se pudermos evitar.” Ele passou os dedos pelo cabelo. “Isso? Totalmente natural.”

“Eu nunca falei...”

“Bem, não foi à primeira vez. Ou a centésima. Quando um cara parece asiático e tem cabelo loiro, todos presumem que é pintado.”

“Mas a sua mãe era sueca.”

“Exatamente. Culpe minha genética, não os produtos químicos.” Ele se inclinou e sussurrou. “Mas eu realmente pinteí meu cabelo uma vez. Tinta temporária como a que você usou. Por causa de uma garota.”

“A-há.”

Ele reclinou o banco se ajeitando melhor.

“Foi uns dois anos atrás. Eu gostava de uma garota e ela continuava falando sobre outro garoto, em como o cabelo dele ficava loiro no verão, e como ele ficava bonito.”

Deixei escapar uma risada.

“Então você tingiu...?”

“Cale a boca. Ela era bonitinha, tudo bem? Comprei aquelas porcarias para fazer luzes, então passei todo o final de semana na rua, jogando bola com o Derek. Domingo à noite colori o cabelo. Segunda, pela manhã, fui para a escola, e hei, adivinhe o que aconteceu por eu ter ficado todo o final de semana no sol.”

“Sério?”

“Não pude admitir que tingi meu cabelo por uma garota. O quão idiota isso pode soar?”

“Eu achei que isso foi bonito. E então funcionou?”

“Claro. Ela foi ao baile comigo no final de semana seguinte. Então cheguei em casa e lavi o cabelo até a tinta sair, e jurei nunca mais fazer aquilo novamente por uma garota até saber se ela realmente valia a pena o trabalho.”

Ri e então falei:

“Obrigada.” Quando ele ergueu as sobrancelhas eu completei: “Por me alegrar.”

“Sou bom nisso. Pratico bastante com o Derek.” Ele pegou sua mochila. “Tenho outra coisa que pode te alegrar. Ou te assustar pra valer.”

Ele pegou um novo caderno de desenhos e o folheou. Depois de algumas páginas, ele o virou para que eu pudesse ver.

“Hei, essa sou eu.” Falei.

“Então se parece com você? Ou o corpo se arrastando na direção dela foi quem entregou?” Ele me entregou o caderno de desenho. “Desenhei hoje pela manhã

enquanto o Derek fazia sua pesquisa nos computadores. Eu estava pensando sobre a noite passada.”

No desenho, eu estava ajoelhada em meu cobertor com o corpo na minha frente. Ainda bem que ele não optou por desenhar a parte em que eu estava gritando em um terror mortal, mas depois, quando pensei que ele estava do lado de fora com a Tori.

Eu tinha meus olhos fechados, mãos erguidas. O cadáver estava tentando se levantar, como que seguindo minhas mãos, como uma cobra dançando para a flauta. Tudo o que consigo lembrar é o quanto eu estava apavorada, mas no desenho do Simon, eu não parecia nada disso – eu estava calma e confiante. E poderosa.

“Sei que aquela noite não deve ser um momento que você queira immortalizar.” Ele falou.

Sorri.

“Não, é muito legal. Posso ficar com ele?”

“Quando estiver pronto. Preciso colorir quando conseguir alguns lápis.” Ele pegou o caderno de volta. “Achei que seria interessante fazer um tipo de graphic journal sobre nós. Do que está acontecendo.”

“Como uma revista em quadrinhos?”

“Eu estava evitando essa palavra, por medo de soar um completo geek. Mas sim, como uma revista em quadrinhos. Só para nós é claro. Um projeto para nos distrair de certas coisas. Vai ficar muito mais legal no papel do que enquanto as estamos realmente vivenciando.” Ele deu um grande gole em sua coca diet, então recolocou a tampa lentamente. “Você pode me ajudar, se quiser. Você sabe que fazer scripts para filmes e textos para histórias em quadrinhos não tem muita diferença.”

“Como um filme contado em gráficos.”

“Certo. Não sou bom com a parte da escrita. Sei que isso é uma historia real, então sei que não preciso ficar inventando as coisas, mas sou péssimo em saber quais as partes devo incluir e quais devo deixar de lado.”

“Posso ajudar com isso.”

“Ótimo.” Ele abriu o caderno em uma página depois do meu desenho. Havia alguns desenhos mais rústicos ali. “Eu estava tentando achar onde deveria começar...”

Pelas próximas horas, eu ditava e o Simon desenhava. Quando comecei a bocejar, ele fechou o caderno.

“Tire um cochilo. Ainda temos mais cinco horas de viagem. Vamos ter muito tempo para trabalhar nisso quando chegarmos á casa do Andrew.”

“Vamos ficar com ele?”

Simon assentiu.

“Ele tem um quarto extra. Ele é sozinho, sem esposa ou filhos. Ele vai nos aceitar, sem problemas.” Simon colocou o caderno de lado, então lentamente fechou a mochila. “Tem outra coisa em que venho pensando. Sei que não é exatamente um bom momento, mas assim que estivermos seguros, pensei que talvez você e eu pudéssemos...”

Uma sombra pairou sobre nós.

Simon não se incomodou de olhar para cima.

“Sim, Derek?”

Derek se inclinou sobre os bancos, com uma das mãos no encosto para manter o equilíbrio enquanto o ônibus balançava. Ele parecia distraído, quase ansioso.

“Logo vamos chegar a Syracuse.”

“Tudo bem.”

“Preciso de algo para comer. Estou faminto.”

“Claro. Vamos descer para jantar.”

“Não posso. Não aqui.” Quando o Simon pareceu confuso Derek falou mais baixo. “Syracuse?”

“Não acho que eles vão estar por perto da parada de ônibus.”

“O que há de errado?” Perguntei.

“Nada.” Simon olhou para o irmão. “Vou pegar algo para você, tudo bem?”

Derek hesitou. Ele não parecia realmente ansioso. Mas infeliz. Por que o Simon estava irritado com ele?

Observei o Derek votar para seu banco, e pensei sobre aquilo. Simon e Derek não eram apenas irmãos de criação – eles eram melhores amigos. Mas pela maneira como o Simon fala, é óbvio que ele possui outros amigos, colegas de time e namoradas... Duvido que Derek tenha algo assim. Para ele, é apenas o Simon.

É por isso que ele quer se livrar de mim? Faz sentido, mas soava errado. Na Casa Lyle, Derek nunca pareceu estar enciumado pelo tempo que o Simon passava comigo. Derek ficava na dele e fazia seus deveres. Se alguém seguia era o Simon.

Talvez ele não estivesse com ciúmes. Apenas se sentindo ignorado.

Aquilo me incomodou tanto que quando paramos em Syracuse me ofereci para levar a comida para o Derek enquanto a Tori e o Simon esticavam as pernas.

Eu queria sugerir que ele trocasse de lugar comigo. Quando cheguei lá, Derek estava olhando pela janela.

“Está tudo bem?” Perguntei.

Ele se virou rapidamente, como se o tivesse assustado, então assentiu e pegou a comida resmungando um obrigado.

Deslizei para o assento ao lado dele.

“Você morou por aqui?”

Ele balançou a cabeça e voltou a olhar pela janela. Entendi isso como um sinal de que ele não estava a fim de conversar e eu estava prestes a sugerir a troca de lugares quando ele falou:

“Já moramos em quase todos os outros lugares no estado exceto aqui. Não podíamos. Por que há... outros.”

“Outros?”

Ele abaixou a voz.

“Lobisomens.”

“Em Syracuse?”

“Nas proximidades. Uma alcatéia.”

“Oh.”

É assim que lobisomens vivem? Em alcatéias, como lobos? Eu queria perguntar, mas tive medo de que ele achasse que eu o estava zombando.

Então falei:

“E qual é o problema? Se eles farejarem você?”

“Sim.” Ele fez uma pausa, então completou resmungando: “Somos territorialistas.”

“Oh.”

“É.”

Ele continuou olhando pela janela. Pude ver o reflexo de seus olhos, parados e distantes, perdidos em pensamentos que obviamente ele não queria compartilhar. Comecei a me levantar.

“Quando eu era criança.” Ele falou sem olhar para mim. “Nós vivíamos naquele lugar onde você ficou presa, os outros eram assim. Territoriais.”

Voltei a me sentar ao lado dele.

“Os outros lobis...” uma senhora idosa se aproximou no corredor e ao invés falei. “Os outros sujeitos?”

“Sim.” Então ele se virou. “Eles tinham uma matilha, acho que é assim que você pode chamar aquilo, e eles declaravam as coisas, como a caixa de área, como território deles e se...”

O queixo dele se levantou, apontando para frente do ônibus.

“O Simon está vindo.” Ele falou. “Ele está procurando por você. É melhor ir.”

Eu ia dizer que estava tudo bem, eu queria escutar mais. As chances de escutar algo pessoal sobre o Derek eram mínimas, mas essa já havia passado.

“Você vai.” Falei. “Sente com ele o restante da viagem.”

“Não, estou bem.”

“Mesmo, eu...”

“Chloe?” Ele me olhou. “Vá.” A voz dele ficou mais suave. “Tudo bem?”

Assenti e levantei.

Caí no sono e sonhei com o Derek – sobre o que ele contou, sobre o que o semi-demonio falou sobre ele, e dos outros lobisomens. Sonhei com a tia Lauren no laboratório, dizendo que queria o Derek colocado para dormir como um cão raivoso, e o Brady dizendo como a tia Lauren havia tentado fazer com que ele culpasse o Derek pela briga.

As memórias e imagens giravam até sentir alguém balançar meu ombro. Acordei e percebi que o ônibus havia parado. Derek estava no corredor, inclinado sobre o Simon que estava dormindo.

Eu estava prestes a perguntar o que havia de errado. Então olhei para o Derek e soube. Seus olhos brilhavam, sua pele estava coberta de suor; seu cabelo molhado. Eu podia sentir o calor de sua mão através da camiseta.

Dei um pulo.

“Você...”

“Sim.” Ele sussurrou. “Estamos nos arredores de Albany. Em uma parada de caminhões. Tenho que descer.”

Estendi a mão para acordar o Simon, mas o Derek me impediu.

“Eu só quero te avisar no caso de não poder voltar para o ônibus. Vou ficar bem. Encontro vocês na casa do Andrew.”

Peguei meu moletom e casaco.

“Vou com você.”

Eu estava certa de que ele iria discutir, mas ele apenas assentiu, com o rosto virado murmurou:

“É, tudo bem.”

“Vá em frente.” Falei. “Vou falar com o...”

Olhei para o Simon, e não precisei do Derek para me dizer para não acordá-lo. Era melhor avisar a pessoa que nunca insistiria em nos seguir – a Tori. Então fiz isso, e corri atrás do Derek.

28



ALCANCEI O DEREK JUNTO A UMA ÁREA ARBORIZADA ao lado da parada de caminhões.

“Preciso seguir pela mata o máximo que puder.” Ele falou. “Siga meu caminho. Tem muita lama aqui.”

Eu podia sentir o cheiro da chuva, a umidade dela pairava no ar noturno. Folhas mortas e apodrecidas cobriam o solo. Um cão latiu em algum lugar. O Derek parou, localizando o som, então assentiu como se viesse de uma distância segura e continuou a caminhar.

“Se eu completar a transformação.” Ele começou. “Se eu chegar perto de terminar, você precisa ir embora.”

Quando não respondi, ele falou:

“Chloe...”

“Você não vai se transformar em algum monstro sedento por sangue, Derek. Ainda vai ser você, apenas em forma de lobo.”

“E você diz isso baseada em quais experiências com lobisomens?”

“Tudo bem, mas...”

“Você pode estar certa. O papai sempre falou que vai ser assim – será apenas eu em forma de lobo – mas depois do que aquela gente fez? Brincando com nossa genética? Não faço idéia do que pode acontecer. Então você vai sair daqui quando a hora chegar, ou não vai ficar por perto.”

“Tudo bem.”

Ele olhou para mim, seus olhos febris brilhando.

“Falo sério, Chloe.”

“Eu também. Você está certo. Nós não sabemos o que pode acontecer, e não podemos correr riscos. Assim que você criar presas e um rabo, vou sair correndo e gritando na direção da parada de caminhões.”

“Você pode deixar a parte do gritando de lado.”

“Veremos.”

Caminhamos até que as luzes do estacionamento quase não eram visíveis por entre as árvores. A lua estava encoberta em nuvens. Se era lua cheia ou crescente eu não sabia. Não importava. As transformações dos lobisomens não têm nada a ver com os ciclos da lua. Quando tem que acontecer, vai acontecer, não importando se a hora é conveniente ou não.

Derek diminuiu, coçando o braço através da camiseta.

“Tem um tronco aqui, se você quiser sentar e esperar. Vou seguir um pouco mais – tenho certeza que não será uma visão muito bonita.”

“Já vi isso antes.”

“Se a transformação se aprofundar, vai ficar pior.”

“Estou bem.”

Quando chegamos á uma pequena clareira, Derek tirou seu moletom. Sob sua camiseta os músculos das costas se contraíam como se houvesse cobras presas sob a pele dele. Como já vi isso antes a visão não me incomodou, mas me lembrou de algo.

“Pensando melhor, talvez eu não deva ficar. A menos que tenha pegado uma muda de roupas, é melhor você tirá-las dessa vez.”

“Certo. Espere.”

Ele desapareceu em um arbusto. Virei-me. Alguns minutos depois, as folhas estalaram quando ele saiu.

“Estou decente.” Ele falou. “Estou com meus shorts. Nada que você já não tenha visto antes.”

Minhas bochechas queimaram com a memória, o que era estúpido, por que ver um cara de cuecas não deveria ser diferente do que vê-lo de calção de banho. Eu até mesmo já vi garotos de cuecas, correndo pelo acampamento ao redor de nossas cabanas e eu ria e vaiava junto com as outras garotas. Mas nenhum dos garotos no acampamento se parecia com o Derek.

Virei-me lentamente, torcendo para que estivesse muito escuro para que ele pudesse me ver corando. Mas o Derek não teria notado de qualquer forma. Ele já estava de quatro, cabeça abaixada, respirando profundamente como um atleta se preparando para correr.

Culpei o recado que o Simon havia deixado, mas a imagem do Exterminador ainda pairava em meu cérebro, e era assim que o Derek se parecia, como na cena em que o Exterminador chega e está agachado e nu – não que o Derek estivesse completamente nu ou fosse tão musculoso quanto o Schwarzenegger, mas ele também não se parecia com um garoto de dezesseis anos, com costas musculosas, bíceps torneados e...

E aquilo era o suficiente. Olhei para a floresta e respirei fundo algumas vezes também.

“Sente-se aqui.” Derek apontou para um local limpo ao lado dele, onde havia colocado seu moletom.

“Obrigada.” Me abaixei sobre o moletom.

“Se ficar muito ruim, vá embora. Eu entendo.”

“Não vou ir.”

Ele olhou para o chão novamente, seus olhos fechados enquanto ele inalava e exalava. Suas costas se contraíram e ele gemeu, então se esticou, sua respiração se aprofundando.

“Isso é uma boa idéia. Se estique e ajeite o corpo...” Parei. “Tudo bem, vou calar a boca agora. Você não precisa de um treinador.”

Ele deu um ronco baixo e levei um momento para reconhecer como uma risada.

“Vá em frente. Fale.”

“Há algo que eu possa fazer... Sei que provavelmente não há nada, mas...”

“Apenas fique aqui.”

“Isso eu posso fazer.” Percebi que a pele dele não vinha ondulando há algum tempo. “E podemos nem precisar nos preocupar com isso. Parece estar passando. Talvez um alarme falso. Devemos esperar mais alguns minutos e então...”

As costas dele se elevaram, seu corpo balançou e ele deixou escapar um grito abafado. Ele conseguiu arfar rápido duas vezes antes das convulsões voltarem. Seus braços e pernas ficaram rígidos. Suas costas se curvaram em uma forma fora do normal, a coluna se salientando. Sua cabeça caiu para frente; a pele ondulou e as costas se curvaram ainda mais. Um choro longo borbulhou por sua garganta.

Sua cabeça voou para cima e por um segundo seus olhos encontraram os meus, arregalados e se revirando com a dor e terror, mais do que a primeira vez, por que lá por mais assustado que poderia estar, ele sabia que aquilo era natural, que seu corpo o levaria através da transformação em segurança. Mas agora, sabendo sobre as mutações, ele já não possuía tal garantia.

Os dedos dele se afundaram na terra molhada, as pontas desaparecendo, as costas das mãos mudando, tendões se salientando, pulsos ficando grossos. Ele deixou escapar outro grito, engolindo o final enquanto tentava ficar em silêncio. Estiquei meu braço e toquei a mão dele. Os músculos se retesavam e mexiam.

Uma pelagem grossa crescia e espetava minha mão, então voltava a se retrair. Esfreguei a mão dele, então me aproximei e comecei a sussurrar que tudo ficaria bem, ele estava indo muito bem.

As costas dele se curvaram e ele puxou o ar, e naquele momento de silêncio, passos soaram ao longo do caminho entre a mata.

“Vocês garotos estão aí?” Era o motorista do ônibus, suas palavras eram rudes contra o silêncio da floresta, sua figura era iluminada por trás pelos refletores da parada de caminhões. “Alguém viu vocês vindo para cá. Vocês têm um minuto para sair ou o ônibus vai seguir sem vocês.”

“Vá.” O Derek sussurrou, sua voz era gutural, quase irreconhecível.

“Não.”

“Você deveria...”

Olhei nos olhos dele.

“Eu não vou. Agora fique quieto.”

“Dez segundos!” O motorista gritou. “Não vou atrasar o ônibus para vocês ficarem namorando na floresta.”

“Se ele se aproximar, vou até lá.” Apontei para a floresta. “Vou fazer com que pare.”

“Ele não vai vir.”

E Derek mal havia acabado de falar as palavras, antes da figura começar a se retirar. Alguns minutos depois, as luzes do ônibus se moveram pelo pátio.

“Está tudo bem.” Falei. “Eu tenho dinheiro. Nós podemos pegar...”

Derek teve outra convulsão. Dessa vez sua cabeça veio para trás e ele jorrou vômito nos arbustos.

Onda após onda de convulsões retorcia seu corpo, e a cada vez ele esvaziava seu estômago até todos os arbustos ao seu redor estarem pingando vômito, e o cheiro doentio se misturou com o forte odor de seu suor.

Os cabelos cresciam e retrocediam e ele continuava convulsionando, vomitando até não haver mais nada para colocar para fora, mesmo assim seu estômago continuava a tentar com náuseas secas que eram dolorosas de se escutar. Fiquei de joelhos e descansei minha mão entre suas omoplatas, massageando e acariciando a pele suada e escorregadia enquanto sussurrava as mesmas palavras de conforto, sem nem ao menos ter certeza se ele as conseguia escutar.

Os músculos das costas dele se retorciam e mudavam sob minhas mãos, os nós em sua coluna pressionando contra eles, a pele ensopada de suor foi coberta por um pelo grosso e escuro que não retrocedeu, mas cresceu ainda mais.

Finalmente o Derek parou de vomitar e estremeceu, todo seu corpo tremia de exaustão, sua cabeça se abaixou quase até o chão. Massageei seus ombros.

“Está tudo bem.” Falei. “Você está indo muito bem. Está quase lá.”

Ele balançou a cabeça e fez um som que deve ter sido um ‘não’, mas era muito gutural para ser mais do que um grunhido.

“Está tudo bem.” Falei. “Você vai conseguir ou não. Não dá para apressar isso.”

Ele assentiu. Sua cabeça estava abaixada, o rosto virado para o lado, mas ainda assim eu conseguia ver as mudanças, as têmporas ficando mais estreitas, o cabelo mais curto, a ponta das orelhas se sobressaindo enquanto elas seguiam para um ponto mais alto no crânio.

Eu distraidamente esfregava as costas dele, então parei.

“Você quer que eu pare? Saia de perto e te dê mais espaço?”

Ele balançou a cabeça enquanto lutava para respirar, com as laterais e as costas se elevando. Massageei o local entre seus ombros. Sua pele parou de se mover e sua coluna se retraiu. Seus ombros pareciam diferentes. Definidos de forma diferente, os músculos ressaltados e espessos, quase curvados. Agora o cabelo se parecia mais com pelo, como o Husky da minha amiga Kara, com uma camada de pelos espessos e uma mais fina em baixo.

Derek falou que lobisomens se transformavam em lobos de verdade. Achei isso difícil de acreditar. Na verdade, ouvi falar que a razão que o monstro usado no filme “*O Lobisomem*”, foi tão popular nos antigos filmes por causa das dificuldades de transformar um homem em lobo. Se eles não conseguiam fazer isso com maquiagens e próteses, com certeza o corpo humano também não conseguiria. Mas olhando para o Derek, tremendo e arfando, enquanto descansava já no meio da transformação, vi que eu estava errada. Ainda era difícil conciliar minha vívida imaginação com o que estava vendo, mas não havia dúvidas de que ele estava se transformando em um lobo.

“Parece que parou novamente.” Falei.

Ele assentiu.

“Então provavelmente é isso. Por enquanto, isso é até aonde você...”

O corpo dele ficou rígido. Os músculos sob minha mão se moveram, mas não lentamente, como se estivessem se assentando, preparando para reverter à transformação...

As costas dele se curvaram, braços e pernas se esticando, a cabeça se abaixou e então houve um... Som – um terrível estalar e quebrar, como ossos se partindo. Então ele levantou a cabeça e o barulho foi substituído por um uivo nada humano.

A cabeça dele balançava de um lado para outro e então pude ver seu rosto, seu nariz e mandíbula se esticando em um focinho, o pescoço engrossando, a testa se afastando e lábios puxados para trás mostrando seus dentes se afiarem como presas.

Um olho encontrou o meu, e o terror que vi fez com que eu desviasse o olhar. Eu não poderia ficar com medo. Não posso entrar em pânico. Não posso fazer isso pior para ele do que já é. Então encontrei seu olhar, sem piscar e continuei a massagear suas costas.

Depois de um momento os músculos sob minha mão relaxaram e ele ficou parado, o silêncio era quebrado apenas por sua respiração pesada enquanto ele arfava, o som era mais canino do que humano. As costas dele se elevavam e retraíam com sua respiração profunda. Então outra maciça convulsão o atingiu e tive certeza de que seria o momento final, que a transformação iria se completar. Ao invés, o pêlo entre meus dedos se retraiu. Ele convulsionou novamente, engasgando, bile escorrendo por sua boca. Ele a limpou e virou o rosto.

Derek engasgou e tossiu por um minuto, com seus braços e pernas tremendo. Então lentamente, eles cederam sob ele, como se não conseguissem mais suportar o próprio peso e ele caiu, ofegante e trêmulo, seu pêlo curto como barba, o corpo quase transformado novamente em sua forma humana, apenas seus ombros e pescoço permaneceram da mesma maneira.

Depois de mais um profundo e trêmulo suspiro, ele rolou de lado em minha direção. Com as pernas encolhidas, uma das mãos cobrindo o rosto enquanto a reversão terminava. Continuei encolhida, tentando impedir meus dentes de bater. Derek colocou a mão ao redor do meu tornozelo, onde a meia deslizou para dentro do tênis.

“Você está congelando.”

Eu não sentia frio. Os tremores e arrepios pareciam ser por culpa de meus nervos.

“Um pouco.”

Ele se moveu, então segurou meu joelho e me puxou para mais perto, me abrigando contra o vento. O calor de seu corpo era como um radiador e parei de tremer. Ele voltou a segurar meu tornozelo, sua pele áspera como as da pata de um cachorro.

“Como você está?” Ele perguntou, sua voz ainda estranha, tensa e rouca, mas compreensível.

Dei uma pequena risada.

“Eu que deveria estar fazendo essa pergunta. Você está bem?”

“Sim. Isso deve ser tudo o que vai acontecer durante algum tempo. Uma transformação parcial, então voltar ao normal.”

“Apenas um exercício.”

“Acredito que sim.” Ele moveu a mão por sob os olhos. “Você não respondeu a minha pergunta. Você está bem?”

“Não fiz nada.”

“Sim, você fez.” Ele olhou para mim. “Você fez muita coisa.”

Os olhos dele encontraram os meus, e olhei para dentro deles e senti... Não sei o que senti. Uma coisa estranha e sem nome, que nem ao menos sei dizer se boa ou ruim. Podia apenas sentir em minhas entranhas, pulando e se retorcendo, até que desviei meu olhar para a floresta.

“Temos que ir.” Ele falou, começando a levantar.

“Ainda não. Você precisa deitar e descansar.”

“Estou.” Ele sentou e balançou, como se estivesse tonto “*Nada* bem. Tudo bem, apenas me de alguns segundos.”

Ele se deitou, as pálpebras balançando enquanto ele lutava para manter os olhos abertos.

“Feche os olhos.” Falei.

“Apenas por um minuto.”

“Hã-hã.”

Não sei se os olhos já estavam completamente fechados antes dele cair no sono.

29



FIQUEI ALI ENCOLHIDA ATÉ O SUOR SECAR E ELE COMEÇAR a tremer ainda adormecido. Então soltei seus dedos do meu tornozelo. Ele me deixou ir, apenas para segurar minha mão. Olhei para a mão dele, tão grande ao redor da minha, como um garoto segurando um brinquedo. Eu me sentia feliz por estar ali com ele. Contento por alguém ter ficado – não acho que teria importado quem. Mesmo que não havia nada que eu pudesse fazer, apenas ter minha companhia ali parecia ajudar.

Eu não podia nem sequer imaginar o que ele estava passando – não apenas a agonia, mas a incerteza. Isso seria normal para jovens lobisomens? Começar uma transformação, então reverter? Ou era algo feito pelo Grupo Edison? E se ele nunca conseguisse ir até o fim? Seu corpo iria continuar tentando, o fazendo passar por isso de novo e de novo?

Sei que ele já deveria estar se preocupando. Que não eram desculpas para suas explosões, mas talvez isso me ajudasse a compreendê-lo melhor e não levar para o lado pessoal quando ele começar a gritar comigo.

Soltei minha mão da dele e ele se moveu com um grunhido, mas não acordou, apenas enfiou a cabeça sob seu outro braço e estremeceu. Corri para onde ele havia deixado as roupas. Quando voltei, dei uma olhada no moletom em que estava sentada, mas ele estava molhado e embarrado. Ao invés, decidi dar minha jaqueta para ele – deveria ser quase do tamanho certo – mas logo ficou claro que eu não iria colocar nenhuma roupa nele.

Não ajudava elas serem largas – todas as roupas do Derek eram, como se ele pensasse que seria menos intimidante se as pessoas achassem que ele era gordo ao invés de musculoso. Ainda assim, não consegui fazer com que os jeans passassem pelos joelhos e achei que iria acordá-lo. Então me contentei em colocar as roupas sobre ele. Eu estava arrumando a jaqueta, me certificando de colocar o lado com lã contra ele, quando vi um movimento por entre as árvores. Me escondi ao lado do Derek e fiquei parada. Quando não escutei nada, espiei por sobre ele e vi um homem através das árvores. Seu rosto estava rígido de raiva enquanto ele caminhava apressadamente. Algo se movia próximo ao chão na frente dele. Seria um visitante do posto levando o cachorro para passear?

Olhei para o Derek. Se o cachorro o farejar, estaríamos com problemas. Fiquei agachada e me arrastei em frente o mais silenciosamente que pude. Vi um lampejo de pêlo amarelo através da vegetação espessa. O homem balançou sua mão com um flash de algo prateado, como se estivesse segurando uma corrente de metal. Ele parecia furioso. Não pude culpá-lo. Estava frio, úmido e embarrado, e o cachorro parecia insistir em cuidar de seus negócios na parte mais distante da floresta.

Porém quando o homem levantou o pé e chutou, minha simpatia desapareceu e fiquei tensa, com um grito de ultraje em meus lábios. Então vi que não era um cachorro que estava na frente dele. Era uma garota de cabelos loiros, usando uma camiseta de cores vivas e jeans, ela estava de quatro engatinhando, como se estivesse tentando fugir do homem.

Ele voltou a chutá-la e ela se retorceu, se curvando de maneira estranha, como se estivesse muito ferida para levantar e correr. O rosto dela se virou na minha direção e vi que ela não deveria ser mais velha do que eu. O rímel criava uma máscara ao redor dos olhos. Sujeira manchava seu rosto. Sujeira e sangue, o sangue ainda escorria por seu nariz ensopando a camiseta.

Pulei ficando de pé e enquanto fiz isso o homem levantou a mão. Um brilho prateado – não um corrente, mas uma faca. Por um segundo, tudo o que consegui ver foi aquela faca, minha mente tropeçou de volta para a garota no beco e a ponta da faca sobre meu olho. Ele puxou a cabeça dela para cima e isso me tirou do meu estupor aterrorizado. Minha boca se abriu para gritar qualquer coisa, apenas para chamar a atenção dele para que ela pudesse escapar.

A faca cortou através do ar, seguindo direto para a garganta da menina e deixei escapar um grito.

A faca passou direto, parecendo não ter deixado nenhuma marca, e tive certeza de que ele havia errado. Então a garganta dela se abriu, rachou, o sangue começou a jorrar.

Cai para trás, minhas mãos voaram até a boca para abafar outro grito. Ele jogou a garota para o lado com um rosnado de nojo. Ela caiu no chão com o sangue jorrando, a boca se abrindo, e os olhos se movendo arregalados.

O homem se virou na minha direção. Corri tropeçando na vegetação rasteira. Eu tinha que chegar até o Derek, acordá-lo e contar tudo. Pareceu levar uma eternidade, mas finalmente consegui. Cai ao lado dele e vi um brilho pelo canto dos meus olhos, me virei para ver o homem... Novamente onde o vi pela primeira vez, exatamente na mesma posição, seguindo pelo mesmo caminho.

A boca dele se abriu falando algo, mas nenhum som saiu. Por que não conseguia escutá-lo? A floresta estava tão silenciosa que minha respiração parecia como um trem, mas eu não conseguia nem ao menos escutar os passos do homem. E percebi que o tempo todo não havia escutado nada.

Espero pelo flash de prata que vi antes e ele surgiu exatamente no mesmo local. Então ele chutou a garota... No mesmo lugar.

Enfiei a mão no bolso da minha jaqueta que ainda estava enrolada no Derek, e retirei o canivete que peguei da menina no beco. Eu tinha quase certeza de que não estava em perigo, mas não iria arriscar. Me arrastei na direção das figuras silenciosas entre as árvores. O homem chutou a garota uma segunda vez, mas novamente o ataque não produziu nenhum som, a queda dela não provocou nenhum ruído e ela também não.

Fantasmas. Como o homem na fábrica.

Não, não fantasmas. Eles podem não fazer ruídos ao se moverem, mas posso escutar quando falam. Posso até mesmo interagir com eles. Esses aqui eram apenas imagens. Filmes metafísicos de um evento terrível que ficou impresso nesse lugar, se repetindo interminavelmente.

O homem agarrou a garota pelo cabelo. Apertei meus olhos fechados, mas ainda conseguia vê-los, a memória havia ficado gravada em mim agora, sendo reprisada em minhas pálpebras.

Engoli em seco e me afastei. De volta a clareira, me agachei ao lado do Derek, puxando meus joelhos para cima, minhas costas voltadas para a cena se passando na floresta. Mas não importava o fato de não poder vê-los. Eu sabia que estava lá, se desenrolando atrás de mim e não fazia diferença não ter *realmente* assistido a garota morrer. Porque de certa maneira, eu havia.

Uma garota da minha idade havia sido assassinada nessa mata e vi seus últimos e terríveis momentos, observei enquanto ela sangrava até a morte na floresta. Uma vida como a minha havia encontrado seu fim aqui, e não importa quantas vezes vi mortes em filmes, não era o mesmo e nunca irei esquecer isso.

Fiquei encolhida ali, tremendo, cercada pela escuridão. Odeio a escuridão desde minha infância. Agora sei por que – eu costumava ver fantasmas no escuro quando era criança, tratados por meus pais como bichos papões. Agora, saber que o ‘bicho papão’ era real não ajudava em nada.

Cada sussurro do vento soava como uma voz. Cada animal caminhando na floresta era uma pobre criatura ressuscitada dos mortos. Todo estalar de árvore era um corpo rastejando para fora do solo frio. Sempre que fechava os olhos via a garota morta. Então vi os morcegos mortos. E vi a garota, enterrada na floresta, nunca encontrada, acordando em uma cova rasa, presa em seu corpo putrefato, incapaz de gritar, de lutar...

Mantive meus olhos abertos.

Pensei em acordar o Derek. Ele não iria reclamar. Mas depois de tudo pelo que passou, parecia tolo falar que não conseguia agüentar ficar ali por causa da reprise de um assassinato. Cheguei a cutucá-lo algumas vezes, na esperança de acordá-lo. Mas não obtive sucesso. Ele estava exausto e precisava descansar, e mesmo se ele acordasse o que poderíamos fazer? Estávamos presos nessa parada de caminhões até o amanhecer.

Então sentei lá e tentei não pensar. Quando aquilo falhou, comecei a recitar a tabuada, o que só me fez pensar na escola e questionar se um dia voltaria; e isso me lembrou da Liz, do quanto ela odiava matemática e me perguntei como ela estaria e onde e...

Passei a recitar meus diálogos favoritos de filmes, mas novamente, aquilo somente me fez lembrar da minha outra vida, então em meu pai, e do quanto ele deveria estar preocupado. Me levei a loucura tentando achar uma maneira segura de enviar uma mensagem para ele, ficando cada vez mais frustrada por não conseguir.

Finalmente acabei fazendo uma coisa que sempre me confortava – cantando “Daydream Believer¹⁶”. Era a música preferida da minha mãe, e ela cantava para eu dormir sempre que tinha pesadelos. Eu sabia apenas um verso e o refrão, mas os sussurrei baixinho uma vez, então outra e outra...

“Chloe?”

Dedos tocaram meu ombro. Pisquei e vi o Derek abaixado ao meu lado, ainda de calção e seu rosto obscurecido de preocupação.

“S-sinto muito. Cochilei.”

¹⁶ Música da banda The Monkees – grande sucesso em 1967: <http://www.youtube.com/watch?v=iSL2-aHj1lg>

“Com os olhos abertos? Sentada? E estou tentando tirar você disso já há algum tempo.”

“Oh?” Olhei ao redor e percebi que já era dia. Pisquei com força e bocejei. “Noite longa.”

“Você ficou sentada aqui e acordada a noite toda?” Ele se abaixou até o chão. “Por causa do que aconteceu comigo? Sei que não deve ter sido fácil de assistir...”

“Não foi por causa disso.”

Tentei escapar das explicações, mas ele continuou a me pressionar, e tive que contar a verdade ou deixar que ele acreditasse que foi sua transformação que me colocou em estado de choque. Então contei sobre a garota.

“Não era real.” Falei quando terminei. “Bem, foi... um dia. Mas eu estava vendo apenas um tipo de replay fantasmagórico.”

“E você observou isso, a noite toda?”

“Não, foi” Acenei minha mão por sobre o ombro “Lá atrás. Não olhei.”

“Por que você não me acordou?”

“Você estava cansado. Não quis incomodar.”

“Incomodar? Isso foi estúpido...” Ele parou. “Palavra errada. Foi teimosia, não estúpido... e gritar com você agora não vai ajudar em nada, não é?”

“Na verdade não.”

“Da próxima vez, me acorde. Não espero que você agüente algo desse tipo, e não estou impressionado por ter feito isso.”

“Sim, senhor.”

“E da próxima vez que não me contar, vou gritar com você.”

“Sim, senhor.”

“Não sou seu sargento, Chloe. Não gosto de estar no seu pé o tempo inteiro.”

Eu não estava acreditando naquilo.

“Eu não quis...” Ele suspirou, balançou a cabeça e se levantou. “Me dê um minuto para me vestir, e vamos para a parada de caminhões, nos aquecer e tomar um café da manhã.”

Ele pegou as roupas e se dirigiu para os arbustos ainda falando.

“A rodoviária fica na cidade. Espero ter dinheiro suficiente para pagarmos um táxi. Quando entrarmos, vamos ligar para nos informarmos dos preços e horários dos ônibus, então já vamos saber quanto dinheiro vai nos sobrar.”

“Eu tenho.” Puxei as notas do bolso “Oitenta. Deixei o restante em minha mochila. Não gosto de carregar tudo por aí.”

“A maior parte do meu dinheiro também está na mochila, que esqueci no ônibus.” Ele se amaldiçoou baixo.

“Você não estava em condições para se lembrar de nada a noite passada. Eu deveria ter lembrado de pegar a minha.”

“Mas *você* estava preocupada *comigo* . Não importa, nós temos o suficiente. Tenho uns cem...”

Ouve uma pausa. Então o som de mãos puxando tecidos, como se estivesse procurando em seus bolsos. Ele praguejou.

“Deve ter caído. De onde você pegou os meus jeans?”

“Onde você os deixou, dobrado sobre a árvore. Olhei nos bolsos primeiro, tinha só o invólucro de uma barra de cereais.”

“Sei que tinha...” Ele parou e amaldiçoou novamente. “Não, coloquei o dinheiro na jaqueta que deixei no ônibus.”

“Oitenta dólares deve cobrir as passagens para Nova York e o café da manhã. Vamos caminhar, então pegar um ônibus até a rodoviária.”

Ele saiu dos arbustos resmungando.

“Estúpido, estúpido.”

“Como falei, você tinha outras coisas em mente. Nós dois tínhamos. E nenhum de nós ainda está acostumado de brincar de fugitivo. Vamos aprender. Por agora, vamos entrar. Estou congelando.”

30



ENQUANTO O DEREK ESTAVA NO BANHEIRO, LIGUEI PARA a rodoviária e peguei os valores e horários. O cara teve até mesmo a gentileza de me informar quais ônibus teríamos que pegar para chegar lá.

Quando o Derek saiu do banheiro, seu moletom estava úmido e limpo, e o cabelo molhado e brilhante, como se ele os tivesse limpado na pia do banheiro.

“Quer a boa ou a má notícia primeiro...” Parei. “Pergunta idiota. A notícia ruim, certo?”

“Sim.”

“Temos uma caminhada de mais de três quilômetros até a parada de ônibus mais próxima, e depois mais uma baldeação para chegar ao terminal. A boa notícia? A passagem para dois estudantes até Nova York é de sessenta dólares, então temos o suficiente para o café da manhã.”

“E um desodorante.”

Eu iria dizer que isso não importava, mas pela maneira que a mandíbula dele estava posicionada, pude ver que importava para ele, então assenti e falei:

“Claro.”

Compramos um desodorante e um pente barato. E sim, nós os dividimos. O dinheiro estava curto para agir de forma tola sobre aquilo.

O cheiro de bacon e ovos do restaurante fez minha boca começar a salivar, mas nosso dinheiro não iria cobrir um café da manhã quente. Pegamos caixas de leite achocolatado, duas barras energéticas e dois pacotes de amendoins, então seguimos em nossa caminhada até a estação de ônibus.

Depois de cerca de meio quilometro de silêncio, Derek falou:

“Você está calada essa manhã.”

“Apenas cansada.”

Caminhamos mais alguns metros.

“É a noite passada não é?” Ele falou. “Se você quiser falar sobre o que...”

“Na verdade não.”

A cada meia dúzia de passos ele olhava na minha direção. Eu não estava com animo para compartilhar, mas meu silencio obviamente o estava incomodando, então falei:

“Continuo pensando sobre a primeira vez que vi a garota com problemas. Quando pensei que era real. Eu ia fazer algo...”

“O que?” Ele cortou.

Dei de ombros.

“Gritar. Distraí-lo.”

“Se fosse real você nem ao menos deveria ter pensado em se envolver. O cara tinha uma faca. E estava obviamente pronto para usá-la.”

“Esse não é o ponto.” Murmurei, observando meus dedos chutarem uma pedra ao longo da estrada.

“Tudo bem. Então o ponto é...”

“Vi a faca e congelei. Tudo que conseguia pensar era sobre a garota no beco, aquela que segurou a faca contra meu rosto. Se a noite passada tivesse sido real, eu poderia ter deixado alguém morrer, por que estava apavorada demais para fazer algo.”

“Mas não era real.”

Olhei para ele.

“Tudo bem.” Ele falou. “De novo esse não era o ponto. Mas o que aconteceu no beco – você ainda não teve tempo para parar e...” Ele gesticulou procurando por uma palavra. “Processar aquilo. Você conversou com Simon sobre isso, certo?”

Balancei minha cabeça.

Ele fez uma careta.

“Mas você contou para ele o que aconteceu.”

Balancei novamente a cabeça.

“Deveria. Você precisa conversar com alguém. É claro que não dá para conversar com a Tori. Liz provavelmente é uma boa ouvinte, mas ela não está por perto.” Ele fez uma pausa. “Você pode falar comigo, mas já deve ter percebido que não sou bom com esse tipo de coisa. Quero dizer, se você quiser...” Ele parou, então voltou a falar mais firme, com os ombros curvados contra o frio da manhã. “Deveria ser o Simon. Ele quer saber o que está acontecendo e ele quer que seja você a contar.”

Assenti apesar de não saber se contaria. O Simon já estava passando muito tempo com o dever de confortar a Chloe. Preciso começar a resolver as coisas sozinha. Mas havia um problema relacionado que eu ainda queria ajuda.

“Tenho pensado.” Comecei. “Depois do que aconteceu, devo aprender a como me defender. Alguns movimentos básicos de autodefesa.”

“Isso é uma boa idéia.”

“Ótimo, então você poderia...”

“Vou pedir para o Simon te ensinar alguma coisa.” Ele continuou.

“Oh. Pensei que... achei que essa seria mais a tua área.”

“Nosso pai ensinou a nos dois. Simon é bom nisso. A menos...” Ele olhou para mim. “Quero dizer, se você quiser tudo bem, posso te ajudar. Mas o Simon seria um professor melhor. Ele tem a paciência necessária.”

“Certo. Então vou falar com o Simon.”

Ele assentiu e caiu no silêncio novamente.

Chegamos à rodoviária com vinte minutos de sobra. Derek me fez ficar para trás, onde o agente poderia ver que eu era uma adolescente sem me olhar muito de

perto, no caso de minha foto estar circulando por ali. Ele seguiu até o balcão sozinho. Quando ele pareceu estar tendo problemas, me juntei a ele.

“O que há de errado?” Eu sussurrei.

“Ela não vai nos dar o preço para jovens.”

“Não é para jovens.” A mulher falou. “É para estudantes. Se você não pode mostrar uma identidade, não pode ganhar o desconto.”

“Mas compramos nossas passagens em Buffalo sem precisarmos de identidade.” Coloquei meu bilhete sobre o balcão.

“Isso é de Buffalo.” Ela falou uma fungada. “Aqui na capital do estado nós seguimos as regras. Sem identidades, sem valor para estudantes.”

“Tudo bem, então vamos querer as passagens para adultos.”

“Não temos o suficiente.” Derek murmurou.

“O que?”

“É trinta e oito cada passagem para adulto. Ainda faltam seis dólares.”

Me inclinei sobre o balcão.

“Por favor, é muito importante. Você pode ver que já compramos as passagens para Nova York, mas meu amigo ficou doente e tivemos que sair do ônibus...”

“Isso não importa.”

“E que tal uma adulto e uma para estudantes? Nós temos o suficiente...”

“Próximo!” Ela gritou e abanou uma mão para nós.

A rodoviária também servia como estação para a Greyhound, mas uma carta deixava claro que para conseguir uma passagem de estudante, era requerido um cartão especial e era por isso que não havíamos comprado as passagens com eles em Buffalo. Mas tentei de qualquer maneira. A mulher lá era mais simpática, mas explicou que não poderia nos dar o desconto, sem entrar com o número do cartão no computador. Então estávamos sem sorte.

“Vamos achar uma solução.” Falei enquanto nos afastávamos do balcão da Greyhound.

“Você vai. Vou lhe dar as direções para a casa do Andrew. Ele pode me pegar aqui...”

“E se ele não estiver lá? Ele pode ter se mudado ou ter ido viajar. Então terei que encontrar o Simon, usar uma boa soma do dinheiro para que todos voltemos para pegar você...”

Derek assentiu, entendendo meu argumento.

“Você viveu por aqui durante algum tempo.” Levantei minhas mãos. “Eu sei que não é o seu lugar preferido, mas a alguém com quem você poderia pedir dez dólares emprestados?”

“Um amigo?”

“Bem, claro, talvez...”

Ele deu uma risada.

“Sim, você soa tão inserta sobre isso quanto deveria. Você deve ter adivinhado que não saio por ai fazendo amigos. Não vejo motivos para isso, especialmente quando nunca ficamos em um lugar por muito tempo. Tenho meu pai e o Simon. Isso é o suficiente.”

A alcateia dele...

Ele continuou.

“Acho que posso encontrar alguém. Simon deve ter algum amigo ou colega de time que lhe deve dinheiro. Ele era ruim para coisas desse tipo – ele emprestava dinheiro e nunca pedia de volta.”

“Pensando bem, considerando que você desapareceu sob circunstâncias suspeitas, acho que reaparecer agora poderá não ser uma boa idéia. A última coisa que precisamos é de alguém ligando para a polícia.”

Caminhei até um mostrador com brochuras e peguei uma com as listas de preços e horários. Então voltei para o mapa do estado de Nova York e estudei os dois. Derek lia sobre meu ombro.

“Aqui.” Ele falou, apontando para o mapa. “Podemos pagar o preço completo até Nova York saindo daqui.”

“E como vamos chegar lá...”

E essa era a grande questão.

31



NOSSA MELHOR CHANCE DE CHEGARMOS ONDE QUERÍAMOS era pegando carona. Não éramos tão estúpidos a ponto de pedir uma, mas poderíamos conseguir roubar uma. Então decidimos voltar para a parada de caminhões. Cochilei por alguns minutos enquanto viajavamos no ônibus da cidade, então começamos a longa caminhada de volta.

Estávamos perto da metade do caminho quando o Derek resmungou:

“Sinto muito.”

“Sobre o que?”

“Isso. Você me ajudou a noite passada, mesmo depois de toda a porcaria que fiz você passar. E esse é a tua recompensa. Presa em Albany.”

“É uma aventura. Não consigo lembrar da última vez que andei em um ônibus de linha. E estou fazendo exercícios também. Depois de uma semana presa da Casa Lyle e no laboratório, não poderia estar mais ansiosa para uma longa caminhada.”

Caminhamos por mais algum tempo.

“Sei que você está cansada.” Ele falou. “E com fome. E irritada.”

“Cansada sim. Com um pouco de fome. Mas irritada? Não.” Olhei para ele. “É sério, não estou.”

“Você tem estado muito calada.”

Dei uma risada.

“Normalmente sou bem calada. Mas essas duas últimas semanas não tem sido nada normais.”

“Eu sei que você não fala demais, você só tem estado...” Ele deu de ombros. “Achei que você estava furiosa.” Ele colocou as mãos nos bolsos. “Sobre isso – estar com raiva. Você estava certa na outra noite, depois do que aconteceu no beco. Eu estava com raiva de mim mesmo. Só levou algum tempo para que eu me acalmasse e pudesse perceber.”

Assenti.

“O que eu fiz, enquanto morávamos aqui, machucando aquele garoto. Nunca pensei que fosse acontecer novamente. Repassei aquilo tantas vezes, pensando no que deu errado e no que faria se ficasse naquela situação novamente, todas as estratégias que a doutora Gill me ensinou.”

“Dra. Gill?”

“É eu sei. Ela já me dava medo mesmo antes de sabermos do Grupo Edison. Mas ela era uma psicóloga de verdade e estava tentando me ajudar. Era do interesse deles me ensinar a controlar meu temperamento. Então eu estava certo que se alguma coisa daquelas voltasse acontecer, não havia dúvidas de que iria cuidar daquilo de uma maneira melhor. E o que aconteceu? Quase exatamente o mesmo cenário... E fiz exatamente a mesma coisa.”

“Você parou antes de jogá-la contra a parede.”

“Não, você me fez parar. Se você não tivesse gritado, eu o teria feito. Todas aquelas estratégias. Todos aqueles ensaios mentais. E quanto aconteceu, nem sequer considerei fazer algo diferente. Não pude. Meu cérebro simplesmente se desligou.”

“Mas não demorou muito para voltar a ligá-lo.”

Ele deu de ombros.

“Isso tem que ser progressivo, certo?”

“Acho que sim.” Ele falou, mas não parecia convencido.

Na parada de caminhões, nosso plano era nos escondermos em algum transporte. Sentamos no restaurante, bebendo refrigerante enquanto escutávamos as conversas ao nosso redor, tentando descobrir caminhoneiros que iria para o nosso destino.

O primeiro caminhão estava parado bem em frente, deixando impossível nos esgueirarmos para dentro sem sermos vistos.

Na segunda vez, a carreta possuía um enorme cadeado na porta, grande demais para o Derek quebrar. No terceiro, como o ditado diz, a magia funcionou.

Seguimos o motorista até o veículo, no que acabou se revelando uma van. Depois que ele entrou na cabine, nos escondemos na traseira.

O cara trabalhava em algum negócio de construções. O van cheirava a lascas de madeira e óleo, e estava repleta de ferramentas, escadas e lonas. Quando a camionete entrou na auto-estrada e o barulho era auto o suficiente para abafar nossos ruídos, Derek pegou uma lona e fez uma cama no chão.

“Você precisa dormir.” Ele falou. “Elas fedem, mas...”

“Elas são mais macias que caixas de papelão. Obrigada.”

Ele me deu metade de uma barra energética que estava guardando.

“Não você come.” Falei.

“Vai dormir melhor se o teu estômago não estiver roncando. E não diga que não está. Posso escutar.”

Aceitei a barra.

“E pegue isso.” Ele retirou o moletom. “E de novo, pode não cheirar muito bem, mas é quente.”

“Você precisa...”

“Não. Ainda estou com um pouco de febre da noite passada.”

Peguei o moletom.

“Está tudo bem, Derek. Não estou com raiva.”

“Eu sei.”

Me ajeitei na cama de lona e coloquei o moletom sobre meu corpo como um cobertor. Então comi o restante da barra de cereais.

Quando terminei o Derek falou:

“Você não pode dormir com os olhos abertos, Chloe.”

“Não quero apagar no caso de algo acontecer.”

“Estou aqui. Vá dormir.”

Fechei os olhos.

Acordei quando a van diminuiu. Derek estava na traseira, abrindo a porta para espiar para fora.

“Essa é a nossa parada?” Perguntei.

“Não devemos estar muito longe. Mas não estamos na cidade. É outra parada de caminhões.”

“Uma parada para o xixi depois do mega café que ele tomou.”

“É.” Ele abriu ainda mais a porta para olhar melhor. “Eu preferia descer na cidade...”

“Mas ele pode não parar em uma.” A van entrou em uma vaga e parou.

“Entre embaixo da lona.” Derek sussurrou. “No caso dele checar à traseira.”

Um minuto mais tarde a porta traseira rangiu se abrindo. Prendi minha respiração. A van não era tão grande assim, e se o motorista entrasse para pegar algo, ele provavelmente bateria direto em nós. Mas ele continuou do lado de fora. Ferramentas chocalharam como se ele estivesse pegando uma delas da caixa. Então o barulho parou. Fiquei tensa.

“Esqueci do meu alicate de pressão novo.” O homem resmungou. “Ótimo.”

A porta se fechou com um estouro. Quando comecei a sair de baixo da lona o Derek sussurrou:

“Espere. Ele ainda está se afastando.” Um minuto passou enquanto ele escutava e então falou. “Tudo bem.”

Levantei e empurrei a lona de volta para onde a encontramos, enquanto o Derek espiava para fora novamente.

“Temos árvores a nossa esquerda.” Ele falou. “Vamos seguir para lá, então circular, pegar algo para beber no restaurante antes de seguirmos.”

“E usar o banheiro.”

“Sim. Siga-me.”

Deslizamos para fora da van e corremos na direção das árvores. Correr atrás do Derek era pior do que seguir atrás da Tori – com suas pernas longas ele só precisava simplesmente caminhar um pouco mais rápido, para que o espaço entre nós aumentasse.

Ele parou em seguida e se virou olhando para mim, eu esperava um rosar e uma ordem para me afastar, mas seus lábios formaram um praguejar. Passos rápidos soaram atrás de mim. Eu estava pronta para começar a correr, quando uma mão se fechou sobre meu ombro.

Derek começou a se mover. Vi sua expressão, aquela pequena curvatura no canto dos lábios e desesperadamente gesticulei para que ele parasse. Ele parou, mas seu olhar estava fixo sobre meu ombro, observando meu captor.

“Acho que peguei um passageiro ou dois.” Falou a voz de um homem.

Ele me virou. Era o motorista da van. Ele era um homem de meia idade, com o cabelo grisalho preso em um rabo, e um rosto enrugado.

“N-nós não pegamos nada.” Falei. “Sinto muito. Só precisávamos de uma carona.”

“Jesus.” Ele falou, me levando até onde tinha sol para me ver melhor. “Qual a tua idade?”

“Q-quinze.”

“Era o que eu imaginava.” Ele balançou a cabeça. “E aposto que está fugindo de casa.”

A voz dele ficou mais suave.

“Essa não é uma estrada pela qual vocês queiram seguir, crianças. Falo por experiência, não é o caminho.”

Derek se aproximou, com o olhar fixo no homem, tão concentrado que acredito que ele não tenha escutado uma palavra que o cara falou. Deslizei minha mão para o bolso, e a ponta dos meus dedos tocaram a faca, não a puxando para fora, apenas para me lembrar de que ela estava lá, que eu não estava tão indefesa quanto me sentia.

Chamei a atenção do Derek, sem saber se ele havia notado, mas ele o fez, assentindo distraidamente, me informando que ainda estava se controlando.

O homem continuou.

“Seja o que for que está acontecendo em casa, não é tão ruim quanto pensam.”

Levantei meus olhos para ele.

“E se for?”

Houve uma pausa, e então um aceno de cabeça triste.

“Tudo bem. Talvez seja. Acontece mais do que você pensa, mas há outras maneiras de fazer isso. Lugares para onde você pode ir. Pessoas que podem ajudar.”

“Estamos bem.” Derek falou, sua voz era um ronco baixo.

O homem balançou a cabeça.

“Você não está bem, filho. Você tem o que? Dezessete? E fugindo? Pegando carona na traseira de vans?”

“Estamos bem.” O roncar na voz do Derek havia ficado ainda mais baixo, como um rosnado. Ele limpou a garganta e falou com mais calma. “Apreciamos a sua preocupação, senhor.”

“Aprecia mesmo, filho? Realmente?” Ele balançou a cabeça. “Vou levar vocês dois para dentro e comprar uma refeição quente para vocês. Então vou fazer algumas ligações. Encontrar um lugar para vocês ficarem.”

“Não podemos...” Comecei.

“Ninguém vai mandar você para casa. Agora vamos.” A mão dele se apertou em meu ombro.

Derek caminhou para frente.

“Sinto muito senhor, mas não podemos fazer isso.”

“Sim, vocês podem.”

Derek acenou para que eu fosse em sua direção. Dei um passo. A mão do homem se apertou ainda mais.

“A deixe ir.” O rosnado havia retornado a voz do Derek.

“Não, filho. Não vou machucar a tua amiga, mas vou levar ela para dentro e ligar para alguém que possa ajudar. Espero que você venha conosco, mas essa escolha é sua.”

“Vá.” Sussurrei baixo o suficiente para que somente o Derek pudesse escutar. “Te alcanço depois.”

Tenho certeza de que ele escutou, mas fingiu que não.

“Vou pedir novamente, senhor. Solte-a.”

“Isso soa terrivelmente como uma ameaça, filho. Você é um garoto grande, mas não quer enfrentar um cara que está no ramo de construções há vinte anos e já se meteu em mais lutas do que gostaria de admitir. Não quero te machucar...”

Derek saltou rápido como um raio. Ele tinha os braços ao redor do pescoço do homem, antes mesmo dele conseguir levantar os pulsos. Enquanto ele lançava o homem ao chão com uma chave de braço, tropecei para fora do caminho, minha mão voou do meu bolso e jogou a faca rolando no chão. O homem tentou pegá-la. A agarrei e coloquei de volta em meu bolso.

“Nós também não queremos te ferir.” Derek falou. “Mas como você pode ver...” Ele apertou ainda mais o braço e os olhos do homem se arregalaram. “Eu posso. Sei que você estava tentando nos ajudar, mas não entende a situação.”

Derek olhou para mim.

“Corra de volta para a van. Pegue uma corda e alguns trapos.”

Saí correndo.

32



VINTE MINUTOS MAIS TARDE, ESTÁVAMOS A MAIS DE um quilometro de distância do posto, cortando caminho por um campo. Á nossa frente estava uma estrada que seguia paralela a auto-estrada.

“Você acha que o que fizemos não foi correto.” O Derek falou.

Dei de ombros.

“Não o amarrei muito apertado. Ele vai se soltar em uma hora, talvez menos e deixei o celular dele perto no caso de haver algum problema.”

Assenti. Caminhamos outros quinhentos metros.

“O que você teria feito?” Ele perguntou.

“Você sabe meu plano. Era aquele que você fingiu não escutar.”

Chegamos à estrada antes de ele responder.

“É, tudo bem. Eu escutei. Mas não parecia que ele ia te dar uma chance de fugir. Eu sabia que podia subjugá-lo com segurança, sem machucá-lo, antes que as coisas ficassem ainda piores. E se tivesse a chance de fazer isso, essa era a minha escolha. É como nosso pai nos ensinou a lidar com situações como aquela.”

Considerarei aquilo e assenti.

“Você está certo.”

Ele pareceu surpreso.

“Não tenho experiência com esse tipo de coisa, em tomar essas decisões.” Falei. “Com a garota do beco e com o grupo Edison a decisão foi fácil. Se alguém está tentando nos ferir, temos todo o direito de lutarmos contra. É que...”

“O cara estava tentando ajudar dois fugitivos. Ele não merecia acabar amarrado e amordaçado.”

Assenti.

“Até mesmo alguém como ele é uma ameaça. Não importando se ele era ou não. Temos que fugir ou a ‘ajuda’ dele vai nos levar de volta ao Grupo Edison.”

“Eu sei.”

Caminhamos pelo acostamento enquanto um carro passava, ficando na expectativa enquanto nos certificávamos de que as luzes de freios não iriam se acender, e o carro diminuir. Não importava se o motorista fosse um psicopata tentando nos seqüestrar ou uma avó nos oferecendo uma carona. Tínhamos que reagir da mesma maneira. Correr. E se não pudéssemos correr, teríamos que lutar.

O carro continuou, sem diminuir de velocidade.

“Não podemos confiar em ninguém agora.” Murmurei. “Nem mesmo nas pessoas boas.”

“É. Isso é uma droga, não é?”

Era sim.

Continuamos por estradas secundárias que corriam paralelamente a auto-estrada. Julgando pelo tempo em que estivemos na van, Derek achava que deveríamos estar perto da cidade mais próxima com uma rodoviária, mas a verdade é que não tínhamos idéia. Mas não importando a distância, teríamos que caminhar até lá.

Um problema com nossa calma caminhada pelo campo eram os cães. Eles se lançavam em um frenesi de latidos assim que sentiam o cheiro do Derek. Ninguém parecia preocupado – acho que por essa região há tão poucas pessoas caminhando pela estrada, que os cães sempre latem quando vêem alguém e seus donos os ignoravam.

Porém, estar no campo significa que muitos dos cães *não* estão acorrentados. Mais de um veio correndo na direção da estrada. Eventualmente, nossa reação se tornou automática. Ao primeiro soar de um latido, parávamos de caminhar. Eu me movia para trás do Derek. Ele ficava parado e esperava. Assim que o cachorro ficava a uma distância em que podia ver o Derek, ele dava uma boa olhada e fugia, correndo e gritando para a segurança.

“Eles sempre fogem desse jeito?” Perguntei enquanto observávamos um labrador amarelo correr de volta para casa, com o rabo entre as pernas.

“Depende do cachorro. Cães grandes do campo como esse? Sim. São os cachorros da cidade que me dão problema. O papai fala que é por causa da raça. Os deixa nervosos e acaba com o instinto deles. Um Chihuahua me atacou o ano passado.” Ele me mostrou uma fraca cicatriz na mão. “Ele tirou um bom pedaço.”

Abafei uma risada.

“Um Chihuahua?”

“Hei, ele era mais perverso que um Pit Bull. Eu estava em um parque com o Simon, chutando uma bola. Do nada, aquele pequeno rato veio correndo, pulou e cravou os dentes na minha mão. E não largava. Comecei a balançar a mão, e o dono do cachorro começou a gritar para que eu não machucasse o pequeno Tito. Finalmente consegui soltar o cachorro. Eu estava sangrando por todo o lugar e o cara nem ao menos pediu desculpas.”

“Ele não achou que era estranho? O cachorro dele te atacar daquele jeito?”

“Não. Ele falou que a bola deve ter provocado o cachorro, e que precisávamos ter mais cuidado.”

“Quando coisas estranhas acontecem, as pessoas inventam suas próprias explicações.”

Falei para ele sobre as garotas no beco, que haviam acusado a Tori de tê-las atacado com um taser.

“Sim.” Ele falou. “Nós temos que tomar cuidado, mas normalmente eles acham explicações sozinhos.”

Caminhamos para o lado enquanto uma pick-up passava, o motorista levantou a mão em um cumprimento. Acenei de volta, então observei até ter certeza de que ele não iria parar.

“Então, todos os animais reagem dessa maneira com você? Eu sei que você falou que os ratos não ficam por perto.”

“A maioria sim. Eles vêem um humano, mas sentem o cheiro de outra coisa. Isso os confunde. Mas os canídeos são os piores.” Ele fez uma pausa. “Não, gatos são piores. Eu realmente não gosto de gatos.”

Dei uma risada. Quando as sombras se alongaram, Derek seguiu para o outro lado da rua onde havia sol.

“Fui ao zoológico uma vez.” Ele continuou. “Passeio da quinta série. Papai falou que eu não podia ir, por causa do lobisomem. Fiquei furioso. Realmente furioso. Naquela época eu não assustava os animais. Apenas os deixava nervosos. Então decidi que o papai estava sendo injusto e fui de qualquer maneira.”

“Como?”

“Forjei a assinatura dele e guardei minha mesada.”

“E o que aconteceu?”

“Praticamente tudo o que o papai previu. Deixei os predadores nervosos e os animais que são presas ficaram em pânico. Meus colegas acharam que era legal. Eles conseguiram ver um elefante fugir.”

“Sério?”

“Sim. Me senti mal por aquilo. Então fiquei para trás depois do que aconteceu. Não eram os animais que eu queria ver de qualquer forma.”

“E qual era? Espere. Os lobos, certo?”

Ele assentiu.

“Você queria ver se eles te reconheciam como parte do bando.”

“Não. Nada tolo como isso.” Ele caminhou em silêncio por um momento. “Tudo bem. Exatamente isso. Eu tinha essa...” Ele lutou atrás de uma palavra.

“Fantasia?”

Um olhar me disse que não era a palavra escolhida por ele.

“Essa *ideia* que eles sentiriam meu cheiro e...” Ele deu de ombros. “Não sei o que. Apenas que eles fariam alguma coisa. Que algo iria acontecer.”

“Aconteceu?”

“Claro, se você considerar legal ver um lobo se jogar contra uma cerca até tirar sangue.”

“Oh.”

“Foi...” O olhar dele ficou distante, fixado na estrada, com uma expressão impossível de ler. “Ruim. Sai de lá o mais rápido que pude, mas ele não parou. No dia seguinte um garoto na escola falou que eles colocaram o lobo para dormir.”

Olhei para o Derek.

Ele continuou com o olhar ainda fixo na estrada.

“Fui para casa e peguei o jornal. A seção que falava sobre nossa cidade havia sumido. Papai o havia pegado antes. Ele imaginou o que havia acontecido, mas não iria falar nada. Ele sabia que eu estava chateado com algo naquela noite e acho que pensou que aquilo era punição suficiente. Então fui até uma loja e comprei um jornal. E era verdade.”

Assenti sem saber ao certo o que falar.

“Repentina agressão contra humanos.” Ele recitou, como se nunca tivesse esquecido as palavras. “Lobos normalmente não agem daquela maneira. Todas aquelas histórias sobre grandes lobos malvados, são besteiras. Sim eles são predadores e perigosos. Mas não querem nada com os humanos se puderem evitar. Só fazem isso se estiverem doentes, com fome ou defendendo seu território. Eu era um lobo solitário invadindo as terras de uma alcatéia. Ele era o alfa. Era o dever dele proteger o bando. E ele foi morto por isso.”

“Você não teve a intenção.”

“Isso não é desculpa. O papai me contou sobre os lobos. Eu sabia como eles se comportam. Vi isso com os outros garotos, os outros experimentos...”

“Você se lembra deles? Simon não tinha certeza se você lembrava.”

“Sim. Eu lembro.” Ele coçou a nuca enquanto caminhava, então olhou para mim. “Você está cansada?”

“Um pouco.”

“Não deve estar longe agora. Então, uh...” Ele parecia estar procurando por algo para dizer. Eu esperava que fosse mais sobre ele ou os outros lobisomens, mas quando ele finalmente falou, foi. “Aquele escola especial que você ia. Você fazia teatro?”

“Estou no grupo de artes cênicas. Nós ainda temos que comparecer a todas as aulas normais, como matemática, inglês, ciências...”

E então mudamos para assuntos simples pelo resto da caminhada.

33



CHEGAMOS À PRÓXIMA CIDADE E ENCONTRAMOS a rodoviária – uma floricultura na verdade, com os bilhetes sendo vendidos no balcão. Tentamos novamente o preço para estudantes, e como em Buffalo o conseguimos sem perguntas. Vá entender.

Isso significava que tínhamos dinheiro extra e um pouco mais de duas horas antes da saída do ônibus. E quanto ao que faríamos com aquele tempo e dinheiro? O ronco em nossos estômagos respondeu a questão.

Estava escurecendo, mas ainda era cedo, então ninguém prestava atenção para dois adolescentes caminhando pela cidade. Caminhamos por alguns quarteirões procurando por um lugar onde comprar uma refeição quente e barata. O nariz do Derek nos levou a um restaurante chinês estilo fast-food. Um destino popular e infelizmente com uma fila gigantesca. Guardei uma mesa enquanto ele seguiu até o balcão.

A fila parecia mal se mover e o restaurante estava uma sauna. Não demorou muito para meus olhos começarem a se fechar.

“Cansada, querida?”

Endireitei-me para ver uma senhora idosa usando um casaco amarelo, parada ao lado da mesa. Ela sorria para mim. Sorri em retribuição.

“Você se importaria se eu sentasse por um momento?” Ela acenou para a cadeira vazia à minha frente.

Meu olhar se voltou para o Derek, ainda a cinco pessoas de ser atendido.

“Vou sair quando o seu jovem retornar.” Ela falou. “Está muito movimentado aqui, não é?”

Assenti e acenei para ela sentar. Ela o fez.

“Tenho uma bisneta da sua idade.” Ela falou. “Cerca de quatorze anos, eu acho.”

“Isso mesmo.” Falei, esperando não soar muito nervosa. Olhei para o Derek, querendo ajuda, mas ele estava estudando o cardápio.

“Nona série?”

“Sim.”

“Qual é a sua matéria favorita, querida?”

“Drama.”

Ela riu.

“Nunca escutei isso antes. É como atuar?”

Expliquei e enquanto conversávamos relaxei. Assim que passamos das perguntas sobre idade e série, ela não perguntou nada mais tão pessoal – nem mesmo meu nome. Ela era apenas uma velha senhora querendo conversar, o que era uma boa mudança.

Conversamos até o Derek ficar em segundo na fila. Então uma risada explodiu na mesa atrás da minha. Virei para ver dois casais, um ano ou dois mais velhos que eu. As garotas tinham olhares de nojo. Um dos caras estava com o rosto vermelho de prender o riso. O outro não estava se importando em esconder o seu, rindo com tanta força que estava dobrado ao meio.

Todos os quatro estavam olhando para mim.

Todo o restaurante estava olhando para mim.

Era como um pesadelo onde as crianças riem de você, e você continua caminhando pelos corredores sem saber o porquê até perceber que não está usando calças. Eu sabia que estava usando calças e a única coisa em que consegui pensar foi em meu cabelo preto. Mas ele não estava *tão* ruim assim, não é?

“Oh, querida.” A mulher sussurrou.

“O... o que há de errado? O... o que eu fiz?”

Ela se inclinou, com os olhos brilhando. Lágrimas? Por que ela estaria...?

“Sinto muito.” Ela falou. “Eu apenas...” Ela deu um sorriso triste. “Apenas queria falar com você. Você parece ser uma garota tão boazinha.”

Vislumbrei o Derek, agora fora da fila, encarando os garotos que riam na outra mesa. A mulher se levantou e se inclinou sobre a mesa.

“Foi muito bom falar com você, querida.” Ela colocou sua mão na minha... E ela passou direto.

Pulei em pé.

“Sinto muito.” Ela falou novamente.

Seu rosto estava tão triste que eu quis dizer que estava tudo bem, que era culpa minha. Mas antes das palavras saírem, ela desapareceu e então tudo o que pude escutar foram as risadas ao meu redor, os murmúrio de “*maluca*” e “*esquizofrênica*”. Continuei lá, presa no chão, até o Derek pegar o meu braço, seu toque tão suave que mal pude sentir.

“Vamos.” Ele falou.

“Sim.” Um dos caras falou. “Acho que o prazo de validade da sua namorada já expirou.”

Derek lentamente levantou a cabeça, os lábios curvados em uma careta muito – até demais – familiar. Agarrei o braço dele. Ele piscou e assentiu. Enquanto nos virávamos para sair, o outro cara da mesa gritou.

“Procurando garotas em um hospital psiquiátrico?” Ele balançou a cabeça. “Agora isso que é desespero.”

Enquanto passávamos pela vitrine da frente, pude jurar que todos os olhos nos seguiam. Distingui alguns olhares: simpatia, pena, desgosto e nojo. Derek se moveu ficando entre eu e a janela, bloqueando minha visão enquanto caminhávamos.

“Eles não precisavam ter feito aquilo.” Ele falou. “É claro que esses garotos são idiotas. Mas os adultos deveriam se comportar melhor. E se você *fosse* uma doente mental?”

Ele me levou até o estacionamento, então parou atrás da loja sob a sombra de uma saliência no prédio.

“Você nunca os verá novamente.” Ele falou. “E se eles tratam uma pessoa com problemas mentais de verdade dessa maneira, então você não deveria se preocupar com o que eles pensam. Bando de imbecis.”

Não falei nada, apenas fiquei olhando para o estacionamento. Ele se mexeu na minha frente, tentando bloquear o vento.

“N- nós devemos ir.” Falei. “Você precisa comer. Sinto muito.”

“Pelo o que? Falar sozinha? E daí? Pessoas fazem isso o tempo todo. Eles deveriam ter ignorado isso.”

“Você teria?”

“Claro. Isso não é problema meu. Eu...”

“Você não teria rido ou encarado. Sei disso. Mas não poderia ignorar. Talvez você fingisse não notar, mas ainda pensaria sobre isso, sobre a pessoa fazendo aquilo, o que há de errado com ela, será que ela vai enlouquecer e puxar uma arma, ou...” Passei meus braços ao redor do corpo. “Estou divagando. Mas você sabe do que estou falando. Eu estava sentada em um restaurante, conversando com alguém e nunca iria adivinhar que ela era um fantasma.”

“Você iria descobrir.”

“Como? Eles se *parecem* com pessoas. *Soam* como pessoas. A menos que eles caminhem através da mobília, não há nenhuma indicação. Terei que parar de falar com estranhos? Ignorar todas as pessoas que passarem por mim? Isso vai parecer normal.” Balancei minha cabeça com força. “Estou divagando novamente. Sinto muito. Sinto por você ter se envolvido naquilo.”

“Você acha que eu ligo?” Ele colocou uma das mãos contra a parede e se inclinou em minha direção. “Você vai saber como lidar com isso. Outros necromantes conseguem. Você só precisa aprender mais alguns truques.”

“Antes de acabar presa em um hospício?”

“Mais algum tempo nessa vida de fugitivos e você talvez entre em restaurantes, falando sozinha de propósito, tentando ser presa em algum lugar com cama e banho quente.”

Consegui sorrir.

“No momento, fico feliz com uma comida quente.”

“E quanto a um chocolate quente?”

“O que?”

“No caminho para cá vi uma cafeteria requintada, uma dessas que acabam com a Starbucks. Com grandes poltronas, uma lareira... não parecia muito cheia. Essa não é exatamente uma cidade para cafés a cinco dólares.”

Me imaginei enroscada em uma poltrona, em frente a lareira, bebendo uma caneca gigantesca de chocolate quente. Sorri.

“Está resolvido então.” Ele falou. “Vamos ter brownies ou cookies para comer. Um jantar realmente nutritivo. Agora eu acho que é por aqui...”

Começamos a caminhar.

A cafeteria ficava na mesma rua da estação do ônibus. Tentamos chegar lá – e sair do frio congelante – o mais rápido possível. Depois de cortar caminho por alguns estacionamentos, vimos nosso próximo atalho em potencial: um playground. Quando comecei a atravessar a rua, Derek me impediu.

“Esse nunca é o tipo de lugar que você gostaria de estar à noite.”

É claro que ele estava certo. Parecia inocente o suficiente – um parque estreito com uma fileira de balanços e escorregadores, e um grande playcenter de plástico no final – mas entre os equipamentos e as árvores havia muitas sombras. Depois do anoitecer, quando as crianças tinham que ir para casa, aquele era o lugar perfeito para meninos maiores e mais perigosos matarem o tempo.

Derek escaneava o parque enquanto cheirava o ar.

“Está vazio.” Ele falou finalmente. “Vamos.”

Corremos através da rua. Na área mais aberta, o vento ficou ainda pior, girando ao nosso redor e terrivelmente frio. Os balanços se retorciam e estalavam. Enquanto passávamos, uma rajada mais forte jogou um deles contra meu ombro. Tropecei para trás gritando e acabei com a boca cheia de areia que se elevava do chão. Enquanto eu tossia, a cabeça do Derek se levantou. Cuspi a areia e me virei. Ele havia ficado completamente parado, com o rosto para cima.

“O que você está farejando?” Perguntei.

“Não tenho certeza... Achei ter...” O vendo mudou e as narinas dele se alargaram. E os olhos se arregalaram. “Corra!”

Ele me deu um empurrão e começou a correr. Nos últimos dias já fiz tanto dessa coisa de “correr do perigo”, que meu cérebro colocou minhas pernas em movimento automaticamente, esquecendo completamente meus pés doloridos.

Derek ficou atrás de mim e seus passos ecoavam.

“Chloe!” Ele gritou enquanto alguém parava em meu caminho.

Derek me agarrou pelos ombros, meus pés voaram do chão antes mesmo de parar de correr. Ele nos levou para trás do conjunto de brinquedos de plástico. Um homem estava vindo em nossa direção. O outro vinha da direção oposta. Duas rotas de fuga, e ambas bloqueadas. Derek olhou para cima do brinquedo, mas estávamos contra uma parede de plástico sólida com uma guarita a uns três metros acima de nossas cabeças. Havia um poste de bombeiros a alguns metros dali, mas ele não nos levaria a nenhum lugar útil.

Os homens pareciam ter uns vinte anos. Um era alto e magro, com cabelo loiro até o colarinho. Ele usava uma jaqueta xadrez e botas, e parecia que não havia se importando em usar uma lamina de barbear por dias. Seu companheiro era mais baixo e encorpado, moreno com cabelo escuro. Ele usava uma jaqueta de couro e tênis.

Nenhum dos dois parecia o tipo de cara que você espera encontrar em um parque incomodando os garotos por cigarros ou dinheiro. Mas sim assistindo a corridas de monster truck e talvez correndo atrás das garotas para conseguir seus nomes e número de telefone.

Eles também não pareciam bêbados. Eles estavam caminhando em linha reta e seus olhos pareciam limpos, brilhando na escuridão...

Me encolhi.

As mãos do Derek se apertaram em meus ombros e ele se inclinou para sussurrar:

“Lobisomens.”

34



OS DOIS LOBISOMENS PARARAM A ALGUNS METROS DE NÓS.

“Estamos apenas de passagem.” Derek falou com uma voz firme. “Se esse é o território de vocês...”

O loiro o cortou com uma risada.

“Nosso território? Você escutou isso, Ramon? Ele está perguntando se esse é o nosso território?”

“Eu sei que vocês são lobisomens e sei...”

“Lobisomens?” Ramon falou. “Ele falou lobisomens?”

O loiro levantou os dedos até os lábios em um “*shhh!*” exagerado e acenou com a cabeça para mim.

“Ela sabe.” Derek falou.

“Tsk-tsk. Isso é contra as regras, filhote. Você não pode sair contando para as tuas namoradas o que você é, nem mesmo para as bonitinhas. O papai não te ensinou isso? E quem é o teu pai, por falar nisso?”

Derek não falou nada.

“Ele é um Cain.” Ramon falou.

“Você acha?” O loiro olhou com atenção, sua cabeça se inclinado. “Acho que pode ser.”

“Se você já tivesse encontrado algum antes, não estaria se questionando. Isso” ele apontou para o Derek “é um Cain. Três coisas que todos Cain tem em comum. Grandes como uma casa. Feios como uma cerca de lama. E burros como tijolos.”

“Então ele não é...” Comecei antes que o Derek pudesse me fazer calar.

Liam se aproximou.

“Você falou alguma coisa, gracinha?”

“Estamos só de passagem.” Derek falou. “Se esse é o território de vocês, então peço desculpas...”

“Você escutou isso, Ramon? Ele *pede desculpas*.” Liam deu outro passo, se aproximando ainda mais. “Você não tem idéia do território em que está, não é?”

“Não, eu não sei. Se deveria, então...”

“Esse território é da *alcatéia*.”

Derek balançou a cabeça.

“Não, a alcatéia fica em Syracuse...”

“Você acha que eles dominaram apenas *uma* cidade?” Ramon falou. “O território deles é *todo* o estado de Nova York.”

“Você sabe o que o bando faz com quem invade o território, não é filhote?” Liam falou. “O teu papai deve ter mostrado algumas fotos.”

Derek não falou nada.

“As fotos?” Liam pressionou. “Do último cara que entrou no território da alcatéia?”

Derek continuou em silêncio.

“O teu pai não gosta muito de você, não é? Porque se gostasse, ele teria te mostrado aquelas fotos, para que você não cometesse o erro que está cometendo agora. Da última vez que um caipira chegou muito perto do território da alcatéia, eles o esculpiram com uma motosserra. Eles tiraram fotos, e as distribuíram como um aviso para o restante de nós.”

Meu estômago se revirou. Fechei meus olhos com força até a imagem passar. Eles estavam apenas inventando isso para nos assustar... E estava funcionando – pelo menos para mim. Meu coração batia com tanta força, que eu tinha certeza de que eles

podiam escutar; Derek apertou meu ombro, massageando com o dedo, me dizendo para ficar calma.

“Não, eu não vi as fotos. Mas obrigado pelo aviso. Vou...”

“Quem é o teu pai?” Ramon perguntou. “Zachary Cain? Você é mais escuro, mas tem a aparência dele. E também tem a idade certa. E isso pode explicar por que ele não te criou direito.”

“Estando morto, como está.” Liam falou. “Mas se é o Zack, então você *deveria* saber que deve ficar longe do território do bando.”

“Deveria?” Derek falou, sua voz sem emoção.

“Você não sabe como o teu papai morreu? O idiota decidiu se juntar a uma rebelião contra a alcatéia e acabou sendo pego. Foi torturado até a morte, bem ali em Syracuse.” Ele olhou para o Ramon. “Você acha que usaram a serra?”

Derek se intrometeu.

“Se a alcatéia é tão ruim, por que vocês estão no território deles?”

“Talvez sejamos membros.”

“Então por que você está falando dessa maneira, se referindo ao território “deles”, o que “eles” fazem?”

Liam gargalhou.

“Dê uma olhada nisso. Um Cain com cérebro. Isso deve ser da tua mãe.”

“Você quer saber por que estamos aqui?” Ramon falou. “Uma missão de misericórdia, e nós é que vamos pedir. Veja, nós começamos a andar com um garoto da Austrália no ano passado. Rapidamente descobrimos o por que dele ter fugido de casa.”

“Comedor de homens.” Liam falou.

“C-comedor de homens?” Eu não tinha a intenção de falar isso em voz alta, mas acabou escapando.

“É um hábito nojento. Agora, caçar humanos? Matá-los?” Ele sorriu. “Isso sempre foi um bom esporte. Mas comê-los? Não faz meu estilo. Bem, a menos que você conte aquela vez no México...”

Derek o interrompeu.

“Então se vocês têm permissão para entrar no território, tenho certeza que eles não irão me incomodar. Não estou causando problemas.”

“Posso terminar minha história?” Ramon falou. “Então esse australiano, ele não era muito discreto sobre seus hábitos. A alcatéia soube disso. E quando ficamos sabendo, nós três estávamos em sua lista de extermínio.”

“O australiano se mandou.” Liam falou. “Deixando eu e o Ramon com o problema. A alcatéia não se importa se somos comedores de pessoas ou não. Tivemos alguns problemas com eles antes, então, até onde eles sabem, nós já esgotamos nossas chances. Eles já conseguiram pegar o Ramon uma vez. Por sorte ele fugiu. Ou a maior parte dele.”

Ramon levantou a camiseta. A lateral do seu corpo estava esburacada e enrugada com a pele ainda cicatrizando, o tipo de coisa que vi apenas em demonstrações de maquiagens para filmes.

“Então agora vocês estão seguindo para Syracuse falar com o bando.” Falei. “Consertar as coisas.”

“Isso mesmo. Ou esse era o plano. Mas veja, isso é uma roleta russa. Vamos nos jogar a misericórdia deles e podemos nunca mais nos recuperar. Então tivemos que fazer uma parada incrível.”

Ele olhou para o Ramon que assentiu. Por um momento nenhum deles falou nada. Liam ficou parado lá, com um sorriso nos lábios enquanto fazia suspense.

“Uma parada?” Perguntei finalmente sabendo que o Derek não iria.

“Tive que urinar. Á uns dois quilômetros a norte daqui. Saí da auto-estrada, parei o carro e adivinhe quem farejei?”

“Eu.” Derek falou.

“A resposta para nossas preces. Um Cain?” Liam balançou a cabeça. “O que fizemos para ter tanta sorte? O bando odeia Cains. Um monte de Neanderthals, muito

estúpidos para ficar longe de problemas. Se o entregarmos e falar para eles que era você que andava lanchando os humanos...”

Senti o Derek se mexer atrás de mim.

“Pensando em partir, filhote? Isso seria rude. Se você fugir vamos ter que pegar a tua garota, e ficar com ela até você decidir voltar e nos escutar.”

Derek ficou parado, mas pude sentir seu coração acelerado contra minhas costas, escutar sua respiração rápida enquanto ele lutava para permanecer calmo. Minha mão deslizou até o bolso, agarrando a faca. Derek apertou meu ombro, o massageando novamente.

“Tudo bem.” Ele sussurrou. “Está tudo bem.” Mas o coração dele continuava a martelar, me dizendo que não estava tudo bem.

“Claro.” Liam falou. “Vai tudo ficar muito bem. O bando não são monstros. Esse pobre garoto órfão apenas cometeu um erro. Ele nunca vai voltar a repeti-lo. Eles entenderão. Ele provavelmente tem o que...” Ele olhou para o Ramon. “Uma chance de cinquenta a cinquenta?”

Ramon considerou e assentiu.

Liam voltou a olhar para nós.

“Cinquenta por cento de chance de sobreviver. E se não conseguir, eles vão fazer de maneira rápida. Nada de serra para você.”

“Por que vocês estão nos contando isso?” Perguntei. Parecia uma daquelas cenas clássicas do James Bond, onde o vilão explica o que vai fazer, dando tempo para ele pensar em um plano de fuga. O que eu realmente esperava ser o que o Derek estava fazendo. Eu poderia não ser de muita ajuda – não quando o assunto é lutar contra lobisomens – mas era muito boa em enrolar.

“Boa pergunta, gracinha. Por que não simplesmente agarrar ele, amarrar, jogá-lo em nossa camionete e entregá-lo para os lobos em Syracuse? Porque o Alfa não é estúpido. Se jogarmos para ele um garoto gritando ser inocente, ele pode acreditar. Veja, há apenas uma maneira de fazermos isso funcionar. É se o teu namorado vier voluntariamente e confessar.”

Derek bufou.

“Claro.”

“Você não gosta desse plano?”

Derek olhou para ele.

Liam suspirou.

“Tudo bem então. A opção número dois é. Nós matamos você e nos divertimos com a tua garota.”

“Eu cuido da morte.” Ramon falou. “Você pode ficar com a garota. Ela é um pouco jovem para mim.”

Liam sorriu.

“Gosto delas jovens.”

O olhar dele viajou para cima e para baixo no meu corpo, e isso fez meus cabelos se arrepiarem. As mãos do Derek apertaram meu ombro.

“Deixe ela fora disso.” Derek rosnou.

“Nunca.” Liam mostrou os dentes. “Eu estou quase torcendo para você dizer que não. Claro, eu adoraria um bode expiatório para entregar para a alcatéia. Mas uma gracinha como essa, que sabe o que realmente sou? Isso...” Ele sorriu. “É doce.”

Ele me enviou um olhar que me fez encolher contra o Derek, minha mão se fechou ao redor da faca com tanta força que doeu. Quando o Liam voltou a se aproximar, os braços do Derek me envolveram e um rosnado vibrava saindo de seu peito.

Liam estendeu a mão na minha direção. Quando o Derek ficou tenso, ele se afastou, então fez novamente, testando a reação e riu quando conseguiu uma. Depois até mesmo o Ramon começou a rir.

“Olhe só isso.” Liam falou. “Acho que o filhote encontrou sua parceira. Não é a coisa mais bonitinha?” Ele se inclinou na direção do Derek, falando em voz baixa. “Não vai dar certo. Nunca dá. Por que não a entrega para mim e deixe que eu te ajude a superar isso agora. Doloroso, mas rápido. É a melhor maneira.”

Derek me moveu para trás dele. Os lobisomens deixaram escapar uma gargalhada rosnada.

“Acho que ele está dizendo que não.” Ramon falou.

“A deixe fora disso.” Derek falou.

Liam balançou a cabeça.

“Como posso fazer isso? Olhe para ela, tão pequena e bonita, grandes olhos azuis, arregalados e assustados.” Ele se inclinou olhando ao redor do Derek e para mim. “Esse cabelo não ficou nada bem nela. Ainda posso sentir o cheiro da tinta. Qual a cor dela? Loira. Aposto. Ela parece ser uma loira.”

O olhar dele fez minhas entranhas se retorcerem.

“Se eu for com vocês, ela vai embora.” Derek falou. “Certo?”

“Não.” Sussurrei.

“Claro que ela vai.” Liam falou.

“*Derek.*” Eu sussurrei.

Ele colocou a mão nas costas, gesticulando para que eu ficasse calada. Era um truque. Ele tinha um plano. Isso tem que ser um plano.

“Vamos fazer um trato.” Derek falou.

“Trato?” Liam riu. “Isso não está aberto a negociações, filhote.”

“Está se vocês querem minha cooperação. Vou com vocês, mas antes nós a levamos até o ônibus. Depois que eu vê-la partir em segurança no ônibus, sou todo de vocês.”

“Uh-ah.” Liam se balançou nos calcanhares. “Você não está sentindo a sua inteligência insultada, Ramon?”

“Claro.” Ramon caminhou para junto de seu amigo.

“Você disse que iria deixá-la ir...”

“E nós vamos. Assim que você fizer a sua parte. Até lá, ela é a nossa garantia de que você fará tudo certo. E não se preocupe, nós vamos cuidar muito bem...”

Derek pulou para frente, tão rápido que pegou ambos despreparados. Ele agarrou Liam pela camiseta e o jogou contra o Ramon. Os dois foram para o chão.

“Corra.” Derek falou.

Puxei minha faca.

“Corre!”

Ele me deu um empurrão. Comecei a correr, mas lentamente, minha mão na faca enquanto observava por sobre o ombro, me afastando o suficiente para o Derek achar que eu estava em segurança sem abandoná-lo.

Derek segurou o Ramon e o jogou contra o poste de bombeiro e a cabeça dele atingiu o ferro fazendo um *bong*.

Liam se lançou na direção do Derek. Ele saiu do caminho. Como Ramon jazia imóvel no chão, Derek e Liam se enfrentaram em um círculo. Liam atacou novamente e Derek girou, mas Liam agarrou a parte de trás do moletom, o tirando do chão e fazendo cair.

Derek atingiu o chão deslizando. Liam se jogou sobre ele, tomando seu tempo enquanto Derek lutava para levantar, arfando e tossindo, rastejando pelo chão. Me virei para correr de volta. Então Derek pulou em pé e começou a correr.

35



ZIGUEZAGUEAMOS POR UM DISTRITO COMERCIAL às escuras, com Liam em nosso encalço o tempo todo. Quando chegamos a um complexo de casas, ele ficou para trás, como se não quisesse ser visto perseguindo duas crianças. Ele se manteve a uns quinze metros atrás de nós, claramente planejando se aproximar assim que chegássemos a um local mais ermo.

Do lado mais distante do complexo havia um pequeno shopping. Quando chegamos lá, olhamos para trás e ele havia sumido. Continuamos em frente, por cerca de duas quadras e paramos atrás de uma padaria fechada.

Me encostei contra a parede de tijolos frios, arfando por ar.

“Você quer dicas de autodefesa?” Derek falou, respirando pesadamente.

Assenti.

“A primeira lição que o papai nos ensinou? Se você estiver lutando contra um oponente maior, na primeira chance que tiver, o surpreenda com seu golpe secreto...” Ele se inclinou até meu ouvido. “E corra pra valer.”

Uma risada surgiu em minha garganta e meus dentes pararam de bater. Respirei fundo e me deixei relaxar contra a parede.

“Ele era tão forte quanto você?” Perguntei.

“Seja no que for que aqueles cientistas mexeram, não foi na minha força. Ele pode ser menor do que eu, mas é tão forte quanto e possui muito mais experiência em lutas. Eu estava seriamente em desvantagem.” Ele limpou o cascalho ainda preso em seu queixo. “Você não é a única que precisa de treinamento. Meu pai me ensinou a usar a força como vantagem. Mas só isso não funciona em uma luta contra lobisomens.”

Ele mexeu os ombros, então empurrou os cabelos suados para fora dos olhos.

“Vamos recuperar o fôlego, mas então precisamos ir. Assim que ele perceber que nos perdeu vai voltar e procurar por nosso rastro.”

“Estou bem.” Falei, me espichando. “Quando você quiser ir...”

Algo se moveu sobre nossas cabeças. Olhei para cima enquanto Liam pulava do telhado. Ele aterrissou de pé bem atrás do Derek.

“O teu garoto não está pronto para partir, gracinha. Ele tem alguns negócios para terminar antes.”

Liam acertou o Derek com um soco que o fez perder o equilíbrio, sangue jorrou de sua boca. Puxei a faca, mas ela se prendeu nas dobras do meu bolso. Quando finalmente consegui tirar a faca, Derek havia atingido o Liam e agora ambos estavam no chão, rolando, um tentando agarrar o outro.

Quantas cenas de filmes envolvendo lutas eu vi? Até mesmo escrevi algumas. Mas estar ali, observando, com alguém que conheço em perigo. Fazia aquelas cenas parecerem em câmera lenta. Isso era um redemoinho de punhos, pés, rosnados, gemidos e sangue. A maior parte do que pude ver era sangue, voando, respingando e pingando enquanto eu me movia para frente e para trás com a faca nas mãos.

Pensei em todas as vezes que estive na audiência, reclamando sobre a menina estúpida e inútil que ficava pairando ao redor da luta, segurando uma arma, mas sem fazer nada. Vendo os caras se matando. Eu sabia que tinha que ajudar o Derek. Sabia que ele estava com problemas, que a maioria daquele sangue, engasgar e rosnados eram dele. Eu não tinha medo de usar a faca. Eu *queria* usá-la. Mas não havia nenhuma chance. Havia punhos, corpos, e chutes voando e toda a vez que parecia haver uma abertura, eu pulava para frente apenas para encontrar o Derek em meu caminho e recuava rapidamente antes de esfaqueá-lo.

Então Liam fez o Derek ficar de joelhos o prendendo pelo pescoço, a mão que estava livre segurou o cabelo do Derek. Ele puxou a cabeça do Derek para trás e pensei na garota da parada de caminhões, sua garganta cortada e não consegui parar de pensar se eu poderia fazer aquilo, corri até o Liam e cravei a faca na parte de trás da coxa dele, a afundando até o cabo.

Liam deixou escapar um uivo e me acertou com as costas das mãos. Voei com a faca ainda presa na mão. Escutei o Derek gritar meu nome enquanto atingia a parede. Minha cabeça estourou contra os tijolos. As luzes mais acima explodiram em fagulhas.

Derek me agarrou antes que eu atingisse o chão.

“E- estou bem.” Falei o empurrando para longe.

Levantei-me, balançando e voltando a recuperar o equilíbrio.

“Estou bem.” Falei com mais força agora.

Olhei ao redor. A faca havia caído ao meu lado. Voltei a pegá-la.

Liam estava caído atrás do Derek, se retorcendo no chão, rosnando enquanto tentava estancar o sangue.

Nós fugimos.

Dessa vez ninguém estava nos perseguindo, mas não importava. Continuamos correndo, sabendo que Liam iria vir atrás de nós assim que estivesse em condições.

“Preciso levar você até um banheiro.” Derek falou enquanto dávamos a volta em um prédio.

“Eu? Estou...”

“*Precisamos* achar um banheiro para você.”

Fechei minha boca. Obviamente Derek estava em choque e era *ele* quem precisava de um banheiro para poder se limpar e checar os estragos.

“Ele vai seguir nossa trilha.” Falei. “Precisamos enganá-lo.”

“Eu sei. Estou pensando.”

Eu também estava, relembrando todos os filmes de fugitivos que vi, onde alguém tentava despistar cães farejadores. Diminui quando vi uma enorme poça de água da chuva e uma sarjeta cheia de lixo. A água se estendia por uns três metros de diâmetro. Então tive uma boa idéia.

“Suba na calçada e caminhe pela beirada.” Falei.

“O que?”

“Apenas faça isso.”

Corremos pela calçada até que vi uma porta de acesso a um pequeno prédio de apartamentos. Guiei o Derek até ela e girei a maçaneta. Mas estava trancada.

“Você consegue quebrar isso?” Perguntei.

Ele limpou suas mãos ensangüentadas e agarrou a maçaneta. Tentei dar uma boa olhada nele, para saber o quanto havia apanhado, mas estava muito escuro e tudo o que consegui ver foi manchas de sangue por todo o lugar – no rosto, mãos, moletom.

Ele forçou a porta até abrir. Nós entramos, circulamos um pouco e então saímos.

“Agora seguimos o caminho por onde viemos.” Falei. “Ao longo do meio fio. Refazendo nosso rastro.”

Parei quanto chegamos a poça.

“Vamos cortar caminho por aqui.”

Derek assentiu.

“Então ele vai chegar até aqui, continuar seguindo nossa trilha e pensar que estamos em algum lugar naquele prédio, sem perceber que refizemos nossa própria trilha. Inteligente.”

Caminhar com água fria até os tornozelos pareceu ter acordado Derek do estado de choque.

Assim que chegamos do outro lado, ele assumiu a liderança e nos fez caminhar a favor do vento para que o Liam não pudesse nos farejar. Então ele me puxou para dentro de uma cafeteria. Havia somente umas poucas pessoas lá dentro, todas junto ao balcão conversando com a atendente. Nenhum deles se quer olhou para nós enquanto seguíamos para o banheiro.

Derek me levou até o banheiro masculino e trancou a porta. Ele me ergueu no balcão da pia antes que eu pudesse protestar, então esfregou bem as mãos puxando as mangas até os cotovelos, como se estivesse se preparando para uma cirurgia.

“Ah, Derek...?”

Ele umedeceu uma toalha de papel e levantou meu queixo limpando meu rosto.

“Derek? Não estou ferida.”

“Você está coberta de sangue.”

“Mas não é meu. Eu juro. É do...”

“Do lobisomem. Eu sei.” Ele pegou minha mão e começou a limpá-la. “É por isso que preciso tirar isso de você.”

“Derek?” Me inclinei tentando ver o rosto dele. “Você está bem?”

Ele continuou a esfregar.

“Há duas maneiras de se tornar um lobisomem. Ou você nasce um, ou é mordido por um. Se a saliva entrar em contato com a tua corrente sanguínea, é como um vírus.”

“Sangue também?”

“O papai falou que não, só saliva. Mas ele pode estar errado e você tem cortes, arranhões e sangue por todo o corpo.”

Eu tinha *alguns* cortes e arranhões, e o sangue havia somente respingado em mim, mas mantive minha boca fechada e deixei que ele limpasse.

Enquanto ele o fazia, tentei descobrir o quanto *ele* estava ferido. A bochecha arranhada estava cheia de sujeira. Seu nariz cheio de sangue. Quebrado? Um dos olhos já estava escurecendo. Aquilo era sangue no canto do olho? Os lábios estavam cortados e inchados. Haveria algum dente solto? Faltando?

“Pare de se mexer, Chloe.”

Eu não podia evitar. Os ferimentos dele obviamente precisavam de mais atenção do que os meus, mas não havia senso em falar algo sobre isso até ele ter terminado.

Finalmente, quando aparentemente ele havia esfregado cada gota de sangue – e algumas camadas da minha pele – falei:

“Tudo bem, agora você.”

“Tire sua jaqueta e moletom.”

“Derek, estou *limpa*. Acredite em mim, nunca estive mais limpa.”

“Você tem sangue nos punhos.”

Enquanto eu tirava a jaqueta, o fecho prendeu em meu colar.

“Está preso...” Comecei.

Derek deu um puxão na jaqueta... E a corrente arrebentou, deixando o pendente cair. Ele amaldiçoou e o pegou antes de atingir o chão.

“... No meu colar.”

Ele xingou mais algumas vezes, então falou:

“Sinto muito.”

“A garota no beco o agarrou.” Menti. “A corrente deveria estar fraca. Sem problemas.”

Ele olhou para o pendente em sua mão.

“Ele não era vermelho antes?”

Eu não havia dado uma boa olhada na corrente a dias... Sem espelhos e o pendente havia ficado sob minha camiseta. Achei que a cor parecia diferente antes, mas agora havia mudado ainda mais, estava quase azul.

“Eu... acho que é algum tipo de talismã.” Falei. “Minha mãe me deu, para espantar o bicho papão – fantasmas eu acho.”

“Huh.” Ele olhou para aquilo, então balançou a cabeça e o devolveu. “Então é melhor mantê-lo com você.”

O enfiei no bolso, bem no fundo onde estaria seguro. Então retirei meu moletom e puxei as mangas para cima. Nenhum sangue havia passado, mas mesmo assim ele me fez lavar meus braços.

“Tudo bem, agora podemos cuidar do cara que *realmente* esteve lutando? Tem muito sangue. Parece que a maior parte vem do seu nariz.”

“É sim.”

“Você foi atingido no peito algumas vezes. Como estão as suas costelas?”

“Talvez machucadas. Nada crítico.”

“Tire a camiseta.”

Ele suspirou, como se agora *eu* é que estivesse exagerando.

“Se você quiser posso sair e deixar que você cuide disso sozinho...”

“Não.”

Ele retirou o moletom e o dobrou sobre o balcão. Não havia nenhum sangue abaixo do colarinho, que havia escorrido do nariz e lábios. Acredito que isso seja previsível quando se luta com os punhos e não armas. Ele falou que as costelas do lado direito estavam doloridas ao toque, mas para ser honesta, eu não saberia distinguir hematomas de fraturas. Ele estava respirando sem problemas, e isso era o mais importante.

“Tudo bem, o seu nariz. Está quebrado? Doendo?”

“Mesmo se estiver quebrado, não há nada que você pode fazer.”

“Deixe-me ver os seus olhos.”

Ele resmungou, mas não resistiu. O canto ensanguentado já estava ficando mais claro, e não havia nenhum corte aparente. Mas ele tinha um olho roxo. Quando falei isso, ele somente resmungou. Molhei um papel toalha limpo.

“Você tem sujeira na bochecha. Deixe-me...”

“Não.”

Ele pegou minha mão antes que eu pudesse tocar seu rosto. Ele pegou o papel e se inclinou sobre o balcão para limpar a sujeira. Tentei não gemer enquanto observava. O cascalho havia arranhado profundamente a pele.

“Você precisa ir dar uma olhada nisso.”

“Sim.” Ele se olhou no espelho, sua expressão indescritível, até perceber que eu estava observando, então ele se virou e se afastou do espelho. O entreguei outro papel molhado e ele limpou o pescoço e colarinho, respingados com sangue seco.

“Você ainda tem o desodorante?” Ele perguntou.

O retirei do bolso da minha jaqueta e o coloquei sobre o balcão. Ele continuou a se lavar.

“No playground.” Falei. “Quando você estava negociando com eles, não estava falando sério, não é? Sobre ir com eles? Era um truque.”

O silêncio se estendeu por tempo demais.

“Derek?”

Ele não olhou para cima, apenas estendeu a mão e pegou uma toalha limpa.

“Você escutou *alguma coisa* que eles falaram?” Perguntei.

“Sobre o que?” Seus olhos ainda na toalha, ele a dobrou cuidadosamente antes de jogá-la no lixo. “Caçar humanos por esporte? Comê-los?” A amargura na voz dele pareceu me cortar. “Sim, eu peguei essa parte.”

“Isso não tem nada a ver com você.”

Ele levantou os olhos.

“Não?”

“Não, a menos que o fato de ser lobisomem transforme você além de um lobo, em um caipira idiota.”

Ele deu de ombros e pegou mais toalhas de papel.

“Você quer caçar humanos, Derek?”

“Não.”

“Você pensa sobre isso?”

“Não.”

“E quanto a devorá-los? Você pensa sobre isso?”

Ele me olhou com nojo.

“É claro que não.”

“Você sonha sobre caçar humanos?”

Ele balançou a cabeça.

“Apenas veados e coelhos.” Quando fiz uma careta ele continuou. “Nos últimos anos tenho sonhado em ser um lobo. Correndo na floresta. Caçando veados e coelhos.”

“Certo. Como um *lobo*, não um monstro comedor de gente.”

Ele umedeceu uma toalha de papel.

“Então por que você deixaria aqueles caras te levarem para...” Parei. “A alcatéia. Era isso que você queria? Dizer a eles que você iria, e depois que eles me deixassem ir, contar a verdade e usar isso como uma... introdução? Conhecê-los? Ficar com os da sua raça?”

“Não. Isso não importa para mim. Papai falava que isso importa para os outros lobos. Que era assim para os outros meninos – eles odiavam a todos que não eram um de nós. Eu? Não ligo. A única razão pela qual quero encontrar um lobisomem seria a mesma de você encontrar um necromante. Para conversar, pegar dicas, treinar, coisas assim. De preferência com um que não ache que caçar humanos é um bom esporte.”

“Como essa alcatéia. Eles matam comedores de gente e não parecem muito entusiasmados em caçar humanos. É isso que você pensou? Que você poderia ir até lá e eles iriam te ajudar? Quando perguntei se você estava escutando aqueles dois idiotas, era essa a parte que me referi – sobre a alcatéia. O que eles fariam com você. Matar lobisomens com motosserras e coisas assim.”

Derek bufou.

“Você não acredita neles.” Relaxei assentido. “Ninguém faria isso. Cortar alguém com uma serra e distribuir fotos? Aqueles caras estavam só tentando assustar você.”

“Não, tenho certeza de que as fotos existem. E que aqueles caras *acreditam* que a alcatéia esculpiu a carne de alguém. Mas as fotos podem ser falsas. Você pode fazer esse tipo de coisa com efeitos especiais e maquiagem, não é?”

“Claro, mas por quê?”

“Pela mesma razão que você falou. Para assustar as pessoas. Liam e Ramon acham que a alcatéia realmente fez aquilo, então eles ficam longe do território deles. Não parece uma má idéia para mim.”

“Mas você pensaria em algo assim?”

O olhar de nojo retornou.

“É claro que não.”

“Mas você considerou confiar sua vida em pessoas que pensaram? Lobisomens que brincam de juiz e júri com sua própria raça? Torturando e matando outros lobos? Mesmo sabendo disso você estava disposto a ir com eles, fingindo ser um matador de humanos e torcer para que pegassem leve por ser um garoto? Ou essas chances estão boas para você? Se eles decidirem que você não merece viver, talvez estejam certos?”

Eu queria que aquilo soasse como sarcasmo. Mas quando a resposta dele demorou para vir – demorou demais – meu coração disparou.

“Derek!”

Ele jogou a toalha molhada no lixo.

“Não, eu não tenho desejo de morrer, tudo bem?”

“É melhor mesmo.”

“Eu não tenho, Chloe.” Ele falou suavemente. “Falo sério. Não tenho.”

Nossos olhos se prenderam e o ruído do pânico em minha cabeça se transformou em outra coisa, meu coração ainda martelava, minha garganta ficou seca...

Olhei para longe e resmunguei.

“Bom.”

Ele se afastou.

“Temos que ir.”

Assenti e desci do balcão.

36



ENTREGUEI MINHA JAQUETA PARA O DEREK E ELE A USOU sem discutir – ela cobriu as manchas de sangue do moletom. Enquanto saíamos do banheiro, as pessoas na cafeteria finalmente nos notaram, mas somente para falar que o banheiro era só para clientes.

A cafeteria estava com uma promoção de final de inverno de garrafas térmicas com o nome da loja, então Derek pegou uma cheia de chocolate quente e dois copos de papéis. E meia dúzia de donuts. Assim tínhamos um jantar para viagem.

Não podíamos simplesmente valsar de volta a estação do ônibus. Liam ainda deveria estar nos caçando, talvez com a ajuda do Ramon. Se eles nos estavam seguindo mais cedo, devem saber que estivemos na rodoviária e nos estariam esperando lá.

Então ficamos a favor do vento ou atrás de prédios, e esperamos a meia quadra de distância até o ônibus chegar. Não havia sinal dos lobisomens. Tenho certeza de que ajudava o fato de ser uma parada de ônibus comum, não um terminal – se eles seguissem nosso rastro até a floricultura, provavelmente não poderiam adivinhar que estávamos lá para uma passagem de ônibus.

Ainda assim, foi somente depois de estarmos dentro e o ônibus começar a se mover que relaxei. Eu estava em meu segundo copo de chocolate quando meus olhos começaram a se fechar.

“Você deveria dormir um pouco.” O Derek falou.

Contive um bocejo.

“Não é uma viagem muito longa, certo? Cerca de uma hora e meia?”

“Quase o dobro disso. Estamos na rota mais longa.”

“O que?”

“A rota que segue por todas as cidades pequenas.” Ele falou.

Ele pegou meu copo vazio. Me mexi tentando ficar confortável. Ele dobrou meu moletom descartado e o colocou contra o ombro.

“Vá em frente.” Ele falou. “Eu não mordo.”

“E pelo que ouvi falar, isso é uma coisa boa.”

Ele deu uma risada estrondosa.

“Sim, é mesmo.”

Recostei contra o ombro dele.

“Em algumas horas você vai estar em uma cama.” Ele falou. “Aposto que *isso* é uma boa idéia, certo?”

Algo tão comum já soou tão incrível? Mas enquanto pensava sobre isso, meu sorriso desapareceu e levantei a cabeça.

“E se...?”

“Se o Andrew não estiver lá? Ou não os aceitou na casa dele? Então vamos encontrar o Simon e conseguir um hotel barato. Vamos dormir em uma cama hoje à noite. Isso é garantido.”

“E teremos um banheiro.”

Ele riu novamente.

“Sim, e um banheiro.”

“Graças a Deus.” Voltei a recostar minha cabeça no travesseiro improvisado. “O que você mais está ansiando?”

“Comida.”

Eu ri.

“Aposto que sim. Comida *quente*. Quero isso também.”

“E um banho. Realmente quero um banho.”

“Bem, você vai ter que brigar comigo por isso. Se aquele cara conseguiu sentir o cheiro da tinta no meu cabelo, significa que não fiz um bom trabalho enxaguando ele. O que deve explicar o porquê de estar tão feio.”

“Sobre isso. A cor. Eu não queria...”

“Eu sei. Você só pegou uma que me faria parecer diferente. E deixou mesmo.”

“É, mas parece falso. Até mesmo aqueles caras perceberam. Lave o cabelo e vamos comprar aquela tinta vermelha que você gosta.”

Fechi meus olhos. Enquanto eu apagava, Derek começou a cantarolar, tão baixo que mal consegui escutar. Levantei minha cabeça.

“Sinto muito.” Ele falou. “Estou com esta estúpida melodia na minha cabeça. Não faço idéia do que seja.”

Cantei algumas palavras de “*Daydream Believer*.”

“Uh, é essa mesma.” Ele falou. “Como você...?”

“Minha culpa. Minha mãe costumava cantar quando eu não conseguia dormir, então comecei a cantá-la a noite passada. É dos Monkees – a primeira boy band do mundo.” Olhei para ele. “Acabei de matar minha última chance de ser legal, não é?”

“Pelo menos você não é a única ainda cantando isso.”

Sorri, descansei a cabeça contra o ombro dele e cai no sono ao som de seu murmurar fora do tom.

Descemos em uma das muitas “rápidas” paradas ao longo do caminho. Quando o Simon falou que o Andrew morava nos arredores da cidade de Nova York, achei que seria no Valei Hudson ou Long Island, mas o ônibus nos deixou em uma cidade cujo nome não reconheci. Derek falou que estávamos a uns quarenta e oito quilômetros da cidade e a um da casa do Andrew.

Talvez seja por sabermos que a casa estava próxima, mas aquele quilometro pareceu ter passado em minutos. Nós conversamos, brincamos e corremos pelo caminho. Há uma semana, se alguém me dissesse que o Derek poderia estar fazendo piadas e brincadeiras, eu não teria acreditado. Mas ele estava mais calmo agora, mais a vontade com nosso destino tão perto.

“É aqui perto.” Ele falou.

Estávamos em uma estrada estreita cercada por árvores. Não era exatamente uma cidade agrícola. Mais como uma comunidade rural, com casas construídas a uma boa distância da estrada, escondidas por trás de cercas, paredes e sempre verdes. Enquanto eu olhava o Derek apontou.

“Está vendo a velha lâmpada a gás no final dessa estrada? Elas estão acesas também o que é um bom sinal.”

Entramos no acesso para carros – tão sinuosa e arborizada quanto à estrada, e aparentemente tão longa quanto. Eventualmente viramos uma esquina e a casa ficou a vista. Era um pequeno e bonito chalé, como algo que você vê em uma velha cidade inglesa, com paredes de pedras, videiras e jardins que tenho certeza ficarão lindos em um mês ou dois. No momento a coisa mais bonita era a luz que brilhava pela janela da frente.

“Eles estão aqui.” Falei.

“*Alguém* está aqui.” Derek corrigiu.

Quando me apressei em frente ele pegou meu braço. Olhei para trás e vi que ele estava escaneando a casa, suas narinas se alargando. Ele inclinou a cabeça e fez uma careta.

“O que você escutou?” Perguntei.

“Nada.” Ele se virou para observar as árvores que cercavam a casa. “Está quieto demais.”

“Provavelmente o Simon e a Tori estão dormindo.” Falei, abaixei minha voz, e olhei ao redor. Sua ansiedade me contagiando.

Quando chegamos ao caminho de pedras, Derek parou e se agachou. Ele desceu o rosto a alguns centímetros do chão. Eu queria dizer que ele deveria simplesmente bater na porta e iríamos saber se eles estavam aqui ou não, que parasse de ser paranóico. Mas aprendi que as coisas que um dia considereí paranóia, era nessa nova vida, uma precaução necessária.

Depois de um momento ele assentiu e parte da tensão sumiu de seus ombros enquanto ele ficava em pé.

“Simon está aqui?” Perguntei.

“E a Tori.”

Ele deu uma última olhada ao redor, quase relutante, como se quisesse correr para a porta da frente tanto quanto eu. Então continuamos pela calçada, as pedras chiando sob nossos tênis molhados.

Derek estava tão ocupado olhando para a floresta, que dessa vez fui eu que tive que agarrar o braço dele. O puxei e direcionei sua atenção para nosso caminho.

A porta da frente estava aberta.

Derek amaldiçoou. Então respirou fundo, como se lutando contra os primeiros sinais de pânico. Ele sinalizou para que eu ficasse atrás dele, então pareceu pensar melhor e acenou para ficar ao lado da porta, contra a parede.

Quando eu estava fora do caminho, ele empurrou a porta mais alguns centímetros. Então outro. Um terceiro empurrão e ele sentiu o cheiro de algo, suas narinas se alargaram. As sobrancelhas dele se ergueram em confusão.

Depois de um momento, também consegui sentir o cheiro. Forte, amargo e familiar... “*Café*” movi meus lábios. Ele assentiu. Era esse o cheiro, café queimado.

Ele abriu a porta ainda mais. Pressionei minhas costas contra a parede, resistindo à urgência de espiar. Ao invés disso o observei enquanto seu olhar escaneava o aposento, sua expressão me dizia que nada chamou sua atenção imediatamente.

Ele sinalizou para que eu ficasse onde estava e entrou. Agora realmente comecei a me mexer, batendo em minhas pernas e retorcendo os dedos dentro dos tênis, com o coração batendo forte. Desejei ser o tipo de garota que sempre carrega um pó compacto com espelho. Poderia usá-lo como fazem nos filmes de espões, para ver o que estava acontecendo além da esquina.

Quando me aproximei demais da porta, minha voz mental reclamou, dizendo para deixar de ser estúpida. O cara com os sentidos biônicos estava melhor equipado para isso.

Finalmente o Derek saiu. Ele começou a gesticular de que ele iria entrar e dar uma olhada, enquanto eu ficava ali. Então, depois de olhar a escuridão que nos cercava, ele pareceu repensar sobre seu primeiro instinto. Ele apontou para o meu bolso e fez uma mímica sobre abrir um canivete. O retirei do bolso. Ele sinalizou que eu deveria ficar atrás dele, seus gestos enfáticos acompanhado por sua carranca falava melhor do que qualquer palavra, dizendo que ele falava sério. Eu assenti.

Nós entramos. A porta da frente levava a um pequeno foyer com um closet, então se abria em uma sala. Algumas cartas estavam espalhadas em frente à porta fechada. Achei que haviam sido empurradas pela passagem da porta, mas não havia nenhuma, e lembrei ter visto uma caixa de correio no início da longa estrada. Uma pequena mesa se reclinava precariamente contra um canto e uma carta descansava sobre ela.

Derek estava seguindo para a sala de estar. Corri para alcançá-lo antes de receber “o olhar”.

Era uma sala pequena e aconchegante, como o esperado em um pequeno chalé. As poltronas e o sofá estavam empilhados com almofadas descoordenadas. Colchas costuradas à mão estavam cuidadosamente dobradas sobre os encostos. O topo das prateleiras estava limpo, mas sob elas havia uma pilha de revistas, e duas estantes de livros abarrotadas. Um abajur era o único item elétrico – não havia televisão, computador ou qualquer outra bugiganga eletrônica a vista. Era uma sala antiquada, para se acender um fogo e sentar lendo um livro.

Derek seguiu para a próxima porta. Quando as tábuas do chão estalaram, ele parou imediatamente e quase me choquei contra ele. Ele inclinou a cabeça. A casa estava em silêncio. Completamente parada e silenciosa.

Mesmo se todos já tivessem ido para a cama, não estaria tão calmo assim, considerando que tanto o Simon quanto a Tori roncavam.

Entramos na cozinha. O fedor de café queimado era quase insuportável. Pude ver a cafeteira sobre o balcão, a luz vermelha ainda acesa, com alguns centímetros de uma lama no fundo, como se a jarra de café estivesse ficado no fogo por todo um dia. Derek caminhou até ela e a desligou.

Havia um prato no balcão. Nele um pedaço de torrada com a marca de uma mordida. Havia um vidro de geléia aberto ao lado do pão, com a faca ainda dentro. Uma caneca de café sobre a mesa, em cima de um jornal aberto. Olhei para a caneca. Estava cheia pela metade, o creme congelado em um filme oleoso.

Derek acenou para que eu ficasse atrás dele novamente e seguiu para os fundos da casa.

37



A CASA ERA MAIOR DO QUE PARECIA, COM QUATRO portas no corredor dos fundos.

O primeiro levava a um quarto de hóspedes, a colcha da cama estava arrumada, toalhas dobradas sobre uma cômoda, sem nenhum sinal de ter sido usado recentemente. O próximo era um escritório com uma futon – mais espaço para convidados, mas sem sinal de alguém ter estado ali há algum tempo.

Do outro lado do corredor havia um banheiro. Ele também parecia não estar sendo usado, com um sabonete ainda na embalagem e um xampu fechado no balcão, pronto para hóspedes.

E no final do corredor havia o quarto principal. Era tão organizado quanto o restante da casa, mas a cama estava desarrumada. Um roupão estava jogado sobre uma cadeira. Em uma das mesas de cabeceira havia um copo com água e um livro. Havia um banheiro adjunto, com um tapete amarrotado e uma toalha pendurada sobre o boxe. Apertei a toalha. Estava seca.

De volta ao corredor o Derek voltou a se abaixar para farejar.

“Eles estiveram aqui.” Ele falou.

“Simon e a Tori?”

Ele assentiu.

“Mas não dormiram aqui a noite passada.” Ele falou. “Ninguém usa esse lugar há algum tempo.” Ele assentiu novamente.

“Consegue sentir o cheiro de mais alguém?” Perguntei.

“Apenas o Andrew. Vou dar uma olhada na parte da frente novamente.”

Ele saiu, aparentemente decidindo que a casa estava vazia, então era seguro me deixar para trás. O encontrei novamente na cozinha enquanto eu examinava a torrada. Ele se curvou para cheirá-la.

“Andrew?” Perguntei.

Ele concordou.

Caminhei até a mesa e olhei para o jornal.

“É como se ele estivesse lendo o jornal, bebendo o café e esperando para a torrada ficar pronta. Ele colocou geléia nela deu uma mordida e...”

E então *o que?* Ai estava a questão.

Peguei o pote de café.

“Está aberto pelo menos desde hoje pela manhã.”

Ele caminhou para mais perto e olhou a jarra.

“As marcas mostram que estava quase cheia. Para evaporar tanto, deve estar assim desde ontem.”

“Antes do Simon e da Tori chegarem?”

O Derek não respondeu. Ele estava olhando pela janela sobre a pia, seu olhar em branco.

“Isso é... como o seu pai?” Perguntei. “Quando ele desapareceu?”

Ele assentiu.

“Havia outros cheiros junto à porta?”

Então ele se virou lentamente, voltando sua atenção para mim.

“Sim, mas há muitas razões para alguém se aproximar da porta. Ninguém parece ter entrado. Pelos menos não há rastros recentes.”

“Parece que alguém esbarrou na mesa da sala e espalhou toda a correspondência. Pelo jeito desse lugar, o Andrew não parece o tipo de cara que deixa uma bagunça como aquela.”

“Não, ele não deixa.”

“Então algo aconteceu junto à porta. Alguém entrou, ou o chamou e o Andrew saiu com pressa.”

Como o pai deles. Não falei aquilo novamente – eu já sabia que ele estava pensando sobre isso.

Circulei a cozinha, procurando por mais pistas. Tudo parecia tão arrumado, que qualquer bagunça iria se destacar, e eu não conseguia ver nenhuma.

“Definitivamente parece ser um café da manhã;” Falei. “E não há sinal de que o Simon ou a Tori usaram os quartos ou banheiro de hóspedes. Isso sugere que o que aconteceu aqui, foi antes deles chegarem.”

Derek assentiu, como se ele já tivesse chegado àquela conclusão.

Abri os armários, mas todos estavam perfeitamente arrumados.

“Parece que o Simon fez exatamente o que estamos fazendo – entrou, caminhou pela casa, percebeu que algo havia acontecido e então...”

E então o que? Essa questão novamente.

“Se eles tivessem ido embora haveria uma segunda trilha do lado de fora.” Derek falou enquanto caminhava até a porta da cozinha. “Vou ver se eles seguiram de volta a estrada ou...”

“Ou talvez isso ajude.” Puxei um desenho pendurado entre contas e recados na geladeira. “Esse é o trabalho do Simon, não é?”

Não era tão obvio quanto o recado que ele deixou no armazém – um personagem de história em quadrinhos iria se destacar na geladeira do Andrew. Simon confiava que o Derek fosse reconhecer seu trabalho, mesmo sendo um simples esboço.

“Sim, é dele.”

“É de alguém nadando. Não faço idéia do que significa, mas...”

“A casa da piscina.” Derek falou, já caminhando na direção dos fundos da casa.

Corri atrás dele, mas quando cheguei à porta ela já estava se fechando. Saí para o quintal completamente escuro, árvores gigantescas se fechavam de todos os lados,

bloqueando o brilho da lua. Derek saiu das sombras, me fazendo gritar. Ele acenou para que eu entrasse e fechou a porta.

“Ele não está lá?” Perguntei.

“Correr para fora pode não ser uma boa idéia.”

Ele voltou a pegar o desenho e estudá-lo, como se estivesse procurando por alguma pista que o Simon tivesse desenhado.

“Pela porta da frente.” Ele falou. “Vamos pelo caminho mais longo. Vamos dar uma espiada.”

Com um aceno impaciente para que eu ficasse por perto, ele começou a caminhar. Peguei meu canivete novamente e o segui. Foi um caminho lento até a casa da piscina. Derek parava a cada poucos metros, para cheirar, olhar e escutar. Estava escuro demais para que eu fizesse nada mais do que ficar bem perto dele. Com suas roupas escuras e caminhar silencioso, isso não era fácil; e várias vezes precisei estender a mão e raspar os dedos na jaqueta, para me certificar de que ele ainda estava na minha frente.

Finalmente podemos ver uma clareira a frente, e nela uma construção pálida. Antes de ele chegar à porta ela se abriu.

“Hei, mano.” Simon sussurrou. Ele bateu nas costas do Derek, a jaqueta de nylon chiou.

“Onde está a Chloe?”

“Bem atrás...” Derek se virou e me viu tropeçando pelo caminho. “Sinto muito.”

“Esqueceu que nem todos possuem visão noturna?” Simon bateu nas costas do Derek novamente e passou por ele, me recebendo com um meio abraço e sussurrando. “Bom te ver novamente.”

Ele apertou meu braço, então começou a falar algo antes do Derek o cortar com uma ordem.

“Para dentro.”

Passamos pela porta e para dentro do brilho das lanternas. Notando isso o Derek olhou rapidamente ao redor.

“Relaxa.” Simon falou. “Não há janelas. Você não notou a luz, notou?”

Derek resmungou e caminhou para dentro. Como ele falou, era uma casa de piscina, cheia de utensílios para o jardim e piscina muito bem organizados. Simon e Tori haviam arrumado duas cadeiras de praia. Embalagens e latas de Coca diets cobriam uma mesa próxima. Olhei ao redor procurando a Tori e a encontrei dormindo em um bote inflável.

“Quanto mais ela dormir melhor.” Simon falou. “É bom que vocês tenham aparecido, por que outro dia com ela?” Ele fingiu estrangular alguém.

“Eu vi isso.” Ela falou com uma voz sonolenta. “Acredite o sentimento é mutuo.”

Ela sentou e puxou o cabelo para trás, reprimindo um bocejo.

“Ah, não há nada como passar um dia sozinha com um cara que faz uma garota dizer, ‘o que eu estava *pensando*?’ ”

“Pelo menos tivemos algo bom nisso.” Simon murmurou.

Tori olhou para mim.

“Ele me *deixou* aqui. Sozinha. Desarmada. A mercê de quem levou o amigo do pai dele...”

“Primeiro, pelo que fiquei sabendo dos seus poderes, você está muito mais armada do que eu.” Simon falou. “Segundo. Deixei você? Você se recusou a vir comigo.”

“Porque não vi razão para isso. Por que sair correndo a procura dos vilões? Tenho certeza que se ficarmos por aqui por muito tempo, eles vão nos encontrar. A coisa mais esperta a se fazer era ficar o mais longe possível desse lugar. Mas não, os pobrezinhos do Derek e da Chloe poderiam não nos encontrar. Olá?” Ela acenou para o Derek. “Perdigueiro humano. Ele iria nos encontrar.”

Simon se inclinou e sussurrou:

“Foi divertido.”

“E então...” Tori continuou.

A cortei.

“E então nós lembramos que decidimos dar um tempo nas implicações e se tivermos qualquer problema a ser discutido, podemos esperar até estarmos em um lugar mais seguro.”

“Também precisamos discutir sobre um plano de ação.” Derek falou. “No caso disso voltar a acontecer. No momento a coisa mais importante é o Andrew.” Ele se virou para o Simon. “O que você encontrou quando entrou lá?”

Simon explicou que foi exatamente o que encontramos. A porta da frente estava aberta, e eles a deixaram daquela maneira para nos alertar para ter cuidado. Eles caminharam pela casa, e quando o Simon percebeu que se parecia muito com o cenário de quanto seu pai desapareceu, eles saíram de lá rapidamente.

Simon deixou o recado e achou as chaves, então eles se esconderam na casa da piscina.

“Você tem as chaves?” Derek perguntou.

Simon as entregou.

Derek olhou uma por uma.

“Parece ser um jogo completo. O carro ainda está na garagem?”

Simon amaldiçoou baixo.

“Esqueci completamente de olhar.”

“Nós vamos dar uma olhada, mas aposto que ele está.”

“Carro?” Tori se aproximou. “Temos um carro?”

“Não, nós não temos...” O Derek começou.

“Você tem dezesseis, certo?” Tori falou.

“Fiz dezesseis a dois meses, ainda preso na Casa Lyle, o que significa que ainda não tenho carteira de motorista e mesmo se tivesse...”

“Mas você pode dirigir, certo?” Ela falou. “Você parece ter idade o suficiente e os policiais não vão te parar se você respeitar o limite de velocidade, passar um sinal amarelo...”

“Não vou roubar o carro de um cara que desapareceu e que a policia pode ficar sabendo a qualquer momento. Meu único objetivo com o carro é saber se ele ainda está lá. Se o Andrew não saiu com o carro, outra pessoa o levou. O que não sabemos é se foi com a permissão dele.”

“Então o que vamos fazer?”

“Presumir que ele tenha sido seqüestrado e fugir para o mais longe possível daqui.”

Tori se virou para o Simon.

“Viu? Podemos dormir um pouco e então seguir o *meu* conselho...”

“Eu digo que devemos ir agora.” Derek falou.

Ele estava certo – quanto mais cedo partirmos melhor – mas não pude evitar sentir meus ombros se curvarem diante do pensamento de pegar a estrada novamente. Tentei não imaginar a casa, aquecida e confortável, com camas, comida, chuveiros...

Sentido o olhar do Derek sobre mim, me endireitei.

“Estou bem.”

“É claro que ela está.” Tori falou. “Nossa pequena e ativa...” Dessa vez ela parou. “Tudo bem, sinto muito, mas todos sabem do que estou falando. Enquanto a Chloe conseguir caminhar, ela não vai admitir que precisa descansar.”

“Eu dormi no ônibus.”

“Por cerca de uma hora.” Derek falou. “E não dormiu nada a noite passada.”

“O que aconteceu...?” Simon parou. “Depois, eu sei. Mas a Tori tem razão. Chloe precisa descansar e ela não é a única. Estamos acabados. Já é tarde. Se podemos descansar em segurança aqui, devemos recarregar nossas baterias. Ou de outra forma nossas energias podem acabar quando mais precisarmos.”

Pude ver que o Derek queria seguir em frente, mas depois de considerar por um momento, ele acenou para a porta.

“Saímos ao amanhecer, não mais do que meia hora depois. Se não estiverem prontos, vão ficar para trás. As luzes que estão apagadas deixem apagadas. E fiquem longe das janelas...”

38



TODOS TOMARAM BANHO. TER DOIS BANHEIROS AJUDOU que fosse rápido. Enquanto eu esperava tentei fazer um nó na corrente do meu colar. Não gostava de manter o pendente no meu bolso. Quando o nó não funcionou, procurei por um cordão, mas encontrei um pedaço de fita e o preendi a ela.

Depois do banho nós comemos. Andrew possuía muita comida de preparo rápido – suas habilidades caseiras não se estendiam até a cozinha. Encontramos alimentos congelados de qualidade. Usamos o microondas para aquecê-los e pareciam tão gostosos – melhor que qualquer jantar caro.

Simon organizou nossos horários de vigília durante o jantar. Derek insistiu em ficar com o primeiro turno e o restante de nós seguimos para a cama, com Tori e eu dividindo o quarto de hóspedes e Simon com o sofá do escritório. Ninguém se sentiu a vontade em dormir na cama do Andrew.

Parei no banheiro primeiro. Quando sai, vi as fotos ao longo do corredor, e parei junto a uma do Simon e do Derek. Talvez com uns doze anos, eles aqueciam marshmallows em uma fogueira. Simon se parecia com o Simon, com seu cabelo loiro arrepiado e grande sorriso enquanto mostrava o marshmallow em chamas para a câmera.

O Derek parecia diferente. A foto havia sido tirada antes da puberdade começar. Sua pele estava limpa, cabelos negros ainda caindo sobre os olhos. Ele era mais alto que o Simon, mas não muito, e magro – ele ainda não havia começado a ganhar corpo. Ainda não era material para capa de revista, mas era o tipo de cara que, eu naquela idade, poderia ter dado uma olhada na sala de aula e considerado bonitinho, com olhos realmente lindos.

“Isso foi tirado aqui nos fundos.”

Pulei. Simon riu e balançou a cabeça.

“Sim.” Falei. “Ainda me assusto com facilidade. Então foi aqui?” Apontei para a foto.

Ele assentiu.

“No verão anterior ao papai e o Andrew brigarem, eu acho. Há uma clareira onde o Derek e eu costumávamos acampar.” Ele fez uma pausa pensando. “Me pergunto se o Andrew mantém todo aquele equipamento. Tenho certeza que a Tori não é do tipo que gosta de barracas, mas...”

“Se isso significar que não vamos mais precisar dormir em prédios infestados de ratos, ela vai aceitar.”

“Vou convencer o Derek em nos dar um tempo para procurar o equipamento amanhã. Sei que você está exausta, então não vou ficar aqui conversando, mas você vai me contar sobre a aventura que perdi dessa vez?”

Consegui dar um sorriso cansado.

“Claro.”. Comecei a me virar então parei. “Você colocou o seu relógio para despertar, certo? Você vai me acordar depois do seu turno?”

“Duvido que qualquer um de nós vai pegar algum turno. O Derek só me deixou organizar os horários por que não estava com humor para discutir. Vou sair às três, mas ele não vai deixar o posto.”

“Ele também precisa dormir.”

“Concordo e *vou* insistir com ele. Mas ele não gosta do fato de estarmos aqui, então nem o diabo vai convencê-lo a deixar alguém sem super poderes de guarda. O melhor que podemos fazer é encontrar aquelas barracas e sacos de dormir, levar tudo até o acampamento mais próximo e deixá-lo dormir lá.”

Dei alguns passos antes dele falar.

“Chloe?”

Virei. O corredor estava escuro, iluminado apenas pela luz da sala às costas dele, jogando sombras sobre seu rosto.

“O Derek... foi legal com você hoje? Sei que ele estava no teu pé antes de sairmos de Buffalo e eu estava preocupado. Vocês parecem estar bem agora...”

“Nós estamos.”

Quando ele não falou mais nada, continuei.

“Mesmo. Nos demos muito bem, na verdade. Foi uma boa mudança.”

Não consegui ver a expressão dele, mas pude sentir seu olhar em mim; então ele falou calmamente:

“Bom.” Uma pausa e então com mais ênfase. “Isso é bom. Vejo você amanhã. Então vamos conversar.”

Seguimos para nossos respectivos quartos.

Mais uma vez, o sono e eu não estávamos falando a mesma língua. Eu escutava um galho raspando em uma janela e pulava na cama, certa de que era um morcego, e então comecei a pensar em morcegos zumbis, presos em seus corpos quebrados...

Depois de um sonho ao estilo da Disney, em que eu dançava pela floresta, liderando uma fileira de criaturas mortas, acordei assustada, suando e decidi que estava na hora de desistir dos fantasmas, por assim dizer.

Sai da cama e dei uma olhada no relógio. Já era quase cinco horas, o que significava que Simon estava certo sobre o Derek não nos deixar assumir os turnos. Levantei, peguei um casaco no armário da frente e segui para a cozinha.

“Chloe.” O rosnado do Derek vibrou pela floresta muito antes de poder vê-lo. “Falei para o Simon que eu queria vocês dormindo...”

Ele parou diante do cheiro de salsichas. Pude imaginá-lo cheirando o ar, o estômago roncando e tive que reprimir uma risada.

Encontrei-o sentando na grama em uma clareira. O entreguei uma cadeira, as salsichas e os pães.

“Sei que você não iria entrar, então pode pelo menos ficar confortável. A menos que você não esteja com fome...”

Ele pegou as salsichas. Retirei uma garrafa de Coca do meu bolso, a abri e entreguei para o Derek.

“Você deveria estar dormindo.” Ele falou.

“Não posso.”

“Claro que pode. Apenas feche os olhos e...” Ele se virou para mim e resmungou. “O que há de errado?”

Olhei para a floresta. O ar cheirava levemente a fumaça, me fazendo lembrar da foto.

“Vi uma foto sua e do Simon. Ele falou que vocês tinham um local para acampar. É aqui?”

“Então vamos mudar de assunto?” Ele balançou a cabeça, abriu a cadeira, sentou e me olhou por um momento. “Sim. Esse é o local.”

“Pelo cheiro alguém andou acendendo uma fogueira por aqui mais cedo. Alguém queimando folhas? Ou garotos começando o verão mais cedo?”

“Então definitivamente vamos mudar de assunto?”

Parei, então me abaixei até a grama.

“É que... isso.” Apontei para a floresta. “Estou preocupada em, você sabe, se vou dormir...”

“E ressuscitar outro cadáver?”

Assenti.

“É por isso que você não conseguiu dormir a noite passada, não é? Pensei sobre isso antes, no ônibus. Você estava com medo dela estar enterrada naquele lugar – a garota que você viu ser morta.”

Assenti.

“Estava preocupada em cochilar, continuei a pensar nela, sobre invocá-la, como aconteceu com aquele sem teto. Não consigo controlar meus sonhos. E acredito que há uma grande chance dela estar enterrada por lá, sem nunca ter sido encontrada.”

“Então se você a ressuscitasse e deixássemos o corpo onde poderia ser encontrando, isso não seria uma coisa tão ruim, não é?”

“Talvez... se eu soubesse com certeza que poderia invocá-la e libertá-la rapidamente. Mas e se... e se ela não conseguisse cavar para fora da cova e eu nunca percebesse que a ressuscitei e...”

Virei para olhar mais uma vez para a floresta.

“Vou pegar uma cadeira para você.” Ele falou.

Eu protestei falando que não iria ficar, mas ele simplesmente continuou caminhando. Quando retornou ele havia dado a volta na casa.

“Circulei a casa.” Ele falou. “Se houvesse um corpo na propriedade, eu teria sentido o cheiro. O vento está bom hoje à noite. Você está a salvo.”

“Não é só... não é somente com pessoas que estou preocupada.”

Finalmente contei sobre os morcegos no armazém.

“Não os invoquei.” Falei. “Nem ao menos sabia que poderia fazer aquilo com animais, que eles tinham almas, espíritos ou qualquer dessas coisas. Se eu fosse dormir e sonhasse em invocar alguma coisa, pode haver algum tipo de animal morto por perto. Eu poderia acordá-lo e nunca ficar sabendo. Poderia simplesmente ir embora e deixá-lo preso em seu corpo por...” Respirei fundo.

“Tudo bem, estou começando a pirar.”

“Você tem razão para isso.”

“Não é como se eu estivesse fazendo isso irracionalmente, e talvez isso não devesse fazer diferença, mas...”

“Ainda assim não é uma coisa que você queira fazer.”

Assenti.

Ele tomou um gole da Coca, recolocou a tampa, a enfiou no bolso e levantou.

“Vamos.”

“Onde?”

“Vou escutar se alguém tentar se aproximar da propriedade. Então não há razão para ficarmos aqui sentados sem fazer nada. Podemos muito bem achar alguns animais mortos para você.”

Fiz uma careta.

“Isso não é engraçado.”

“Não estou sendo engraçado, Chloe. Você está preocupada por não entender o que está acontecendo, em como funciona e em como parar. Podemos fazer experimentos e obter algumas respostas. E não é como se nós dois tivéssemos coisas mais importantes para fazer nas próximas horas.”

39



DEREK SE ABAIXOU AO LADO DE UMA CRIATURA PELUDA que um dia havia corrido pela floresta e agora parecia ter sido atropelado por um rolo compressor.

O cutuquei com meu pé.

“Estava pensando em algo com mais...”

“Partes corporais?” Ele falou.

“Com uma aparência mais reconhecível, então saberei o que estou invocando. Mas, sim, mais partes corporais iriam ajudar também.”

“Isso era uma toupeira. Acho que há um coelho por aqui em algum lugar.”

“Você pode sentir o cheiro de tudo, não é? Isso é legal.”

Ele olhou para mim com as sobrancelhas erguidas.

“Ser capaz de encontrar animais em decomposição é legal?”

“Bem, é um... Talento único.”

“Um que vai me levar muito longe na vida.”

“Hei, alguém tem que encontrar e limpar os animais atropelados na estrada. Aposto que eles pagam bem.”

“Não bem o suficiente.”

Ele levantou e inalou, então caminhou mais alguns metros, parou e cutucou um punhado de pêlo de coelho.

“Definitivamente quero algo com mais partes do corpo.” Falei. “Como uma cabeça.”

Ele deixou escapar uma risada.

“Provavelmente ela está aqui em algum lugar, mas suponho que você a queira presa ao restante do corpo também.” Ele fez uma pausa. “Me pergunto o que aconteceria se...”

“Continue se perguntando, por que esse é um experimento que não vou conduzir.”

“Vamos encontrar algo.”

Ele caminhou mais alguns metros, então parou novamente, os ombros ficando rígidos enquanto ele observava a floresta.

Me movi para mais perto e sussurrei:

“Derek?”

Ele voltou a olhar a floresta, então balançou a cabeça e continuou a caminhar.

“O que foi?” Perguntei.

“Vozes, mas estão muito distantes. Provavelmente quem acendeu a fogueira.”

Apesar da rejeição, ele parava a cada meia dúzia de passos para escutar.

“Você tem certeza de que está tudo bem?” Perguntei.

“Sim.”

“Devo ficar calada?”

“Estamos bem.”

Depois de alguns passos, limpei minha garganta.

“Sobre a outra noite. Quando falei que não sabia que ter um cadáver por perto era um problema. Bem, obviamente aconteceu depois dos morcegos então...”

Esperei para ele preencher os espaços em braço, mas ele continuou caminhando.

“Eu sabia que era um problema.” Continuei. “Sabia que deveria ter contado. Só não queria... exagerar, eu acho. Quando acordei aquele homem, queria admitir isso, sobre os morcegos, mas...”

“Você não precisava que eu te falasse que havia feito algo estúpido, quando você já sabia disso.” Ele afastou um galho baixo para passarmos. “Sim, você precisava ser mais cuidadosa. Todos nós precisamos. Mas você não precisa de mim para deixar as coisas ainda piores. Sei disso.”

Ele olhou para mim por um momento, então suas narinas se alargaram e ele levantou o rosto para pegar a brisa. Ele acenou para virarmos para a esquerda.

“E sobre eu não imaginar que estava pronto para começar as transformações? Menti. Com as coceiras, a febre e os espasmos musculares, eu sabia o que aquilo significava. Apenas... achei o mesmo que você, não queria exagerar e assustar o Simon. Achei que poderia cuidar daquilo.”

“Todos precisamos tomar cuidado. Especialmente agora, sabendo sobre o que fizeram, o...”

Deixei a frase morrer, sentindo o familiar borbulhar do pânico se formando, aquela parte de mim que não conseguia parar de ler aquelas palavras. *Modificação genética. Poderes incontroláveis.* Até onde aquilo iria, até onde, como...?

“Chloe?”

Bati contra o braço dele e vi que ele havia parado e estava olhando para mim.

“Vamos dar um jeito.” Ele falou, com uma voz suave. “Vamos cuidar disso.”

Olhei para o lado. Eu estava tremendo com tanta força que meus dentes começaram a bater. Derek colocou seus dedos em meu queixo e virou meu rosto para encará-lo novamente.

“Está tudo bem.” Ele falou.

Ele olhou para mim, os dedos ainda em meu queixo, seu rosto sobre o meu. Então ele deixou sua mão cair e se virou com um grunhido.

“Há algo por aqui.”

Levou algum tempo para que eu o seguisse. Quando o fiz, o encontrei abaixado ao lado de um pássaro morto.

“Está melhor?” Ele perguntou.

Me curvei. O cadáver estava tão normal que ele parecia estar apenas dormindo. Minha consciência poderia sobreviver depois de retornar o espírito para aquele corpo. Comecei a me abaixar, então pulei em pé.

“Ele não está morto.”

“Claro que está.” Ele o cutucou com o dedo.

“Não, está se movendo...” Uma larva se arrastou sob a asa do pássaro e pulei para trás.

“Pode ser um sem larvas?”

Derek balançou a cabeça.

“Ou vai ser assim, com larvas, ou muito decomposto para elas.” Ele se curvou para olhar. “Está no primeiro estágio blowfly larvae, o que quer dizer que o pássaro não está morto a mais de...” As bochechas dele ruborizaram e sua voz abaixou uma oitava. “Isso é mais do que você precisa saber, não é?”

“Certo, você fez um projeto de ciências para uma feira, não é?” Quando ele olhou rapidamente, falei. “Simon me contou sobre isso enquanto estávamos olhando o corpo no prédio abandonado. Ele falou para não mencionar isso com você, porque só ganhou o segundo prêmio.”

Ele resmungou.

“É. Não estou dizendo que o meu era o melhor, mas era melhor do que aquela porcária de combustível ecológico que ganhou o primeiro.” Ele fez uma pausa. “Não foi isso que eu quis dizer. Não tem nada errado com esse tipo de coisa, mas o garoto usou ciência barata. Ganhou o voto sobre o meio ambiente. Mas ganhei pela escolha popular.”

“Porque, aparentemente as pessoas estão mais interessadas em ver coisas mortas cheias de larvas do que salvar o planeta.”

Ele deu uma risada curta.

“Acho que sim.”

“Voltando a essa criatura cheia de larvas em particular... acho que devo começar a trabalhar, tentando fazer com que não esteja mais *morto*.”

Ajoelhei ao lado dele.

“Vamos começar com...” Derek começou.

Ele parou quando abri meus olhos.

“Devo me calar, certo?” Ele falou. “Eu iria fazer uma sugestão sobre um regime de teste, mas acho que você pode lidar com isso.”

“Não tendo ideia do que um regime de teste pode ser vou me poupar do constrangimento e graciosamente deixar essa parte para você. Mas quando chegar a parte da invocação...”

“Vou calar a boca e deixar você trabalhar.” Ele sentou com as pernas cruzadas. “Você falou que com os morcegos, você estava invocando um fantasma que não conseguia ver. Então foi uma espécie de uma invocação generalizada. Você deveria começar fazendo uma específica dessa vez. Isso vai nos dizer se você é capaz de reanimar algum animal nas vizinhanças enquanto está tentando ressuscitar uma pessoa em específico.”

“Entendi. Vou tentar com a Liz.”

Imaginei já que estávamos sendo científicos sobre aquilo, eu deveria usar algum tipo de controle. Então comecei com uma “regulagem” mais baixa em meu poder – apenas falando mentalmente “*Hei, Liz, você está aí?*”, fiz isso, então olhei para o pássaro. Não houve resposta.

Imaginei a Liz e tentei novamente. Nada. Imaginei a invocando. Nada. Tentei com mais força, ainda claramente me focando na imagem dela. Continuei olhando o pássaro – esperando – por qualquer sinal da Liz.

“Qual a força que devo usar?” Perguntei.

“O máximo que puder.”

Pensei no que o semi-demônio falou sobre levantar zumbis em um cemitério a três quilômetros de distância. Tenho certeza que ela estava exagerando. Mas mesmo assim...

“Tente com a força que te deixar confortável.” Derek falou quando hesitei. “Sempre podemos tentar novamente outra hora.”

Aumentei um pouco o chamado. Então vi um rápido movimento. Eu estava fechando os olhos depois de checar o pássaro novamente, quando o Derek falou:

“Pare.”

Meus olhos se abriram. A asa do pássaro estava se mexendo. Levantei e caminhei na direção dele.

“Espere.” Ele falou. “Pode ser somente as larvas.”

Ele levantou, pegou um galho e seguiu na direção do pássaro quando seu queixo se levantou. Seus olhos se estreitaram e narinas alargaram.

“Der...?”

Um estalo distante me fez calar. Ele pulou e me atingiu como se fosse um atacante de futebol. Cai e algo raspou em meu braço, logo acima das bandagens, em seguida zumbiu passando por nós e caiu. Aquilo atingiu o chão atrás de nós com uma pancada erguendo um gêiser de sujeira. Derek rapidamente retirou seu peso, mas permaneceu sobre mim como um escudo... Ou o mais provável, para ter certeza de que eu não ficasse em pé. Ele olhou por sobre o ombro.

“Você está bem?” Ele perguntou. Enquanto se virava para mim, suas narinas se alargaram novamente. “Você está ferida.”

Ele pegou minha manga. Havia um furo a atravessando.

“Acho que atiraram um dardo.” Falei. “Ele passou por mim e aterrisou...”

Ele já havia encontrado o local. E o que ele retirou do buraco não era um dardo tranquilizante.

40



ENQUANTO O DEREK SEGURAVA A BALA, MEU CORAÇÃO martelava contra o peito. Respirei fundo e espantei os pensamentos sobre o Grupo Edison.

“Estávamos dentro da propriedade do Andrew?” Perguntei.

Ele assentiu.

“Mas ainda assim pode ser caçadores.”

Ele assentiu novamente. Ele se afastou de mim e olhou para a floresta. Tudo estava calmo.

“Rasteje por aqui.” Ele sussurrou. “Até os arbustos. Vou me aproximar e dar uma olhada...”

A grama crescida aos nossos pés se moveu. Derek voltou a se jogar sobre mim, com um sussurro: “*Fique abaixada!*” como se eu tivesse alguma escolha com um cara de noventa quilos em cima de mim.

Um guincho horrível ecoou pela floresta e olhamos para baixo para ver o pássaro morto aos nossos pés, suas asas se arrastando pelo chão. Devo apontar, com alguma satisfação que não fui a única a pular.

Derek se arrastou de cima de mim.

“Liberte...”

“Eu sei.”

Me arrastei até o outro lado da clareira, longe o suficiente para não precisar me preocupar com o pássaro pulando em mim.

“Você escutou isso?” Uma voz soou acima dos gritos do pássaro.

Enquanto o pássaro gritava, me concentrei em liberar seu espírito, mas tudo o que conseguia pensar era, *cale a boca, cale a boca!* Outro estalar. Ambos nos jogamos no chão. Uma bala zumbiu sobre nossas cabeças, acertando o tronco da árvore criando uma chuva de madeira.

Ainda deitada sobre meu estômago, fechei meus olhos. Derek agarrou meu braço.

“Estou tentando.” Falei. “Apenas me dê...”

“Esqueça. Vamos.”

Ele me impulsionou para frente, se movendo rápido. Atrás de nós o pássaro continuou a gritar, cobrindo o som de nossa escapada. Quando ele parou, nós também. Pude escutar o som de algo se arrastando pelo chão – se o pássaro ou nossos perseguidores eu não sabia. Depois de um momento o pássaro começou novamente, seu choro continha uma onda de pânico que fez minha pele se arrepiar.

Fechei meus olhos para libertá-lo.

“Ainda não.” Derek falou.

Ele me levou para ainda mais longe, até encontrarmos um grupo de arbustos. Conseguimos entrar no meio deles e nos abaixar. Os gritos do pássaro diminuíram, mas eu ainda podia escutá-lo se movendo nas proximidades.

“O que...?”

A voz do homem foi cortada por um ruído que todos que assistem filmes policiais reconhecem como uma arma com silenciador. Tenho quase certeza de que não fazem silenciadores para rifles de caça... e caçadores carregam armas de mão?

Os gritos do pássaro ficaram mais altos. Os xingamentos do homem ficaram ainda mais altos. Mais dois tiros abafados, então um estalo, como se tivesse tentado também com o rifle. Os gritos do pássaro se transformaram em um terrível borbulhar.

“Jesus, que coisa é essa? Eu praticamente estourei a cabeça e ele continua vivo.”

Outro homem respondeu com uma risada áspera.

“Bem, acho que isso responde nossa questão, não é? A garota Saunders encontrou os meninos.”

Olhei para o Derek, mas seu olhar estava fixo a frente, na direção da voz. Fechei meus olhos e me foquei no pássaro. Depois de um momento, aqueles sons patéticos pararam.

Quando outro engasgar soou, fechei meus olhos com força. Certa de que não havia conseguido libertar o espírito do pássaro. Mas era apenas um rádio. Derek mudou de posição para escutar. Não consegui escutar a maior parte do que foi dito, mas o suficiente para confirmar que aqueles homens eram realmente seguranças do Grupo Edison.

Eles nos encontraram. E já não se incomodavam mais em usar dardos tranquilizantes. Por que se importariam? Éramos cobaias de um experimento perigoso que já haviam escapado duas vezes. Agora eles não precisavam de uma desculpa para fazer o que queriam o tempo todo: abandonar a reabilitação e nos “remover” de seus estudos. A única que ainda poderia lutar para me manter viva, era a tia Lauren. Era mais fácil nos matar aqui e enterrar nossos corpos, longe de Buffalo.

“Simon!” Eu sussurrei. “Precisamos avisá-lo e...”

“Eu sei. A casa é por aqui. Vamos circular.”

“Mas não podemos voltar para a casa. Esse é o primeiro lugar para onde eles irão, se já não estão lá.”

Seus olhos ficaram distantes e sua mandíbula tensa.

“Eu-eu acho que temos que tentar, não é?” Falei “Tudo bem, se tomarmos cuidado...”

“Não, você está certa.” Ele falou. “Eu vou, você espera aqui.”

Agarrei as costas do casaco dele quando se arrastou para frente.

“Você não pode...”

“Preciso alertar o Simon.”

“Eu vou...”

“Não, você espera aqui.” Ele começou a se virar, então parou. “Melhor ainda, se afaste daqui. Há uma estrada a uns oitocentos metros ao norte daqui.” Ele apontou. “Não tem como errar. É uma caminhada fácil – Simon e eu íamos até lá o tempo todo.

Quando eu der o sinal, comece a correr. Vá até a estrada e se esconda. Vou encontrar você.”

Ele começou a se afastar. Eu queria discutir, mas não havia razão – nada o impediria de voltar para buscar o Simon. E ele estava certo em não me querer por perto. Eu seria apenas mais uma pessoa para proteger. Era melhor esperar pelo sinal dele e...

O assobio do Derek cortou através da noite. Então ele assobiou novamente, e uma terceira. E eu soube que essa era um “sinal”, não apenas para mim, mas para o Simon, tentando acordá-lo.

Era alto o suficiente para acordar a *todos* – e contar para todo o time de seguranças exatamente onde...

O pensamento travou em minha mente. Então comecei a amaldiçoá-lo, mentalmente o chamando de todos os nomes que pude pensar, inclusive alguns que achei não saber.

Ele sabia que os assobios iriam chamar a atenção do todos os guardas do Grupo Edison. Era por isso que ele o estava fazendo, ao invés de algo mais discreto como atirar pedras na janela.

Ele estava chamando a atenção para si, dando ao Simon e eu a chance de fugir.

Eu queria gritar com ele. Aqueles homens possuem armas. *Armas de verdade*. E não têm medo de usá-las. Se eles caírem na armadilha dele...

Ele vai ficar bem. Ele está te dando uma chance de escapar. Agora a use. Mova-se!

Me forcei para fora dos arbustos e lentamente comecei a me mover abaixada, escolhendo o caminho através de uma área aberta evitando o chão mais barulhento. Quando escutei passos, olhei ao redor a procura de uma cobertura, não encontrando nenhuma, me joguei no chão.

Duas figuras passaram a alguns metros de distância. Ambos estavam vestidos da cabeça aos pés com roupas camufladas, como atiradores do exército. Até mesmo seus chapéus possuíam uma rede para cobrir o rosto.

Um rádio chiou e a voz de um homem soou.

“Time Beta?”

Um dos dois – uma mulher pela voz – respondeu.

O homem continuou.

“Ele está por aqui. Sigam para oeste e vamos dar a volta...”

O tiro de um rifle fez meu coração parar na garganta. O ruído de folhas soou pelo rádio.

“Você o pegou?” A mulher perguntou.

“Não estou certo. Aquele foi o time Charlie. Desliguem e venham para cá.”

Outro tiro. Mais distante dessa vez. Eu tinha certeza de que meu coração estava batendo com força o suficiente para que os dois escutassem, mas eles continuaram caminhando, seguindo para o som distante. Na direção do Derek.

Beta, Charlie... já vi filmes de guerra o suficiente para saber que isso significava que havia pelo menos três pares aqui. Seis agentes armados. O suficiente para cercar o Derek...

Apenas continue se movendo. Ele vai encontrar uma saída. Ele tem super poderes, lembra?

Nenhum deles ira ajudá-lo contra seis profissionais treinados. E nem parar uma bala.

Esperei até os dois terem ido embora, então escaneei o topo das árvores. Nos poucos verões em que estive no acampamento de drama, tivemos treinamento de sobrevivência. Nos desafios mais atléticos, fui péssima, mas havia um em que ser pequena parecia ser uma vantagem... E aqueles haviam sido um dos poucos troféus de esportes em minha estante.

Corri até a árvore mais próxima que possuía galhos baixos, agarrei um e testei sua resistência. Se o Derek se balançasse nele, cairia no chão, mas eu era capaz de me elevar até o próximo galho, e por incrível que pareça os galhos não fizeram mais do que um leve estalar.

Continuei subindo até ter certeza de que as folhas iriam me esconder. Então fiquei em uma posição segura e assobieei – um som fraco, mais como um raspar e soube que Derek estaria revirando seus olhos.

Você realmente acha que eles vão conseguir escutar isso?

Assobieei novamente.

E mesmo se te escutarem, por que iriam se importar com você? Eles sabem onde Derek está. Vão ficar perto dele.

O soar distante de passos da dupla que se afastava parou. Um murmúrio de vozes, então os passos retornaram em minha direção.

E agora o que você vai fazer? É melhor você ter um plano ou...

Fiz minha voz interna se calar e assobieei baixo novamente, apenas para certeza de que eles me escutaram.

O rádio estalou.

“Alfa? Aqui é Beta. Acho que escutamos a garota Saunders. Ela está tentando entrar em contato com o Souza. Você já o pegou?”

Tentei escutar a resposta, mas não consegui.

“Vamos na sua direção ajudar assim que a tivermos pego.”

O que significava que eles não tinham o Derek.

Ou o tinham; apenas precisavam de ajuda para controlá-lo.

O rádio soou novamente, outra transmissão que não consegui discernir. A mulher desligou e falou para seu parceiro.

“Eles querem que você volte para ajudar com o garoto. Posso cuidar da garota.”

Bem, isso não funcionou muito bem, não é?

O homem se afastou. Fiquei parada enquanto a mulher começou a procurar por mim. Ela passou a apenas alguns metros da minha árvore e continuou caminhando. Esperei até ter certeza de que ela não iria voltar, então bati com meu pé contra o tronco da árvore.

Ela se virou. Por um momento ela apenas ficou lá, iluminando ao redor com sua lanterna. Me preparei para bater novamente, se ela continuasse a caminhar, mas ela seguiu na minha direção se movendo lentamente, a lanterna próxima ao solo, parando a cada sussurrar ou estalar da grama alta.

Quando ela passou por baixo da minha árvore, me segurei com mais força e me apertei contra o tronco. Quando movi meu pé ele raspou no tronco da árvore. Um punhado de casca caiu aos pés da mulher.

Ela levou a luz até o chão.

Por favor, não. Por favor, por favor...

A luz da lanterna balançou por entre os galhos.

Pulei. Não pensei na idiotice de pular em uma mulher armada, com provavelmente duas vezes o meu tamanho. Apenas me soltei e rolei para fora do galho, minha voz interna gritando “o que você está fazendo?!”... Com uma linguagem bem menos política.

Atingi a mulher. Ambas caímos, e ela amorteceu minha queda. Pulei em pé, ignorando os gemidos de protesto do meu corpo dolorido. E puxei minha faca e...

A mulher estava deitada junto ao tronco da árvore, sua cabeça a poucos centímetros dele. Ela tinha uma rede que saía do chapéu, mas através dela, pude ver que seus olhos estavam fechados e a boca aberta. Ela deve ter atingido a árvore e desmaiou. Resisti à urgência de checar, peguei o rádio e procurei pela arma. Mas não estava lá. Nada de rifle nem pistola... Pelo menos que eu pudesse ver. Dei uma boa olhada ao redor para ver se ela as havia derrubado.

Nada.

Ou a arma estava com o parceiro dela, ou escondida dentro da jaqueta. Fiz uma pausa, esperando para ter certeza, mas eu estava com medo de mexer nela. Com um último olhar, peguei a lanterna caída e corri.

41



EU TINHA CERTEZA DE ESTAR CORRENDO NA DIREÇÃO em que o Derek falou, então todos os seguranças deveriam ter ficado para trás. Mas depois de menos de um minuto, escutei o martelar de botas novamente. Deitei e cobri o rádio. Tirei todo o volume, mesmo ele estando em silêncio desde que o peguei.

Rastejei até os arbustos mais próximos e fiquei deitada sobre meu estômago. Os passos pareciam vir paralelos a mim, sem se aproximar ou afastar.

“Diga-me como um pelotão completo como nós pode perder quatro adolescentes em menos de vinte acres de floresta.” A voz de um homem soou. “O Davidoff não vai ficar nada satisfeito.”

Outro homem respondeu.

“Com alguma sorte ele nunca vai ficar sabendo. Ainda temos uma hora antes de amanhecer. Tempo o suficiente. A que distância eles podem chegar?”

Eles continuaram caminhando e falando, suas vozes e passos se afastando. Quando se foram comecei a rastejar para fora, então parei. Se todos os quatro estavam aqui fora, eu deveria estar seguindo para um lugar seguro, ou tentando encontrar os outros?

Um, se você for para o local que o Derek indicou, você não vai precisar procurar, eles vão ir até você.

E se eles precisarem de ajuda?

Você acidentalmente fez uma mulher desmaiar e agora você é o Rambo?

Parecia covardia seguir até um local seguro, mas minha voz interna tinha um bom argumento – se era lá que o Derek contava que eu estivesse, então era melhor eu seguir e encontrá-lo lá.

Mas eu me sentia um *pouquinho* como o Rambo – canivete em uma das mãos, rádio na outra e a lanterna presa na minha cintura – enquanto rastejava furtivamente pela floresta.

É, contanto que você não tropece e seja empalada na própria faca.

Fechei a lâmina.

“Chloe?” A voz de uma mulher sussurrou.

Virei com tanta pressa que meu pé escorregou no chão macio.

“Tori?”

Tentei ver algo na escuridão. A floresta estava tão escura que só consegui ver formas que poderiam facilmente ser árvores, arbustos ou pessoas. Meus dedos tocaram a lanterna, mas os afastei e continuou olhando.

“Tori?”

“Shhh. Por aqui, querida.”

A palavra de carinho fez os cabelos da minha nuca se arrepiarem.

“Tia Lauren?”

“Shhh. Siga-me.”

Consegui um vislumbre da figura. Estava tão diáfana quanto à voz, e tudo que pude ver era uma camiseta de cor pálida seguindo em minha frente. Não me movi. Ela soava como a tia Lauren e a figura era do tamanho dela, mas eu não podia ter certeza e não sairia correndo atrás dela como uma criancinha, tão desesperada para acreditar que acaba caindo em uma armadilha.

Peguei a lanterna e a acendi, mas ela estava se movendo entre as árvores e era impossível distinguir mais do que sua camiseta e forma. Então ela olhou para trás, e tive um vislumbre de seu perfil e cabelos loiros – uma visão imperfeita, mas o suficiente para minhas entranhas dizerem que *era ela*.

Ela acenou para que eu me apressasse, então seguiu para leste se aprofundando na floresta. A segui, ainda cautelosa, não importando o que minhas entranhas acreditavam. Eu estava correndo próxima a uma fileira de arbustos quando uma figura

pulou para fora. Antes que eu pudesse me virar, ele me agarrou, colocando uma mão sobre minha boca, cortando meu grito.

“Sou eu.” Derek sussurrou.

Ele tentou me puxar para dentro dos arbustos, mas resisti.

“Tia Lauren.” Falei. “Vi a tia Lauren.”

Ele me olhou como se estivesse escutado errado.

“Minha tia. Ela está aqui. Ela...” Apontei na direção de onde ela veio. “Eu a estava seguindo.”

“Não vi ninguém.”

“Ela estava usando uma blusa clara. Ela passou correndo...”

“Chloe, eu estava bem aqui. Vi você se aproximando. Ninguém mais passou...” Ele parou imediatamente, se dando conta do que estava falando. Se eu a vi e ele não...

Meu peito se apertou.

“Não...”

“Foi uma ilusão.” Ele falou rapidamente. “Um feitiço para te pegar. Meu pai faz coisas desse tipo e...” Ele esfregou a mão sobre a boca, então falou com mais firmeza. “Foi isso que aconteceu.”

Me perguntei a mesma coisa, mas agora, escutando aquilo da boca dele, quando deveria sentir apoio sobre minhas próprias dúvidas, tudo o que pude pensar foi: um fantasma. Vi o fantasma da tia Lauren. A floresta se tornou um borrão, e a mão dele em meu braço parecia a única coisa me mantendo em pé.

“Chloe? Foi um feitiço. Está escuro. Você não conseguiu ver bem.”

Tudo verdade. Totalmente verdade. Ainda assim... Espantei o pensamento e me endireitei, me soltando do Derek.

Quando ele hesitou, com a mão ainda no ar, pronto para me segurar caso eu caísse, dei um passo para o lado.

“Estou bem. Então qual é o plano?”

“Vamos esperar aqui...”

Passos soaram. Empurramos os arbustos e nos abaixamos. A luz de uma lanterna brilhou por entre as árvores como um holofote.

“Sei que vocês estão aqui, garotos.” Um homem falou. “Escutei vozes.”

Derek e eu ficamos parados. Sua respiração superficial raspava em meu ouvido. Minhas costas estavam contra ele e pude sentir o martelar de seu coração. A luz continuou se aproximando, cortando através da escuridão. Passou por nossos arbustos. Então parou, retornou e brilhou exatamente em nossos rostos.

“Tudo bem, vocês dois. Venham até aqui.”

Eu conseguia apenas ver uma silhueta atrás do brilho da lanterna.

“Saíam.” Ele falou novamente.

A respiração do Derek aqueceu minha orelha.

“Quando eu falar para correr, você corre.” Então ele falou mais alto. “Abaixe a arma que nós saímos.”

“Está abaixada.”

Com a luz brilhando em nossos olhos e o homem se escondendo por trás dela, era impossível saber se ele estava falando a verdade.

Ele levantou sua mão livre e abanou.

“Viu, nada de armas. Agora venham...”

O homem caiu para frente, como se atingindo por trás. A lanterna caiu no chão, seu fecho de luz formando um arco no ar. Derek passou por mim correndo e segurou o homem enquanto ele tentava levantar. Simon saiu da escuridão atrás do homem, com as mãos erguidas pronto para outro feitiço atordoante.

“Corra.” Derek falou, segurando o homem que lutava. Quando o Simon e eu hesitamos, ele rosnou. “Corram!”

Nós saímos, mas continuamos a olhar para trás. Podíamos escutar o som da luta, mas ela foi bem curta; e antes de termos corrido muito, o Derek já estava atrás de nós. Quando diminuímos, ele bateu contra nossas costas, dizendo para continuar correndo.

A luz da lua que passava entre as árvores, nos dava claridade suficiente para ver por onde estávamos indo.

“Tori?” Sussurrei para o Simon.

“Nós nos separamos. Ela...”

Derek sinalizou que deveríamos ficar calados. Corremos até ver o brilho das luzes de casas por entre as árvores e soubemos que deveríamos estar nos aproximando da estrada secundária. Demos outros três passos. Então o Derek bateu novamente em nossas costas, dessa vez um forte empurrão entre as omoplatas, nos fazendo cair. Ele deitou entre nós. Quando tentamos levantar, ele voltou a nos empurrar para baixo.

Simon levantou o rosto sujo de terra e esfregou o queixo.

“Hei, eu gosto dos meus dentes. Todos eles.”

Derek o mandou calar a boca e se virou para ficar deitado sobre o estômago, olhando para o outro lado. Fizemos o mesmo. Seguindo seu olhar enquanto vagava pela floresta, até parar e escutei passos.

Derek ficou tenso, pronto para pular em pé, mas eles ainda estavam a uma boa distância quando pararam, seus passos substituídos por um murmúrio de vozes. O rádio em meu bolso vibrou. O peguei e chequei o volume.

Simon olhou por sobre o Derek e moveu os lábios.

“Rádio?” Então apontou na direção das vozes, perguntando se era um dos deles.

Assenti.

“Ótimo.” Ele sussurrou, então mostrou os dedos para cima, me fazendo corar. Derek olhou com um aceno e um resmungo que interpretei como sendo, *bom trabalho... Contando que você não tenha feito nada estúpido para pegá-lo.*

“Encontrei Alfa um.” A voz de um homem falou tão baixo que tive dificuldade de escutar.

Simon sinalizou para o Derek aumentar o volume, mas ele balançou a cabeça. Se ele conseguia escutar muito bem a conversa, não havia necessidade de nos arriscarmos.

“Onde ele está?” A voz de uma mulher respondeu.

“Desmaiado. Parece que ele passou por dois rounds com o jovem lobisomem.”

“O coloque em um lugar seguro. O grupo Delta ainda está com a garota Enright, correto?”

Olhei para o Derek, mas a expressão dele não mudou enquanto se concentrava em escutar.

“O Delta dois está com ela. Não tenho certeza se ela vai funcionar como isca, então enviei o Delta um para pegar o Carson no furgão.”

Aquilo chamou a atenção do Derek. Simon moveu os lábios para mim:

“Andrew”.

As vozes se afastaram, mas momentos depois a mulher voltou a falar no rádio chamando Delta dois. Um homem respondeu.

“Você pegou o Carson?” Ela perguntou.

“Estou quase lá.”

“Bom. O seu trabalho é persuadi-lo a chamar pelos garotos. Ele vai atraí-los.”

“Ele não vai.”

“Não espero que ele seja voluntário.” A mulher rebateu. “Mas considerando que ele está sob nossa custódia, ele vai fazer o que mandarmos. Se ele se recusar, atire.”

Simon levantou a cabeça, seus olhos obscurecidos de preocupação. Derek sinalizou para ele ficar quieto enquanto escutamos.

Delta dois voltou ao rádio.

“Hã, alguém moveu a van?”

“O que?”

“A van. Com o Carson. Não está aqui.”

A discussão que se seguiu foi alta o suficiente para o Derek precisar colocar as mãos sobre o rádio, abafando os sons. Eles passaram os próximos minutos se certificando de que o Delta dois estava no local certo e se ninguém mais havia mudado

a camionete de lugar. Mas havia uma explicação simples – o refém havia sumido... Com a camionete deles.

“Então Andrew está a salvo. E quanto a Tori?” Perguntei quando o rádio ficou em silêncio.

Por um momento Derek não falou nada, o que era melhor do que eu esperava – algo como *e quanto a ela?* Como ele havia feito no outro dia, quando falou que não se importava se a Tori caísse na frente de um carro em movimento, não era tão fácil sabendo que ela realmente estava em um perigo mortal.

“Vou dar a volta.” Ele falou. “Se a encontrar, ótimo.”

Ele não falou o restante, mas eu entendi. *Se não a encontrar, teremos que deixá-la para trás.* Por pior que soasse, era a coisa certa a se fazer. Eu não queria que o Derek se colocasse no caminho de uma bala pela Tori. Isso era uma coisa terrível a se admitir. Não odeio a Tori – nem ao menos ainda antipatizo com ela. Mas quando vem a fria e dura decisão, de colocar uma vida em risco para salvá-la, não posso fazê-lo. Não o Derek, o Simon ou a minha. E essa escolha irá me assombrar ainda por muito tempo.

“Tenha cuidado e...” As outras palavras que vieram aos meus lábios eram “seja rápido”, mas não consegui ser tão fria – até mesmo de pensá-las eu já estava em choque. Então as engoli e repeti. “Tenha cuidado.”

Mas não era o Derek que estava de saída. Nós estávamos. Ele nos fez sair primeiro, para que ele pudesse ficar vigiando. Quando estávamos em segurança, seguindo na direção da estrada secundária, ele seguiu a procura da Tori.

Caminhamos por cerca de vinte passos antes de uma figura aparecer em nosso caminho. Simon levantou as mãos.

“Simon é...” As palavras do homem foram cortadas quando o feitiço o atingiu e ele caiu para trás.

“Andrew!” Simon correu.

O homem levantou, com um sorriso irônico enquanto limpava as roupas.

“Estou vendo que o teu feitiço de ataque melhorou.”

Andrew não era muito mais alto que o Simon, mas era bem construído, com um rosto quadrado e nariz torto. Seu cabelo escovinha era grisalho, apesar dele não ser

mais velho que meu pai e parecer um boxeador aposentado. Não o que eu esperava vendo aquela casa aconchegante e limpa.

Quando ele olhou para mim, seu sorriso falhou, as rugas entre as sobrancelhas ficaram mais profundas, como se eu parecesse familiar, mas estivesse com problemas para reconhecer meu rosto. Ele começou a falar algo. Mas então olhou ao redor rapidamente.

“Alguém está vindo.” Andrew falou.

Simon olhou para a sombra que se aproximava, grande, mas se movendo em silêncio.

“É o Derek.”

“Não, esse não é...” Andrew começou.

Derek entrou sob a luz da clareira. Andrew olhou para ele e piscou. Ele encarou o Derek, como se estivesse tentando – e não conseguindo – encontrar o garoto que conhecia.

Atrás da surpresa em seus olhos havia algo mais afiado, uma nota de preocupação, talvez até mesmo medo, como se naquele momento ele não estivesse vendo o filho de seu amigo, mas um grande e poderoso lobisomem jovem. Ele escondeu o medo, mas não antes do Derek o ver, seu olhar se voltou para o lado, seus ombros e mandíbula ficaram tensos, como se para dizer que estava tudo bem, ele não se importava. Mas eu sabia que não era verdade.

“Você... cresceu.”

Andrew tentou sorrir, mas não conseguiu fazer um bom trabalho, e isso para o Derek, parecia pior que medo. Ele olhou para o lado resmungando.

“É.”

Simon apontou para mim.

“Essa é...”

“Deixe-me adivinhar. A filha da Diane Enright.”

Balancei minha cabeça.

“Chloe Saunders.”

“É o cabelo.” O Simon falou. “Ela é loira, mas precisou tingi-lo por causa...”

“Depois.” O Derek falou, então olhou para o Andrew. “Eles pegaram a garota Enright, Victoria.”

Andrew fez uma careta.

“Você tem certeza?”

Simon pegou o rádio comigo e o balançou.

“Chloe pegou isso com eles. Escutamos quando você escapou e eles pegaram a Tori.”

“Então vou ir buscá-la. Vocês três vão pegar a van.” Ele nos contou onde encontrá-la, então começou a sair.

“Vou com você.” Derek falou. “Posso encontrá-la mais rápido do que você.”

Andrew pareceu pronto para discutir, mas uma olhada para o Derek o avisou que era inútil, então ele pegou o rádio e nos mandou para um lugar seguro.

42



ENCONTRAMOS A VAN – UMA VELHA SUV – ESCONDIDA atrás de um celeiro vizinho. A porta estava aberta. Um pedaço de metal havia sido forçado na ignição para fazer uma ligação direta. Simon estava olhando a ligação, tentando saber se iria conseguir dar partida no carro, quando três pessoas saíram correndo da floresta: Derek, Andrew e Tori.

Simon e eu abrimos as portas da frente, e pulamos para trás. Derek pegou o banco do passageiro. Tori sentou ao meu lado no banco de trás.

“Esse foi um resgate bem rápido.” Simon falou para o Andrew enquanto ele ligava a camionete.

“Não foi preciso nenhum resgate.” Tori falou. “Posso cuidar de mim mesma.”

Derek resmungou algo sobre lembrar daquilo da próxima vez que for arriscar a vida para ajudá-la.

Enquanto Andrew colocava a camionete em movimento, perguntei para a Tori o que havia acontecido. Ela havia sido pega e ficado sob vigilância enquanto os outros conduziam as buscas. A princípio ela estava com dois guardas, então quando as coisas começaram a dar errado eles a deixaram com apenas um.

“E depois de um feitiço de amarração. Eles perderam a única prisioneira.”

“Você não acha que eles não levaram em conta os seus feitiços.” Derek falou.

“Bem, eles me subestimaram.” Ela falou.

Derek resmungou. Simon começou a perguntar algo, mas Andrew nos fez calar, enquanto guiava a camionete por um campo esburacado. Ele manteve os faróis apagados enquanto rodávamos lentamente.

Simon se mexeu ao meu lado, tentando ficar mais confortável no espaço apertado do banco traseiro. A mão dele raspou minha perna, encontrando a minha e a segurando. Quando ele sorriu para mim, sorri de volta.

Esperei que ele apertasse minha mão para me confortar como o usual e depois a largasse. Ao invés ele pareceu ter entendido meu sorriso como um sinal de encorajamento e entrelaçou seus dedos nos meus e descansou as mãos sobre minha coxa. Por mais cansada que eu estivesse – meu cérebro cheio de perguntas, a adrenalina ainda bombeando – um pequeno zumbido passou por mim. Tolo, eu acho. Achar grande coisa em apenas segurar a mão dele? Tão quinta série.

Eu tinha certeza de que para o Simon *não* era nada demais. Apesar dele não ser o primeiro cara a segurar minha mão, vamos apenas dizer que minha experiência com garotos não vai muito além disso.

A vibração passou rapidamente, quando chegamos à estrada Andrew acendeu os faróis. Ele perguntou se todos estávamos bem e a primeira coisa que saiu da minha boca foi:

“A minha tia Lauren está com você?”

Os olhos dele encontraram os meus pelo espelho retrovisor, enquanto ele fazia uma careta.

“Lauren Fellows. Ela trabalha para...”

“Eu conheço a tua tia, Chloe, mas não, ela não estava lá.”

“Chloe acha que a viu.” Derek falou.

Simon se virou e olhou para mim.

“O que?”

“Eu- eu vi alguém. Soava como ela e meio que parecia com ela, pelo que consegui ver no escuro...”

“Você a viu?” Simon perguntou para o Derek.

“Ele não viu.” Falei. “E deveria, por que ela passou ao lado dele correndo.”

“Você viu um fantasma.” Tori falou. “E você acha que foi a sua tia.”

“Parece mais ser um feitiço.” Derek falou. “Eles possuem coisas assim, não é, Andrew?”

“Absolutamente. Feitiços de imagens e outras ilusões. Se você não conseguiu dar uma boa olhada, isso provavelmente foi intencional – quem invocou o feitiço não queria que você olhasse de perto para a ilusão.”

Aquilo fazia sentido, mas ainda não conseguia me livrar do sentimento de tê-la visto. Não tia Lauren, mas seu fantasma.

Simon se inclinou em meu ouvido e murmurou palavras de conforto, dizendo que eles não matariam a tia Lauren – ela era muito valiosa.

“Como está o seu braço?” Derek perguntou quando fiquei calada por muito tempo, perdida em minhas preocupações.

“Você abriu os pontos?” Simon perguntou.

“Não.” Derek falou. “Uma bala passou de raspão.”

“Uma *bala*?”

Andrew seguiu para o acostamento e pisou nos freios.

“Você foi atingida?”

“Não, não. Foi só um arranhão.”

Andrew hesitou, mas assegurei a ele e ao Simon que estava bem, e o Derek confirmou que a bala havia somente passado através da minha camiseta, me arranhado.

Andrew voltou para a estrada.

“Vamos limpar o ferimento quando pararmos. Não posso acreditar que eles...”

“Hei, eu arranhei minha mão.” Tori falou. “Machucou bastante.”

“Também precisamos dar uma olhada nos pontos do braço da Chloe.” Derek falou. “Ela se cortou com um vidro a alguns dias. Eles cuidaram dela, mas é bom dar uma olhada.”

Tori abanou sua mão machucada.

“Alguém? Alguém?” Ela revirou os olhos. “Acho que não.”

“Parece inchado.” Falei. “Devemos colocar um pouco de iodo.”

Ela me deu um sorriso.

“Sempre posso contar com você, não é? Acho que sei quem mandou a cavalaria de volta para me resgatar.”

“Mas você falou que não precisava de ajuda, lembra?” Simon falou.

“É a intenção que conta.”

“Nós não a deixaríamos lá, Victoria.” Andrew olhou para ela. “Tori, não é?”

Ela assentiu.

Ele sorriu para ela.

“É bom ver você e o Simon juntos.”

“Hei, não.” Simon falou. “*Não* estamos juntos.”

Tori concordou com a mesma ênfase.

“Não, eu quis dizer...” Através do espelho o olhar do Andrew passava da Tori para o Simon. “Eu, uh, quero dizer todos vocês. Estou feliz por ver vocês juntos. Essa era uma das coisas em que Kit e eu concordávamos, que o grupo estava errado em manter os pacientes separados.”

“Então você também trabalhou para eles?” Perguntei. “O grupo Edison?”

Simon assentiu.

“Ele saiu pouco antes do nosso pai.” Ele olhou para o Andrew. “Foi assim que eles souberam como te encontrar, não é? Quando escapamos, eles imaginaram que viríamos para cá, então eles te pegaram para usar como isca.”

“Esse parecia ser o plano. E de qualquer maneira, foi uma boa desculpa para me pegarem, o que eles vinham querendo fazer a anos.”

“Como aconteceu?” Tori perguntou.

“Vamos falar sobre isso mais tarde. Primeiro, vamos encontrar algo para comer, enquanto vocês me contam o que aconteceu.”

O único lugar que encontramos aberto foi um drive-thru de um fast food na cidade vizinha. Eu não estava com fome, mas o Simon insistiu em me comprar um Milkshake e o tomei enquanto ele explicava para o Andrew o que havia acontecido conosco – Casa Lyle, nossa fuga, a organização, os experimentos, as mortes da Liz, do Brady e da Amber...

“A Rachelle ainda está lá.” Simon falou quando terminamos. “E a tia da Chloe, que obviamente é refém deles agora, como você era.”

“A menos que ela esteja...” Tori começou.

O olhar do Simon fez com que ela se calasse.

“Mas precisamos libertar eles e nosso pai. A tia da Chloe acha que ele não foi pego pelo grupo, mas deve ter sido isso.”

“Tenho que concordar.” Andrew falou. “Nada em minhas pesquisas sugeriu o contrário.”

Derek olhou para ele.

“Você tem procurado por ele?”

“Por todos vocês.”

Rodamos por quase uma hora, passando por apenas uma cidade grande. Estávamos nos afastando cada vez mais de Nova York. Finalmente, Andrew entrou em uma estrada particular, ainda maior e mais cheia de curvas que a da casa dele.

“Onde estamos? Uma casa segura para sobrenaturais?” Simon me cutucou. “Como algo saído de um filme, hein?”

“Bem, certamente esse lugar já exerceu essa função anteriormente, para sobrenaturais fugindo da Cabais.” Andrew falou.

“Cabais?” Tori perguntou.

“Uma situação completamente diferente. Mas esse lugar serve mais como uma pousada para visitantes do nosso grupo. Ele pertencia a um de nossos primeiros membros – é uma propriedade ancestral que ele deixou como herança para a causa.”

“Que causa?” Tori perguntou.

“Monitorar e finalmente eliminar o Grupo Edison.” Ele diminuiu a velocidade quando a estrada de chão ficou mais esburacada. “Ou pelo menos era esse nosso objetivo inicial. Começamos como um bando de antigos empregados do Grupo Edison, desertores como eu, preocupados com os atos deles. Não apenas o projeto Gênesis dois – esse *era* uma das grandes preocupações, mas o Grupo foi muito além. Eventualmente, outros se juntaram a nós, que tinham problemas não só com o Grupo Edison, mas também com os Cabais e outras organizações sobrenaturais. Ainda assim, o Grupo Edison permanece nosso objetivo principal – monitorando a atividade deles, conduzindo pequenas sabotagens.”

“Sabotagem?” Simon falou. “Legal.”

“*Pequenas* coisas. Nosso objetivo principal tem sido monitorar, para o grande horror de muito dos nossos membros, eu incluso.”

“O papai estava envolvido?” Simon perguntou.

Andrew balançou a cabeça.

“Acho que você sabe que o pai de vocês e eu...”

“Brigaram.”

“Sim. e foi por causa desse grupo. O pai de vocês sempre ficou longe disso. Muito político para ele. Ele estava disposto a ajudar, mas não participou de outras formas. Ele achou que poderia chamar atenção para vocês. Mas eu estava sendo pressionado pelos outros para trazê-lo para o grupo. Como pai de dois indivíduos do mais ambicioso – e potencialmente perigoso – projeto do Grupo Edison, ele seria a pessoa perfeita para ajudar a atrair membros poderosos da comunidade sobrenatural. Ele ficou furioso. Todo o trabalho que ele teve para te manter escondido, e daí eu queria isso. Admito que apoiei a ideia. Mas subestimei o perigo que vocês enfrentavam do Grupo Edison. Agora entendo.”

Ele fez outra curva, diminuindo ainda mais quando os sulcos na estrada ficaram ainda mais profundos.

“Depois que vocês desapareceram, e escutamos rumores que o Grupo Edison estava com os garotos, alguns de nós começaram a brigar por uma abordagem mais ativa. Estávamos convencidos que vocês – e os outros indivíduos – estavam em perigo. Outros com mais influência insistiam que o grupo não iria ferir vocês.”

“Bem, eles estavam errados.” Tori falou.

“Sim e com a história de vocês, teremos as provas que precisamos para entrar em ação.”

Viramos em outra esquina e a casa apareceu. Por um momento, tudo o que pude fazer foi encarar. Era como algo saído de uma história gótica – uma gigantesca casa vitoriana de três andares, cercada por árvores. Se houvesse gárgulas no teto escondida na escuridão eu não me surpreenderia.

“Legal.” Simon falou. “É assim que os sobrenaturais devem viver.”

Andrew riu.

“E pelos próximos dias é onde vamos morar. Vocês podem se acomodar aqui e descansar enquanto fazemos planos.” Ele olhou para nós enquanto estacionava. “Mas não fiquem muito confortáveis. Estou prestes a pedir para o grupo conduzir uma invasão no quartel general do Grupo Edison, e já faz muitos anos desde que qualquer um de nós esteve lá. Vamos precisar da ajuda de vocês.”

43



FUI PARA CAMA E DORMI. NÃO TINHA CERTEZA se conseguiria, com a prolongada excitação da noite, meu medo pela tia Lauren, e minha preocupação pela floresta próxima cheia de corpos de animais esperando para serem acordados. Mas pela primeira vez em semanas, estávamos em segurança e esse era todo o encorajamento que meu cérebro exausto precisava para apagar e me abençoar com um sono profundo e sem sonhos.

Eu sabia que esse não seria o fim. Nem de perto. Até mesmo os primeiros passos – persuadir esse grupo a voltar – não seria tão fácil quanto o Andrew esperava. E mesmo quando estivesse acabado, não estaria realmente encerrado. Nunca estaria para mim.

Eu estava mudada. Não apenas as modificações genéticas, mas eu – estava diferente. Meu cérebro travava somente de pensar em voltar para o papai em nosso condomínio e minha escola e amigos. Aquela vida havia acabado agora. Talvez eu volte para ela algum dia, mas seria como substituir um ator por alguém que se parece, soa e até mesmo se comporta de forma diferente. Eu não seria a mesma pessoa. Nem ao menos tenho certeza se posso interpretar o mesmo papel.

Minha antiga vida parecia um sonho. Um sonho agradável e sem surpresas. Agora acordei dele e percebi quem e o que sou, para melhor ou para pior. Sem chance de fechar meus olhos e voltar para o sonho normal de felicidade.

Agora, esta era a minha vida normal.

FIM



A série Darkest Powers continua em: **THE RECKONING**

The title "Sanctuary of Souls" is written in a flowing, cursive script. The word "Sanctuary" is on the first line, "of" is on the second line, and "Souls" is on the third line. The text is surrounded by delicate, hand-drawn floral and butterfly motifs.